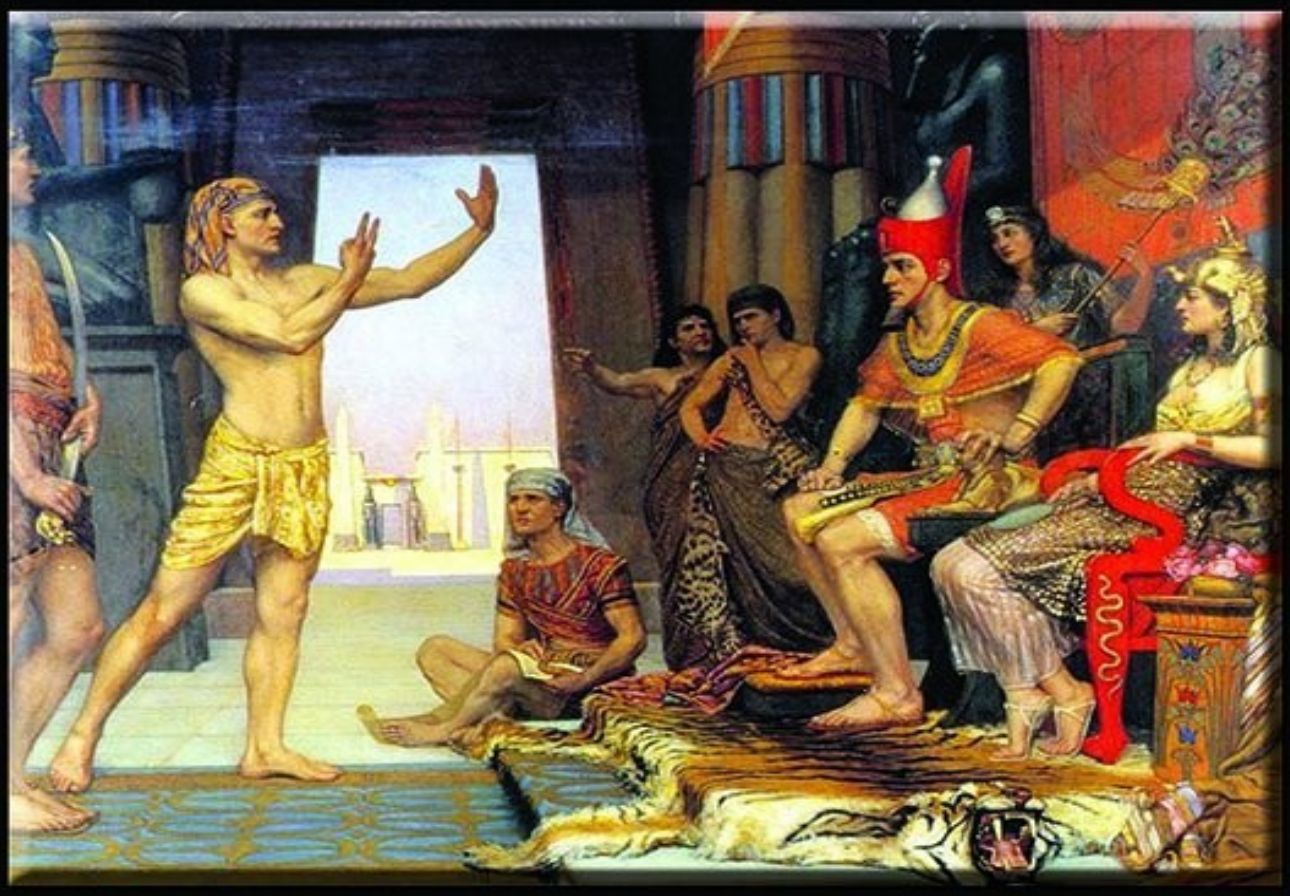
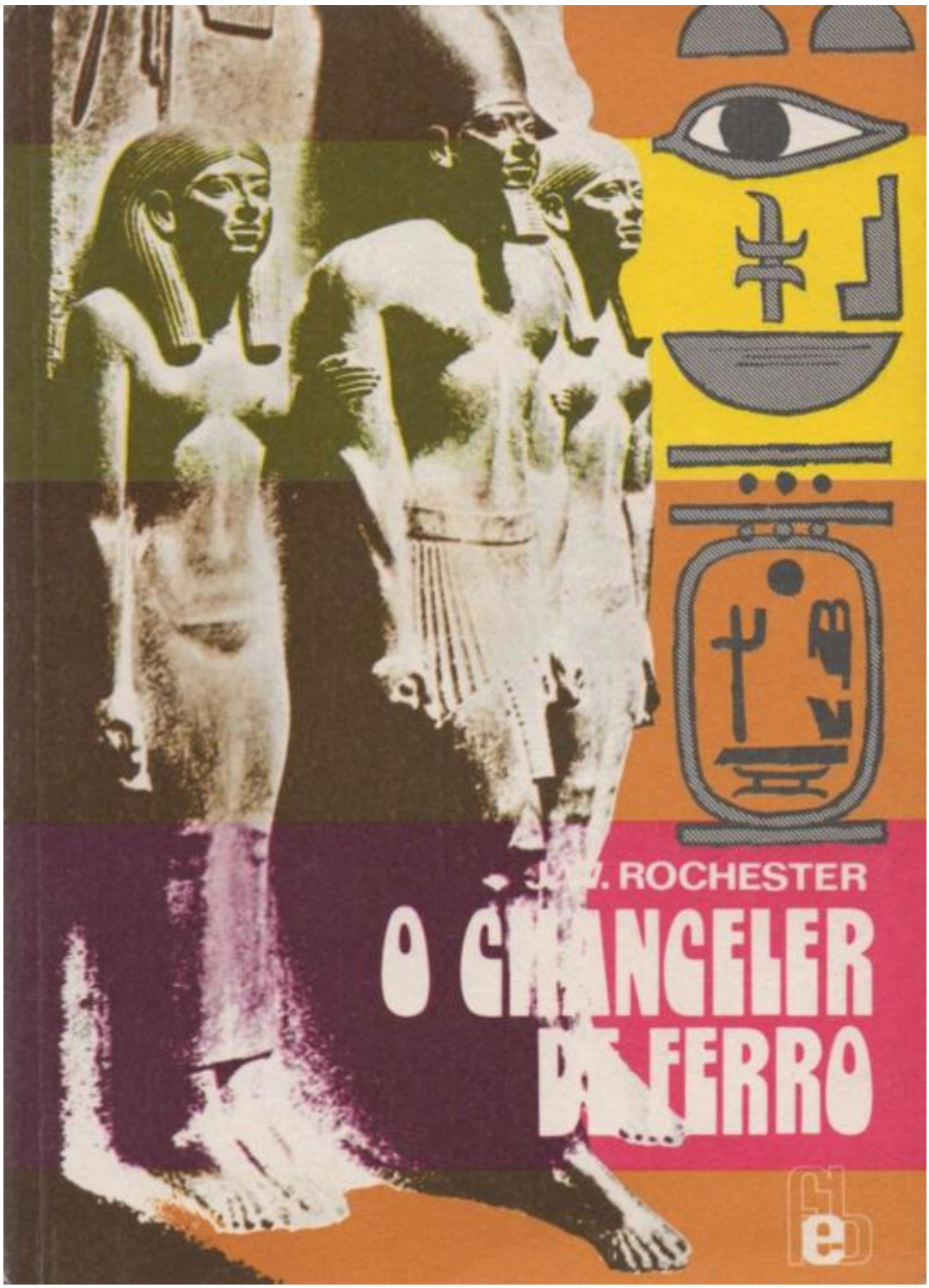
O CHANCELER DE FERRO DO ANTIGO EGITO



J. W. Rocheter
Obra psicografada por
Vera Kryzhanovskaia

EDITORA DO CONHECIMENTO



O Chanceler de Ferro

do

Antigo Egito



J. W. R O C H E S T E R



WERA K R I J A N O W S K I



O Chanceler de Ferro

do

Antigo Egito

(ROMANCE MEDIÚNICO)

DO

Conde J. W. Rochester (Espírito)

Obtido pelo médium-mecânico

W E R A KRIJANOWSKI

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

D E P A R T A M E N T O E D I T O R I A L

Rua Souza Valente, 17

20941-040 - Rio-RJ - Brasil

1 4 a edição

Do 126° ao 140° milheiro

Capa de CECCONI

Tradução de M. CURVELLO DE MENDONÇA

NRBN

5,781-AA; 000.51-O; 5/1995

Copyright 1940 by

F E D E R A Ç Ã O ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Máter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F

70830-030 — Brasília-DF — Brasil

Composição, fotolitos e impressão **offset** *das*

Oficinas do Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio, RJ — Brasil

C. G. C. n° 33.644.857/0002-84 I.E. n° 81.600.503

Impresso no Brasil

PRESITA EN BRAZILO

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Da obscuridade ao poder

I — O Patriarca e seus filhos 11

II — José vendido por seus irmãos 25

III — A força mágica 46

IV — A mulher de Putifar 62

V — O que a História não conta 82

VI — José na prisão 98

VII — O copeiro e o padeiro 110

VIII — O sonho do Faraó 122

IX — O Faraó e seu chanceler 133

X — Em Tebas 143

XI — O Adon em Heliópolis 152

XII — O Faraó e o sacerdote 166

XIII — O Adon e sua nova parentela 187

xlv — A noite nupcial 207

SEGUNDA PARTE

Poder real e **poder sacerdotal**

I — O Adon e sua mulher 225

II — Israel no Egito e a fome 238

III — Comendo, abre-se o apetite 251

IV — A água caindo gota a gota desgasta a mais

dura pedra 262

V — O Adon e o Caldeu 278

VI — O ambicioso não conhece obstáculos 294

VII — Primeiros fragores da tempestade 309

VIII — Ra manifesta sua vontade 325

IX — Quem semeia ventos colhe tempestades . . . 337

X — A noiva do Nilo 351

XI — O povo sublevado precisa odiar alguém . . . 366

XII — A aurora da XVIII dinastia 373

Epílogo 387

NO MUNDO DE CHICO XAVIER

ELIAS BARBOSA

NESTE LIVRO, VAMOS CONHECER

ATRAVÉS DE ENTREVISTAS ÁVIDA DE

CHICO XAVIER.

PRIMEIRA PARTE

DA OBSCURIDADE AO PODER

I

O PATRIARCA E SEUS FILHOS

E s t a s são a s gerações d e Jacó.

Sendo José de dezessete anos, a p a s -

c e n t a v a as ovelhas com s e u s irmãos,

e e s t a v a este mancebo c o m os filhos

de B a l a e de Zilpah, mulheres de seu

pai; e José trazia a seu pai g r a v e s

a c u s a ç õ e s contra eles.

Vendo pois seus irmãos que seu

pai o a m a v a m a i s do que a todos os

outros irmãos, aborreciam-no e n ã o

lhe podiam falar com doçura. —

Gênese, **cap. X X X V I I , w . 2 , 4 .**

O Sol declinava, inundando com seus raios ainda inflamados o vasto e fértil vale ao qual bordavam, no horizonte, colinas cobertas de mato. Sombreada por bosquete de árvores copadas, elevava-se uma casa tosca, feita de pedras e troncos de árvores, mas bastante espaçosa para abrigar numerosa família. Choupanas entremeadas de tendas espalhavam-se em torno da principal habitação, e, um pouco mais longe, viam-se vastos cercados destinados aos rebanhos.

Nesse acampamento tudo era animação e atividade; mulheres de túnicas de lã ou de linho ocupavam-se apres-

sadamente em preparar a refeição da tarde, e o aroma saboroso dos quartos de carne assada e dos pães cozidos na cinza saturava o ambiente. Do poço rodeado por sólido muro de pedra, encaminhava-se, conversando e rindo, um grupo de moças levando à cabeça ou no ombro, com essa fácil e inimitável graça das mulheres do Oriente, pesadas bilhas de grés cheias de água, enquanto bandos de crianças brincavam ruidosamente na relva coberta de variegadas flores.

Só, desatento ao que se passava em torno, um homem de aspecto imponente estava sentado num banco perto da porta da casa; grande chapéu de palha trançada e nodoso bastão descansavam a seu lado, em cima do escabelo e junto do cântaro de vinho.

Essa personagem era Jacó, o venerado chefe da tribo, o legendário patriarca cujo nome foi conservado pela História; a basta cabeleira e a comprida barba que caía sobre a túnica de lã escura, iam já encanecendo; rugas sulcavam-lhe o rosto de traços pronunciados e enérgicos;

os grandes olhos pretos, sob espessas sobrancelhas, brilhavam com o fogo dos verdes anos e o corpo robusto parecia querer afrontar, por muito tempo ainda, os achaques da velhice. Com um olhar sonhador, fitava a massa azulada que escurecia o horizonte, ouvindo os mugidos, cada vez mais próximos, dos rebanhos que voltavam da pastagem; súbito, porém, ergueu-se, abrigou os olhos com a mão crestada e musculosa, inclinou o olhar com enlevo e orgulho para a estatura alta e esbelta de um rapaz que vinha de apontar atrás do capão de árvores e para ele se dirigia apressado.

O atraente exterior do jovem, dos seus dezoito anos de idade, justificava plenamente o orgulho paterno: rosto pálido, alongado e cetíneo como de moça; pequena boca de recurvos cantos dava-lhe aos traços, de regularidade clássica, uma expressão altiva e desdenhosa; sedosos e espessos anéis tostados sombreavam-lhe a fronte larga e forte; o que, porém, imprimia um cunho particular a essa notável fisionomia, eram os olhos grandes, verde-escuro e límpidos mas insondáveis, que pareciam penetrar aque-

les em quem se fixavam, ao passo que se furtavam à observação, sob as pestanas compridas e densas, que, sempre muito a propósito, vendavam o olhar do moço hebreu, quando julgava útil dissimular aos importunos o que lhe ia nalma.

— Salve, bom pai, Eloim (1) proteja todos os teus passos — disse com voz sonora e melodiosa, saudando respeitosamente o velho.

Este passou a mão carinhosa pelos cabelos sedosos do filho predileto e, atraindo-o ao banco, perguntou com um sorriso:

— Que fizeste durante o dia? Foste às pastagens ou, conforme teu hábito, estiveste com Schebna? E que mistérios te ensinou ele?

— Oh! sua ciência é grande e eu quero estudar sem descanso, para tornar-me sábio também. Tenho necessidade de assim fazer, porque os astros me anunciam um grande destino — disse José com os olhos cintilantes.

Jacó abanou a cabeça:

— Não duvido da ciência de Schebna; entretanto,

receio que se engane na linguagem dos astros e te esteja

embalando com enganosos sonhos.

— A Ciência, pai, nunca se engana, somente é pre-

ciso saber compreendê-la — respondeu impacientemente

(1) Os israelitas têm alguns nomes para designar a Divin-

dade; mas dois sobretudo são usados: Eloim e Jeová (ou talvez

lavé). Esses dois nomes, todavia, não têm o mesmo sentido. Israel

só conhece Deus sob o nome de Jeová; quando um pagão fala

de Deus é preciso que diga Eloim; e um israelita apenas rara-

mente falará de Deus a um pagão sem empregar tal nome. Em

compensação, quando o Deus de Israel é oposto aos deuses dos

gentios, deve ele pronunciar o nome de Jeová. Finalmente, temos

um testemunho formal do Pentateuco, que a isso nos obriga.

O livro do Êxodo contém, a tal respeito, um texto clássico que

é preciso inserir aqui:

"Falou mais Deus (Eloim) a Moisés e disse: Eu sou Jeová.

Eu apareci a Abraão, a Israel e a Jacó, como Deus, Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, Jeová, não lhes fui perfeitamente conhecido." (Êxodo, VI, vv. 2-3.) — A. Kuenen. L'Histoire Critique des Livres de 1'Ancien Testament.

o rapaz. — Mas, queria dizer-te outra coisa: estive nas pastagens e obtive a prova de que Judá e Dan te iludem: venderam o gado que julgaram imprestável, bem como lã e outros objetos. Entre as mulheres, há contendas a propósito de um cinto que Judá comprou ocultamente aos israelitas e deu à mãe daquela que tu me destinas para mulher — Tamar, a quem ele deseja, com a inveja que tem de tudo que a tua bondade me concede.

— Não posso crer que teu irmão tenha para contigo tão maus sentimentos; mas terei em vista as malversações que me assinalas e vigiarei, também, para que reine paz entre as mulheres.

— Eu não disputo Tamar, embora seja muito gentil; apenas creio que a sorte me reserva esposa mais ilustre.

Digo que todos me invejam e não podem ver, sem despeito, a bela túnica de pano de Tiro, que me deste.

A aproximação dos rebanhos, cujos mugidos, entrecortados de gritos dos pastores enchiam o ambiente, fez cessar a conversa. A atenção do velho chefe voltou-se toda para os filhos, que, ajudados por numerosos pastores, reconduziam ao acampamento as longas filas de gado. Eram, na maior parte, belos homens robustos, verdadeiros filhos do deserto, de cor tostada e olhos ardentes; aspecto selvagem, vestidos de curtas túnicas de lã ou de peles de cabra. Fatigados e esfaimados, avançavam, procurando com os olhos a comida já preparada e olhando para José com um olhar indiferente ou hostil.

Tendo saudado Jacó e respondido às suas perguntas sobre o estado dos rebanhos, os filhos se agruparam em torno dele e logo se lhes juntou uma parte dos pastores.

O velho chefe levantou-se, então, apoiado em José, e, atingindo o centro da roda formada pelos assistentes, voltou-se para o Oriente, prostrou-se três vezes, e erguendo os braços para o céu entoou um cântico religioso.

Terminada a oração, os homens se apressaram à refeição, na qual não tomavam parte as mulheres.

Jacó e seus filhos sentaram-se em outra mesa posta ao ar livre, na extremidade da qual tomou lugar uma parte dos servos. O resto dos convivas ficou assentado na relva, fazendo honra à ceia frugal.

O CHANCELER DE FERRO

15

Só José, sentado junto do pai, comia pouco e fitava o vácuo com o seu olhar sonhador.

— Em que pensas, filho, a ponto de abandonares o repasto? — perguntou Jacó em tom de reprovação.

— Pensa na futura grandeza predita por Schebna, ou talvez nalgum sonho profético, tão lisonjeiro como aquele em que viu onze molhos de varas saudando-o — obtemperou um dos irmãos, com riso estridente e olhar zombeteiro.

José fitou-o altivo e desdenhoso:

— Fazes mal em rir do que não compreendes, Rubem. Além disso, justamente adivinhaste, porque tive um sonho

estranho: vi o Sol, a Lua e onze estrelas que me saudavam, imploravam-me favores, e . . .

Um verdadeiro cachão de risos o impediu de continuar, enquanto Jacó franzia o sobrolho.

— Tua presunção começa a ultrapassar os limites — disse ele severo quando o alarido serenou um pouco —; queres anunciar com teu sonho tolo que eu, tua mãe e todos os teus irmãos nos prostraremos diante de tua grandeza?

— Nada disso — respondeu o rapaz com enfado. — Pensais, sempre, que fora de vós nada existe sobre a Terra e que o mundo acaba no prado onde pasteja o nosso gado. Para mim, o sonho tem maior alcance: o sol significa o rei de um grande país, a lua é o seu reino, e as estrelas onze anos ao fim dos quais um grande povo e seu soberano virão render homenagem aos meus méritos e outorgar-me o poder.

— Cala-te e sai da minha frente, filho estulto e orgulhoso — exclamou Jacó encolerizado. — Vai e ora a Eloim que te perdoe a tolice e te não castigue por tuas

vãs palavras. Todos os teus irmãos são pastores humildes e trabalhadores; tu também o serás, e proíbo, para sempre, que recomeces tuas vanglorias.

Ardente rubor assomou às faces de José, que, mudo, levantou-se e deixou a mesa.

— O feiticeiro caldeu, a quem permitiste viver entre nós, transtornou de todo a cabeça de nosso irmão — obser-

vou Dan — abusando da tua paternal bondade. José fica em casa dele dias inteiros e acabará feiticeiro também.

— Ora! Exageras, Dan — retrucou Rubem com bondade —, e se nosso pai nos confiar o menino, quando formos às montanhas de Gilboa, José há de trabalhar e esquecer depressa todas as tolices que lhe insinua Schebna.

Lábios trêmulos, cenho carregado, José dirigira-se para casa, a cuja porta o foi encontrar uma mulher idosa, que estava ocupada ao pé dum braseiro aceso ao ar livre e que, de longe, observava a altercação havida à mesa do patriarca. Detendo o rapaz, bateu-lhe no ombro, acari-

nhou-lhe a face.

— Não te aflijas com as palavras de teu pai, cuja cólera terá passado dentro de uma hora — disse afetuosamente. — Mas, nada comeste; queres que te traga alguma coisa?

— Não, Rispa, não tenho fome; mas se queres encher uma cesta com toda espécie de boas coisas para o meu velho amigo Schebna, dar-me-ás grande prazer — respondeu José, sorrindo para a velha criada que o tinha tratado desde bem pequeno e o adorava cegamente.

— Sim, caro filho, vou trazer o que me pedes, embora não possa compreender o prazer que um rapaz da tua idade pode achar na companhia de um velho feiticeiro como esse caldeu.

Um quarto de hora mais tarde, José, sobraçando uma cesta de provisões, deixava a casa por uma porta oposta, seguia desembaraçadamente por entre as árvores e, tomando um caminho pouco freqüentado, encaminhava-se rápido para uma das colinas mais próximas do acampamento.

A noite fechara, mas o moço nenhum receio parecia experimentar, e, a passo firme, continuava a caminhar. Às vezes erguia a cabeça e contemplava a sombria abóbada celeste que se matizava de miríades de estrelas. Quando chegou ao sopé da montanha, a Lua inundou a Terra da sua doce luz. José parou, e, levantando os braços, murmurou com entusiástico entono: "Astro misterioso, rainha da Noite, ensina-me teus segredos, envolve-me nos teus eflúvios, origem das forças invisíveis!"

O CHANCELER DE FERRO

17

O olhar inebriado pregou-se no disco argênteo, porém ele rápido estremeceu e deu um passo atrás, porque, contornando um rochedo, acabava de aparecer a figura de um homem alto, vestido de branco, e que, à luz brilhante da Lua, parecia imergir num alvacento vapor. A emoção durou apenas um segundo, e, avançando rápido para o recém-chegado, exclamou:

— És tu, mestre? se soubesses como tua presença me assustou... Nessa mágica claridade, com essa roupa bran-

ca e a barba prateada, tinhas o ar de um enviado de Eloim.

— Era então, assim terrível, o meu aspecto? — respondeu com ligeiro sorriso o caldeu, velho de alto porte, fisionomia veneranda e olhos penetrantes. — Vim simplesmente respirar o ar fresco, admirar a calma da noite e os esplendores do céu estrelado.

— E eu, mestre, vim trazer-te alguns doces e ver se comes um pouco, porque, absorvido nos trabalhos do espírito, esqueces a alimentação do corpo — disse o rapaz, prazenteiro.

— Vamos, pois, ao meu tugúrio, lá depositarás teus presentes e conversaremos, pois tenho diversas coisas a dizer-te. Os eflúvios dos astros falaram-me de ti.

Sem interromper o diálogo, continuaram a caminhar e atingiram uma concavidade entre os rochedos, no fundo da qual, encoberta pelas sarças, ficava a entrada de espaçosa gruta, iluminada por uma tocha presa ao muro.

A mobília da rupestre morada era das mais simples: um banco de pedra, sobre o qual se amontoavam algumas

peles de animais, servia de leito; mesa e escabelos de madeira, toscamente trabalhada, estavam no meio da gruta. Sobre a mesa, assim como em uma grande caixa aberta, viam-se rolos de papiro, canhenhos de argila cobertos de caracteres e pacotes de ervas secas. Ao fundo, uma espécie de pequeno santuário: sobre três degraus erguia-se uma pedra cónica, escura e polida como se esmaltada; uma lâmpada de bronze, pendente da abóbada, iluminava essa espécie de altar e mostrava sinais e caracteres misteriosos gravados na pedra escura.

José tratou logo de depositar em uma prateleira presa ao muro, perto do leito, o mel, os pastéis, os frutos e a pequena ânfora de vinho que trazia; depois, voltando ao sábio, que ficara parado junto à pedra negra e tinha a mão posta no vértice do cone, disse, comovido:

— Sou todo ouvidos, mestre, e estou pronto a escutar os decretos do destino.

— Sim, aquele que sabe decifrar os sinais traçados

nesta pedra sagrada, pode ler o futuro como um rolo aberto — disse solenemente o velho caldeu. — Teu destino, meu filho, é estranho e embaraçado: esperam-te duras provas e triunfos inauditos, o que, de resto, está na ordem das coisas: quem quer que deseje vencer e subir, deve lutar contra os elementos desencadeados, que lhe afrontam o caminho, a fim de poder dominá-los. Nada se adquire na Terra, sem esforço.

Bem cedo começarão as tuas vicissitudes: a humilhação abaterá teu orgulho; de livre que és, passarás a escravo; mil perigos te cercarão; deverás, mesmo, vendar e dissimular o teu saber. Se, porém, permaneceres firme, granjearás fortuna, mandarás onde tiveres obedecido, reinarás sobre aqueles que te houverem humilhado. Contudo, no extremo do teu roteiro paira uma nuvem que me não foi ainda possível penetrar. Não importa! Quero recompensar-te o amor ao estudo, o labor tenaz, armando-te para a luta contra o destino; quero dar-te o talismã do futuro poder, que, quando estiveres privado de tudo, tornar-te-á rico, porque serás lesto como a serpente, agra-

dável aos homens dos quais te aproximares e aos quais dominarás, tal como o olhar da serpente fascina a ave cobiçada. Mas, jejuaste e preencheste os ritos que te prescrevi?

— Sim — respondeu o moço hebreu com voz trêmula e comovida.

O caldeu tomou então, na caixa aberta, uma pequena flauta de cana e um vidro cheio de escuro líquido, e, a um sinal, convidou José a segui-lo. No fundo da gruta havia uma abertura estreita; os dois homens por ela entraram, atravessando um amontoado de rochas que

formavam estreito corredor, desembocaram em pequena plataforma semelhante ao fundo de um funil, cercada por uma trincheira de pedras e rochas de formas extravagantes que a Lua banhava, dando-lhe aspecto mais fantástico ainda.

— Antes de começar a prova que te dará o talismã, devo prevenir-te, meu filho, que o que vais ver gelar-te-á

de horror o sangue e qualquer fraqueza te custaria a vida — disse gravemente o caldeu. — Hoje é o dia em que as serpentes destas montanhas se hão de reunir aqui, ao luar; eu as farei dançar e, então, atraída por mim, virá também uma serpente, a que chamamos rainha. Trará na goela uma pedra misteriosa, que confere ao seu possuidor o dom da fascinação, da adivinhação e o domínio das forças ocultas. A um sinal que te darei, deves agarrar esse animal pela garganta, estrangulá-lo e arrancar-lhe a pedra. Todos os poderes misteriosos que nela se encontram passarão para ti. Se fraqueares, ela matar-te-á. Agora: queres tentar a prova?

— Sim — respondeu José, com voz cava, mas de olhar chamejante.

Então, Schebna aspergiu o solo e os rochedos com o conteúdo do vidro, impregnando a atmosfera dum aroma suave e atordoante; depois aproximou a flauta dos lábios e começou a tocar estranha ária, voluptuosa e doce, mas com modulações agudas e vibrantes que faziam estremecer os nervos do adolescente. Seu olhar errante e ansioso

percebeu logo pontos de um brilho fosforescente, a surgirem aqui e ali, entre as pedras e os espinhos; depois, alguns corpos cobertos de escamas cambiantes se levantaram na areia e, sacudindo as cabeças informes, puseram-se a girar sobre si mesmos, com visível contentamento e como embalados pelo ritmo da melodia.

Súbito, aumentou o número dos estranhos dançarinos; de cada fenda, de cada cova pareciam surgir, grandes e pequenos, torcendo os anéis flexíveis e luzentes com sinistro ruído. A música tinha também mudado de carácter: mais rápida, mais estridente, mais impetuosa, parecia arrastar os hediondos seres em sarabanda infernal. Como

que tomadas de vertigem, as serpentes giravam assobiando e estalando as mandíbulas, enquanto os olhos esverdinhados e faiscantes pareciam sair-lhes das órbitas.

Nesse instante surgiu, dominando a formigante multidão, uma enorme serpente levantada sobre a cauda, trazendo na goela um objeto cintilante, azulado.

Apesar da intrépida calma que o tinha sustentado até então, José sentiu um suor frio correr-lhe pela fronte. Os sons da flauta de Schebna se tinham de novo transformado: ouvia-se agora uma ária selvagem e incoerente, que lembrava o sibilar da tempestade e os gritos lamentosos dos chacais. Atingindo o cúmulo da efervescência, as serpentes se torciam e pulavam, babando, e, nesse instante, o caldeu levantou a mão e fez um sinal para José. Como se tivesse compreendido o sinal, a rainha das serpes parou subitamente, enristou-se na potente cauda e a enorme cabeça nivelou-se ao rosto do mancebo. Aqueles olhos terríveis, vermelhos de sangue, pareciam penetrá-lo e uma baba escumante corria-lhe da goela meio aberta. Todo o corpo ágil balançava, como tentando o bote para enlaçá-lo. José lembrara-se das palavras do caldeu: rápido como o relâmpago, lançou-se ao terrível animal, e, com as mãos finas e nervosas, porém sólidas como pinças de ferro, agarrou a serpente pela garganta e apertou-a, procurando sufocá-la. Empenhou-se a luta desesperada, entre o homem e o animal que se estorcia,

silvando, buscando enroscar o adversário. A superexcitação, porém, decuplicava as forças do rapaz. Ofegante, vergando qual caniço à constrição dos maciços anéis do monstro, não largava a presa, continuando a estrangulá-la. Súbito, a serpente, fraquejando, prostrou-se, arrastando José na sua queda; mas, num último esforço, o rapaz segurou a pedra brilhante, arrancou-a da goela viscosa e ainda ameaçadora, e rolou inanimado.

Quando abriu de novo os olhos, estava estendido no leito.

— Venci? — perguntou ansiosamente ao caldeu que se inclinava para ele.

— Abre a mão e convencer-te-ás da tua vitória. E agora, bebe! — acrescentou, enquanto José fitava, ner-

voso, uma pedra oblonga, transparente e azulada, que tinha segura na mão crispada.

Quando acabou de beber, o caldeu o cobriu de novo e disse:

— Dorme, eu te despertarei pela madrugada a fim de voltares para casa; dentro porém de três dias, volta e dar-te-ei as instruções necessárias, em relação ao talismã que acabas de conquistar.

A terrível comoção sofrida pelo rapaz tinha-o esgotado moral e fisicamente, chegara a casa doente e desfigurado. Inquieto pelo estado do seu predileto, Jacó o dispensara de todo trabalho, mandando-o repousar. Com prazer José se conformou com essa ordem; desejava pensar em silêncio e na solidão, naquela cena extraordinária a que tinha assistido e em que tomara parte.

Todavia, na tarde do terceiro dia, logo que terminou a refeição, deixou a casa às escondidas e dirigiu-se para a gruta do caldeu.

Encontrou Schebna entregue à leitura, à fraca luz de uma lâmpada de óleo, mas, logo que o viu, abandonou a leitura e estendeu-lhe a mão, sorridente:

— Senta-te, filho; ainda estás pálido e um tanto fraco, mas essa fraqueza do corpo é pouca coisa; vi que tua alma é forte e de têmpera capaz de suportar a luta.

Eis o talismã — acrescentou, afastando um pano estendido na mesa e descobrindo um objeto enrolado, no fundo do qual fulgurava a pedra misteriosa, projetando uma luz doce como a da Lua.

Isto é a pele da serpente, que lhe arranquei do corpo e que trarás feito um cinto em torno dos quadris, sobre a pele nua, bem entendido; as escamas, vês, são viradas para dentro; a pedra serve de fivela ao cinturão e, quando tiveres trazido esses dois objetos durante nove luas consecutivas, o poder e as forças do ser misterioso, ao qual pertenceram, estarão completamente identificados contigo. E quando contemplares a pedra, desejando que ela te descubra o oculto, mesmo o pensamento humano, ela to desvendará na água límpida com que a cobrires. Põe o cinto já.

José obedeceu e, ao contacto gélido da pele da serpente, um arrepio percorreu-lhe a epiderme. Dominou porém essa fraqueza e, fechando o cinto de maneira a

dissimular a pedra, perguntou:

— E meu próprio futuro, não o mostrará o talismã?

— É sobre o que lhe diz respeito que o homem tem sempre a maior dificuldade para compreender os finais dos deuses — respondeu o sábio. — Quero porém tentar, hoje mesmo, um ensaio para decifrar mais claramente o que te reserva o destino. Ajuda-me a desembaraçar a mesa dos objetos que a entulham.

Quando tudo foi retirado, o caldeu trouxe um pequeno disco de metal polido e brilhante, uma caixa cheia de areia fina e um pequeno vaso de líquido avermelhado.

— Toma um punhado desta areia, semeia sobre o disco, depois derrama em cima o conteúdo deste vaso.

José obedeceu e observou, curioso, como o líquido escorreu, formando pequenas veias cor-de-rosa na superfície do disco. Tinha aprendido já bastante da ciência de Schebna, para compreender que aquelas linhas caprichosas, aqueles montículos, aqueles esguichos dágua representavam os acidentes, as quedas e os triunfos do seu futuro, misteriosos hieróglifos traçados por forças invi-

síveis. Estava já experimentado na adivinhação, mas, desta vez, examinou em vão o disco, nada compreendeu. Em compensação, o caldeu parecia absorto na contemplação de um quadro vivo; seu olhar cintilante seguia os meandros traçados pelo líquido e, sobrancelhas franzidas, veias da fronte inchadas, parecia ler um longínquo futuro. Por fim, levantou-se e o olhar resvalou no moço com indefinível expressão:

— Teu futuro é estranho, soberbo; entretanto, misturado de sombra — disse à meia voz.

— E não me dirás nada desse futuro, desse destino a que chamas estranho e soberbo? — perguntou José todo agitado.

— Sim, filho, dir-te-ei o permitido: já te preveni que, cedo, começarias uma dura prova; pobre e privado de liberdade, chegarás a um país longínquo e rico; o mesmo

onde exercereis um dia o poder, se algo não vier mudar teu destino. Nesse país, a Natureza produzirá uma cala-

midade rara em tais paragens: a anos de prosperidade sucederão anos de seca e esterilidade. Por singular acaso, essa desgraça pública influirá no teu destino e fará tua felicidade.

Um serviço que prestarás ao rei do país, em relação com esse acontecimento, será a origem da tua elevação.

Não esqueças então que o homem, em qualquer ocasião, pode usar mas não deve abusar dos favores do Destino, e que esse abuso se pode tornar o escolho do teu destino.

Ia-me esquecendo dizer: o talismã que conquistaste porá ao teu dispor forças poderosas, mas deu-te também um inimigo: é o espírito da serpente, que, invisível, seguir--te-á, e, no aniversário da luta, retomará forma e subs-tância para tentar arrancar-te a pedra misteriosa. Se ainda uma vez fores vencedor, o réptil se tornará teu servo, porque, então, tê-lo-ás dominado na matéria e na essência.

José tudo ouvia, pálido, agitado, olhar em fogo.

— Dize, mestre, além desse inimigo invisível, que derrubarei — eu o quero —, terei algum outro? Pois tu

mencionaste sombras no meu futuro...

— Sim! prevejo-te um inimigo e esse terá mil línguas, mil olhos, mil garras, far-te-á em pedaços se abusares do teu poder — respondeu gravemente Schebna.

José levantou-se e, com um gesto enérgico, sacudiu os anéis escuros da farta cabeleira:

— Não importa! Não há luz sem sombras e quem quer subir deve correr perigos. Sem medo, irei para a frente, mestre, sem me deixar abater, quaisquer que sejam as vicissitudes que me assaltarem. Minha fé inquebrantável nas tuas palavras servir-me-á de sustentáculo; um futuro de grandeza será meu fim luminoso. E agora, deixa agradecer-te, nesta hora solene, todo o bem que me fizeste pelas sábias lições, pelo saber misterioso que me prodigalizaste. Meu reconhecimento por teus benefícios só acabará com a vida.

Ajoelhou-se e apertou de encontro aos lábios a mão enrugada do velho. Misterioso sorriso passou pelos lábios

do caldeu:

— Breve a sorte nos separará, mas dentro de vinte anos, filho, aparecer-te-ei e serei eu, então, a prostrar-me diante de ti. Ninguém, exceto eu e tu, a Lua e os gênios invisíveis, conhecerá o laço secreto que nos liga; e então tu me recompensarás consoante a grandeza do teu reconhecimento. Agora, volta para casa, tenho ainda que trabalhar esta noite.

Agitado por tumultuosos pensamentos, o moço hebreu retomou o caminho de casa. Os quadros do futuro perpassavam-lhe na retina espiritual, mas, somente os quadros de grandeza e de poder. Quanto às desgraças preditas, à humilhação e aos sofrimentos, a mente resvalava sem parar e pareciam-lhe insignificantes, comparados com o fim a atingir. Levantando a fronte para o céu estrelado, murmurou com selvagem entusiasmo: "Em breve, pois, direi adeus a esta vida de pastor, obscura, mesquinha, odiosa. Oh! vinde, provas e sofrimentos, eu vos desafio, já que sois o limiar, os degraus de minha elevação. Temido e poderoso, eu quero ser e sê-lo-ei."

II

JOSÉ VENDIDO POR SEUS IRMÃOS

E Jacó lhe disse: Ora, vai-te,
vê como estão teus irmãos, e como
está o rebanho, e traze-me resposta.
Assim o enviou do vale do Hebron
e veio a Siquém.
E viram-no de longe, e, antes
que chegasse a eles, conspiraram
contra este para o matarem.
Passando pois os mercadores
midianitas, tiraram, e alçaram a José
da cova e o venderam por vinte moe-
das de prata aos ismaelitas, os quais
levaram José ao Egito. — *Gênese,*
cap. XXXVII, w. 14, 18, 28.

Os dias que seguiram trouxeram agitação e aumento de trabalho no acampamento. Alguns filhos de Jacó e uma parte dos rebanhos se separavam do grosso da tribo para ir perto de Siquém, e o velho chefe se propunha jun-

tar-lhes a companhia de José, que era um atento observador e, desde muito, havia despertado a desconfiança do pai, contando-lhe as pequenas falcatruas dos irmãos e até suas conversas. Mas apesar do seu gosto pelo papel de vigilante o rapaz achou, desta vez, meio de se dispensar da viagem. Por coisa alguma do mundo quereria ele, nessa ocasião, deixar Schebna, a quem visitava assiduamente e que lhe ensinava a empregar a pedra misteriosa, confundindo-o pelos resultados verdadeiramente maravilhosos que obtinham. Além disso, o caldeu assegurava

que, decorridas as nove luas, durante as quais devia trazer o cinto de pele da serpente, o poder do talismã aumentaria.

Com grande pesar do moço hebreu, o sábio lhe declarou, uma tarde, que aquela entrevista seria a última, visto como devia ausentar-se por algumas semanas. Quando, apesar desse aviso, voltou no dia seguinte, achou a gruta vazia e apagados todos os traços da cabana de

Schebna. Durante alguns dias ficou triste e deslocado, mas, dentro em pouco, seu espírito inquieto despertou, lembrou-se da ausência de alguns irmãos e desejou verificar o que faziam longe das vistas paternas. Nesse intuito, provocou uma conversa, na qual lembrou insidiosamente a Jacó as faltas dos filhos e este, nada suspeitando do pensamento oculto do rapaz, lhe propôs fosse ele próprio encontrá-los para indagar de sua saúde, do estado dos rebanhos, fazendo uma pequena devassa das transações realizadas.

José prontificou-se a partir e, vestindo a bela túnica de listras brilhantes que lhe valera já tantos olhares invejosos, pôs-se a caminho. Em vão percorreu os campos circunvizinhos, todos os sítios onde os filhos de Jacó teriam podido acampar: não os encontrou e cuidava já de regressar à casa paterna, quando um viajante de passagem lhe disse que um acampamento igual, ao que procurava, estava parado em Dotã. José foi todo ouvidos: semelhante lugar era uma pequena planície ao pé dum desfiladeiro das montanhas de Gilboa e tirava o nome de

opulenta cisterna que ali havia, junto da qual paravam habitualmente as caravanas que de Babilônia, da Síria ou da Fenícia demandavam o Egito ou de lá voltavam.

Essa parada dos irmãos, junto da grande estrada comercial que ligava a Palestina ao Egito, não deixou a José qualquer dúvida quanto à intenção de trocar algumas cabeças de gado, a lã dos carneiros, etc, por missangas de Tiro ou quaisquer desses tecidos de cores vivas que tanto cobiçavam, como bons orientais.

O Sol declinava quando chegou ao acampamento e logo se convenceu de que não se enganara em suas sus-

peitas. Numerosa caravana ali repousava das fadigas da jornada, camelos descarregados estavam deitados não longe da cisterna. Ao redor de grande fogueira agrupavam-se os filhos de Jacó e alguns mercadores ismaelitas. Conversavam vigiando o preparo de um cabrito novo, cujo apetitoso aroma se espalhava no ambiente.

Reconhecendo José, um murmúrio de enfado percor-

reu a fileira dos irmãos. Olhares hostis e ardentes nele se cravaram.

— Eis de novo o espião que o pai envia a fiscalizar-nos — murmurou Judá no ouvido de Levi.

— E não podia chegar mais fora de propósito, a menos que não lhe reservemos acolhida com a qual não conta o nosso futuro senhor — respondeu o outro cerrando raivosamente os punhos.

Sem dar-se por achado do acolhimento inamistoso dos irmãos, José saudou a companhia e sentou-se perto do fogo. Depois, como os rudes filhos de Jacó ficassem amuados e silenciosos, pôs-se a conversar com um dos mercadores que, com olhar argucioso e crescente interesse, examinava o belo adolescente. Terminada a refeição, os ismaelitas retiraram-se para junto dos seus camelos e José dirigiu-se para uma das tendas, pretextando necessitar dormir. Na verdade, estava fatigado, mas não pôde resistir ao desejo de fazer antes um rápido exame na tenda. O encontro de pequena ânfora de óleo perfumado e alguns pequenos adornos, confirmou-lhe a convicção de

que haviam feito compras clandestinas. Prometendo a si mesmo descobrir algo mais no dia seguinte, estendeu-se na esteira e adormeceu profundamente.

Nesse comenos, violenta discussão empenhava-se entre os filhos de Jacó, que permaneciam agrupados ao redor do fogo. Os selvagens e ferozes pastores odiavam de há muito o irmão preferido, que temiam lhes fosse imposto como chefe, pelo pai. As pequenas espionagens e tagarelices de José, que contava a Jacó suas velhacarias, e às suas esposas quando eles se divertiam com mulheres estranhas; assim como o orgulho e as vanglorias do rapaz, tinham-no tornado positivamente odioso

e todos esses maus sentimentos de inveja e ódio transbordaram nessa tarde, atiçados pelas palavras veementes de Judá, que, primeiro, propôs o matassem a fim de se desembaraçarem dele para sempre. Só Rubem, o mais velho, que era bom e indulgente por natureza, protestou contra o abominável atentado, mas vendo a raiva dos

demais, quis empregar a astúcia e propôs lançar José numa cisterna vazia e aí abandoná-lo, pensando em retirá-lo do fosso logo que os outros se dispersassem.

Essa proposta acabou prevalecendo e, inflamados pela cólera e pela discussão, alguns se precipitaram para a tenda em que José acabava de despertar, e, surpreso, dispunha-se a fugir. Não lho permitiram porém, e, num ápice, foi agarrado, amarrado, arrastado para o outro lado do acampamento e precipitado num fosso tão profundo, que, ao cair, bateu com a cabeça e perdeu os sentidos.

Passada a primeira raiva, os homens se dispersaram, exceto Judá e Asser, que deviam velar e entreter o fogo até que clareasse o dia.

Tinha passado talvez uma hora e os dois homens discutiam a melhor explicação que dariam a Jacó sobre a desaparição do filho predileto, quando, muito espantados, viram um dos mercadores ismaelitas, que supunham profundamente adormecido, aproximar-se do braseiro. Acocorou-se perto deles e, tendo declarado sem preâmbulos

que tinha ouvido a conversa, propôs aos dois homens a compra do rapaz, de quem se queriam libertar.

— Levá-lo-ei ao Egito — disse — e vendê-lo-ei como escravo. Ele é bem parecido, inteligente; tomá-lo-ão facilmente como criado de casa rica e assim ficareis livres dele sem manchar de sangue as vossas mãos.

Judá e Asser trocaram um olhar de satisfação: a cobiça própria dos semitas neles despertou imediatamente; fazer da vingança um bom negócio pareceu-lhes coisa muito simples. Sem hesitar, Judá perguntou:

— Quanto darás pelo rapaz se to vendermos?

O negociante enumerou alguns objetos muito tentadores e, por último, uma pele de tigre.

— Podereis dizer que a fera devorou vosso irmão e que a matastes — acrescentou o ismaelita, com malicioso sorriso.

— É negócio fechado — declararam os dois homens ferventes de cobiça.

Correram a despertar três outros irmãos para lhes participar o feito, mas tiveram o cuidado de nada dizer a Rubem, que era o desmancha-prazeres. Sem perda de tempo, todo o grupo se transportou à cisterna, retirou José ainda desmaiado e o entregou ao ismaelita, que, em troca, lhes pagou o combinado. Verificado que o rapaz estava apenas desacordado, o negociante fê-lo transportar à sua tenda, esfregou-lhe as fontes com uma essência que lhe deu também a respirar, pois não queria que o moço despertasse antes do tempo, e, com gritos, atraísse o único irmão que se opusera ao assassínio e talvez não sancionasse o negócio. Sem ruído, a caravana levantou acampamento, os camelos foram carregados. Sobre um deles foi posto José, oculto num manto. A aurora mal começava a dourar o horizonte quando o último camelo da caravana se sumiu ao longe, levando para ignoto destino o futuro chanceler do antigo Egito.

Rubem ficou fora de si ao saber da verdade e censurou amargamente aos irmãos o ato pérfido e covarde. Mas, feito o mal irreparável, acabou por calar e não fez

observação alguma quando os outros romperam e molharam de sangue a famosa túnica que José despira para dormir e que ficara na tenda. Depois, resolveram despachar dois para anunciarem a Jacó a triste nova.

Seria difícil descrever o desespero do velho patriarca ao saber da morte do filho predileto e ao ver aquela roupa ensangüentada. Com gritos e lamentações, rolou no solo, arrancando a barba e sujando os cabelos de poeira. Todo o acampamento vibrou de exclamações dolorosas das mulheres; durante alguns dias a tribo esteve em desordem, receando-se que o velho patriarca perdesse a razão. Pouco a pouco, entretanto, voltou-lhe a calma e apenas profunda tristeza e lágrimas inesgotáveis, sempre que alguma coisa lhe lembrava o filho tão tragicamente desaparecido,

provavam que o desgosto subsistia a todas as persuasões dos filhos, embora nada suspeitasse da perfídia deles.

Só no dia seguinte despertou José da longa vertigem. Sentia-se alquebrado e tão fraco que não podia coorde-

nar as idéias. Difícil saber por que estava deitado sobre um camelo e que significavam o ruído e os gritos de uma caravana, da qual, evidentemente, era parte. Exausto, cabeça oca, de novo adormeceu e só reabriu os olhos quando a caravana fez alto para o pouso noturno. Desta vez, estava mais senhor de si e tinha as idéias mais claras: vendo-se entre estranhos, numa caravana que marchava com destino desconhecido e certamente já bem longe de todos os parentes, um misto de espanto e agonia apoderou-se do pobre rapaz. Procurou aprumar-se, mas foi impedido pela corda com que o amarraram atravessado no animal, e caiu deitado, dando um grito surdo.

Nesse instante, o camelo parou, ajoelhando-se a um sinal do condutor, que desatou a corda e desceu José. Tinha os membros entorpecidos e as pernas negavam-lhe apoio; ensaiando alguns passos vacilantes, caiu e, desesperado, furioso, pôs-se a chorar e a lamentar ruidosamente.

O velho negociante, chefe da caravana, ouvindo os gritos, aproximou-se e, em poucas palavras, declarou que

seus irmãos o tinham vendido; que era agora seu escravo e que, se quisesse evitar maus tratos, deveria resignar-se e suportar a nova condição com humildade e paciência.

José ouviu-o, pálido e como estuporado, mas súbito apoiou o rosto nas mãos e, arrancando os cabelos, tombou pesadamente como um animal apunhalado. Depois, vendo perto uma corda, tentou estrangular-se. Algumas pauladas e um cântaro dágua, sobre o corpo, frustraram a sinistra tentativa. Chorando, mas, já moderado na raiva desesperada, perfilou-se.

— Eis os frutos do teu procedimento. Se queres evitar as pauladas, repito, sê humilde e paciente — advertiu-lhe o chefe. — Vão dar-te de comer; depois, deita-te e dorme, mas, sobretudo, evita o barulho, porque teus fatigados companheiros necessitam repousar.

Baixou a cabeça, e, ocultando corajosamente a tempestade que lhe ia nalma, arrastou-se mudo para um fogo que acabavam de acender, e ao pé do qual eram

distribuídos os víveres. Tendo comido um pedaço de pão e algumas tâmaras molhadas em água fresca, tomou a manta de lã de camelo, que lhe deu um dos ismaelitas, enrolou-se e estendeu-se junto de uma árvore, a pouca distância do braseiro.

Como ninguém mais lhe prestasse atenção, pôde enfim entregar-se livremente à própria dor. A humilhação, uma pungente amargura, um sentimento de abandono e isolamento acabrunhavam-no; escondendo a cabeça nas dobras do manto, chorou longamente, mas, dissimulando os soluços, porque a dor que lhe causava qualquer movimento lembrava com terrível evidência que já não era mais o livre filho do deserto, e sim um escravo cujas espáduas o chicote podia zebrar conforme a fantasia do senhor.

A vida de pastor, considerada até então miserável e monótona, pareceu-lhe, nesse instante, um regalo para sempre perdido.

Por fim, as lágrimas estancaram. Assaz sobreexcitado para dormir, continuou a conjeturar. Lembrou-se de

Schebna e estremeceu; não lhe havia o sábio predito a escravidão e duras provas que breve começariam? O que se estava passando, não seria a realização literal da predição, o prólogo obrigatório da sua futura grandeza? Essa caravana, a que estava preso pelo destino, o conduziria, talvez, ao rico país cujo rei o levaria ao fastígio das honras. Mas, para onde se dirigiam seus novos senhores? Babilónia? Egito? Não lhe era ainda possível orientar-se. Longo suspiro intumesceu-lhe o peito, e logo sorriu com um ar de desafio... Que importava a rota! O futuro pertencia-lhe. Não possuía a pedra misteriosa que lhe daria o poder de fascinar os homens?...

Mas, não lhe teriam roubado o talismã enquanto desacordado? Num gesto febril, procurou-o debaixo da roupa e cobrou ânimo: o cinto místico cingia-lhe os rins, os dedos tocavam a pedra que o fivelava.

Enquanto assim refletia, o ruído e o movimento se haviam extinguido em redor; os animais de carga e seus

condutores dormiam; somente a voz lamentosa dum chacal, ao longe, perturbava às vezes o profundo silêncio da noite. José levantou-se cauto e circunvagou o olhar: a noite estava soberba, milhares de estrelas formavam urdidura brilhante no azul-escuro do céu; a Lua destacava-se vigorosamente em recurso crescente e sua luz tênue inundava de argêntea claridade os bosques de palmeiras, projetando-se como lentejoulas de neve sobre a pequena tenda do chefe, ocultando em misteriosa penumbra o grupo pitoresco da caravana adormecida.

Todavia, José não prestou atenção alguma ao admirável espetáculo da Natureza. Queria apenas assegurar-se de que ninguém o observava. Tendo-se certificado, abaixou-se, desatou a pele da serpente, e, tomando a pedra na palma da mão, fitou-a, murmurando as palavras cabalísticas que Schebna lhe ensinara.

Profunda palidez invadiu-lhe de repente as feições, os olhos dilataram-se e o olhar pareceu pregado na pedra, que, semelhante a colossal safira, iluminava a palma da mão com raios azulados e trêmulos, cobrindo pouco a

pouco todo o acampamento de uma neblina espessa, acinzentada. Depois, esse fundo nebuloso pareceu clarear e da cerração surgiu uma cidade com edifícios soberbos, estranhos, atravessada por um rio sulcado por centenas de embarcações em todos os sentidos. Rodando e transformando-se pouco a pouco, o quadro representou a sala de um palácio. Em assento elevado, um homem ricamente vestido, cercado de numeroso séquito e cujo belo rosto não lhe parecia desconhecido. Diante daquele funcionário ou daquele rei, prostravam-se, humildes e tímidos, alguns homens barbados e crestados, nos quais logo reconheceu seus irmãos, os traidores que o tinham vendido!

Num estremecimento que lhe agitou o corpo todo, surda exclamação se lhe escapou dos lábios; mas, como se essa emoção e movimento tivessem rompido o encantamento, a visão se extinguiu bruscamente e tudo retomou o aspecto habitual, na calma profunda das noites orientais.

— Era eu o poderoso senhor a quem eles adoravam com a face em terra! Judá, Asser, Levi e os demais pérfidos que acreditaram perder-me. Paciência! A desforra virá e, em lugar de lamentações e revoltas, devo observar e aprender — murmurou, apertando o cinto e envolvendo-se no manto, tentando adormecer.

Desde esse dia, nenhuma contrariedade demonstrou para com os seus senhores. Parecia resignado com a sorte, conformava-se docilmente com as ordens que lhe davam, procurava com afinco contentar a todo o mundo. Tão boa conduta lhe granjeou logo a benevolência do chefe e dos outros membros da caravana. Sua rara beleza ensejava estimação e esta mais avultou quando mereceu especial gratidão do chefe, curando-lhe a ferida de uma perna, com uma pomada cuja receita lhe dera o caldeu. Trataram-no melhor, pouparam-lhe trabalhos fatigantes e, durante as paradas, os ismaelitas condescenderam em ouvir as melodias selvagens e melancólicas que ele lhes cantava, acompanhando-se na pequena lira tricorde.

Sabia, agora, que era para Mênfis, no Egito, que a

caravana se dirigia. Estava impaciente por ver a rica terra de Kemi, que considerava a sede da sua futura grandeza.

Uma tarde chegaram, finalmente, à antiga capital, que a caravana atravessou obliquamente, encaminhando-se para um quarteirão remoto, destinado aos estrangeiros. Bem que só tivessem atravessado ruas afastadas do centro e habitadas pelas classes pobres, José considerava, curioso e deslumbrado, a animação da grande cidade que via pela primeira vez, mas que lhe parecia a mesma entrevista no seu êxtase. De cima do camelo em que se encarapitava, distinguia ao longe as maciças estruturas dos templos, o delicado perfil dos obeliscos, cujos dourados cimos cintilavam aos raios do sol-poente.

De quando em quando, cruzavam com alguma elegante liteira ocupada por mulheres enfeitadas, ou com carros tirados por fogosos corcéis, guiados pela mão firme de oficiais ricamente armados, ou de padres vestidos de linho. Coração aos pulos, olhos cintilantes, José fitava

esses expoentes de vida luxuosa e elegante, dele desconhecida. Por fim, murmurou em tom de inveja e desafio: "Quem sabe, soberba cidade, se um dia não saudarás de bem baixo o pobre escravo que, hoje, penetra em teu recinto, ignorando que amanhã se tornará teu senhor, e não sabendo em qual dos teus palácios sofrerá a pesada prova de trabalho e humilhação!"

Como o quarteirão que atravessavam parecesse cada vez mais pobre e fossem desaparecendo os transeuntes elegantes, o moço entregou-se aos seus pensamentos e só voltou à realidade quando o camelo parou junto de uma casa bastante espaçosa, evidentemente uma hospedaria, porque outros viajantes já ali estavam reunidos. O dono do albergue, um homem gordo, de rosto ossudo e lábios grossos, recebeu o chefe da caravana com grandes demonstrações de alegria: eram parentes, pelo que logo chamou mulher e filhos a saudarem o desejado hóspede. Depois, fê-lo entrar, enquanto um servo guiava os camelos para um vasto compartimento, onde descarregaram

os fardos, arrumando-os no alpendre. Em seguida, o mesmo homem acompanhou os condutores de camelos a uma sala, servindo-lhes o repasto. José foi mandado para junto do chefe, que tinha ordens a dar-lhe.

A mulher do estalajadeiro e uma sobrinha, linda rapariga de semblante astuto, examinaram curiosamente o belo adolescente, que, modesto e de olhos baixos, estava diante delas.

— De quem obtiveste este rapaz, Mohar? Não o vi quando da tua última viagem... — perguntou a estalajadeira.

— Comprei-o em caminho, de nômades hebreus e penso vendê-lo aqui, mas isto é negócio que tratarei mais tarde. Enquanto espero ocasião de colocá-lo, pode ele aqui ficar e auxiliar-vos nos trabalhos da casa. Se já tens um lugar onde o possas acomodar, que Sitkha o conduza. Aliás, ele tem necessidade de descanso.

Tendo trocado algumas palavras com a tia, a moça ergueu-se, fez sinal a José que a seguisse e o conduziu a pequeno quarto, que continha um tosco leito, uma mesa

de pau grosseiro e um escabelo.

O CHANCELER DE FERRO

35

— Acomoda-te aqui e descansa; amanhã começarás a trabalhar e ajudar-nos-ás a- servir os hóspedes que aqui moram e os que vêm apenas reconfortar-se com um copo de cerveja — observou a moça sorridente. — Mas, dize--me, acrescentou curiosa, não tens um parente que te estime, pois que te venderam como escravo? Não tens o aspecto de um pastor selvagem e nômade e falas o fenicio correntemente como se o tivesses aprendido.

— Aprendi-o com um velho caldeu que vivia em nossa tribo. Tenho um pai que me ama e seria feliz se pudesse resgatar-me, sabendo que vivo na escravidão — respondeu tristemente José — mas, ele ignora que meus irmãos me venderam e talvez me chore, acredi-tando-me morto. — Disse-o, enxugando uma lágrima furtiva.

Durante algumas semanas, José voltou-se com zelo ao novo serviço que lhe designaram e soube captar as

boas graças do estalajadeiro e da família. Sitkha, sobretudo, estava satisfeita com ele, e, enquanto ambos lavavam as rumas de pratos ou arrumavam os quartos, os moços conversavam e José, que imediatamente começara a aprender o egípcio, graças a essas conversações, fez rápidos progressos nessa língua. Pouco avistava o verdadeiro senhor, Mohar, desde que chegaram a Mênfis. Absorvido inteiramente pelos negócios, o ismaelita saía muito ou recebia no quarto os fregueses mais importantes, que iam pessoalmente examinar as mercadorias. As palavras com que seus parentes elogiavam o escravo e o evidente desejo de o adquirirem, foram favoravelmente acolhidos por Mohar e, provavelmente, o negócio teria sido concluído entre eles, se o acaso não tivesse vindo tudo transformar. Um dia, Mohar chegou acompanhado por um velho obeso, de rosto jovial e expansivo, ao qual o negociante dispensava especial deferência. Sitkha segredou a José que aquela personagem era Ptah, o intendente da casa do nobre Putifar, *"a orelha de Faraó",* ou chefe de polícia e superintendente das prisões, se nos exprimíssemos em

linguagem mais moderna.

— Ele compra sempre grande quantidade de incenso, bálsamo e substâncias odorantes bem como panos e tape-

tes de Tiro e de Babilônia, quando o tio chega, porque o nobre Putifar é imensamente rico — disse Sitkha em tom confidencial.

Pouco depois, o moço foi chamado para servir refres-cos aos dois homens, e enquanto enchia de vinho o copo de Ptah, e lhe apresentava uma cesta de frutas, o inten-dente examinou-o com atenção e, logo que o rapaz saiu, perguntou quem era e se Mohar não estaria disposto a vendê-lo. "Temos necessidade de um escravo desse gênero, para o serviço do chefe" — acrescentou.

Tanto bastou para aguçar a avidez do ismaelita. Na perspectiva de bom negócio, esqueceu os parentes e fixou vultosa quantia para a transação. Ptah aceitou, sem re-gatear, e o negócio ficou decidido. Combinaram que no dia seguinte Mohar levaria o rapaz e receberia o preço

da venda.

O estalajadeiro e, sobretudo, a esposa e Sitkha ficaram desolados com a partida de José; mas este só aparentemente se mostrava contrariado. Desejava entrar em casa rica e foi com o coração cheio de aspirações e de curiosidade que acompanhou o senhor à casa do velho Ptah.

Os primeiros dias passados na casa de Putifar foram muito interessantes para ele. Ainda não tinha visto o novo senhor, ausente em virtude dos afazeres, mas ia aprendendo a tarefa que lhe incumbiram no asseio dos quartos reservados, particularmente, a Putifar.

Para José, tudo era novo e interessante nessa rica morada. Sua vida simples e pobre, na tribo, bem como a estada em uma estalagem de subúrbio, não lhe dariam idéia alguma do refinado luxo a que se entregavam os egípcios das altas classes; e, tomado de infantil curiosidade, não se cansava de admirar as pinturas e tapetes que ornavam as paredes, os móveis embutidos, os vasos preciosos, apalpando os panos bordados dos reposteiros,

as almofadas macias dos assentos, as esculturas douradas do leito, que representavam um leão deitado de costas.

Um dia, finalmente, o barulho retumbante de um carro nas pedras do pátio vizinho, e a vida, o movimento

que se espalhavam por toda a casa, anunciaram-lhe a chegada do senhor. Não o viu nessa tarde, nem no dia seguinte pela manhã, porque Putifar se tinha transportado para o palácio.

Só na hora da refeição, por ordem do vigilante, ele se vestiu cuidadosamente com uma túnica fresca, untou de óleo os belos cabelos escuros e, com uma ânfora na mão, postou-se atrás da poltrona do senhor, enquanto outros escravos se perfilavam ao pé dos lugares reservados aos convivas.

A sala de refeição ainda estava vazia; apenas Ptah e o feitor dos escravos a atravessavam de mansinho, deitando olhares fulminantes aos novos criados e dando-lhes as últimas instruções do serviço. No quarto contíguo ou-

viam-se vozes animadas, e, minutos depois, quatro homens entravam na sala. A atenção de José concentrou-se naquele que, com amável satisfação, convidava os outros a tomarem lugar e que era, evidentemente, o anfitrião. Putifar era um homem dos seus trinta e dois anos, puro tipo egípcio: alto, delgado, ágil, rosto bronzeado, usava cabelos curtos, e as sobrancelhas espessas, muito próximas do nariz, davam-lhe um aspecto sombrio e severo, apenas atenuado pelo sorriso franco e bom de uma boca de lábios rubros, descobrindo, ao falar, dentes de admirável alvura. O fulgor vivo e penetrante dos olhos negros denunciava o homem habituado a mandar e a perscrutar as almas que o cercavam.

Ao sentar-se, esse olhar demorou um instante sobre o novo escravo, mas não lhe disse coisa alguma e retomou, com os comensais, a conversação interrompida. Só à tarde, quando José lhe apresentou a água para lavar as mãos e o despiu, auxiliado por Anúbis, o segundo escravo, Putifar a ele se dirigiu, interrogando-o sobre a sua origem, idade, etc. Visivelmente satisfeito com as respostas

do rapaz, elogiou Ptah, que viera desejar-lhe uma boa noite, por ter feito essa aquisição, e ordenando-lhe instalasse o rapaz e o empregasse especialmente no seu serviço particular.

Desde esse dia, José ficou incumbido de vestir e despir o senhor, servir-lhe o copo de vinho à noite e montar

guarda à porta, para acudir ao primeiro chamado. Mas, como o chefe de polícia de Mênfis era, por força mesmo desse cargo, um homem atarefado que às vezes, por dias inteiros, não voltava ao aposento; e como, além disso, a casa formigava de criados, o moço hebreu não tinha grande coisa a fazer. Tratou então de aproveitar as horas de descanso, aprendendo a ler e escrever o egípcio.

A fim de conseguir esse resultado ardentemente cobiçado, José procurou por todos os meios tornar-se útil e agradável a um jovem escriba que vivia na casa, como secretário de Putifar.

Chnoum era um rapaz simpático, bonachão, alegre

e um tanto amigo dos prazeres. As atenções de José, o cuidado em acordá-lo cedo, em servi-lo, tal como ao senhor, de um copo de vinho ao deitar-se, ou em esperá-lo e deitá-lo no leito, quando se recolhia um pouco bebido; todos esses pequenos serviços granjearam-lhe benevolência e quando o moço hebreu pediu, um dia, que lhe ensinasse a ler e escrever a língua egípcia, Chnoum acolheu de boa mente o pedido e ocupou as horas vagas em lhe dar lições, cujo êxito maravilhou, positivamente, o professor. José estudava com ardor, os progressos éram espantosos e, ao cabo de alguns meses, os caracteres que traçava com tinta vermelha ou preta nas folhas de papiro eram tão corretos e elegantes que Chnoum começou a confiar-lhe cópias e outros pequenos trabalhos.

Decorreu um ano. No meio da sua intensa atividade, José notou apenas que o tempo passara bem depressa, arrastando em nuvem já remota os acontecimentos ainda tão recentes da sua expatriação.

Uma tarde, ocupado a recopiar para Ptah a conta de um transporte de mercadorias, sentiu-se acometido de

súbita indisposição, a cabeça lhe ardia, os membros eram pesados de chumbo e tremores frios percorriam-lhe a epiderme.

Depois de ter em vão lutado contra o mal-estar, acabou dirigindo-se a Ptah, a fim de obter licença para deitar-se, visto achar-se doente. O intendente fitou-lhe um instante o rosto pálido e desfigurado.

— Vai descansar; vejo que estás indisposto, mas, como teus companheiros te podem incomodar, vai para o quarto das esteiras, onde poderás dormir tranqüilamente. Penso que amanhã estarás refeito.

Agradecendo, José foi para o quarto designado, uma vasta peça sem janela, mas amplamente iluminada por grande porta que abria para um pátio interno, murado, e em cujo centro estadeava frondejante palmeira.

José levou para junto dessa porta um dos amarrados de esteiras empilhadas nas paredes, desenrolou-o e estendeu-se a fio. O mal-estar aumentava, o sono não vinha e,

pela primeira vez depois de tanto tempo, o rapaz pensou no passado, no pai, em Schebna.

Lembrou-se também da cena estranha e terrível da evocação das serpentes e do combate desesperado que tinha sustentado para conquistar a pedra misteriosa.

Como então, a Lua era cheia; seus raios inundavam o pequeno pátio e os leques de palmeira projetavam, nas pedras, sombras alongadas e vacilantes, que evocavam os movimentos cadenciados dos répteis.

Um estremecimento de medo supersticioso agitou o corpo do jovem e os dentes lhe rangeram como em febre.

"Dir-se-ia que algum espírito impuro e nefasto adeja em torno de mim" — murmurou. Depois, tomando a pedra mágica que sempre trazia, acrescentou: "Vou apertar o talismã de encontro ao rosto; talvez contenha forças que não conheço ainda, e me cure!"

Examinou um instante a pedra cintilante, cujo fulgor azulado parecia jorrar do seu âmago, e depois apertou-a contra o peito, murmurando piedosamente: "Dá-me a chave das forças misteriosas que possuis, pedra maravi-

lhosa! Conquistei-te, arriscando a vida, és minha; mas, não conheço a extensão do teu poder."

Nesse instante foi assaltado por uma vertigem; suor glacial inundava-lhe o corpo, enquanto uma corda ardente parecia enlaçar-lhe o peito, apertando-o como para abafá-lo; faltava-lhe a respiração e, presa de mortal agonia, levantou-se e arrancou as vestes, mas enfraqueceu e caiu.

40

J. W. ROCHESTER

Teria ficado muito tempo nesse estado de prostração? Não poderia dizê-lo. Ligeiro ruído ao lado fê-lo voltar a cabeça e, como que alentado subitamente, pulou e pôs-se em pé. Ali, erguida sobre a cauda potente, dardejando-lhe as pupilas esverdinhadas e sanguinosas, estava a serpente que subjugara um ano antes! Um tremor incoercível agitava-lhe os flexíveis anéis e um silvo agudo escapava-lhe da goela entreaberta.

Fascinado, paralisado, banhado em suor, José fitava o animal-espectro; os olhos pareciam-lhe pregados um

no outro e, como um relâmpago, surgiu no cérebro adolescente a lembrança das palavras do caldeu: "Ela retomará forma e matéria, buscará reaver a pedra e qualquer fraqueza será a tua perda." Fazendo um supremo esforço, levantou o braço e, brandindo o talismã acima da cabeça da serpente, disse com voz soturna:

— Quem és tu, monstro do Amenti, e que queres de mim?

Logo uma voz humana, surda, rouca, porém distinta, respondeu:

— Sou o teu destino e venho combater-te: Se me venceres, obedecerei, servir-te-ei; se sucumbires, me enroscarei em ti, abafar-te-ei, porque, ai dos vencidos do destino! Ele os enlaça qual serpente e o fraco se torna seu escravo. O forte domina-o e lhe fala como senhor.

— Ah! és o meu destino? Então vencer-te-ei — exclamou pondo a pedra entre os dentes e lançando-se ao monstro, agarrando-o com as duas mãos.

Silenciosa e tremenda, renovou-se a luta do ano anterior. José sentia os anéis viscosos e gelados apertarem,

machucarem-lhe os membros; o hálito fétido do terrível animal batia-lhe no rosto e o silvo agudo causava-lhe vertigem; mas as mãos, como tenazes de aço, apertavam o pescoço do monstro, enquanto um só pensamento lhe trabalhava o cérebro:

"Para vencer-te, destino pérfido e atrevido, devo apertar-te contra o peito e esmagar-te em meus braços!"

Passou-se um rápido momento (uma eternidade para José), a serpente, vencida pela segunda vez, afrouxou os

anéis e caiu pesadamente no chão. Trêmulo, exausto, o rapaz encostou-se à parede, o olhar ainda pregado no inimigo destruído. De repente, viu com espanto o corpo da serpente que se agitava, inchava e derretia-se em massa escura, que, por sua vez, também sofreu estranha metamorfose. A cabeça do réptil levantou-se, arredondou-se, e na massa informe modelou-se uma cabeça de mulher, de serena e altiva beleza. Os olhos insondáveis e inflexíveis pareciam penetrar aqueles que os fitavam, en-

quanto misterioso sorriso brincava-lhe nos lábios fechados. Um véu radiante envolvia aquela cabeça em suas dobras, e acima da fronte cintilava uma estrela resplendente. Depois, surgiu um dorso feminino, nu até à cintura, saindo do corpo acurvado de um touro com patas de leão, com duas asas imensas, com reflexos verdes, partindo-lhe das costas.

— Quem és tu? E por que me apareces, ser estranho e horrível? — murmurou José ansioso.

— Sou o segredo de todas as coisas, a fortuna do sábio, a chave dos mistérios — respondeu uma voz sonora e harmoniosa.

Subjugado pelo medo e pelo respeito, o rapaz se prostrou com a face em terra.

— Levanta-te e escolhe uma parte de mim mesma, que eu consinto em te conceder — disse a mesma voz. — Queres meus flancos de touro? Dotar-te-ão eles com uma vontade infatigável e uma paciência a toda prova. Queres minhas garras de leão? Elas te ensinarão a ousar onde não baste o querer, e a conservar pela força o que a inte-

ligência conquistou. Queres minhas asas? Levar-te-ão ao Infinito, onde brilha a estrela esplêndida do saber absoluto, suprema recompensa da inteligência humana, que minha face representa.

— Que escolha terrível me impões, a mim, miserável verme! — murmurou José, enquanto o seu olhar vagava sobre o ser enigmático.

Rápido, esse olhar parou sobre o peito nu:

— Deixa-me sugar-te o seio, beberei a essência mesma do teu ser — balbuciou.

Estranho e misterioso sorriso deslizou nos lábios da esfinge.

— Bebe — disse ela —; escolheste habilmente, filho de Israel, o dom mais precioso e a tarefa mais fácil, a riqueza sem trabalho; bebe pois, mas bebe com moderação.

E o gênio simbólico do Egito estendeu as asas poderosas para abrigar o estrangeiro, enquanto ele avidamen-

te lhe sugava o seio. Verdadeiro protótipo desse povo que, no transcurso dos séculos, deveria pendurar-se à teta de todos os povos, roubando-lhes a seiva fecunda, a riqueza, até secar essa fonte nutritiva.

E José bebia, bebia até à embriaguez... Súbito, rebentou um trovão, um relâmpago fulgurante jorrou da estrela, a esfinge desapareceu e José caiu como fulminado, acreditando ter rolado em um abismo sem fundo.

Quando reabriu os olhos, era dia alto e os raios do Sol dardejavam nas pedras do pátio. Sentia-se fraco, alquebrado, mas as idéias eram lúcidas e lembrava-se perfeitamente da aparição da serpente e da esfinge.

"Seria um sonho, ou uma visão?" — murmurou, passando a mão pelo rosto. Depois verificou que a pedra mágica estava intacta em sua mão, mas a pele de serpente, que usava como cinto, tinha desaparecido.

Ptah, tendo-o autorizado a descansar ainda esse dia, ficou deitado na esteira, pensando no estranho acontecimento da noite e não podendo explicar se estivera em presença de uma realidade ou de uma visão fantástica.

Na noite seguinte, viu em sonho Schebna: o caldeu estava de pé à sua cabeceira e dizia-lhe com voz grave e profunda:

"Agora, o talismã adquiriu todo o seu poder; além da adivinhação pela água, que te ensinei, podes empregá-lo para curar feridas, esfregando com a pedra um pano de linho, que aplicarás à chaga, que se fechará prontamente. A água em que molhares o talismã é um poderoso antídoto ao vírus dos répteis e das plantas venenosas; aplicando-o na fronte, curarás as perturbações do espírito, se não forem causadas por lesões do cérebro. Finalmente, colocando-o no peito de alguém, imporás tua vontade."

Tanto quanto a visão, esse sonho produziu no rapaz profunda impressão, que o levou a ensaiar as virtudes da pedra que o sonho profético assinalara.

Semanas depois da visão noturna, aproveitou-se habilmente de um triste acidente que sobreveio à família de Ptah, para experimentar a força do talismã e criar

no velho intendente um amigo e protetor.

Foi o caso que o pequeno Rui, neto único de Ptah, tinha sido picado por uma víbora. O veneno agiu tão rápido que não havia dúvida sobre a morte do menino, antes mesmo que houvesse tempo de chamar um padre-médico, ou levá-lo ao templo. José pediu, então, a Ptah que o ouvisse sem testemunhas e lhe disse:

— Sabes que é proibido a um escravo possuir as ciências ocultas; mas o reconhecimento, a afeição que te dedico e aos teus, levam-me a tudo afrontar. Confesso que, nascido livre e filho de um patriarca, possuo um remédio secreto que Eloim, nosso Deus, ensinou a meus pais. Se queres deixar-me só com o menino, espero salvá-lo.

O velho intendente, desesperado, a tudo anuiu e introduziu o escravo no quarto onde agonizava o menino, estendido no leito, lívido e já com os lábios cianosados.

Logo que ficou só, o hebreu mergulhou a pedra mágica num vaso dágua, e, com frases cabalísticas, que conjuravam os efeitos do tóxico, viu o líquido tomar uma cor azulada e borbulhar como se estivesse efervescendo. De-

pois, derramou uma colherada dessa água na boca da criança e, molhando um pano no vaso, lavou também a chaga, aplicando em seguida a pedra. Um instante após, a superfície brilhante do talismã manchou-se, pareceu encher-se interiormente de uma fumaça escura, enquanto os raios da pedra mágica se fundiam em vapor de um vermelho nitente, que, pouco a pouco, se fez azul, depois amarelo, verde, e, por último, retomou a transparência azulada, habitual.

O menino continuava inerte, de olhos fechados, mas quando José sobre ele se inclinou, verificou que dormia profundamente, ao mesmo tempo que abundante suor porejava-lhe de todo o corpo. A ferida tinha perdido a

cor escura, algumas gotículas de sangue rubro perolavam-lhe a superfície e, certo, deveria cicatrizar rapidamente. Rui estava salvo. O reconhecimento de Ptah e da família foi mudo mas profundo. Desde esse dia, o moço escravo teve no senhor um amigo, que, pouco a pouco, o retirou

da faina dos fâmulos e lhe deu serviço mais nobre junto de Putifar, a quem o intendente narrou essa e outras curas não menos maravilhosas, operadas pelo jovem escravo, em homens e animais.

Um segundo incidente, que aproximou José do próprio Putifar e lhe granjeou a confiança, foi provocado por Chnoum. Deixou-se o escriba arrastar por seu mau hábito de beber e teria sido indiscreto pelo efeito dos vapores da embriaguez, ou ter-se-ia deixado tentar por um ganho ilícito? O certo é que todos os negócios secretos e íntimos de Putifar chegaram ao conhecimento de um dignitário seu inimigo, que aspirava a substituí-lo. José, que tinha olhos e ouvidos por toda parte e vigiava Chnoum, cujo cargo de secretário ambicionava, surpreendeu a verdade e apressou-se em prevenir o senhor. Furioso pelas delações e bisbilhotices do escriba, Putifar quis, a princípio, puni-lo rigorosamente, mas, bom e indulgente por natureza, compadeceu-se logo que se evaporou a primeira raiva e contentou-se em enviá-lo como tesoureiro de uma propriedade longínqua. Assim, o cargo

de secretário caiu nas mãos de José.

Foi nessa qualidade que ele acompanhou o senhor durante uma licença de seis meses que este foi passar perto de Sais, onde possuía uma herdade e onde vivia um velho padre, seu parente e ex-tutor. O hebreu procurou conquistar esse velho sábio, por todos os meios humanos e ocultos, rendendo-lhe homenagens e prestando-lhe os mais valiosos serviços. Impondo-lhe secretamente o jugo da sua vontade, levou-o a interessar-se por ele, depois de lhe ensinar muitas coisas só confiadas aos membros das classes elevadas. Apesar do seu rigor aristocrático, Putifar deixava-o agir, porque tinha em particular estima a inteligência invulgar e a impecável integridade do seu novo secretário.

Insensivelmente, José se tornou também o auxiliar de Ptah, aliviando-o nos trabalhos do seu cargo; e, quando, ao cabo de quatro anos, o velho morreu, Putifar compreendeu que não podia substitui-lo mais dignamente do

que nomeando José seu intendente. Com pulso de ferro, o rapaz assumiu o governo da casa e mais domínios do chefe, e tais eram o seu zelo, atividade, conhecimento de todos os requisitos administrativos dessa grande fortuna, que, dentro de um ano, tudo tomou novo aspecto e os rendimentos aumentaram. Porque toda malversação, toda negligência, mínima que fosse, eram imediatamente descobertas pelo infatigável intendente, que parecia tudo ver, tudo sondar, e porque o temiam mil vezes mais que ao bom velho Ptah. Sem se mostrar injusto, José era altivo, severo e, quando preciso, punia cruelmente. Também os escravos tremiam quando neles se fixavam os grandes olhos esverdeados, dardejando um olhar penetrante, por assim dizer — ofídico.

Em compensação, Putifar estava deslumbrado: tudo marchava nos eixos; os mil pequenos embaraços domésticos, as questiúnculas e punições que Ptah levava ao seu conhecimento pareciam não mais existir; sua fortuna aumentava regularmente, as contas eram de uma clareza e precisão ideais e tudo isso ele o devia a José. O rapaz

também granjeou ilimitada confiança, honrado com atenções especiais e ricos presentes.

III

A FORÇA MÁGICA

A taça que furtaste é a mesma
em que bebe meu senhor, da qual se
serve para suas adivinhações; fizeste
uma péssima ação.
José lhes disse: por que obraste
assim para comigo? Porventura ignoras que não há semelhante a mim na
ciência de adivinhar as coisas ocultas? — *Gênese,* cap. XLIV, w. 5, 15.

Em um dos mais ricos e elegantes quarteirões de Mênfis, destacava-se luxuosa habitação, cujos grandes mastros plantados na entrada demonstravam ser a morada de poderoso senhor. Efetivamente, essa casa pintada de cores brilhantes, cercada por um jardim bem arborizado e tratado pertencia a um padre de elevada hierar-

quia — o ilustre Potífera (1), o qual só raramente ali vinha, quando negócios o chamavam à capital, pois residia em Heliópolis, onde ocupava o alto cargo de sacerdote do templo do Sol.

Uma tarde, na hora em que ao tórrido calor do dia começa a suceder uma atmosfera mais respirável, duas mulheres estavam sentadas na varanda daquela casa,

(1) O nome de Putifar, o senhor de José, segundo Ebers, significa em egípcio: consagrado a Ra (Sol). Potifera significa: Dom do Sol (Ra).

Os dois nomes, embora semelhantes, têm, pois, ortografia e significação diversas.

conversando e vigiando encantadora criança de oito anos, que brincava ao pé da escada com um belo gato. O animal, paciente, deixava-se cobrir com toda espécie de farrapos, representando a túnica e outros afeites do templo. Essa criança era Asnath, a filha única do sacerdote e, por sua rara beleza, justificava a adoração dos pais, que

se não cansavam de admirar-lhe os cabelos de um castanho-claro, dourado, e os grandes olhos de um azul-safira, que constituíam verdadeira exceção entre as egípcias.

Se Potífera dirigia com pulso firme a educação do filho Armais, de dez anos, era, ao invés, com a filha de uma indulgência que raiava pela fraqueza.

Uma das mulheres ali sentadas era Maia, esposa do sacerdote, bela mulher de aspecto senhoril e vestida com a mais refinada elegância. A outra era sua irmã Ranofrit, linda moça de dezessete anos, esbelta, morena de grandes olhos fogosos e bastas tranças de ébano. Garridamente envolta em transparente túnica bordada de vermelho, abanava-se com um grande leque de penas e parecia agitada, nervosa.

— Tua obstinação em despedir Putifar inspira-me toda sorte de conjeturas: sê franca, Ranofrit, e confessa que, para abandonar o amor e a mão de um homem tão nobre, rico e bem colocado, é preciso ter em vista alguém que mais te agrada — advertiu Maia, envolvendo num suspicaz olhar o rosto subitamente esfogueado da

cunhada.

— Já que é impossível ocultar-te qualquer coisa, Maia, devo confessar que adivinhaste — respondeu Ranofrit, cobrindo com o leque as faces coradas e a perturbação em que estava. — Sim, existe um homem, menos rico e menos bem colocado que Putifar, porém, mil vezes mais caro ao meu coração.

— Foi aqui, em Mênfis, que o conheceste?

— Sim, naqueles meses que passei com a tia Nefert. Além disso, espero que o vejas hoje e então dirás se minha preferência é legítima.

Um escravo anunciando que o nobre Hor pedia a honra de saudar a mulher de Potífera e a cunhada, inter-

rompeu o diálogo; e Maia só teve necessidade de olhar para convencer-se que o anunciado visitante era o eleito de Ranofrit.

As duas mulheres apenas tiveram tempo de recompor as vestes e trocar a posição negligente em que estavam,

por uma atitude cerimoniosa, quando, colhido o repos-
teiro, um jovem oficial penetrou na varanda e foi saudar
as damas com o natural desembaraço de perfeito corte-
são. Hor tinha vinte anos, era filho de alto funcionário
e, havia dois anos, servia no séquito de Faraó. Muito
estimado na sociedade por seu caráter leal e afável, as
mulheres dele se enamoravam por causa da sua rara e
original beleza. Efetivamente Hor, cuja mãe era de ori-
gem estrangeira, tinha uma tez de mate e cabelos louro-
-dourados; os traços fisionômicos lembravam o tipo grego
puro, e as delicadas formas esbeltas, embora nervosas,
poderiam servir de modelo estatuário.

Maia examinou o rapaz com benevolência e declarou
amavelmente que já o conhecia, tendo ouvido dizer a seu
respeito coisas muito lisonjeiras por uma irmã de seu pai,
casada com Hapou, sacerdote em Heliópolis.

— Vem, pois, proximamente ver tua tia e também
nos visitar, nobre Hor; meu marido estimará ver-te.

— Agradeço-te, nobre Maia, essa amistosa autoriza-
ção e estimarei saudar-te em Heliópolis, assim como a

bela Ranofrit e teu ilustre marido, com quem tive a honra de travar relações por ocasião da sua última estada aqui — respondeu Hor, inclinando-se, visivelmente satisfeito.

E avistando nesse instante Asnath, que se aproximara e fitava-o curiosa, disse:

— É sem dúvida tua filha, nobre Maia? Minha tia falou-me de uma formosa menina, mas a realidade vai muito além da descrição. Que soberbos olhos! Prevejo que um dia conquistarão muitos corações e despertarão paixões perigosas!

— Não vás pedir-me a filha: vê como te escuta os elogios e a satisfação que experimenta! Se se tornar vã e orgulhosa, serás o responsável e lamento, realmente, já

estejas em idade de casar. Asnath, tão nova, não me dará ensejo de ver a seus pés um homem sedutor, qual tu.

— Oh! certamente! — disse Hor sorrindo — mas estou propenso a ficar livre, até que a pequena Asnath

tenha crescido para aceitar as humildes homenagens de um pobre guerreiro como eu.

— Neste caso, arma-te de paciência; precisas esperar oito anos, pois antes dos dezesseis completos não casarei minha filha — respondeu Maia, rindo tanto quanto Ranofrit.

— Ora! que são oito anos por um tal preço? Mas que dizes — acrescentou abraçando carinhosamente Asnath — aceitarás minhas homenagens?

A menina ergueu para o moço oficial os belos olhos translúcidos e fitou-o com um olhar perscrutador.

— De bom grado; és belo e agradam-me os teus cabelos de ouro. Mas, esperarás que eu cresça? Isso levará tanto tempo! — terminou com um suspiro.

— Fica tranqüila, esperarei e verás como o tempo passa... E não me darás um beijo por conta dos futuros direitos? — disse Hor com fingida gravidade.

Asnath fechou os olhos e refletiu um momento.

— Sem dúvida, abraça-me — declarou resoluta, estendendo-lhe a boquinha vermelha. — Todo o mundo me

abraça, por que não tu, que me agradas?

Abraçaram-se francamente. Asnath puxou um banquinho, sentou-se gravemente perto de Hor e pousou na dele a sua mãozinha. Maia divertia-se bastante com a cena, mas Ranofrit, que ria como louca, exclamou:

— Asnath, Asnath! tu dás beijos muito facilmente. Quando cresceres, ouve bem, Hor não mais te agradará, estará velho e talvez pai de família.

A menina levantou a cabeça com ar de desafio e abriu a boca para revidar, quando o negro que anunciara o oficial reapareceu, declarando que um enviado do nobre Putifar pedia o favor de ser admitido à presença da nobre Ranofrit, desejando depor-lhe aos pés as flores enviadas por seu senhor.

— Que venha! — respondeu a moça, corando extraordinariamente. — Não posso ofender a Putifar, deixando de receber o seu mensageiro. Quem sabe? Talvez se vingasse do meu desdém no mano Rameri, que é seu subor-

dinado — disse com um gesto de escusa, ao ver uma ruga desenhar-se no rosto de Hor.

Não teve tempo de mais dizer, porque já o etíope suspendia o franjado reposteiro, dando passagem a dois pequenos rapazes ricamente vestidos, portando grande cesta artisticamente trançada, adornada de fitas e referta de esplêndidas flores. Atrás dos dois rapazes insinuava-se um homem alto, que, chegando junto das duas mulheres, prostrou-se respeitoso. Depois, erguendo-se a um sinal de Maia, disse com voz sonora:

— Em nome de meu senhor, o poderoso e ilustre Putifar, deponho estas flores a teus pés; digna-te receber com benevolência o seu enviado, nobre Ranofrit, e possam os deuses abençoar-te os passos, dando-te felicidade, saúde e muitos dias de vida!

Todos os olhares se voltaram para o enviado de Putifar, cujo porte desembaraçado e elegante, embora modesto, tê-lo-ia feito tomar antes como senhor que como escravo. Ele, no entanto, só parecia ver Ranofrit. Seus grandes olhos verdes pareciam encravados na moça e esse

olhar agudo como um dardo, pesado de chumbo, infiltrava-se até ao fundo do seu ser. Fascinada, subjugada, esquecendo tudo o que a rodeava, Ranofrit fitava o homem cujos olhos a requeimavam e faziam que lhe pulsasse o coração como jamais pulsara por qualquer homem da sua classe.

Parecia-lhe que, sob a influência desse olhar estranho e poderoso, alguma coisa nela se dobrava e contraía, a respiração lhe faltava, ameaçada de um colapso.

Reagindo com dificuldade ao súbito torpor, murmurou em voz baixa e trêmula:

— Agradece por mim ao teu senhor o belo presente que me envia e assegura-lhe a minha gratidão.

Fez um sinal de despedida ao enviado de Putifar e este, depois de se prostrar de novo, desapareceu com os dois condutores da cesta.

Ranofrit suspirou, aliviada, passando a mão nas faces pálidas. Liberta da estranha fascinação do olhar daquele

homem, sentiu-se repentinamente tomada de surda aversão por ele. Exprimindo de alguma forma o pensamento da tia, Asnath exclamou:

— Que homem horrível! Tem exatamente os olhos da enorme serpente que vi uma vez... e é justamente ele que Putifar envia com um presente!

Disse-o com ar de reprovação que fez rir a todos e desfez a desagradável sensação a todos causada.

— Este homem é o primeiro intendente de Putifar — advertiu Hor —; dizem que goza de grande ascendente na casa, bem como da confiança absoluta do senhor, embora tenha sido um simples escravo comprado há poucos anos. Sua presença me causa sempre uma impressão desagradável e Asnath tem razão: ele tem um olhar de serpe.

A conversa mudou de rumo, o rapaz esflorou notícias da Corte e da cidade. Observando, porém, que Ranofrit permanecia silenciosa e pensativa, despediu-se e saiu. Queixando-se de dor de cabeça, a moça deixou a varanda e foi para o quarto Despediu as criadas, proibindo que

a chamassem e estendeu-se no macio divã junto da janela aberta.

Estranho estado aquele em que se achava Ranofrit: cabeça pesada, os pensamentos tumultuavam, tinha esquecido Hor, a quem, todavia, amava; e a imagem de Putifar surgia-lhe na mente cercada de fulgor incômodo, ao mesmo tempo que lhe murmurava uma voz no ouvido: "Deves desposá-lo; é bom, ama-te, far-te-á feliz."

Fatigada, quase inconsciente, arrastou-se para o leito e adormeceu de cansaço; mas, em sonho, o mesmo pesadelo a perseguia. Apenas, agora não via mais Putifar e sim o seu enviado: a cabeça característica do intendente inclinava-se sobre ela, o olhar dos olhos verdes exprimia uma ordem inexorável, enquanto a boca murmurava como um sopro: "Casarás com Putifar, ouves? assim o quero!"

Na véspera do dia em que a cesta de flores foi enviada a Ranofrit, uma conversa bem singular tivera lugar

entre José e o senhor. O hebreu conhecia perfeitamente

Putifar, para desperceber a mudança que fizera havia dois meses, e logo compreendeu que se tratava de uma paixão, sem dúvida pela encantadora irmã do sacerdote de Heliópolis, que viera passar algum tempo em Mênfis, na companhia de uma velha parenta. A perspectiva de uma senhora jovem, na casa onde ele fazia e desfazia, desagradou a principio a José. Acreditava, não sem razão, que a mulher capaz de subjugar um celibatário obstinado, como Putifar, que na idade de trinta anos tinha rejeitado brilhantes partidos, exerceria sobre o marido imenso poder; e se esse poder se declarasse contra ele, sérios inconvenientes poderiam resultar para a sua posição.

Seu primeiro desejo foi impedir o casamento, mas logo mudou de opinião, acalmou-se e esperou os acontecimentos.

Convém acrescentar que o jovem hebreu tinha por certo que um homem rico e bem colocado, como Putifar, seria aceito de braços abertos por qualquer mulher a quem honrasse com a sua escolha e que, até então, nunca atribuíra a tristeza e o mau humor de seu senhor a insucessos

de amor.

Mas na véspera, à tarde, Putifar chegara tão triste e irritadiço, despedira tão rudemente toda a gente, que até lhe causara espanto.

Por isso, em vez de retirar-se como os outros escravos, escondeu-se atrás do reposteiro e observou o senhor, que, julgando-se sozinho, murmurou, cobrindo os olhos com a mão: "Maldito Hor! Vejo que é a ele que Ranofrit ama e, por causa desse patife, não me quer para esposo!"

Desde muito que suspeitava a preferência da moça pelo belo oficial, mas nesse dia, num sarau, havia surpreendido entre eles olhares amorosos e mal disfarçados.

Exacerbou-se-lhe então o ciúme e chegou a casa roído de raiva e tristeza, porque a afeição de Putifar era honesta e séria, como a sua própria índole.

Estava assim absorto em seus pensamentos pouco agradáveis, quando um ligeiro contacto fê-lo estremecer.

— Que me queres? — perguntou bruscamente, reco-

nhecendo José, que se tinha aproximado de mansinho.

— Meu bom senhor — murmurou o mancebo, incli-

nando-se —, queres desposar a bela e nobre Ranofrit?

Nesse caso, fá-lo-ás e antes de três dias serás noivo!

Putifar encarou-o com espanto e indiferença.

— Estás doido? Que disparate é esse? Porventura

és feiticeiro para declarar tão arrogantemente que me

basta querer para noivar? E se acaso ela preferir outro?

O moço hebreu sorriu enigmático:

— Não sou feiticeiro, mas sabes, mestre, que tenho

algumas noções sobre a ação dos eflúvios astrais, que se

podem tornar favoráveis quando sabemos manejá-los.

Mas, antes de tudo, orarei a Eloim, o deus do meu povo;

ele ouve a voz do seu servo e nele reside a minha força.

Putifar levantou-se, deu alguns passos agitados e,

passando-lhe rente, pôs-lhe a mão no ombro, dizendo:

— Faze como puderes, na certeza de que se Ranofrit

se tornar minha mulher, recompensar-te-ei principesca-

mente. Mas, não te posso ajudar?

— Não, senhor, dá-me somente três dias para orar

e atrair sobre ti os eflúvios propícios; além disso, consente vá amanhã, em teu nome, levar flores à nobre dama. E quando te avisar, confia-me o pedido escrito de casamento, que eu mesmo levarei.

Voltando no dia seguinte ao da embaixada junto de Ranofrit, José encerrou-se no quarto, proibindo a quem quer que fosse perturbá-lo, até o dia seguinte de manhã.

O jovem intendente ocupava agora uma grande peça que dava para um pequeno pátio interior, transformado em jardim. Esse quarto era mobilado com requintes de luxo que teriam espantado o próprio Putifar, se lá pusesse os pés.

As cortinas preciosas que cobriam portas e janelas, os vasos de flores, a mesa de cedro sobrecarregada de tabuinhas escritas e papiros, não ficariam mal no gabinete do próprio chefe; o leito, ricamente ornado, era coberto com uma pele de pantera e esteiras policromas forravam o soalho. Apesar disso, o hebreu não recearia

a cólera de Putifar, ainda quando visse ele o luxo excessivo de que se rodeava o intendente. Sabia que ele era-lhe indispensável e tinha dado muitas provas de integridade e zelo, para que encarasse os seus gostos ultra-elegantes como indício de malversações.

Pensativo, de cenho carregado, o hebreu cruzava o quarto de um lado para outro; pensava na visita a Ranofrit e nas conseqüências da súbita resolução de auxiliar Putifar a desbancar um rival, e como empregaria a ciência secreta por granjear a seu favor o coração da mulher amada. "Sim, disse: fiz bem; Putifar deve estar convencido do meu poder, sendo-me devedor da sua felicidade. Quanto à moça, é mais sensível ao meu olhar do que o esperava; será escrava da minha vontade, minha aliada e me elevará em vez de abater, como eu presumia. Terei necessidade de fazer-me resgatar e . . . se por acaso Putifar morresse, poderia casar-me com ela, viúva, se me amasse. Senhor de tão bela e ilustre mulher e dessa imensa fortuna, teria atingido a gloriosa posição prometida por Schebna. Seria necessário ter o amor de Ra-

nofrit, mas isso não seria tão difícil."

Um sorriso brincava-lhe nos lábios e, tomando à mesa o espelho metálico de cabo cinzelado, mirou-se um momento.

Na verdade, era belo com aquela cútis pálida e macia, cabelos fartos e sedosos, grandes olhos fulgurantes e o sorriso fascinador da boca bem talhada em lábios de romã.

Quando a noite caiu, a cidade imensa envolveu-se em silêncio e sombra, e na casa de Putifar todo o mundo pediu repouso ao sono. José retirou do pescoço o pequeno breve que trazia sempre consigo, retirou-lhe a pedra mágica e, apertando-a nas mãos, prostrou-se em terra com palavras cabalísticas.

Pouco a pouco a voz tornou-se-lhe mais fraca, até extinguir-se completamente. O olhar tinha tomado estranha fixidez; as veias do pescoço e da fronte inchavam como cordas e, no rosto imóvel, desenhava-se uma concentração extremada até ao sacrifício.

O CHANCELER DE FERRO

55

Ao cabo de meia hora, mais ou menos, estremeceu e os olhos retomaram o brilho natural. Levantou-se bocejando e, pondo a pedra mágica no seu lugar, bebeu um copo de vinho, deitou-se visivelmente esgotado, e caiu logo em sono profundo.

Enquanto isso se passava em casa de Putifar, Ranofrit dormia no seu quarto, iluminado por uma lamparina. A doce e ondeante luz projetava-se em reflexos avermelhados nas estatuetas dos deuses de pau e de cobre, postos num altar, assim como nas brancas vestes noturnas da moça, estendida no leito. Durante a tarde toda, a escolhida de Putifar sofrera violenta enxaqueca e, conforme o conselho de Maia, deitara-se muito cedo; à medida, porém, que a noite avançava, o sono se lhe tornava mais inquieto; ela agitava-se na cama e suspiros, lamentos abafados, escapavam-se-lhe dos lábios.

Sonho fatigante, estranho e insistente, perseguia a moça egípcia: parecia-lhe que ao lado do leito surgia, condensava-se e dilatava-se uma nuvem cinzenta, que

logo tomou a forma de um homem cujo rosto não podia distinguir, mas cujos olhos fixos e fulgurantes penetravam-lhe o cérebro, causando-lhe uma dor aguda.

— Ouves-me, Ranofrit? — perguntava ao mesmo tempo uma voz surda e disfarçada.

— Sim — murmurou ela com dificuldade.

— Pois bem! se me ouves, *ordeno...* compreendes? *ordeno* que, quando, daqui a três dias, eu vier apresentar o pedido de casamento de Putifar, não o recuses.

— Hor! Mas é a Hor que eu amo — disse Ranofrit debatendo-se na cama, como a lutar contra alguma coisa que a abafava, premendo-lhe a cabeça como um anel de ferro. Pareceu-lhe que a sombra pardacenta inclinava-se, apoiava um dedo ardente na sua fronte, entre as sobrancelhas, e gritava-lhe com voz retumbante:

— Esquecerás Hor, Putifar será teu marido e a mim, teu senhor, obedecerás, porque também haverás de amar-me.

Cada uma dessas palavras percutia o ouvido da moça qual martelo batendo num disco de bronze; e as vibra-

ções do metal timbravam dolorosamente nas fibras do seu corpo.

— Dentro de três dias darás o *sim* e serás noiva de Putifar — repetiu a voz.

Depois a sombra se diluiu num vapor transparente, desapareceu... mas Ranofrit estortegou-se na cama, projetando-se de um para outro lado com tal violência que quase caiu ao chão. Profunda prostração sucedeu a essa crise e ela ficou pálida e imóvel.

Pela manhã, despertou tão alquebrada, tão fraca que ficou deitada o dia inteiro. Pesava-lhe a cabeça, dolorosa pressão apertava-lhe as fontes e mostrou-se irritada, nervosa como nunca. Às perguntas inquietas de Maia, nada pôde responder; nada lhe havia sucedido — dizia. Além da dor de cabeça, só tinha a fraqueza. No segundo dia sentiu-se mais forte e levantou-se. Entretanto, a inquietação só aumentava. Hora a hora, esperava alguma coisa: quê? — não saberia dizê-lo.

Triste, apreensiva, não sabendo como haver-se, vagava pelos quartos e pelo jardim e, contudo, quando Hor chegou, negou-se a recebê-lo, pretextando que a sua indisposição lhe tornava incômoda qualquer visita.

— Estás doente, algum terrível mau-olhado caiu sobre ti — declarou Maia na manhã do terceiro dia. — Olha, tuas mãos escaldam e continuas perturbada. Provavelmente, alguém que te envia o amor de Putifar, ou de Hor, deitou-te feitiço e não é em vão que essa bruxa de Tachot devora-te com os olhos quando conversas com o chefe das prisões. Também não é segredo para ninguém que Taá está apaixonada por Hor. Importa ir ao templo para que te purifiquem e dêem algum amuleto sagrado. Vou já vestir-me e mandar preparar a liteira; prepara-te também, iremos juntas ao templo.

— Tens razão, creio mesmo que sou vítima de alguma influência perniciosa e que, na noite de anteontem, empregaram a feitiçaria contra mim, porque despertei alquebrada e, desde então, atormenta-me uma agonia constante.

57

Ranofrit terminava o vestuário quando a criada anunciou que um enviado de Putifar pedia licença para entregar-lhe pessoalmente uma mensagem do seu senhor. Nervosíssima, ordenou conduzissem o mensageiro a uma galeria contígua ao aposento. Percebendo a estatura avantajada de José, a quem logo reconheceu, o coração lhe bateu tão violento que a moça encostou-se a uma coluna, ordenando com um gesto que o intendente se aproximasse.

Este se prostrou, declarando respeitosamente que, sendo a mensagem da mais alta importância e destinada somente aos seus ouvidos, solicitava o favor de entregá-la sem testemunhas. A um sinal, as duas criadas que a acompanhavam retiraram-se para a sala contígua, enquanto Ranofrit, cujas pernas tremiam nervosamente, descansou num tamborete próximo e perguntou com voz tão firme quanto possível:

— Que me quer Putifar? Fala, estamos sós.

José ajoelhou-se, beijou-lhe a fímbria da túnica e apresentou-lhe a mensagem, enquanto num rápido olhar de fogo envolvia a moça, que, cada vez mais perturbada, leu o seguinte:

"Putifar, o escriba real, chefe das prisões e dos archeiros de Mênfis, à nobre Ranofrit.

"Imploro a Hator, tua divina irmã, para que gozes boa e constante saúde e teu coração me seja favorável quando leres este escrito, porque não posso mais calar o grande amor que me inspiras. Sinto-me triste e infeliz em minha opulenta morada. Embora, pelo favor dos deuses, esteja ela cheia de todos os bens da Terra, está deserta para mim, porque me falta uma companheira. Essa tristeza, porém, se transformará em alegria se aceitares o coração fiel que ponho aos teus pés; se consentires em ser o sol de minha vida, a alma de minha casa vazia; se me aceitares como esposo!"

Respirando dificilmente, a moça encostou-se à parede e seu olhar vagou, distraidamente, da mensagem que descansava em seus joelhos ao hebreu, de pé, alguns

passos adiante, em atitude respeitosa, mas cujo olhar pe-

sado e estranho continuava a atuar nela. Involuntariamente, fitou José, que baixou logo os olhos, mas, à medida que ela encarava o rapaz, despertava-se-lhe o desejo de o rever, ouvir-lhe a voz, guardá-lo junto dela. Em uma palavra: ser servida por ele e ver ainda este servo de Putifar ajoelhar-se e dirigir-lhe as pupilas verdes, cuja luz fascinava e embriagava.

— Dar-me-ás uma resposta que possa transmitir a meu senhor, nobre dama? — perguntou, enfim, rompendo um silêncio que começava a ser incômodo.

— Sim, dize a Putifar que sua mensagem me foi grata e que serei feliz se ele próprio vier buscar uma resposta mais explícita e de acordo com os votos do seu coração — respondeu com uma calma resoluta, que contrastava estranhamente com a febril agitação de pouco antes.

José curvou-se profundamente e Ranofrit não viu o

relâmpago de estranho júbilo que se esboçou fugitivamente de sob as suas sobrancelhas espessas.

Na tarde desse mesmo dia, Putifar chegou a casa ébrio de ventura; acabava de estar com Ranofrit, que lhe dispensara o melhor acolhimento e, embora um tanto pálida, repetira resolutamente que o aceitava como esposo e não fizera oposição alguma quando ele selara os esponsais com um ardente beijo em seus lábios róseos.

Tendo mandado chamar José e despedido todo o mundo, o chefe dos archeiros disse alegremente:

— Cumpriste a palavra, servo fiel, e eu não esquecerei que contribuíste para a minha felicidade; mas, dize-me: que fizeste para ganhar tão prontamente o coração da moça, desviando-se desse fedelho de Hor?

— Não mo perguntes, senhor, não poderia explicar-te o que eu mesmo não compreendo; sei, apenas, que na tribo de meu pai, entre os pastores, conhecem a força misteriosa dos astros e a maneira de torná-los favoráveis.

"Se conseguem atrair para si ou para outrem qualquer corrente benéfica, o êxito é completo, homens e

coisas se tornam propícios ao fim colimado."

O C H A N C E L E R DE F E R R O

59

— Não interrogarei sobre teu segredo, fiel servo, mas já que conseguiste atrair sobre mim uma corrente tão favorável, recebe isto como prova da minha gratidão e, de sobra, toma para ti uma medida de anéis de prata.

Putifar entregou-lhe um anel que tirou do dedo e um alamar de manto de ouro cinzelado. José agradeceu calorosamente, beijou-lhe a mão e retirou-se.

A notícia do consórcio a ninguém admirou, mas despertou um pouco de ciúme entre as mulheres. Hor entristeceu-se com o fracasso das suas esperanças, mas não se admirou muito de que a moça, talvez persuadida pelos parentes, o tivesse abandonado por um homem imensamente rico, bem colocado e bastante moço e belo para impor-se.

Os preparativos nupciais se fizeram rapidamente. Esperava-se apenas a chegada de Potífera, o irmão da noiva, que devia vir de Heliópolis logo que lhe permi-

tissem as múltiplas ocupações do alto cargo.

Por causa do alegre evento em perspectiva, toda a casa estava em dobadoura: as aias de Maia e da cunhada trabalhavam dia e noite por terminar a tempo as indumentárias festivas da senhora e o enxoval de Ranofrit.

Só a noiva estava pensativa e silenciosa. Um misto de alegria e constrangimento apertava-lhe o coração e ela pensava muito mais no intendente do futuro marido que no próprio marido. Mas, disso ninguém se apercebia e todo o mundo, inclusive Putifar, atribuía aquela melancolia ao desencontro de sensações que experimenta uma donzela no mais grave momento da sua vida.

Em compensação, a pequena Asnath exultava, plenamente feliz e na melhor harmonia com Putifar. Este fazia-lhe todas as vontades, cumulando-a de presentes, e era tão grande a amizade entre os dois que Ranofrit, brincando, se declarou enciumada.

Dois dias antes do casamento, chegou Potífera. Era um homem de quarenta anos, alto, grave e respeitável em todos os seus atos. O rosto altivo e regular exprimia ener-

gia e vontade inflexíveis, mas nos grandes olhos negros, debaixo da serenidade criada pelo hábito, escondiam-se

uma alma apaixonada e sentimentos de orgulho e ambição. Seu olhar penetrante lia na alma alheia, sem desvendar os segredos de suas próprias emoções. Qualquer que fosse, entretanto, o fundo do seu ser, o sacerdote de Heliópolis era muitíssimo estimado pela amenidade e igualdade do caráter; sua ciência e sabedoria impunham respeito e a indulgente bondade que prodigalizava aos amigos tornava-o adorado por eles. Era o melhor dos maridos e dos pais, e tinha por sua irmã Ranofrit uma afeição inteiramente paternal, porque nascida de segundas núpcias paternas. Ela ficara em seu poder depois que uma catástrofe a orfanara, quando os pais se afogaram no Nilo.

O sacerdote era bastante perspicaz para não ter logo descoberto que a irmã não compartilhava o amor apaixonado de Putifar e perguntou a si mesmo, surpreso, que

razão poderia levar uma criatura jovem, bela, cercada de homenagens, a desposar um homem que lhe era indiferente.

Observou atentamente e verificou que ela estava pensativa, triste às vezes, e atormentada por uma surda inquietação. Veio-lhe, então, a idéia de que procurava abafar no casamento o malogro do seu ideal e resolveu interrogá-la.

Na véspera do casamento, aproveitou uma hora de solidão para conversar com a irmã e, com as mais afetuosas expressões, pediu-lhe que lhe abrisse o coração. Acrescentou que, sendo seu irmão e amigo, saberia assegurar-lhe a felicidade de outro modo que não fosse a ligação a um homem a quem não amasse. Ranofrit lançou-se-lhe nos braços, chorou, mas declarou que se unia a Putifar voluntariamente, sem nenhum pensamento oculto. Potífera não insistiu, mas continuou a observar. As núpcias, apesar do grande número de convidados, não lhe adiantaram coisa alguma. Mas no dia seguinte, em uma festa oferecida pelos recém-casados, notou subita-

mente José que, com todo o desembaraço, dirigia os escravos e cujo único olhar era bastante para estabelecer a ordem na chusma de criados. Os olhos percucientes do

sacerdote pregaram-se na estatura esbelta do moço hebreu, no seu rosto tão delicado, tão inteligente, que despertava atenção, mesmo na roda aristocrática que enchia a sala.

Quanto mais fitava José, tanto mais experimentava um sentimento de aversão que não podia explicar. Como se tivesse sentido que o fitavam, o hebreu voltou-se e seus grandes olhos verdes mergulharam qual chama viva no olhar de Potífera. Mas logo baixou as pálpebras e desviou a cabeça.

"Não é um homem ordinário, um escravo rústico, mas, qual a razão desse ódio que me inspira?" — murmurou o padre. "Será um pressentimento a prognosticar algum futuro acontecimento? Este homem, que sente o meu pensamento, possuirá eflúvios desastrosos que venham a

ser fatais para Ranofrit!" Veio-lhe então de relance a suspeita de que o intendente de Putifar poderia ser o ímã misterioso que atraía a irmã àquela casa, visto como a inferioridade social nunca foi obstáculo ao amor. "Devo saber quem é este homem e qual o seu papel aqui" — resmungou Potífera, a quem o pensamento de que a irmã pudesse esquecer o que devia a si mesma e ao marido, tinha feito subir o sangue à cabeça. Sem perda de tempo, procurou o cunhado, chamou-o para um lugar solitário e interrogou-o. Putifar, de boa mente, contou o que sabia de José, elogiou o zelo e atividade desse criado inigualável, assim como o seu saber muito superior ao de um homem da sua condição.

— Muito saber em um escravo é perigoso, eu não me fiaria nisso e receio, Putifar, que estejas alimentando uma serpente debaixo do teu teto. Este homem inspira-me aversão e o orgulho que transparece de todos os seus traços nada de bom pressagia. Vende-o, desfaze-te dele...

O chefe dos archeiros retrucou com um riso intempestivo e declarou que por nada deste mundo se privaria

de um servo que lhe adivinhava os desejos e nunca poderia ser substituído.

IV

A MULHER DE PUTIFAR

Ora, José era muito belo de rosto e muito agradável. P a s s a d o muito tempo, lançou sua a m a os olhos sobre ele.

Quando, pois, o marido voltou para sua casa, ela por prova da sua fidelidade lhe mostrou a capa, com que tinha ficado. — *Gênese,* cap. XXXIX, w. 6, 7, 16.

Durante os primeiros meses de casamento, Putifar ficou tão embriagado de ventura que nem mesmo percebeu que Ranofrit continuava pensativa e distraída, e que o seu amor era muito menos ardente que o dele. Além disso, o chefe dos archeiros era obrigado a ausentar-se constantemente e a moça tinha muitas horas de insulamento, durante as quais era assaltada por pensamentos

cada vez mais perturbadores e perigosos. Nada lhe perturbava mais os sonhos doentios, porque o sacerdote tinha partido com a familia, as visitas e recepções tomavam apenas um tempo relativamente curto, ao passo que via José todos os dias, deixando-se cada vez mais apaixonar pelo belo intendente, que só lhe testemunhava respeitosa humildade, não reparando jamais nos olhares ardentes que ela lhe deitava.

O moço hebreu se impusera uma linha de conduta da qual não se arredava; parecendo respeitar humildemente a autoridade da senhora, nada fazia sem lhe receber as ordens. A propósito de qualquer negócio, embora mínimo, solicitava a sua decisão, jamais saindo da reserva discreta e comedida, de serviçal consciencioso.

Na realidade, via perfeitamente a paixão que inspirava e começava a ultrapassar os limites que se tinha proposto traçar-lhe. Não queria ter nela mais que uma aliada, um dócil instrumento que não entravasse a liber-

dade e privilégios que desfrutava na casa de Putifar.
Enfim, uma presa valiosa, caso se tornasse viúva. Este último plano, sub-repticiamente gerado em seu cérebro, no dia em que utilizara a força oculta que os sábios modernos batizaram com o nome de hipnotismo, havia amortecido de longa data.
O chefe dos archeiros era de têmpera propícia a longa vida e José não pensava, absolutamente, em abreviar-lhe os dias. E enquanto Putifar vivesse, o muito amor de Ranofrit constituía perigo para si. Mas esta última não deixava de ser uma filha do ardente Egito. Agasalhado nalma, o primeiro impulso desenvolvia-se rapidamente, enchendo-a de sensações desconhecidas. Assim que, sentia de longe a aproximação do rapaz; qualquer proposta que ele apresentava para o governo da casa parecia-lhe partir dela própria; e quando o tinha diante de si, modesto, reservado, olhos baixos, ficava imersa num misto de cólera e de impaciência.
O bom Putifar nem sequer suspeitava dessas tempestades secretas no coração da mulher, e Ranofrit as dissi-

mulava com a astúcia própria do sexo. Também, quando um dia o marido surpreendeu-a agitada e com os olhos úmidos, indagando pressurosamente o que tinha, ela declarou resolutamente que vivia para morrer de tédio, porque ele a deixava só, dias inteiros. Putifar riu com abundância de coração, explicou as necessidades do serviço que o retinham, contra a vontade, fora do lar, e, por fim, acrescentou:

— Creio que gostas do canto e da harpa: pois bem, o intendente José é um músico mais perfeito que os cantores do templo e, se quiseres, dar-lhe-ei ordem para distrair-te nas horas de enfado, com os cânticos do seu

país, que eu próprio gosto de ouvir porque são esquisitos e penetrantes.

Ranofrit abraçou o marido e agradeceu a lembrança, um tanto perturbada. Ele satisfeitíssimo por ter achado aquele meio de distração, mandou chamar o intendente e ordenou-lhe que cantasse e tocasse para distrair a se-

nhora nos dias em que, depois do jantar, houvesse de ausentar-se. O hebreu agradeceu humildemente a honra concedida, mas Putifar não reparou na expressão de contrariedade e zombaria que lhe transpareceu no rosto, enquanto se inclinava até o chão.

Dias depois, Putifar tinha saído e Ranofrit, no andar térreo, respirava o ar fresco da tarde, ouvindo distraidamente uma escrava que cantava monótona endeixa, acompanhando-se na cítara. Imediatamente surgiu José, seguido de um escravo com uma harpa e, com a habitual discrição, perguntou se o autorizava a distraí-la com o seu canto.

— Sim, certamente, canta-me qualquer melodia do teu país. Meu marido disse-me gostar de ouvi-las e que lhe agradam pela originalidade — respondeu Ranofrit, recostando-se comodamente nas almofadas do leito de repouso e fitando o mancebo. Este levou a harpa mais para perto dela e tocou um prelúdio com perfeição consumada. Depois, os brilhantes arpejos se diluíram em ondas de bizarra melancolia, um delicioso murmúrio do

canto hebreu. José tinha uma voz soberba, sonora, flexível, aveludada, que fazia vibrar e palpitar as fibras do coração de Ranofrit. Como que fascinada, ela não podia despregar os olhos do rosto pálido do moço escravo, dos seus grandes olhos sonhadores, que fitavam o vácuo como se não vissem coisa alguma do que os cercava. Verdadeiramente, nesse instante, ele havia esquecido a existência mesma de Ranofrit, seu pensamento voltara-se sobre si mesmo e, sob a impressão do próprio canto, regredira no tempo. O passado, já longínquo e muitas vezes esquecido, empolgara-o; revia as vastas planícies verdejantes, os numerosos rebanhos sob a guarda dos irmãos, as virgens da tribo dançando, à tarde, ao som

da sua lira, finalmente o pai, que, sem dúvida, chorava a sua morte. As cenas da vida simples, rústica, pobre, porém livre, desenrolavam-se uma a uma diante do seu espírito, despertando sentimentos longamente recalcados. O filho do deserto suspirou logo pelo ar puro dos campos,

pelos vastos horizontes da sua terra; o luxo, o refinamento da vida atual pareceram-lhe apenas o invólucro dourado da sua condição de escravo, e pungitiva amargura atravessou-lhe o coração.

Quase inconsciente de o fazer, a sua voz metálica modulava todas essas impressões dalma. Por fim, calou-se enquanto os dedos deslizavam ainda pelas cordas, arrancando-lhe os últimos arpejos. O sonho desse passado, ao qual não mais pertencia, extinguiu-se bruscamente: vinha de encontrar o olhar flamejante da senhora e recaiu na realidade. Mas, sob a impressão dos pensamentos e das lembranças que acabavam de agitá-lo, apenas sentiu uma fria indiferença pela egípcia. Repugnou-lhe o próprio sentimento que lhe tinha inspirado, e seu olhar desdenhoso caiu sobre o rosto inflamado da moça. "Desejaria ainda alguma coisa de ti?" dizia claramente esse olhar; mas Ranofrit não o compreendeu. Levantara-se e, tomando um copo de vinho, estendeu-o a José fazendo-lhe sinal que se aproximasse.

— Bebe e refresca-te; depois, vai descansar. Agra-

deço o prazer que me deste; na verdade, tens uma voz admirável e desejaria aprender a cantar essas melodias estranhas e comovedoras. Talvez resolva aproveitar as tuas lições.

Ele, braços cruzados, inclinando-se:

— Ordena e o escravo será feliz ensinando-te o pouco que sabe.

Ficando só, Ranofrit encolheu-se na poltrona, fechou os olhos e refletiu: acabava de compreender que uma paixão fatal lhe empolgara todo o ser, e essa descoberta intimidava-lhe o coração. Não lhe viera ainda o pensamento de uma ligação criminosa, mas, era assaz impulsiva, apaixonada e imprudente para procurar um antídoto eficaz à moléstia da sua alma. Assim, cuidou somente de

gozar o mais possível, com a vista, o objeto do seu amor, deleitar-se com o som daquela voz poderosa e fascinadora, que a inebriava inteiramente de sensações novas.

Putifar concordou de bom grado com as lições de

canto e mesmo de harpa. A ternura que lhe prodigalizava a jovem esposa, tornava-o completamente feliz e nunca lhe passou pela mente que ela pudesse deitar olhos amorosos a um servo.

As lições começaram, portanto, e tiveram como primeiro resultado que Ranofrit deslumbrasse o marido, cantando-lhe muito sofrivelmente uma das pequenas canções rústicas e originais. O segundo resultado foi perder o domínio de si mesma, mal dissimulando a violenta paixão que a escaldava. José tudo percebia e experimentava certa inquietação, tendo mesmo procurado, por sugestão, diminuir o transbordamento da chama que ele próprio ateara. Mas o ensaio falhou e não quis arriscar-se a destruir completamente um sentimento que poderia transformar-se em ódio. Convém acrescentar que só incompletamente sabia manejar a força oculta de que se servia, pois Schebna só lhe ensinara parte da sua ciência e, embora ele tivesse aprendido muitas coisas no Egito, a condição de escravo lhe vedara a porta da iniciação.

Essas lacunas do saber levaram-no a cometer desacertos

prejudiciais aos seus interesses.

Um dia em que Putifar acompanhava o Faraó na caça e só voltaria muito tarde, José achava-se novamente junto da jovem discípula.

A lição terminara e, sentado num escabelo baixo, cantava, por ordem dela, uma das melodias prediletas. Apoiada no encosto da cadeira, Ranofrit devorava-o com os olhos, impacientando-se com o humilde recato em que ele se blindava... Nesse instante, quanto não daria para que aqueles grandes olhos perdidos no vácuo, cheios de melancólico sonhar, mergulhassem nos seus um olhar de amor, um desses fulgurantes relâmpagos que, às vezes, fugitivamente, neles fuzilavam!

Assomada da própria loucura, tudo esquecendo, pôs subitamente a mão no ombro do rapaz e inclinou tanto

a linda cabeça que os negros cabelos anelados roçaram a face do cantor, e murmurou com profunda emoção:

— Amo-te!

O moço interrompeu o canto, estremecendo; depois, sem levantar os olhos, respondeu com a voz velada (um olhar foi bastante para verificar que a sala estava vazia e as criadas afastadas):

— Minha nobre dama, sei que tua bondade pelo escravo é sem limites e que amas os modestos talentos que os deuses lhe deram para distrair-te.

Os lábios de Ranofrit tremeram. Ela desejava-o mais ousado naquele momento e, inclinando-se mais, repetiu:

— É a ti que eu amo!

No rosto do hebreu desenhou-se uma ruga, seu olhar agudo e frio mergulhou um instante nos olhos ardentes da moça; depois, retirando a mão que pousava ainda em seu ombro, levantou-se, recuou alguns passos:

— Grande e precioso é o galardão que me concedes, nobre esposa do poderoso Putifar; tão precioso mesmo, que não posso aceitá-lo, pois esqueces que o homem pelo qual sentes criminosa paixão, é escravo do teu marido. Amo a vida, nobre Ranofrit, e conheço os castigos com que a lei egípcia pune o adultério; mas, ainda que essas

leis não existissem, teu esposo cumula-me de tantos benefícios, tendo sido sempre para mim não um senhor mas um pai, que eu preferiria a morte a um atentado contra a sua honra. Lembra-te de tudo isso, poderosa senhora, e de futuro não tentes mais com tua beleza e com palavras meigas o pobre escravo que te serviu sempre com fidelidade.

Lívida e trêmula, Ranofrit ouvira a dura resposta do homem que supunha enlouqueceria de ventura, rojando-se-lhe aos pés em arroubos de adoração.

E ele, insolente, a convocava ao dever, nada queria dela. Teve a sensação de uma bofetada em pleno rosto e titubeou, em vertigem, sob o olhar gelado das pupilas verdes que a fitavam impassíveis.

Não se moveu, não fez um gesto para sustentá-la;

mas a egípcia já se aprumava e, com as mãos encolhidas,

dava um passo para ele. Ao desmaio sucedera uma raiva louca.

— Patife, cão impuro e abjeto — exclamou com voz sibilante —, que ousadia é essa? Se tu, agora mesmo mendigasses, a meus pés, um olhar de amor, eu te repeliria como a um animal asqueroso! Sim! és meu escravo, posso fazer de ti o que quiser e saberei recompensar-te. Agora, sai — acrescentou, batendo-lhe no rosto. Fora de si, voltou-lhe as costas.

José fizera-se tão branco como o pano dobrado que lhe cingia os rins; faces ardentes, a cólera sufocava-o, mas, dominando-se corajosamente, deixou rápido o andar térreo, enquanto Ranofrit se deixava pender na cadeira e rebentava em soluços.

Abafando de raiva e de apreensão, José correra direto ao quarto e nele se trancara. "Vil e impudica criatura — resmungou enrijando os punhos —, como me vingarei da tua afronta por te haver chamado ao cumprimento dos teus deveres?"

Qual leão enjaulado, cruzou no quarto, ruminando planos de vingança mais ou menos temerários e esquecendo que fora ele próprio o instigador do sentimento que

lhe valera uma bofetada.

Pouco a pouco asserenou-se e, à medida que meditava mais friamente a situação, deixou-se empolgar pelo receio de que Ranofrit procurasse vingar a afronta recebida. Esse receio era bem fundado e, certamente, a moça tinha melhores meios de o inutilizar do que ele de vingar-se dela. Sombrio e preocupado, encostou-se à janela e refletiu. Súbito, audacioso pensamento lhe brotou na mente: Se vingasse o plano temerário e perigoso, mudaria de chofre o seu destino, levando-o ao pináculo da fortuna. Se Putifar desaparecesse agora, libertando Ranofrit, seria fácil reconciliar-se com a louca apaixonada que faria tudo o que ele quisesse. E uma vez esposando Ranofrit, teria atingido a meta que desejava, de uma vida rica e independente.

Esse pensamento, nascido de súbito, absorveu-o logo completamente; e quanto mais ruminava o plano, tanto

mais fácil lhe parecia executá-lo; e menos perigoso até

do que o rancor da mulher apaixonada e caprichosa a quem havia ofendido. Precisava, porém, agir com presteza. Sabia que o chefe dos archeiros costumava beber, ao deitar-se, um copo de vinho que lhe deixavam à cabeceira. Não faltaria a esse hábito naquele dia, quando voltasse tarde, fatigado da excursão e da festa que devia prolongar-se no palácio do Faraó. Se chegasse a lançar no copo algumas gotas do veneno vegetal que Schebna o ensinara a preparar?

Dois anos antes, fabricara um frasco desse tóxico tão sutil que não deixava traço algum, mas nunca o havia empregado; agora, poderia utilizá-lo sem que jamais a menor suspeita o atingisse, porque, desde o casamento de Putifar, não mais penetrara no dormitório dos amos.

Enquanto assim pensava, elaborando o plano tão inopinadamente nascido, a noite caíra e, todavia, esperou ainda. Depois, quando julgou que Ranofrit estava deitada e adormecida, apanhou o frasco e insinuou-se pelo jardim. Caminhando sem ruído, qual fantasma, chegou perto das janelas do quarto de Putifar e da esposa. Num gabine-

te contíguo, ficava sempre uma escrava para atender a qualquer necessidade da senhora. Habitualmente era Acá, jovem muito simpática e afeiçoada ao intendente, quem ocupava esse gabinete. Aproximando-se distinguiu-a logo, à claridade de fraca lamparina.

— Acá — murmurou baixinho.

A serva voltou-se espantada, mas, reconhecendo logo o rapaz pela estatura, correu à janela. Era uma formosa rapariga, esbelta, morena, com grandes olhos de gazela. Amava-o e como ele lhe testemunhasse menos orgulho e severidade do que às outras, acreditava-se também amada, afagando a esperança de que chegasse a pedi-la em casamento.

— Queria falar-te um instante, Acá, sem ser incomodado pelos importunos — disse em voz baixa — porém, vai antes ver se a senhora está dormindo e depois **corre** ao caramanchão, na extremidade do jardim (donde se **vê** toda a rua) e repara se vem o carro de Putifar.

A moça corou, pensando que ele queria, enfim, confidenciar o seu amor e, fazendo com a cabeça um sinal afirmativo, desapareceu qual sombra no quarto de Ranofrit. Logo depois, voltou:

— Sim, está dormindo... vou ao caramanchão — murmurou galgando a janela.

Ele enlaçou-a e, levantando-a como uma criança, largou-a no chão; mas, tanto que ela desapareceu na sombra das árvores, saltou a janela e, na ponta dos pés, dirigiu-se para o quarto.

Uma lâmpada de óleo perfumado iluminava fracamente o quarto, o vasto leito dourado envolvido de tecidos fenícios e a pequena mesa lavrada, na qual cintilava o copo dourado de Putifar.

Deitada nas almofadas, olhos cerrados, Ranofrit não dormia, como acreditara Acá. Apenas absorta nos seus pensamentos, não se tinha movido ao entrar a criada, supondo que esta se julgasse chamada. Havia passado a tarde inteira agitada por uma tempestade de emoções. Sacudida entre o amor e o ódio, buscava coordenar o caos

dos seus sentimentos. A lembrança da ofensa recebida, do amor desdenhado, despertava-lhe um novo acesso de raiva. Um ligeiro ruído foi perturbá-la de novo, no ritmo das suas cogitações. Supondo fosse Acá, abriu os olhos resolvida a passar-lhe uma boa reprimenda pela importunação, mas eis que a voz se lhe extinguiu na garganta. Acabava de ver José a encaminhar-se para o leito.

Um mundo de sentimentos contraditórios agitou-lhe o cérebro diante do homem em quem se concentravam todos os seus pensamentos. Ele vinha, portanto, lamentar a sua conduta. O amor triunfava da prudência e o levava a implorar perdão. Que fim o levaria até ali, senão o de uma reconciliação? Assim concluindo, esqueceu a injúria sofrida e todos os planos de vingança; não viu outra coisa além do porte elegante do moço hebreu, o seu perfil regular, que se inclinava para a mesa.

Segurando o frasco, José aproximara-se do leito e levantava a mão para derramar as gotas letais no copo, quando, súbito, uma sombra branca se levanta a seu lado

e dois meigos braços enlaçaram-lhe o pescoço, enquanto uma voz vibrante murmurava: "Amas-me e vens... oh! eu o sabia!"

Como em vertigem, o rapaz ficou um instante petrificado. Supunha ver um abismo abrir-se-lhe sob os pés. Se Acá ou o senhor o surpreendessem ali, se vissem o frasquinho que apertava na mão, estaria perdido.

Glacial suor inundava-lhe o corpo e, sob o império da prostração, deixou-se enlaçar sem resistência. Foi só quando sentiu nos lábios um beijo ardente, que saiu do seu torpor e procurou desprender-se, exclamando com voz rouca: "Deixa-me!" Quanto mais queria desligar-se das cadeias vivas que o prendiam, tanto mais Ranofrit, no seu louco desvario nele se enroscava. Empenhou-se um mudo combate; prestes, porém, o fino e superexcitado ouvido do hebreu percebeu um barulho de rodas que penetravam no primeiro pátio. Sem dúvida era Putifar que voltava. Louco terror apoderou-se dele. Recuou, arrastando fora do leito a moça sempre agarrada ao seu pescoço, mas

já não havia tempo de contemporizar e, empregando a superioridade da força, empurrou-a com tal violência que ela caiu na esteira e ele tratou de fugir.

Ao ver-se novamente no jardim, respirou aliviado.

Não tinha, porém, reparado que, no auge da luta, a moça havia agarrado a túnica e, ao cair, arrancara-lhe um pedaço, junto ao pescoço. Evitando Acá, que vinha do outro lado, correu qual veado em apuros, até ao quarto, despiu-se no escuro e estendeu-se no leito. "Talvez, pensou suspirando, talvez esteja salvo!"

Ranofrit levantou-se lívida e agitada. Ao cair, tinha esbarrado de encontro ao leito e podia-se-lhe ver na testa um traço azul do tamanho de uma avelã; pescoço, braços, mãos estavam arranhados e a fina túnica de linho ficara rota de alto a baixo.

Respirando dificilmente, sentou-se à beira do leito.

Só a sede de vingança agitava-lhe desta vez a alma; procurava um meio de agir, quando ouviu os passos do marido no quarto vizinho. Um plano verdadeiramente feminino assomou-lhe então ao cérebro: "Miserável cão ingrato

— rosnou —, não quiseste meu amor, então saboreia o meu ódio!"

Nesse instante, com um facho na mão, uma velha negra levantou o reposteiro e deixou entrar Putifar que, vendo-a meio caída no leito e vestida de modo que bem claramente denunciava uma luta, parou estupefato.

— Ranofrit, minha amada, que te aconteceu? Estás pálida de morte — exclamou, lançando-se para ela e tomando-lhe as mãos trêmulas.

A princípio nada respondeu às reiteradas perguntas do marido; rangia os dentes e deixou pender a cabeça no peito de Putifar. Mas logo se aprumou e disse com voz sofreada:

— U m a . . . uma afronta sem nome, na tua ausência; ele veio, o miserável, e . . .

Os soluços impediram-na de continuar. Uma onda de sangue afluiu ao rosto do chefe dos archeiros, mas, procurou dominar-se; deitou-a, deu-lhe a beber alguns goles

de vinho do seu copo, que felizmente ficou intacto, e só então perguntou:

— Quem ousou aqui penetrar e insultar-te? Di-lo e fica certa de que o culpado pagará caro esta audácia.

Ranofrit levantou-se, olhos cintilantes:

— José, o miserável hebreu a quem cumulaste de benefícios, arrastou-se até aqui e tentou ultrajar-me com o seu amor impuro. Olha os sinais da sua brutalidade! (Mostrou-lhe os braços arranhados.) Fugiu com o ruído de teus passos, mas aqui tenho na mão um pedaço da sua túnica, arrancado na luta.

Abriu a mão e entregou ao marido um pedaço de pano amarelo com listras azuis.

— José, o infame, o ingrato, em paga de meus benefícios ousa erguer os olhos para minha mulher? Ei-lo ultrapassando os limites. Dá-mo — disse arrancando o fragmento de pano da mão da mulher —, vou mandá-lo prender e, amanhã, será julgado.

Voltou apressadamente para o gabinete de trabalho, chamou dois criados e, acompanhado por eles, dirigiu-se

ao aposento de José.

O CHANCELER DE PERRO

73

Este fingia dormir, prestando, entretanto, *atenção ao* movimento exterior. Imediatamente estremeceu e o coração parou de bater: passos de homens ressoavam no corredor, depois a porta se abriu bruscamente. O clarão das tochas iluminou o quarto e a voz de Putifar troou irônica:

— Olhem como este cão está bem acomodado! Ah! está dormindo? Apanha-lhe a túnica, Bebi, quero vê-la.

Como de prever, verificou-se que o retalho adaptava-se exatamente ao rasgão e, convencido por este exame, Putifar deu um soco no ombro de José, que, virado para o lado da parede, não sabia da prova terrível que estava nas mãos do senhor. Fingir o sono por mais tempo era impossível; levantou-se como que em sobressalto e seu primeiro olhar caiu em Bebi, que lhe segurava a túnica e o pedaço delator. Tomado de vertigem, caiu sem sentidos no leito.

— Eis uma confissão bem clara — rosnou Putifar e,

voltando-se para os escravos, acrescentou: — amarrem-
-no e vigiem-no até amanhã!

Voltando para junto de Ranofrit, abraçou-a, aconse-
lhando-lhe que se acalmasse e contou-lhe o que acabava
de ocorrer.

A moça, ouvindo-o com curiosidade, perguntou que
espécie de castigo esperava o culpado. Mas quando soube
da terrível punição que a lei egípcia infligia aos delitos
desse gênero, estremeceu e súbito remorso mordeu-lhe o
coração, de vez que José não era tão criminoso quanto
insinuara ao marido.

Ambos dormiram mal a noite, porque Putifar, de
índole boa e generosa, sempre indulgente com os escravos,
incomodava-se antecipadamente com o cruel castigo que
ia impor ao homem que, de tanto tempo, o servia com
fidelidade, e se lhe tinha tornado indispensável. Não
podia esquecer que José o auxiliara a conquistar essa
mesma Ranofrit, a quem julgava ofender mostrando-se
muito indulgente. Deplorava a sorte do insensato, a quem
uma louca paixão acarretara a perda e repugnava-lhe o

pensamento de mutilar esse jovem, tornando-o desgraçado por toda a vida.

Ranofrit, por sua vez, tinha o espírito torturado em busca de um pretexto para aliviar a sorte de José. Ouvindo o marido suspirar e remexer-se na cama, desconfiou que também ele lamentava o favorito e, naquele suspiro, descobriu o ensejo que procurava.

Vinha rompendo o dia quando Putifar levantou-se e foi sentar-se junto da janela. Absorto em sombrias cogitações, sentiu que um braço enlaçou-lhe o pescoço, uma face aveludada roçava pela sua e uma voz macia lhe sussurrava:

— Meu senhor e meu esposo bem-amado, vejo que sofres com a obrigação de promulgar uma cruel sentença contra um bom servo que, até ontem, nunca mereceu a tua cólera.

Pois bem! Eu também não quereria que este moço insensato perecesse por minha causa. Tentou ultrajar-me,

é verdade, mas os deuses me protegeram e devemos considerar que agiu enceguecido por uma paixão impura.
Se meu pedido agradar ao teu coração, sê indulgente para com o insensato e, em vez de o mutilar, manda-o castigar em tua presença e envia-o para uma propriedade remota. Tão duro exemplo o levará a reconsiderar o seu ato e dentro de alguns anos poderás indultá-lo e dar-lhe outro cargo, senão o mesmo que ocupava.
Putifar abraçou-a efusivamente, parecia-lhe que tirava um peso do coração.
— Obrigado por tuas boas palavras, minha querida, por tua generosidade que me dispensa de uma cruel sentença, iníqua talvez.
Compreendo que ninguém te possa ver sem apaixonar-se, e será essa talvez a única atenuante do miserável. Farei como dizes e, na presença de todos os nossos servos, dar-lhe-ei corretivo exemplar. Depois, mandá-lo-ei para uma herdade, perto de Tanis. Julgar-te-ás assim desafrontada?
— Sim, sim — murmurou Ranofrit, apoiando-se pesa-

damente no ombro do marido.

José tinha passado horas infernais: de pés e mãos amarrados, atirado como um feixe de lenha ao canto do

quarto, cuja entrada era guardada por dois vigorosos negros, compreendia bem, pela maneira por que o tinham amarrado, que não era mais o poderoso intendente das terras e bens de Putifar, esperando dentro de algumas horas um suplício espantoso e infamante. Torcia-se rangendo os dentes, nuvens de sangue escureciam-lhe os olhos quando pensava em Ranofrit, a miserável mentirosa que o tinha perdido. Sabia a sentença que lhe competia e, com certeza, o esposo ultrajado não o pouparia.

Tal o coroamento dos seus sonhos de grandeza! A glória, o poder que o caldeu lhe havia prometido... Mentira! mentira! E toda essa desgraça, toda essa vergonha, devia-o à mulher abominável a quem por tal modo odiava nessa hora, que seria capaz de estrangulá-la com volúpia. Mas, matá-la era pouco; torturá-la, sim, aniquilá-la como

o fazia a ele próprio. Foi uma felicidade para José que os dois guardas negros nada compreendessem das frases hebréias que lhe escapavam na raiva, sem o que tê-lo-iam espostejado por tais ultrajes aos amos.

Terminou, finalmente, a noite que lhe pareceu uma eternidade; o dia clareou e por fim Pinéias, o segundo intendente, apareceu com malicioso sorriso, anunciando-lhe que o ia conduzir à presença de Putifar, a fim de ser açoitado e depois desterrado para uma propriedade remota, "não para governá-la, bem entendido", terminou com maliciosa satisfação o bravo Pinéias, que, na qualidade de verdadeiro egípcio, sempre detestara José, estrangeiro e escravo tão altamente elevado por uma fantasia do senhor.

A primeira sensação foi a de imenso alívio: uma punição corporal nada era comparada à mutilação; mas, de súbito, o selvagem orgulho irrompeu violento. Alguma coisa nele se revoltou ao pensamento de ser surrado, vergastado diante dos fâmulos, aos quais tinha dirigido e mais de uma vez mostrado a sua severidade. Tonteou-lhe

a cabeça e, fechando os olhos, bamboleou nas pernas.
Alguns vigorosos pontapés e a manopla brutal que
o segurava pela gola sacudindo-o, deram-lhe a noção da
realidade e foi sob uma saraivada de murros e dichotes

alusivos à sua síncope, coragem em arriscar a cabeça e
fraqueza diante de um risco muito menor, que o arrasta-
ram até o pátio interior, onde já se comprimiam todos
os escravos. Momentos depois, apareceu Putifar.
Liam-se o espanto e a descrença na fisionomia dos
grandes e pequenos criados, que se apinhavam em todas
as entradas. Não podiam compreender como o seu inten-
dente, o homem de confiança do senhor, sofresse tão ver-
gonhosa punição.
— Miserável ingrato que pagas meus benefícios com
um inaudito insulto — disse Putifar, fitando com severo
olhar o rosto lívido e enrugado de José —, sabes qual a
pena da lei; mas, por piedade e em consideração aos teus
serviços, contento-me em castigar-te e banir-te da minha

presença.

— Meu bom e poderoso senhor, estou inocente; nunca ousaria tocar em tua esposa — respondeu José, e sua voz metálica, vibrante, repercutiu em todo o pavimento. — Foi ela quem me perseguiu e ordenou fosse ao seu quarto, a pretexto de me dar ordens; depois, em ali chegando, falou-me uma linguagem vergonhosa, rogando-me que te traísse em tua ausência. Quando quis fugir, agarrou-se a mim e . . .

— Não te calarás, língua de víbora, infame debochado que juntas a calúnia ao insulto! — gritou o chefe dos archeiros, pálido de cólera. — Como ousas acusar tua senhora? Minha mulher jamais pensaria em manchar-se ao contacto de um abjeto escravo. Merecias te arrancassem a mentirosa língua, para atirá-la aos cães. Tomai-o, vós outros, e castigai-o do melhor modo.

Fulo de raiva e orgulho, o servo estoicamente procurou suportar em silêncio os golpes que no corpo lhe choviam; mas, vencido pela dor atroz, estorcia-se e soltava aulidos de animal selvagem.

Ranofrit conservava-se no jardim. Pálida, trêmula, mãos no peito, prestava atenção aos gritos aflitivos, misturados de rugidos, os quais, amortecidos pela distância, atingiam-lhe o ouvido. Sabia que esses gritos eram dados naquele momento por seu castigo. Tapou os ouvidos, fugiu

para o outro lado do jardim e, respirando dificilmente, encostou-se numa árvore. Mal sabia ela quão duramente deveria pagar aquela hora.

Quando terminou o flagício, o rapaz estava desmaiado e Putifar, cujo bom coração mitigava sempre a severidade, ordenou que o levassem para um quarto comum, curassem-lhe as feridas, dessem-lhe algum alimento e só o fizessem partir quando suficientemente restabelecido. Mas, que o guardassem à vista, para impedir que fugisse.

Ao recobrar os sentidos, o hebreu torceu-se de dor e raiva impotente. Estava deitado na palha, as costas em chaga viva. Qualquer movimento causava-lhe dores cruciantes, mas estava só e não amarrado. Uma grande bilha

dágua, ao lado, permitia-lhe estancar a sede voraz. Ruídos e passos na porta do reduto fizeram-no compreender que estava vigiado, mas isso pouco lhe importou. Não cuidava de fugir, cuidava de se vingar, de fazer pagar bem caro a Putifar e à mulher a humilhação e o sofrimento que acabava de sofrer.

— Espera — murmurou fechando os punhos —, o cão imundo saberá vingar as suas torturas, nobre Ranofrit. Cobrir-te-á de tal vergonha que nenhuma água perfumada poderá apagá-la. Sabeis ambos vós de que força invisível disponho?

Inteiramente absorto neste pensamento, chegou a esquecer momentaneamente os sofrimentos e o primeiro resultado de suas reflexões foi que devia readquirir algumas forças antes de tentar qualquer coisa. Fingiu, pois, uma prostração extrema e, como Putifar ordenara que só o despachassem depois de melhorado, deixaram-no tranqüilo.

Na terceira noite sentiu-se mais forte e, temendo tardar muito, resolveu tentar vingar-se nessa mesma noi-

te. Quando o pálido luar, entrando pela abertura do teto, encheu a prisão de uma luz baça, retirou do pequeno breve, que sempre trazia no pescoço, a pedra mágica, e, apertando-a nas mãos, concentrou-se profundamente. Seu rosto descorado e magro tomou uma cor lívida, os olhos selvagens chamejaram, uma escuma esbranquiçada pero-

lou nos cantos da boca entreaberta e o delgado corpo dobrou-se como o da pantera que tocasse a presa. Depois ergueu a mão que segurava a pedra e, em voz baixa, mas distinta, pronunciou estas palavras: "Ranofrit, vem aqui, adormecida, ordeno-te."

Repetindo três vezes o apelo, levantou a outra mão com um gesto imperativo e ficou imóvel. Tudo era silêncio, o escravo que vigiava a entrada adormecia e apenas sua respiração cadenciada e estrepitosa perturbava a calma da noite. Acocorado na penumbra, fitava a porta, manejando sempre a pedra mágica, cujos raios azulados iluminavam-lhe os dedos retraídos.

Súbito repercutiu um ruído, levantou-se a grosseira esteira que servia de porta, Ranofrit apareceu na entrada e, passo incerto e automático, avançou para o hebreu. Os longos cabelos negros estavam soltos, os olhos fechados e a cabeça pendida para trás; apenas vestida com uma túnica branca e transparente, aproximava-se, como que atraída por um ímã, para a enxerga do inimigo, que logo lhe agarrou a mão, atraindo-a para si.

O rosto do hebreu tomou uma expressão indefinível de cruel triunfo e de infernal maldade. A hora da vingança tinha, pois, chegado. Podia, agora, perder para sempre a bela Ranofrit, por quem tanto havia sofrido, envolvendo-a, assim como a Putifar, em indelével vergonha.

Gritos agudos, dados pelos criados, alarmaram rapidamente toda a casa. As escravas saltavam da cama supondo um incêndio, o alarme propagou-se logo aos aposentos dos amos. Putifar despertou sobressaltado e, não vendo Ranofrit, atirou-se do leito e precipitou-se na direção dos gritos que ainda continuavam. Nesse mesmo

instante, José inclinara-se para a moça e soprava-lhe numa voz imperativa:

— Desperta!

Ela estremeceu e abriu os olhos, mas, vendo-se inopinadamente em um lugar meio escuro e desconhecido, Junto de um homem a quem, a princípio, não reconheceu,

recuou espantada e quis fugir. Um pulso de ferro a deteve e uma voz vibrante de cruel ironia ordenou:

— Fica, fica, bela concubina; vejam Putifar e todos mais que eu sou inocente.

Interrompeu-se com um riso seco, depois começou a gritar.

O guarda, já acordado, precipitara-se no interior e, vendo uma mulher que se debatia procurando sair das mãos do prisioneiro, quis auxiliá-la, mas reconhecendo nessa mulher a jovem ama, recuara espantado.

Minutos depois, ouviram-se passos tumultuosos que se aproximavam de todos os lados; alguns homens com ar-

chotes penetraram no ambiente e o vulto alto de Putifar assomou à porta.

Ao ver Ranofrit sempre segura por José, parou petrificado, enquanto o outro exclamava estendendo-lhe as mãos:

— Veja, senhor, até aqui veio provocar-me esta impudica mulher, oferecendo-me seu criminoso amor. Crês agora que estou inocente? Vês, com os teus servos, que foi ela quem veio tentar ainda um infeliz prisioneiro, maltratado e degradado?

Muda de horror, olhos dilatados, Ranofrit escutava as acusações, sem compreender por que fatalidade ali estava naquele local desconhecido, onde nunca tinha posto os pés. O rosto contraído de José, seus gritos agudos, o contacto da sua mão fria e úmida, que lhe segurava o braço, inspirava-lhe indizível terror, mas a atitude dos criados espantados, o rosto transtornado de Putifar, encheu-a de vergonha e desespero. Compreendeu que estava perdida e, dando um grito rouco, tombou desmaiada.

O semblante bronzeado do chefe dos archeiros cobrira-se de uma palidez esverdeada e seu olhar ficara crava-

do em José, que, acocorado na palha, ao lado de Ranofrit imóvel, dardejava sobre ele um olhar de ódio e de triunfo. Estava horrível, nesse instante, com as faces macilentas, os cabelos em desordem e os sanguinolentos sulcos que lhe zebravam o torso.

Uma tal cólera, misturada de vergonha e dor, apoderou-se de Putifar, que sua mão procurou instintivamente o punhal que sempre trazia na cintura. Não o encontrando, porém, e tão habituado a dominar-se, ocultou a tempestade íntima, ao pensar que os gritos de José foram dados para agitar a casa toda e vingar-se dele e de Ranofrit — a indigna criatura cuja baixeza o feria em pleno coração.

Perfilando-se com voz rouca, disse:

— Que este cão impuro não passe mais uma hora nesta casa: levem-no incontinenti à prisão da casa branca (a casa branca era a cidadela de Mênfis, contendo os cárceres dos prisioneiros do Estado e dos mais terríveis

criminosos); amanhã darei minhas ordens a Hormahou.
Abaixou-se e, com uma brutalidade que jamais demonstrara ao último dos escravos, tomou Ranofrit pelos longos cabelos e ensaiou, com gesto violento, pô-la de pé; mas, como estava ela sem sentidos e recaísse inerte, arrastou-a para fora do quarto e ao longo do corredor, sempre pelos cabelos. Aí seu velho criado de confiança, e Nefrou, sua ama, a quem muito amava, embargaram-lhe a passagem e, caindo de joelhos, gritaram, chorando e levantando-lhe as mãos súplices.

— Senhor, senhor, tem piedade de tua esposa, não laves teu coração na primeira cólera, pois talvez viesse a lamentar-te. (1)

Olha, ela está como morta e foi sempre boa e pura; o mau-olhado do hebreu maldito caiu sobre ela e atirou-a à desgraça. Oh! permite-nos levá-la para longe deste lugar nefasto.

Putifar parou, trêmulo, passou a mão pelo rosto: sim, se alguém fosse dotado de mau-olhado, seria sem dúvida esse homem cujo olhar era de serpente. Sem responder,

largou os cabelos de Ranofrit e precipitou-se no gabinete.

(1) Lavar seu coração significa em egípcio vingar-se: é expressão tiplea e usual, que é preciso conservar.

Enquanto os dois velhos rodeavam Ranofrit, alguns escravos arrastavam José da prisão e um deles exclamou raivoso:

— Feiticeiro maldito, os demônios, teus irmãos, sabem sem dúvida com que sortilégio desfechaste esta desgraça; entretanto, dou minha cabeça a cortar em como isto é bruxaria, uma calúnia inventada por tua detestável língua.

E, cheio de cólera, bateu-lhe no rosto com tanta violência que o sangue jorrou do nariz e da boca.

Minutos depois, José, titubeante, ensangüentado, deixava a casa de Putifar.

V

O QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA

O senhor de José, muito crédulo

n a s acusações de s u a mulher, ao ou-
vir e s t a s palavras, encheu-se de fu-
ror, e fez meter José na prisão onde
se guardavam aqueles que o rei m a n -
dava prender. — *Gênese,* **capítulo**
XXXIX, w . 19, 20.

Portanto, se supomos Putifar um
ministro da polícia, ou chefe dos ar-
cheiros (soldados, não da guarda do
r e i) , lhe atribuímos u m a dignidade
conforme aquela supramencionada.
Como chefe dos archeiros, é por
sua dignidade um cortesão de F a r a ó ;
no desempenho do seu cargo, as pri-
sões, as punições corporais e as
execuções capitais são da competên-
cia de sua jurisdição, pode-se pois
considerá-lo c o m o chefe dos carras-
cos. G. Ebers, *L' Egypte et les livres*
de Moise.

Auxiliada pelo velho Tot, a velha aia levou Ranofrit para o quarto e, despedindo duramente Acá, a quem tinha como amásia do hebreu detestado, dedicou seus cuidados à moça, procurando fazê-la voltar a si. Longo tempo friccionou com essência aromática o rosto e o peito da doente, friccionou-lhe os pés e as mãos, derramou-lhe vinho na boca, apelando para todos os deuses de Mênfis e mis-

turando essas evocações com invectivas contra José, a quem odiava, como todos os criados de Putifar.

Por fim, Ranofrit abriu os olhos e, à lembrança de tudo o que ocorrera, deu um grito desesperado e rolou na cama como louca.

— Ah! senhora querida, que fizeste e como podias expor-te assim à vergonha? — gemeu a velha, desfeita em lágrimas.

— Nefrou, estou inocente — exclamou, atirando-se nos braços da velha escrava. — Este feiticeiro hebreu envolveu-me num sortilégio. Que me condenem todos os

juízes do Amenti se eu sei como fui parar na enxovia desse animal abjeto. Juro-te, nunca tinha visto aquele lugar e não me levantei para procurá-lo.

— É com certeza um mágico dos mais perigosos. Não enfeitiçou o senhor, que tudo lhe confiava, e preferia este estrangeiro, este assecla de Tifon, aos seus mais fiéis servidores? Com essas mesmas forças tifônicas, atraiu-te para lá, por vingar-se da sova que apanhou.

— Oh! o maldito! Mas como provar minha inocência e que diz Putifar? — perguntou ansiosa e ofegante.

Nefrou pôs-se a gemer e a bater nos peitos:

— Senhora querida, sua cólera é tanta que se me enregela o coração quando penso nisso. Tremo por ti e não ouso pensar na sua vingança. Que poderás tu alegar em tua defesa?

Vendo-a recair lívida e trêmula no leito, a boa Nefrou abraçou-a, chorou com ela, buscando consolá-la com palavras ternas e carinhosas, qual se o fizesse a uma criança; seu coração, porém, estava cheio de amargura e o de Ranofrit petrificava-se na agonia.

Enquanto isso, Putifar permanecia no seu gabinete.

As horas que aí passou foram as mais terríveis de sua vida.

A princípio abandonara-se a uma raiva louca, sapateando, arrancando as vestes, proferindo blasfêmias surdas. A essa superexcitação sucedera um morno desespero: a honra estava manchada, o amor destruído, a mulher que adorava, perdida para sempre; tinha-o preterido, por

um escravo impuro. José estaria, pois, verdadeiramente inocente; punira-o injustamente, mas, também, como se vingara ele despertando com seus gritos toda a casa e tornando os escravos testemunhas do seu opróbrio! A tal lembrança, o sangue lhe recomeçou a ferver, sua cólera e seus pensamentos se concentraram em Ranofrit; devia repudiá-la e queria puni-la com toda a severidade prescrita na lei; far-lhe-ia cortar o nariz pela mão do carrasco, depois a expulsaria.

Mas, ao pensamento de desfigurar aquele rosto en-

cantador, cujo radiante sorriso e cujos traços tão delicados não se cansava de admirar, o coração lhe fraqueou, deu um gemido e lágrimas amargas correram-lhe dos olhos. Entretanto, devia puni-la e não podia conservá-la. Por fim, parou, decidindo que mandaria expulsar Ranofrit a vergastadas, da casa que ela conspurcara e isso em presença de todos os fâmulos. Ele próprio lhe comunicaria a sentença a executar no mesmo dia.

Defrontando o marido e à vista do seu rosto lívido e sombrio, Ranofrit, trêmula qual folha solta, caiu de joelhos, levantou para ele as mãos juntas e exclamou soluçante:

— Perdão! perdão! estou inocente, o maldito hebreu enfeitiçou-me, tirou-me a razão.

Putifar cruzou os braços e, fitando-a com olhar ardente, respondeu com um riso seco:

— A desculpa é boa, mas pouco convincente: crês, na verdade, mulher indigna, nódoa da minha honra, que te perdoarei a cena atroz com que me entregaste à zombaria de todos os meus escravos? Não: tua presença é-me

odiosa; renego-te como esposa e, hoje mesmo, mandar-
-te-ei expulsar a vergastadas; os escravos te lançarão na
rua, a fim de que a multidão possa contemplar e vaiar a
vil criatura que cobiçou o amor de um escravo, de um
impuro.

Ranofrit deu um grito e segurou a cabeça com as
mãos; depois, precipitou-se como louca para o marido,
abraçando-lhe os joelhos, agarrando-lhe as vestes, supli-
cando-lhe com gritos e lágrimas lhe perdoasse ou permi-

tisse deixá-lo sem escândalo. Que não a entregasse a uma
tal vergonha, por deferência **a** seu irmão, à sua família,
enfim, por piedade para consigo mesma.

O desespero e as lágrimas da mulher a quem, apesar
de tudo, amava ainda, transtornaram-no; seu coração
apertou-se dolorosamente e, temendo fraquear, ceder a
um sentimento que lhe parecia desairoso, perfilou-se, ex-
clamando: "Deixa-me!" Repeliu-a com violência e fugiu.

O choque fora tão brusco que a moça caiu de costas,

mas não desmaiou; e quando Nefrou, em lágrimas, levantou-a, deixou-se sentar em uma cadeira e, de mãos cruzadas, convulsivamente, olhos secos e brilhantes, abismou-se em sombrias reflexões.

Por fim, ergueu-se e passando a mão pelas faces da fiel criada ajoelhada a seus pés, disse com ar fatigado:

— Vai e deixa-me só, boa Nefrou; quero orar aos deuses para que me aliviem e amparem na desgraça; mais tarde te chamarei, ou me prevenirás se alguma coisa de horrível se preparar.

Logo que a velha escrava saiu, Ranofrit saltou da cadeira, torceu os braços e, com gemidos abafados, andou pelo quarto; procurava coordenar as idéias, lembrar alguns pormenores da terrível aventura, mas a memória não ajudava. Deitara-se como de costume: por qual incompreensível acaso, ao despertar, achava-se na enxovia do hebreu? Era sempre um mistério!

Com um estremecimento de horror e mágoa, lembrou-se da máscara macilenta do escravo, corpo maltratado, olhos respirando vingança e infernal satisfação, a mão

úmida e gelada que a retinha ao seu lado qual uma pinça de ferro. Ah! estava irremediavelmente perdida! E como viver desonrada, desprezada de todos? Que diria o irmão, o altivo Potífera, a hipócrita Maia e mesmo o folgaz Rameri! Eles também a repeliriam com horror.

Oh! quanto era infeliz! Não, mil vezes **a** morte e isso depressa, porque Putifar não acreditava nos seus protestos **e, a** qualquer momento, os escravos poderiam entrar, segurá-la e, com injúrias **e** pancadas, atirá-la na rua. Escondeu **a cabeça** nas mãos **e** uma torrente de lágrimas

jorrou-lhe dos olhos. Nesse instante, pareceu-lhe ouvir passos no quarto contíguo: arregalou os olhos espantados, depois lançou-se para um tamborete ao pé do leito e no qual estavam ainda a clava e o pequeno estilete que Putifar ali tinha posto na véspera; presa de excitação febril, tomou este último e, com o pulso mal seguro, enterrou-o no flanco.

Um instante ficou ainda de pé, rosto em fogo, olhos

desmesuradamente abertos; de repente empalideceu, oscilou, uma nuvem escureceu-lhe a vista —, uma torrente de sangue a inundava — e, num grito rouco, caiu no soalho.

Num estado dalma indescritível, misto de amor, cólera e desespero, Putifar andava de um lado para outro e apesar da imutável resolução de vingar cruelmente a injúria infligida à sua honra, custava-lhe pronunciar a ordem de expulsão. Já por vezes levantara a mão, para tocar o tímpano de bronze e recuara indeciso. Sob o império dessa exaltação, não notou, a princípio, o rumor, o tumulto que atroava pela casa; mas logo os clamores misturados de soluços se tornaram tão estrepitosos, chegando à porta do seu quarto, que, possuído de sinistro pressentimento, abriu bruscamente a porta e percebeu o velho Tot a correr como louco, arrancando os cabelos, batendo a cabeça de encontro às paredes e repetindo: "ó dia de desgraça! dia nefasto!"

— Que há? que significam teus gritos? — perguntou Putifar em tom imperioso, agarrando o escravo pelo braço.

— Oh! oh! a senhora matou-se! — uivou o servo.

O chefe dos archeiros recuou como apunhalado; num instante tudo lhe desapareceu dos olhos; mas, dominando a emoção, precipitou-se para o quarto de Ranofrit. Em todos os compartimentos contíguos viam-se escravos de ambos os sexos a correrem tresloucados, gritando e gesticulando; a maioria, porém, apinhava-se à entrada do quarto de dormir, de onde partiam gritos pungentíssimos.

À vista do amo, todos se arredaram para lhe dar passagem e então ele divisou Ranofrit estendida numa poça de sangue. Rodeavam-na Nefrou e algumas servas, sol-

tando lúgubres gemidos que a dor arranca, ainda hoje, às mulheres do Oriente.

Respirando com dificuldade, sacudido por estremecimentos nervosos, Putifar ajoelhou-se junto da moça, que realmente parecia morta; depois, auscultou-lhe o peito: julgou sentir um tênue arfar do coração e ergueu-se resoluto. Tendo ordenado aos criados corressem ao templo em

busca dos médicos e a todos os mais que voltassem às suas ocupações, levantou Ranofrit e, auxiliado por Nefrou, levou-a para o leito; em seguida, retirou o estilete da ferida, lavou a chaga e pensou-a provisoriamente, para impedir a efusão do sangue.

Sinceramente condoído, aproximou-se do rosto impassível da moça. Muito deveria ter sofrido para vencer o medo da destruição, inato na criatura humana, antes de procurar a salvação na morte.

Desesperado e raivoso cerrou os punhos: se ela tivesse dito a verdade? se um sortilégio do hebreu, sequioso de vingança, a tivesse atraído?

Sabia que ele dispunha de forças secretas... Não tinha forçado essa mesma mulher a aceitá-lo como esposo?

— Se voltares à vida, tudo, tudo perdoarei — murmurou tomado de súbita resolução. — Ra, senhor do Céu, tomo-te por testemunha do meu juramento!

Como se o deus dispensador da luz e da vida tivesse ouvido o voto e querido provar que o aceitava, Ranofrit,

nesse instante, fez um movimento, gemeu fracamente, depois abriu os olhos. Reconhecendo o marido que, pálido e desfigurado, inclinava-se para ela, uma expressão de indizível espanto se lhe esboçou no semblante.

— Tua honra está vingada apenas, deixa-me morrer aqui, porque a verdade é que não fui ao quarto dele esta noite — proferiu com voz entrecortada.

O coração de Putifar apertou-se dolorosamente:

— Vive, pobre mulher; perdoarei tudo — respondeu comovido e afagando o rosto de Ranofrit.

Um sorriso de alegria e de inefável gratidão iluminou o belo rosto da paciente, quis levantar-se, mas, ao mover-

-se, a ferida causou-lhe dor tão aguda que recaiu soltando um grito. Empanaram-se-lhe os olhos e ciciou: "Adeus! teu perdão vem muito tarde!" Perdeu de novo os sentidos.

Mãos trêmulas, o chefe dos archeiros procurava fazê-la voltar a si quando a cortina da porta foi levantada e um padre do templo de Ptah, acompanhado por um

auxiliar, conduzindo um estojo, penetrou no quarto.

Com um suspiro de alivio, Putifar foi-lhe ao encontro. Se a salvação fosse possível, o homem de ciência a traria.

Minuciosamente, o velho padre examinou e sondou a chaga; depois aplicou um bálsamo, ligou-a e indicou as prescrições necessárias.

— O ferimento é grave mas não mortal; se os deuses forem clementes, tua esposa viverá — declarou, despedindo-se.

Horas mais tarde, um mensageiro partia para Heliópolis, para anunciar ao sacerdote que a irmã estava gravemente enferma e pedir-lhe que viesse, ou, ao menos, autorizasse a cunhada a vir tratá-la.

Coração ansioso, Putifar passava todas as horas disponíveis a cabeceira da esposa, que delirava em febre ardente e, no delírio, chamava-o, jurando que, por sua vontade, nunca penetraria no quarto do hebreu, e maldizendo o mágico que a tinha perdido. Toda a casa parecia mergulhada em opressão: Ranofrit era assaz estimada

por sua bondade e indulgência; os escravos unanimemente lamentavam-na e recusavam acreditar na sua culpa.

O mágico maldito, o intrigante, teria usado de qualquer artifício para perdê-la, era um axioma indiscutível nas cozinhas e quartos comuns. Com dedicação respeitosa, toda essa pobre gente buscava servir e aliviar a jovem ama. Todas as discussões a seu respeito terminavam com palavras de tristeza e olhos úmidos.

A notícia de grave moléstia da irmã, sem outro detalhe explicativo, abalou vivamente o sacerdote; e como lhe era impossível deixar no momento Heliópolis, foi Maia quem, a toda pressa, pôs-se a caminho com Asnath. Chegando a Mênfis, ficou apavorada com a grande transfor-

mação que se operara no cunhado: não só havia emagrecido como profunda tristeza, algo de grave e misterioso, pairava em todo o seu ser. A figura de Ranofrit impressionou-a ainda mais, pois era apenas a sombra do que fora. Ao delírio sucedera uma completa prostração.

Diante da tia estirada como morta, a pequena Asnath pôs-se a chorar ruidosamente e Putifar, lendo um pedido de explicação no olhar inquieto da cunhada, quis contar-lhe o que se passara. Maia, porém, viu tão claramente que a confidência causar-lhe-ia cruciante dor, logo suspeitou de algum drama íntimo e, apertando fraternalmente a mão de Putifar, disse-lhe:

— Deixa as explicações, meu irmão; mais tarde me dirás tudo; agora, leva a menina cujo pranto pode perturbar a doente.

Três semanas decorreram. Os médicos declararam Ranofrit fora de perigo e, lentamente, ela voltava à saúde: morna, porém, silenciosa, nada tinha confiado à cunhada sobre as causas da sua moléstia e Maia nada sabia ainda do estranho drama que se consumara. Putifar visitava raramente a esposa desde que ela entrou em convalescença, e, algumas coisas no seu tom e maneiras, bem como no olhar triste e severo, provavam à esposa do sacerdote que um grave acontecimento nublara o céu conjugal dos jovens esposos. Também, apesar da sua

curiosidade, Maia absteve-se de interrogar a Ranofrit, porque a julgava muito debilitada, e a Putifar porque este evitava, visivelmente, tocar no assunto.

A esse tempo, chegou Potífera, a quem os correios tinham posto regularmente a par do estado da irmã. Também ele notou imediatamente a mudança nas relações conjugais, mas não fez advertência alguma e, somente à tarde, quando a sós com a mulher, perguntou-lhe se sabia o que houvera.

— Nada sei, mas suponho que alguma coisa de muito grave houve entre eles — respondeu Maia. — Em primeiro lugar, devo dizer-te que a moléstia de Ranofrit provém de um ferimento perigoso, que tinha no flanco. Nada te escrevi, porque ficarias ainda mais inquieto e um estra-

nho enigma pesa sobre toda essa história. Todos se calam e a própria velha Nefrou, a quem procurei sondar, tem, evidentemente, medo de falar: sem dúvida lho proibiram. Não sei mesmo o que pensar. Talvez Putifar a tenha fe-

rido: m a s . . . por quê? Teria Ranofrit esquecido seus deveres de esposa?

— Que dizes? — interrompeu Potífera, de cenho carregado — minha irmã faltar ao pudor e à honra? Impossível! Hor seria o único que poderia induzi-la em tentação; sei que lhe agradava, mas é muito honesto para estender a mão à mulher de outrem.

— Talvez eu esteja enganada e as razões sejam outras: certo, Putifar dir-te-á a verdade. No dia da minha chegada ele desejou — creio — confiar-me o que se passara, mas eu não consenti que aumentasse as próprias tribulações.

Dois dias passaram. Putifar parecia imerso em contínua inquietação, às vezes bocejava como se quisesse dizer alguma coisa, mas logo recaía em abismal meditação.

O sacerdote nada lhe perguntou, mas observou atentamente e, em primeiro lugar, notou a ausência do intendente hebreu, do qual o cunhado era tão zeloso e a quem ele por sua vez detestava como só se detesta a um igual.

Surgiu-lhe bruscamente a suspeita de que podia existir

um nexo entre esse belo mancebo e a moléstia de sua irmã, mas, todo o orgulho de Potífera se revoltou ao simples pensamento de que Ranofrit tivesse podido lançar os olhos para um impuro.

Depois da refeição da tarde, que os dois homens tomaram em silêncio, Potífera perguntou, fitando o cunhado com olhar percuciente:

— Dize-me por que não vejo o hebreu, teu intendente, com quem estavas tão satisfeito, está doente?

Um relâmpago de ódio e cólera chispou dos olhos de Putifar:

— Está na prisão, onde apodrecerá até que estoure — respondeu com voz breve e rouca.

O sacerdote inclinou-se, pôs a mão na do cunhado e disse afetuoso:

— Alivia teu coração e dize-me o que se passou, meu irmão. Vejo que sofreste muito e não duvido que o hebreu esteja envolvido em tudo isso. um pressentimento, que

não engana jamais, tornou-me este homem odioso desde a primeira vez que o vi, e um sonho profético, que tive ultimamente, faz-me recear seja este maldito a causa de muitas desgraças.

— O que te vou dizer é já o bastante para justificar tua aversão — disse Putifar, passando a mão pela fronte úmida de suor.

Depois, descansando os braços na mesa, relatou em voz baixa e reticenciosa tudo o que se havia passado.

— Compreendes que a hipótese de ver um rival no escravo não me tinha passado pela mente, e ainda agora meu espírito recusa a admiti-la. Entretanto, ele esteve no quarto de Ranofrit: que ia lá fazer? Ela afirma que ele atentou contra a sua honra, ele diz que foi ela quem o chamou e tentou. Ela apresentava contusões e um pedaço das vestes do biltre ficara-lhe em mão, e contudo jurou-me, em momento solene, quando supunha estar morrendo, que o maldito lhe armara um sortilégio. Mas, se ele a tinha enfeitiçado, que ia fazer nesse quarto em minha ausência? Perco-me nestas conjeturas e o que sofri ao

vê-la, à noite, na masmorra do miserável, só os deuses sabem. Fiquei louco de vergonha e desespero, e de fato Ranofrit merecia a punição que desejava infligir-lhe, se se tivesse deixado levar por uma paixão tão abjeta; todavia, surpreendi nos olhos do hebreu uma satisfação tão cruel que, às vezes, creio na realidade de um sortilégio. Dize-me, Potífera, tu, homem de ciência, que pensas de tudo isto? Em todo caso, as aparências são contra ela e um abismo se cavou entre nós.

O sacerdote nada respondeu: descansando o rosto na mão, meditava profundamente. Após minutos que pareceram a Putifar uma eternidade, aprumou-se e disse gravemente:

— Longe de mim o pensamento de querer desculpar Ranofrit: as aparências são contra ela e tua cólera é justa; quero, somente, tratar de aprofundar e verificar

todos os indícios que possuímos, e, se possível, extrair deles a verdade ou, pelo menos, a probabilidade.

"Em primeiro lugar o hebreu é belo, inteligente, muito mais instruído do que pode e deve ser um escravo comum; enfim, é ambicioso e astuto, pois que da última classe dos criados soube elevar-se à posição de teu primeiro intendente e homem da tua confiança. Disseste-me que ele é originário de uma dessas tribos nômades que erram entre os países de Kewa (Fenícia) e de Naharana (Caldeia) e que operou em tua casa muitas curas maravilhosas. Isso me confirma na suspeita de que pôde, antes de cair na escravidão, estar em contacto com algum outro feiticeiro caldeu, que lhe ensinasse a manejar forças secretas, uma sobretudo: a de fascinação, que o homem possui, tanto quanto a serpente. A serpente fascina o pássaro que cobiça e que, invencivelmente atraído, vem lançar-se em sua goela; o homem impõe sua vontade a outro homem e pode levá-lo a praticar atos que sua consciência e sua razão repugnam.

"Acabo de dizer-te mais do que convém a um não iniciado, mas o caso que nos ocupa é excepcional e conheço a tua discrição. Admitido este ponto, José, enérgi-

co e ambicioso como é, e armado do espantoso poder oculto de que falo, poderia visar a um plano mais vasto do que seduzir uma linda mulher e querer fazer de Ranofrit um instrumento para subir mais alto ainda. Depois de haver despertado, pela força do encantamento, um criminoso amor no seu coração, sonhou elevar-se por seu intermédio e foi, talvez, para se desfazer de ti, matar-te, envenenar-te, que se insinuou no quarto de dormir. Ranofrit que não dormia, ou que despertara, quis talvez prendê-lo, e ele, receando ser apanhado, fugiu. Foi nessa luta que o fragmento da túnica foi arrancado. É, pois, claro que se o hebreu nada quis dela, sabendo-se amado, é porque tinha em vista um plano mais profundo e certamente mais criminoso. Quanto à presença de Ranofrit na prisão, é possível que lá fosse levada pela vontade do hebreu ávido de vingança."

Putifar ouvira, pálido e ansioso; depois, levantando-se bruscamente, deu alguns passos em redor do quarto. Uma

súbita luz acabava de brilhar em sua mente. Lembrava-se da proposta de José para conseguir o consentimento dessa mesma Ranofrit. Ele tinha cumprido a palavra, obtido o "sim" da moça, que, nada obstante, parecia preferir Hor. Se então ele tinha, por um processo misterioso, forçado a vontade de Ranofrit, poderia tê-lo feito uma segunda vez. Ela seria, pois, na verdade, uma vítima do perigoso mágico. Outrora, ele só tinha visto a felicidade de possuir a mulher amada, sem cuidar no meio empregado; agora, era vítima, por sua vez, do mesmo criminoso poder.

Com um profundo suspiro parou diante de Potífera:

— Tuas palavras me esclareceram muitas coisas e tuas lições são para mim realidades; deixemos, pois, este triste assunto. Perdoei a Ranofrit e esse maldito não ultrapassará mais, nunca, os umbrais desta casa. É preciso tratar de esquecer a nuvem que empanou a minha felicidade.

Quinze dias mais tarde, o sacerdote e sua família voltaram para Heliópolis; o estado de Ranofrit não mais apresentava perigo, e, visivelmente, sua robusta natureza

recobrava vitalidade.

Na véspera da partida, Maia teve com a cunhada uma conversa de coração aberto e a moça lhe jurou, banhada em lágrimas, que era inocente e naquela noite fatal não transpusera, conscientemente, o umbral do seu quarto.

Depois da partida dos parentes, uma vida triste e monótona começou para Ranofrit. Não saía, fugia dos homens, até a presença dos escravos lhe era odiosa e durante dias inteiros meditava, só, no terraço, ou no andar térreo, ruminando sombrios pensamentos, pensando na vergonha que se abatera sobre ela e lhe havia destruído a honra e a ventura.

Todos os dias Putifar vinha passar alguns instantes com a mulher; não lhe manifestava nenhum ressentimento, mas, no seu olhar triste e grave, ela adivinhava que ele não lhe tributava a afeição de outrora.

Também não ousava queixar-se, sentia que o marido tinha-lhe dispensado a maior indulgência, perdoando-lhe o inaudito escândalo. Mas a frieza nascida desse evento,

o insulamento a que se condenava, causavam-lhe amargo pesar e dolorosa tristeza.

A lembrança de José, agora, só lhe inspirava repugnância; em compensação, Putifar cada vez mais lhe conquistava o coração: interessava-lhe, ocupava-lhe todos os pensamentos; achava-o belo e bom; sua voz clara e imperiosa, quando o ouvia dando ordens, fazia pulsar-lhe o coração e uma horrível sensação de abandono a invadia quando se recordava do amor e dos cuidados com que Putifar a distinguia outrora; dos presentes que lhe dava; da orgulhosa satisfação com que a exibia em público, e de como era feliz em lhe consagrar qualquer hora de folga que lhe deixava o cargo.

A confidente única dos seus pesares e das suas lágrimas era a velha Nefrou, que desde então não a deixava e se tinha tornado para ela mais amiga do que serva. Graças a ela, estava sempre ao corrente do que fazia Putifar; sabia que ele saía amiúde, voltava tarde e trabalhava, às vezes, metade da noite. Conjeturou que seria

para abafar o seu desgosto que ele assim se esgotava.
Mais de dois meses passaram sem alterar a situação, mas, à medida que Ranofrit readquiria a sua beleza, vigor e vivacidade de espírito, mais lhe pesava o humilhante abandono. Depois de muito refletir, resolveu tentar uma reconciliação definitiva. Putifar era generoso e lhe havia votado verdadeira paixão. Seria insensível ao seu arrependimento, se ela se lhe rojasse aos pés, implorando perdão?
Confiou esse projeto a Nefrou, que lhe beijou os pés e as mãos com lágrimas de alegria, aconselhando-a a perseverar nessa boa resolução e, logo no dia seguinte, anunciou-lhe que o momento de tentar a prova era dos mais favoráveis, porque Putifar tendo voltado do palácio, onde jantara, estava só no gabinete e tudo indicava que velaria até tarde.
A boa velha vestiu-a com particular cuidado. Depois de perfumá-la com as mais preciosas essências, penteou e ungiu os longos cabelos negros, prendendo-os com um delgado grampo de ouro, que lhe rodeava a fronte; ves-

tiu-a com uma túnica de linho finamente crespa e cin-
giu-lhe a cintura de uma fita bordada. O que, porém,
tomou mais tempo, foi a escolha dos amuletos que Ra-
nofrit levou ao pescoço e que deviam tornar as divindades
favoráveis à sua empresa. Por último, Nefrou lhe pôs na
sandália direita uma folha da árvore da felicidade, e,
na esquerda, um pedaço de branda cera, pronunciando
um exorcismo cujo segredo possuía, e que, ao seu ver, de-
veria infalivelmente abrandar o coração do marido e
restituir a felicidade ao casal.

Assim armada de encantos visíveis e ocultos, a moça
demandou o gabinete do marido. A porta, vigiava, aga-
chada e com os braços cruzados, Tot, a fiel serva. Com
um gesto imperioso, Ranofrit ordenou-lhe que se retirasse;
depois levantou a cortina de lã e lançou para o interior
um olhar ansioso.

Uma lâmpada de bronze, cheia de óleo e pendente
de pequenas correntes, iluminava brandamente o gabine-

te e o rosto do chefe dos archeiros, que, curvado para um longo rolo de papiros, escrevia com ardor. Uma segunda lâmpada, elevada num pé de cobre, derramava pálida claridade no rosto regular e enérgico de Putifar, na mão que empunhava a caneta, no grande tinteiro e no acervo de pranchas e rolos que enchiam a mesa.

Um momento, coração palpitante, fitou o marido, tão absorto no trabalho que não ouvia nem via coisa alguma; mas pareceu-lhe tão austero, que ficou receosa. Se aqueles olhos baixos fossem dardejar nela um olhar de suspeição e desprezo? Se aquela boca fechada, em lugar do perdão esperado, pronunciasse uma sentença cruel, embora justificada?...

Respirando dificilmente, encostou-se um instante na porta, mas, dominando a fraqueza, aproximou-se de manso e, caindo de joelhos, tomou a mão do marido e apertou-a nos lábios.

Putifar estremeceu e, reconhecendo-a, uma onda de sangue inundou-lhe o rosto.

— Que significa tua vinda aqui, Ranofrit, e que me

queres? — perguntou de cenho carregado.

— Quero que me perdoes, que me restituas o teu amor; não posso mais suportar esta vida de isolamento, regada de desprezo — balbuciou com a voz abafada pelos soluços. — Oh! por que não morri, se devia arrastar, longe de ti, tão miserável existência!

Ele não retirou a mão que se conservava entre as suas; seu coração também batia penosamente, o amor apaixonado que ela lhe tinha inspirado latejava sempre sob as cinzas amontoadas pelo ultraje, e a súplica ardente das pupilas de veludo erguidas para ele não perdia o seu efeito. O orgulho e a dignidade masculina lutavam ainda contra essa fraqueza.

— Levanta-te, Ranofrit, dói-me ver-te assim diante de mim — disse com profunda tristeza. — Perdoei-te, continuas dona da minha casa, mas o que me pedes é impossível; meu coração sangra, porque muito te amei. Como restituir-te a minha afeição depois de tudo que se

passou e cuja origem ainda ignoro?

— Deixa-me a teus pés, é este o meu lugar. Vou dizer-te tudo, como se estivesse já diante de Osíris e dos juízes do Amenti; depois aceitarei tua sentença — murmurou toda trêmula.

Com voz soturna e entrecortada, relatou a estranha impressão que lhe causara José desde a sua primeira entrevista, todas as peripécias do louco arrastamento, em consciência reprovado, até o momento em que o escravo, com duras palavras, lhe recordara os seus deveres.

Quando, horas depois, se insinuou em meu quarto, acreditei, na minha loucura, que vinha para mim — confessou desfeita em lágrimas e rubra de vergonha —, mas ele tinha outro fim qualquer, inclinou-se para a mesa, porque me repeliu quando lhe segurei o braço; lutamos então e ele fugiu, deixando-me na mão o retalho da túnica.

Depois, não tornei a vê-lo, até o instante em que o deparei pendido para mim num lugar escuro e desconhecido, e não compreendo como lá fui ter. Ainda hoje, mi-

nha presença ali é um mistério para mim; lembro-me, somente, do indizível horror que me causaram a face

macilenta do miserável, seus olhos cintilantes de maldade e os dedos úmidos e gelados que se enterravam na minha carne. Quis fugir, empurrá-lo, mas não pude, e como ele me escarnecia com palavras insultuosas, perdi os sentidos. Agora sabes tudo: sê misericordioso para comigo.

Putifar a escutara, ofegante; cada palavra era uma confirmação das engenhosas suposições de Potífera. E não podia vingar-se conduzindo à morte o miserável mágico, que quisera envenená-lo para possuir a mulher que tão habilmente fingira conquistar a seu favor! Intentar um processo escandaloso seria mais grave para si e sua mulher, do que para um mísero escravo. Assim ponderando, enrijaram-se-lhe os punhos.

Ranofrit, que o observava ansiosa, estremeceu, vendo semelhante gesto, e perguntou súplice:

— Esqueceste-me? ou tua cólera aumenta em vez de acalmar-se?

Bruscamente arrancado às suas reflexões, voltou-se para ela e estreitou-a em seus braços:

— Agradeço-te essa corajosa e franca confissão e perdôo-te de lábios e de coração. Esqueçamos o nefasto passado e, a partir desta hora, comecemos vida nova. Promete-me que uma confiança absoluta reinará sempre entre nós; então, seremos fortes contra qualquer influência maléfica.

— Dedicarei todo o resto da vida a provar-te meu reconhecimento e a tornar-te feliz — balbuciou Ranofrit, enlaçando o pescoço do marido.

Mas os nervos superexcitados se afrouxaram bruscamente, e foi assaltada por um tal acesso de gritos e soluços, que Putifar teve de transportá-la para o quarto. Só um profundo sono, produzido pelo esgotamento, restituiu-lhe finalmente a calma.

VI

JOSÉ NA PRISÃO

M a s o Senhor esteve com José,
compadeceu-se dele, e fez com que
achasse g r a ç a diante do governador
do cárcere, que o encarregou do
cuidado de todos os presos que ali
e s t a v a m encarcerados. — *Gênese,*
cap. XXXIX, w. 21, 22.

Dominando parte da cidade com suas largas mura-
lhas denteadas, elevava-se na cidade de Mênfis o castelo
branco, como o chamavam pela altura das paredes re-
vestidas de cal. O vasto recinto da fortaleza encerrava
templos, arsenais, as prisões do Estado, quartéis da guar-
nição, imensos depósitos de forragens e, finalmente, os
alojamentos de todo o pequeno exército de oficiais e fun-
cionários dessa administração complicada. Soldados re-
crutados em grande parte na população semítica, que,
nesse tempo, dominava o Egito e comandados exclusiva-
mente por oficiais de sua raça, ocupavam a cidadela,
mantendo em respeito a população indígena, turbulenta
e surdamente rancorosa contra os opressores estrangeiros.

Haveria 400 anos, os Hyksos, ou pastores, ocupavam o delta do Nilo e uma grande parte do Egito, e, no curso desses longos séculos, os vencidos tinham civilizado os vencedores, que pouco a pouco lhes adotaram a língua, os costumes e a religião.

As camadas populares continuavam a adorar Soutech, a sombria e sangüinária divindade síria, que era a de seus

pais; mas um dos antepassados do rei, chamado Apopi, como ele, tinha substituído os deuses bárbaros do seu povo por um deus egípcio, cujo culto oficial era celebrado com pompa por um clero especial, e ao qual elevara magníficos templos em Tanis, sua residência habitual, e em Avaris, inexpugnável fortaleza e ponto de mira dos Hyksos.

Difícil dizer se essa inovação foi inspirada pelo desejo de assimilar mais as duas nações, ou por alguma simpatia pessoal do rei. O certo é que a escolha do deus Set, em todo o panteão egípcio, não só demonstra um conhecimento profundo da religião, como também uma medida

política bem determinada.

Com efeito, Set-Tifon, o assassino de Osíris, o rival de Horus, o pastor do rebanho de Kemi, é também o símbolo da preponderância do Norte sobre o Sul, do território do rei Hykso sobre as províncias do Sul, onde vegetavam miseravelmente, como simples nomarcas, pagando tributo, os descendentes dos antigos faraós, os únicos verdadeiros reis do Egito aos olhos dos padres e de todos os patriotas.

Ao tempo das inovações religiosas do rei pastor, o representante da legítima dinastia residia em Tebas e se chamava Taá I, com o seu sobrenome real: Sekenen-Ra (o sol belicoso), e seus vassalos apelidaram-no — o Grande. Embora este príncipe só tivesse o simples título de Hak, ou nomarca, e pagasse um tributo ao rei pastor, que o tratava como vassalo, gozava de incontestável superioridade sobre os outros chefes de *noma* das províncias do Sul, e em torno dele centralizavam-se todas as esperanças e surdas conspirações de todos os partidários da independência nacional, os quais farejavam o momento azado

para sacudir o jugo odioso do estrangeiro. Porque foi em vão que os reis pastores tomaram o título de faraós, apoiaram-se num colégio hierogramático, modelaram a Corte pela dos antigos soberanos, adotaram língua e costumes, cercaram-se de funcionários escolhidos no meio da nobreza egípcia: na alma do povo e sobretudo das altas castas sacerdotais e militares, eram considerados intrusos e usurpadores — *Hak chason* — como os chamavam desdenhosamente à socapa.

O papiro Salier, conservado no Museu Britânico, relata curioso episódio das inovações religiosas do rei Apopi e das conferências que a propósito houve entre ele e o rei Sekenen-Ra Taá I, chefe do país do Sul. A pretensão do rei pastor, de Amon-Ra, para substituí-los pelo culto de Set-Tifon, foi a gota que fez transbordar a paciência e a submissão secular do povo egípcio.

Então, como em nossos dias, as questões religiosas envenenavam mais que quaisquer outras paixões políti-

cas: deu-se uma insurreição, um levantamento geral, todo o Sul se reuniu em torno de Taá I, que desfraldou o estandarte da revolta e foi o primeiro que ousou atacar abertamente os poderosos opressores.

Mais de cem anos haviam decorrido e, contudo, os pastores não estavam ainda expulsos do país; a guerra da independência tinha continuado com alternâncias de fortuna pelos sucessores de Taá I, mas sem resultados positivos.

Por último, foram os Hyksos que venceram. De novo ocuparam Mênfis e pareciam mais poderosos que nunca; mas esse poder tinha perdido a solidez, o fermento da revolta infiltrara-se nas massas, a lembrança dos êxitos alcançados entretinha o entusiasmo, a esperança, e tornava duplamente pesado o jugo estrangeiro, que, por sua vez, cerrava fileiras, observando com desconfiança as surdas maquinações dos vencidos.

Sem dúvida, não faltavam covardes e aduladores na Corte dos reis pastores, indiferentes no seio do povo, que a nobreza e o medo forçam ao silêncio; nem avultado

número de nobres egípcios, que, ante o fato consumado e à força, serviam no exército e na administração; mas todos eram surdos descontentes, que sentiam duplamente qualquer injustiça e, no fundo do coração, odiavam o soberano, apesar das zumbaias que abertamente lhe faziam.

Na época aqui fixada, era de novo um Apopi que ocupava o trono. Homem de meia-idade, enfermiço, caprichoso e versátil, sujeito a ataques de epilepsia, a dores de cabeça e a cruéis insónias, diziam que na infância fora vítima de mau-olhado. Outros, mais instruídos, cochicha-

vam que o Faraó era dominado por um terrível sortilégio, porque nenhum remédio lograra curá-lo. Sobre o autor do sortilégio, as opiniões se dividiam: os Hyksos acusavam os padres egípcios como responsáveis e outros o atribuíam a uma mulher do harém do defunto rei, excitada pelo ódio e pelo ciúme contra o herdeiro do trono, em detrimento do seu próprio filho.

Uma parte destes comentários tinha chegado ao pró-

prio Apopi, enchendo-o de surdo ódio contra a casta sacerdotal e, ao mesmo tempo, inspirando-lhe uma predileção mórbida pelas ciências secretas, que cultivava com ardor. Seus trabalhos de ocultismo alternavam com o gosto apaixonado pelas festas, pelas mulheres, pelas caçadas perigosas e emocionantes. Ora se cercava de uma multidão ruidosa, ora se confinava na solidão e procurava acalmar, por meio de cânticos, ao som da harpa, a misantropia e os sofrimentos físicos que o atormentavam. O luxo de que se rodeava era excessivo e inspirava aos seus conselheiros vivos alarmas, porque, para satisfazer os caprichos dispendiosos do Faraó, era necessário aumentar os impostos, já muito pesados de si mesmos. Sombrio e desconfiado, Apopi acreditava-se sempre ameaçado pelas conspirações, e impedindo-lhe a prudência de ser cruel, como desejava, tinha enchido todas as classes da sociedade de espiões, que se introduziam até no seio das famílias, envenenando qualquer palavra que lhes parecesse suspeita. Semelhante situação criava poucos amigos ao caprichoso monarca. Ele o sentia, aliás, e mudava muitas vezes de favoritos, inutili-

zando bruscamente quantos, na véspera, tinha cumulado de honras. Também suas boas graças despertavam mais medo que alegria no coração dos eleitos, os quais logo sentiam a cabeça insegura nos ombros.

OBSERVAÇÃO N" 1 — O Autor entendeu que devia colocar aqui alguns extratos da obra especial de Chabas: ***Les Pasteurs en Egypte*** e da de Brugsch: ***Histoire de 1'Egypte sous les Pharaons,*** de vez que esses extratos confirmam a base histórica em que é decalcada esta narrativa. Eis, em primeiro lugar, o que diz Chabas:

"Depois de ter relatado o fato referido pelo papiro Salier e mencionado a inscrição funerária de Ahmés, filho de Baba, o qual, nascido sob o reinado de Sekenen--Ra, toma parte sob o de A h m é s I na captura de A v a r i s e na expulsão definitiva dos Hyksos, o sábio egiptólogo diz: "O rei Apopi do papiro era contemporâneo de Sekenen-Ra, um dos chefes do Sul que tra-

balharam pela libertação do país; s e m dúvida reinou no último século do domínio dos pastores. E s t e Apopi é o único pastor registrado historicamente; nada se sabe do nome n e m dos atos de seus predecessores e dos sucessores, os quais evidentemente se enfraquecer a m cada vez mais, até à expulsão final.

O Sekenen-Ra contemporâneo de Apopi (do papiro) e o Sekenen-Ra de Baba, pai de A h m é s , são duas personagens diversas, duas pessoas da m e s m a raça.

— Que o rei egípcio teve sucessores, está provado por seu sobrenome real: "O sol belicoso", m a s se persistisse em confundi-lo com o Sekenen-Ra Taá-Kene, o predecessor do vencedor de Avaris, seria preciso deixar de colocar em seu t e m p o o começo da guerra da independência, porque não se encontraria tempo para a longa duração que Maneton dá a e s s a guerra.

— Entretanto, toda a dificuldade cessa quando se sabe que duas outras personagens com o nome de Sekenen-Ra T a á existiram, as quais distinguiremos a s s i m :

1º — Sekenen-Ra, Taá, o Grande.

2º — S. R. Taá, o Muito-Grande.

3º **— S. R. Taá-Kene, o Muito-Vitorioso.**

Podemos pois, agora, considerar Taá, o Grande, como o primeiro chefe do Sul que se levanta contra os pastores; Taá, o Muito-Grande, continua a obra e, enfim, Taá, o Muito-Vitorioso, obtém contra os bárbaros os êxitos brilhantes que permitiram a A h m é s I expulsá-los definitivamente.

E sob o seu reinado que nasce Ahmés, filho de Baba, o chefe dos marinheiros que relata a tomada de Avaris. Sekenen-Ra Taá-Kene III, único designado como predecessor da XVIII dinastia, prova que os êxitos dos dois primeiros foram apenas parciais."

Brugsch, em s u a obra acima mencionada, diz "que uma tradição cristã muito antiga, conservada pelo padre

Syrcell, relata que José governou o E g i t o sob um rei pastor chamado Apopi, cujo reinado precedeu apenas

de a l g u n s anos o começo da XVIII dinastia; e, m a i s adiante, que se achou ultimamente u m a interessante confirmação dos sete anos de fome, no tempo de José, e isto na inscrição funerária de um egípcio chamado Baba, que viveu em El-Kab e, indubitavelmente, foi contemporâneo do patriarca Jacó, do seu filho José, a s s i m como do rei Sekenen-Ra".

Na inscrição funerária desse Baba, em El-Kab, fala-se de uma fome que durou longos anos; os termos do t e x t o funerário não deixam dúvida a l g u m a sobre a realidade do f a t o histórico, ao qual f a z e m alusão. Visto que u m a fome prolongada durante alguns anos só é mencionada uma vez na história do antigo Egito, no t e m p o de José, e que Baba, que traz o nome de A h m é s , o marinheiro, vivia como ele em El-Kab, no t e m p o de Sekenen-Ra T a á III, pode-se por aí tirar a conclusão de que a fome mencionada por B a b a e a que t e v e lugar ao tempo de José, são um m e s m o e único acontecimento.

Em último lugar, citemos S a y c e que, em seu livro

Alte Denkmaler im lichte euur forschung, **conta "que**

o egípcio Baba, inumado em El-Kab, que, na inscri-

ção do seu túmulo menciona a longa fome que desolou

o Egito, vivia, conforme a opinião geral, na época que

precedeu de alguns anos a elevação da XVIII dinastia,

o que fixa do modo m a i s positivo a época em que José

governou o Egito".

D e p o i s d e s s a d i g r e s s ã o h i s t ó r i c a , i n d i s p e n s á v e l e m b e n e f í c i o d a n a r r a t i v a , v a m o s r e t o m a r - l h e o fio, r e t r o g r a -

d a n d o à é p o c a em que J o s é foi c o n d u z i d o à p r i s ã o .

A i n d a d o e n t e e s o f r e n d o o s e f e i t o s d o cruel c a s t i g o , foi ele l a n ç a d o n u m c á r c e r e d o edifício r e s e r v a d o a o s p r i s i o n e i r o s d o ! E s t a d o e que, p o r isso m e s m o , e r a r i g o r o -

s a m e n t e v i g i a d o e os r e c l u s o s s u b m e t i d o s à m a i s d u r a d i s c i p l i n a .

O c a r c e r e i r o , a c u j a g u a r d a foi c o n f i a d o , e r a um H y k s o c h a m a d o Q u a p o u r , h o m e m b o n a c h ã o , q u e l o g o n o t o u a h u m i l d a d e do p r e s o e s e n t i u - s e c o m p a d e c i d o do i n t e n d e n t e d e g r a d a d o por m o t i v o s que, d e resto, n i n g u é m s a b i a .

Tendo muito trabalhado no exercício do cargo, Quapour fazia-se substituir, às vezes, na distribuição de víveres aos prisioneiros menos classificados, por um filho de nove anos. Com a astúcia e habilidade que lhe eram próprias, soube José entabular conversas cada vez mais amistosas com o rapaz e, por fim, propôs-lhe ensiná-lo a escrever, visto ser escriba e dispor agora, infelizmente, de muitas horas ociosas. O pequeno Atou contou ao pai, que autorizou as lições com prazer e, encantado com os progressos do filho, começou a interessar-se pelo professor.

O primeiro resultado dessa benevolência foi a mudança para uma prisão mais arejada e confortável, onde lhe deram colchão de palha e um manto; depois, a mãe de Atou começou a mandar-lhe ora um bom prato de carne, ora um favo de mel e uma pequena ânfora de vinho ou de cerveja. Por fim, Quapour foi um dia entreter-se com ele e, depois de discutirem as belas faculdades de Atou e o brilhante futuro de escriba real, que elas lhe garantiam, indubitavelmente, interrogou-o sobre a sua

origem, precedentes e as razões da sua desgraça.

Embora com reservas, José deu a entender que era vítima inocente da impudica paixão da senhora, que, por ele chamada ao cumprimento do dever, tinha-o caluniado e comprometido.

Depois dessa conversa confidencial, o carcereiro ia prazeroso, todos os dias, conversar um momento com o preso. Um dia em que chegara com uma bilha de leite, da parte de sua mulher, José notou-lhe o aspecto melancólico, apreensivo, e perguntou-lhe a causa.

— Ah! — respondeu Quapour, suspirando — tive esta noite um sonho que, certamente, pressagia alguma coisa, e não tenho ninguém para mo explicar; pois um primo, perito nessas matérias, morreu no ano passado e, quanto aos adivinhos do templo, custam muito caro.

— Queres contar-me o que viste? Talvez possa explicá-lo. Em nossa tribo havia uma mulher afamada por sua ciência divinatória e que, pelo bem que me queria, ensinou-me um pouco da sua arte.

O CHANCELER DE FERRO

— De boa-vontade, eu te conto: Vi-me sentado em meu quarto, perto da janela, e súbito vi um grande pássaro negro, trazendo no bico uma pomba branca; batendo ruidosamente as asas, entrou no quarto, deixou cair a pomba e desapareceu no quarto contíguo; aí o ouvi dar três gritos agudos e sair levando no bico outra pomba, porém negra, e morta. Não é verdade que esse sonho pressagia alguma desgraça? Mas, espera... espera... esqueci de dizer que, antes de entrar, o pássaro voltivolou diante da janela e deu sete gritos lúgubres e prolongados.

— Na verdade, teu sonho é funesto — respondeu José depois de ter refletido — e ao meu ver, eis o que significa: dentro de sete meses nascer-te-á uma filha, que vingará, mas, três dias depois, tua mulher morrerá.

Em virtude dessa predição, o pobre Quapour desfez-se em lágrimas e, durante alguns dias, andou cabisbaixo e acabrunhado, mas pouco a pouco acalmou-se e acabou por se persuadir que José não era adivinho de profissão e poderia enganar-se. Talvez Soutech o poupasse à des-

graça predita, se lhe oferecesse sacrifícios adequados.
O futuro não justificou tais esperanças; o ingrato deus aceitou as ofertas e deixou morrer a mulher de Quapour três dias depois de dar à luz uma menina. Este acontecimento inspirou ao carcereiro um respeitoso medo do seu prisioneiro e, mais tarde, o desejo de conciliar as boas graças do adivinho, minorando-lhe a sorte. Com tal intenção, aproveitou um momento favorável para representar ao seu superior imediato, inspetor das prisões, o nobre Hormahou, que José, homem jovem e são, de conduta exemplar, poderia ser empregado com proveito em pequenos serviços.
Hormahou aprovou a proposta, mas não se arriscou a aceitá-la antes de falar a Putifar, o senhor do escravo. Este, cuja cólera havia muito se apaziguara, autorizou o subordinado a utilizar-se de José, mas só intramuros, sem poder jamais ultrapassar o recinto da cidadela, e ordenando fosse empregado mais especialmente em servir aos outros prisioneiros.
O hebreu deixou, portanto, a estreita cela, para cir-

cular livremente no recinto da prisão, e logo o seu zelo,

modéstia, obediência, granjearam as boas graças superiores e a gratidão dos cativos, aos quais demonstrava bondade e interesse.

*

Em uma ala do palácio real de Mênfis, cujas janelas abriam para os jardins, e onde não chegava qualquer ruído do exterior, via-se uma sala muito ampla, preparada com o mais refinado luxo; paredes cobertas de pinturas e incrustações de cornalina, lápis-lazúli e esmalte; quatro maciças colunas, pintadas a cores claras, sustentavam o teto; largas esteiras multicores cobriam o soalho, e os móveis de cedro ou de bronze cinzelado e dourado eram dignos da riqueza arquitetônica do edifício.

No interior da sala, suspenso sobre dois degraus cobertos com peles de leão, estava um leito de repouso, de ouro maciço, com almofadas de púrpura bordadas também de ouro.

Em cima dessa cama amarrotada e em desordem, achava-se estirado, de olhos fechados, um homem dos seus trinta e seis anos, delgado e esbelto; rosto ossudo, maçãs salientes e recurvo nariz, era a imagem viva dessas cabeças de múmia, de estranho penteado e traços característicos, que se hão descoberto em Tanis e que os egiptólogos reconheceram como efígies dos reis Hyksos.

Ao pé do leito mantinham-se imóveis dois padres de cabeça raspada, envoltos em longo manto de linho próprio de sua casta; embaixo, pelos degraus, agrupavam-se alguns dignitários adidos ao serviço pessoal do Faraó e, no fundo da sala, a multidão de oficiais, funcionários e cortesãos — o séquito obrigatório de um rei do Egito, desde que se levantava até que se deitava.

Toda aquela gente estava imóvel, muda, olhos fixos no monarca, cuja respiração rouca e sofreada mal perturbava o profundo silêncio.

Desde alguns dias, Apopi achava-se em estado de marasmo, que o levava a fugir dos homens, e não tinha deixado os aposentos; mas, durante a última noite, tivera

um acesso epiléptico.

O C H A N C E L E R DE F E R R O

107

Maltratado pelas convulsões que lhe haviam contor-
cido os membros, assim jazia de cabeça inclinada, lívido,
os olhos encovados. Somente as contrações dolorosas das
mãos e da metade do rosto denotavam que ele sofria uma
dessas intoleráveis dores de cabeça que seguem, às vezes,
os ataques epilépticos.

Toda a vez que um dorido estremecimento lhe sa-
cudia o corpo, os dois padres se aproximavam; um molha-
va o linho numa bacia sustentada por um rapaz ajoelha-
do à cabeceira, e com ele enxugava o rosto do enfermo,
enquanto o outro lhe derramava nos lábios algumas gotas
de um líquido escuro. Uma expressão de calma e bem-
-estar animava, então, a fisionomia desfigurada de Apopi
e a respiração tornava-se mais regular. Mas o intervalo
era breve.

Fatigados e enervados com a interminável vigília a
que eram obrigados por força dos cargos e dos protocolos,

os funcionários tinham os olhares fixos no rei, interrogando-se quando se produziria qualquer melhora; de repente, Apopi voltou-se e seus grandes olhos ardentes erraram um momento pela multidão ansiosa e muda; depois, chamou com voz cava:

— Heka!

Do fundo da sala partiu logo um mancebo, sobraçando uma harpa, e foi ajoelhar-se em frente do leito.

— Toca — disse o Faraó, recaindo nos colchões.

O músico timbrou de leve as cordas do instrumento; uma doce melodia, um tanto monótona, se fez ouvir, ora crescendo vibrante, ora se extinguindo em acordes prolongados.

O monarca jazia imóvel, mas pouco a pouco as contrações nervosas diminuíram, depois cessaram completamente, a respiração tornou-se mais calma e, por fim, mergulhou em sono profundo.

Um murmúrio percorreu as fileiras dos cortesãos, um suspiro de alívio levantou os peitos e a multidão começou a escoar-se sem ruído. Sabiam que o sono marcava o fim

da crise e se prolongava durante longas horas. Pouco depois, só restavam junto do Faraó os dois padres, o

harpista, alguns funcionários de serviço do dia e o oficial dos guardas, que velava à porta.

Meia hora mais tarde, dois homens que tinham saído da sala deixavam o palácio e, atravessando obliquamente os imensos jardins que desse lado cercavam a residência real, dirigiram-se para a saída que dava para o Nilo.

Conversando em voz baixa, atravessaram rapidamente as alamedas já sombreadas, porque a noite ia caindo, e, não atentaram num homem que os seguia desde o palácio, escondendo-se entre as árvores e apurando o ouvido a cada palavra que trocavam.

Um dos interlocutores, homem de 50 anos, era Abton, o chefe das cozinhas reais, vigilante de tudo que se cozinhava, assava e fabricava no palácio; o segundo, rapaz de boa aparência, era Nectanebo, o copeiro da casa real.

— Que vida fatigante! Não há descanso, nem de dia

nem de noite. Quando não são as festas, caçadas ou orgias que nos estafam, são os acessos de loucura que nos impedem de dormir e descansar — observou o copeiro amuado.

— Que queres, Nectanebo? Poderia ser de outro modo, quando temos no trono um estrangeiro que ofende os deuses com a sua presença? Vendo que o *chasou* despreza seus santuários para só inclinar-se diante de Set; que usurpa o trono do país de Kemi em detrimento dos verdadeiros filhos de Ra, os imortais feriram Apopi com a moléstia estranha e incurável que o rói — obtemperou Abton, sisudo.

O copeiro fechou os punhos e, voltando-se para o companheiro, perguntou:

— Há notícias de Tebas?

— Sim, o escriba Houha trouxe graves informações; mas o lugar aqui não é próprio para comentá-las. Amanhã, à hora da Lua, vai à casa do pastóforo Mena e ouvirás coisas que te alegrarão.

Quando chegaram à porta de saída, os dois homens se calaram e, depois de silencioso aperto de mão, cada

qual tomou a barca que o esperava, dirigindo-se para o lar.

O C H A N C E L E R DE F E R R O

109

Quando as duas embarcações desapareceram na bruma, a personagem que os acompanhava deixou a sombra das sarças que a tinha ocultado até ali e veio sentar-se num banco, ao pé de grande sicômoro, absorvendo-se em profunda meditação.

Era um rapaz de baixa estatura, robusto, trajando à moda egípcia, mas cujos traços proeminentes, face larga e ossuda, denunciavam-lhe a origem. Pet-Baal, assim se chamava, Hykso e ocupava no palácio um cargo secundário, mas a astúcia, o espírito de intriga e a ambição induziam-no a desejar um ensejo para evidenciar-se, sair da massa anônima. Com esse propósito, espionava ativamente todos os egípcios que tinham cargos no palácio, esperando descobrir alguma intriga e provar, assim, seu devotamente ao Faraó.

"Até que enfim, tenho uma ponta do fio — rosnou

Pet-Baal — é pois, em casa desse miserável intrigante do Mena, que se reúne a súcia de traidores e conspiradores! A coisa vale notada. E essa ousadia de chamar *chasou,* ao nosso glorioso soberano (vida, força, saúde!). Miserá-veis! Querem, talvez, matá-lo; m a s . . . cá estaremos nós outros. Amanhã irei ao príncipe Namourod e lhe desven-darei o que descobri; em recompensa do meu trabalho, pedirei ao Faraó o cargo de copeiro e a permissão de es-posar Nefert, a irmã desse patife de Nectanebo, que ousa recusar-ma... Dessarte abiscoitarei o cargo, a irmã e a linda casa do conspirador. Não se dirá que seja um mau negócio." Trauteando uma canção guerreira, levantou-se e retomou apressado o caminho do palácio.

VII

O COPEIRO E O PADEIRO

O F a r a ó irado contra e s t e s dois oficiais, dos quais um presidia aos seus copeiros e outro aos seus pa-deiros, os mandou meter no cárcere do general de suas tropas, onde José

e s t a v a preso.

T i v e r a m ambos um sonho, na

m e s m a noite, o qual, sendo explica-

do, m a r c a v a o que devia suceder a

cada um deles.

O terceiro dia seguinte era o do

nascimento de Faraó, que deu um

grande banquete aos seus criados,

durante o qual se lembrou ele do

copeiro-mor e do padeiro-mor.

E restituiu um ao seu cargo, para

continuar no ofício de lhe ministrar

o copo; e o outro mandou ele pendu-

rar n u m patíbulo: o que confirmou

a interpretação que José tinha dado

a o s s e u s sonhos. — *Gênese,* **cap. XL,**

w . 2, 3, 5, 20, 22.

O príncipe Namourod era primo do Faraó Apopi e considerado como herdeiro do trono, embora não tivesse oficialmente esse título.

O rei tinha perdido muitos filhos, todos mortos em tenra idade e, na ocasião, só lhe restavam duas filhas igualmente novas, ainda. A mais velha, conforme a opinião geral, deveria um dia desposar Namourod, transmi-

tindo-lhe os direitos hierárquicos, que, segundo o uso egípcio, sobrepujavam os da linha colateral masculina. Neste ponto, como em todos os outros, os reis Hyksos respeitavam aparentemente as velhas leis do país. Contemporizavam com os padres, cujo poder sobre o povo era imenso. Apopi, tal como seus predecessores, visitava assiduamente os templos, sacrificava aos deuses e prodigalizava aos seus servidores honras e deferências; mas no íntimo odiava-os, desconfiado da casta altiva, que, impenetrável e hostil, se levantava em torno dele como um perigo constante. Seus espiões vigiavam os padres, buscando apanhar o segredo da conspiração permanente e tenebrosa, que por toda parte estendia as impalpáveis teias, preparando a expulsão dos estrangeiros e a restau-

ração dos legítimos reis. A descoberta de Pet-Baal tinha, portanto, seu valor, e ele podia esperar dela um bom proveito.

O príncipe Namourod habitava um palácio contíguo ao paço real. Descansava no terraço, para compensar a noite fatigante passada ao pé do seu real primo, quando lhe anunciaram que o escriba Pet-Baal solicitava a honra de ser admitido à sua presença. Conhecia pessoalmente o mancebo e, embora admirado do seu pedido, ordenou que o introduzissem. Sua admiração aumentou quando o escriba, depois de se ter prostrado, rogou-lhe que o ouvisse sem testemunhas.

— Fala: qual o grande segredo que só podes confiar ao meu ouvido? — perguntou, recostando-se nas almofadas, depois de haver despedido os escravos.

— É uma conspiração, cuja trama descobri e que me parece bastante perigosa, porque dois funcionários do palácio, Abton e o copeiro Nectanebo, nela estão envolvidos — respondeu Pet-Baal em voz baixa, logo que o último escravo deixou o terraço.

Depois, ajoelhando-se, relatou rapidamente tudo o que tinha farejado na véspera, da conversa dos dois egípcios: a reunião projetada em casa do pastóforo Mena, a chegada de um emissário de Tebas, sem esquecer o injurioso epíteto de *chasou,* dado ao Faraó.

Enquanto ia falando, intenso rubor invadia o rosto do príncipe, cujas sobrancelhas se franziram e cujos olhos despediam chispas de cólera. Quando o sicofanta terminou, refletiu demoradamente, depois disse:

— Agradeço-te, Pet-Baal: és um servo fiel e vigilante, a quem nosso glorioso Faraó (os deuses lhe concedam força, vida, saúde!) recompensará largamente. Pelo que diz respeito ao negócio que me denuncias, eis o que decidi: é inútil fazer grande ruído prematuramente, mas logo à tarde eu mesmo irei à casa do pastóforo e tu me acompanharás; antes, porém, dá-me pranchas, pois vou escrever a Putifar a fim de que esteja pronto para nos acompanhar com um destacamento de archeiros; cerca-

remos a casa e prenderemos toda a matula de traidores, que sofrerão castigo exemplar, de feição a tirar aos outros descontentes a vontade de os imitar.

Tendo escrito e selado as pranchas, o príncipe entregou-as ao delator e acrescentou com benevolência:

— O rei vai melhor e sente-se bastante forte para dar um passeio de liteira; amanhã, portanto, informá-lo-ei da captura que fizermos esta noite, sem receio de agitar Sua Majestade. Nessa ocasião, certamente, um raio da sua real graça cairá sobre ti: dize-me, pois, o que desejas e que recompensa alegrará mais teu coração.

— Meu amo e senhor, escuta sem cólera a confissão que vou fazer-te. Meu coração está cheio da imagem de Nefert, a irmã de Nectanebo; este amor me devora e todo o meu ser definha; só à custa de muitos esforços posso trabalhar, minhalma saiu do corpo e segue os passos da rapariga.

— Por que, então, não a desposas e não acabas com teus males? — interrompeu o príncipe.

— Impossível, Nectanebo recusa-me a irmã e fê-la

noiva de Necho, o filho de Abton, que ocupa o cargo de vigilante da casa de campo do Faraó e é muito mais rico do que eu. Se, porventura, Sua Majestade (que os deuses lhe concedam anos infinitos!) quisesse isentar Nefert do castigo que merece como irmã e noiva de traidores e conceder-ma para mulher, com o cargo de copeiro, far-me-ia



completamente feliz. E, com certeza, será a mão de um servo fiel e devotado que encherá de vinho a taça do nosso glorioso soberano!

— Espero que o Faraó atenda à tua súplica e que, se Nefert se tornar a mulher de tão zeloso servo, poder-se-á exculpá-la do crime dos parentes — respondeu o príncipe, despedindo o escriba.

Nenhum dos conspiradores suspeitava coisa alguma do perigo mortal que os ameaçava; cada qual tinha desempenhado pacificamente as suas funções, e, na hora do sol-posto, a maioria deles voltava a penates.

Nectanebo por sua vez acabava de deixar o palácio real, quando, não longe de casa, encontrou um rapaz de boa aparência, que o recebeu amistosamente.

— Ah! és tu, Necho! Que acaso te conduz hoje a Mênfis? Amor? Algum negócio? — perguntou sorridente o copeiro.

— Uma e outra coisa. Sem dúvida estou ansioso por ver Nefert, mas tinha mais pressa ainda de falar-te. Persegue-me um sombrio pressentimento, atormentam-me sonhos que pressagiam desgraça e morte, e receio que tais presságios se realizem, porque conheço meu pai, seu ódio pelos estrangeiros e as relações perigosas que entretém com o Sul. Também tu és muito propenso a essas intrigas. Pois bem! Quero suplicar a ambos sejam prudentes e não se metam nessas conspirações dos padres; eles podem arriscar muitas coisas que vos custariam a cabeça. Além disso, na minha opinião, não chegou ainda o momento de tentar qualquer coisa; estamos ainda muito fracos, o povo não está preparado.

— Oh! se todo mundo fosse do teu parecer, o tempo

da liberdade não chegaria nunca — respondeu Nectanebo com impaciência. — De resto, descansa, nós não cuidamos de nada e eis aí Nefert que vem ao teu encontro: esquece tuas cismas, beijando-lhe a boca rosada.

A presença da moça que, feliz e risonha, saudava o noivo, rematou o diálogo dos dois rapazes. Sentaram-se

no terraço e conversaram sobre as núpcias e a futura instalação do casal, Necho despediu-se e Nectanebo, fazendo o mesmo, foi juntar-se a um dos conjurados, a fim de ir com ele à projetada reunião.

A uma hora de marcha de Mênfis, elevava-se a vila do pastóforo Mena. Vastos jardins cercavam a moradia elegante e espaçosa, resguardada da curiosidade dos transeuntes por um alto muro.

Em uma sala dessa casa, achavam-se reunidos naquele dia doze homens pertencentes às altas classes da sociedade egípcia: padres, guerreiros, funcionários, entre os quais notavam-se Abton e Nectanebo. Agrupavam-se

ao redor de um jovem, que discorria com animação, ilustrando a narrativa com desenhos riscados a carvão em uma folha de papiro.

O orador era Houha, o escriba vindo de Tebas para transmitir aos fiéis egípcios de Mênfis as ordens e indicações do seu legítimo Faraó Taá III, o chefe do Sul, que, tenaz, paciente e enérgico, preparava novo levante contra os seculares opressores da pátria.

Todos o ouviam inflamados. Animada discussão empenhou-se, depois, sobre os melhores meios de executar as medidas prescritas pelo Faraó, e Abton pronunciava justamente um discurso patriótico, elevando às nuvens a sabedoria de Taá, o Muito-Grande e divino Faraó, não poupando ao *chasou* epítetos de ódio e desprezo, quando um velho escravo, lívido de espanto, se precipitou na sala, gritando com voz estentórica:

— Senhor! os soldados penetraram no jardim e cercam a casa.

Num instante fez-se mortal silêncio: todos se julgavam perdidos e, entretanto, era muito tarde para fugir,

porque já se ouviam próximo os pesados passos da tropa e o tinido das armas. O único que não perdeu a presença de espírito foi Houha: esgueirou-se por trás dos companheiros, galgou um desvão sombrio e rasgou em pedacinhos o escrito que trouxera de Tebas, bem como o plano que acabava de desenhar, não se descuidando dessa medida de prudência pelo próprio ruído da porta que se

abria, dando passagem ao príncipe Namourod, seguido de Putifar e de um destacamento de archeiros.

— Enfim, cáfila de traidores e rebeldes, sois apanhados em flagrante — disse o príncipe deixando cair o olhar cintilante nas fisionomias consternadas e desfeitas dos conspiradores. — E tu, Abton, és o modelo dos servos fiéis; animal impuro, eu ouvi com os meus ouvidos, ali, junto da janela, os termos com que ousas falar do teu rei, do benfeitor que fez de ti o que és. Faze o teu ofício, Putifar, e vigia para que nenhum possa fugir — acrescentou, voltando-se para o chefe dos archeiros, em cujo sombrio

olhar passara fugitivamente um relâmpago de cólera e pesar.

*

Informado, no dia seguinte, da importante captura feita pelo primo, Apopi fremiu de cólera. Essa descoberta confirmava, uma vez mais, que uma conspiração permanente, que o invencível ódio dos vencidos minava o solo debaixo dos seus pés e, a todo momento, ameaçava-o com uma dessas terríveis rebeliões que seu avô e antepassados tiveram tanto trabalho para dominar.

E contudo, apesar da evidência e do perigo que lhe criava a situação, o Faraó não podia proceder com o desejado rigor: os chefes do movimento ficavam intangíveis e aos padres, que sabia envolvidos na intriga urdida em Tebas, não ousava atacar abertamente, receoso de excitar a poderosa casta cujo prestígio na populaça não tinha limites.

Desta feita deu-se a mesma coisa: a pesquisa na casa do pastóforo não deu resultado algum e os fragmentos do papiro provaram apenas que os conspiradores tinham

conseguido destruir documentos comprometedores.
O inquérito prolongou-se e evidenciou as habituais deferências à casta sacerdotal. O pastóforo Mena, a quem uma indisposição impediu de assistir à reunião, foi declarado inocente; outro padre, apanhado na casa, morreu dois dias depois de preso e aproveitaram a circunstância para não inquietar a família e soltar o irmão. A grande cólera real recaiu nos oficiais, sendo que três foram de-

capitados na mesma noite, e os outros, assim como Abton, Nectanebo e alguns funcionários, encerrados na cidadela. De acordo com a iníqua lei egípcia, todos os parentes dos culpados compartilharam da sua sorte. A irmã de Nectanebo e o filho de Abton foram presos e, como réus de segunda ordem, depressa julgados; o pobre Necho, condenado a trabalhos forçados, foi mandado para as fortificações de Avaris, e sorte não menos triste esperava Nefert, mas salvou-a a intercessão de Pet-Baal. O príncipe Namourod não esquecera o pedido do jovem

funcionário a cuja vigilância deviam a descoberta da conspiração. Aproveitando uma boa ocasião, apresentou o requerimento a Apopi, o qual não se fez rogado para indultar a moça que, na realidade, nada soubera do que tramavam os homens. Quanto ao cargo desejado, prometeu tratar do assunto quando o processo estivesse definitivamente terminado. Um dia, pois, Nefert foi tirada da prisão e um escriba real lhe declarou que o Faraó, em sua magnanimidade infinita, lhe concedera graça e ordenava desposasse Pet-Baal. A moça, que amava apaixonadamente o antigo noivo, quase perdeu a razão. Mas, que poderia fazer? Submeteu-se na aparência, deixou-se conduzir docilmente à casa de uma parenta do segundo noivo e, oito dias depois, coroada de flores, mas com ódio e desespero nalma, entrava como esposa na casa de Pet-Baal, instalado na mesma vivenda que, para ela, Necho tinha preparado e com a qual o Faraó gratificava o delator.

Mais de quatro meses haviam decorrido depois que Abton e Nectanebo jaziam na prisão do Estado e o Faraó

não tinha ainda decidido a sorte deles. Taciturnos, desesperados, arrastavam a miserável existência no estreito cárcere onde ficaram juntos.

José, que continuava sua vida de meia liberdade no recinto da fortaleza, era encarregado do serviço dos prisioneiros e essa função o levava cada dia, algumas vezes, à célula dos degradados chefes dos copeiros e dos padeiros. Semita também, José sentia infinitamente mais simpatia pelos Hyksos do que pelos egípcios, os quais lhe eram odiosos desde o castigo que sofrera de Putifar. Tam-

bém em seu íntimo, regozijou-se por haver uma tentativa de revolta fracassado tão miseravelmente. As razões da desgraça de Abton e de Nectanebo, soube-as por Quapour, que depositava a maior confiança no professor do filho e obtinha essas notícias do escriba secretário de Hormahou.

Todavia, José prodigalizava aos pobres prisioneiros todo interesse e benevolência que lhe permitiam suas

possibilidades, visto haver experimentado por si mesmo quanto é duro trocar uma posição livre e elevada pela abjeção do cárcere; assim, trazia-lhes, quando podia, palha fresca, munia-os de água sempre pura e conversava com eles sempre que tinha folgas, arranjando-se, para satisfazer essa intenção, de modo a visitar-lhes a célula em último lugar.

Os dois prisioneiros, reconhecidos por esses pequenos serviços, conversavam alegremente com o moço hebreu, admirando-lhe a instrução e o acaso que o levara a preencher tão mesquinhas funções.

José não teve escrúpulo em lhes contar sua história e deplorar a injusta clausura que suportava, graças à impura paixão e às mentiras da mulher de Putifar.

Pela primeira vez, depois de preso, Nectanebo riu a bom rir: esse escândalo de família e as vergonhosas extravagâncias da bela Ranofrit, que todos conceituavam a mais recatada das esposas, os divertiam extraordinariamente e, durante alguns dias, essa aventura e a derrota do orgulhoso chefe dos archeiros, constituíram o tema

predileto dos dois prisioneiros.

As incertezas da própria sorte e as privações do cárcere lhes fizeram logo esquecer esse incidente, e a proximidade do aniversário natalício do Faraó lhes absorveu todas as cogitações.

Esse advento era não somente festejado com grande solenidade, orações e sacrifícios nos templos, diversões públicas e donativos do Faraó aos parentes e aos serviçais da Corte, mas dava ensejo também a uma espécie de recursos de graça para todos os prisioneiros e acusados do Reino. Para esse fim, os padres e conselheiros do rei

apresentavam-lhe um memorando (se é permitido empregar esta palavra moderna tratando-se de usos antigos), resumindo todos os fatos sucedidos durante o ano, assim como a exposição de todos os negócios judiciários indecisos. O rei anistiava os que julgava dignos da sua munificência e confirmava a condenação dos outros.

Abton e Nectanebo não duvidavam que, estando seus pro-

cessos ainda pendentes, seus nomes constariam do documento apresentado a Apopi e que esse dia decidiria da sua sorte.

Não se estranhará que o desejo de conhecer o futuro, latente no fundo de todo o coração humano, tenha agitado os dois detentos, para os quais o sombrio futuro ocultava a vida ou a morte. De resto, eram bastante egípcios para não suplicarem à divindade que lhes revelasse, no sono, o que os aguardava. Os deuses não foram surdos à oração e na noite anterior à data em que — sabiam — os padres e os conselheiros apresentariam o memorial ao rei, ambos tiveram os sonhos proféticos que a Bíblia recolheu e guardou. Mas não bastava ter um sonho, era preciso obter-lhe explicação e adivinho algum tinha acesso à prisão do Estado, rigorosamente guardada de qualquer contacto com o exterior.

Quando José foi pela manhã levar-lhes a refeição, achou Abton e Nectanebo imersos em profunda tristeza e perguntou-lhes a causa. Já familiarizados com o moço hebreu, o copeiro-mor não vacilou em confessar-lhe que

a impossibilidade de mandar interpretar um sonho notável que tivera, era a causa da sua desolação. O chefe dos padeiros ficou encolhido no seu canto, com a cabeça encostada na parede, sem tomar parte na conversa.

— Conta-me o que viste — disse José —, a divindade já me auxiliou uma vez a interpretar o sonho de Quapour e talvez me inspire a significação do teu.

— Eu via uma cepa de vinha, onde havia três varas que cresciam pouco a pouco; vi, primeiramente, gomos, depois flores e, por fim, uvas maduras; tendo na mão a taça do Faraó, tomei os cachos de uvas, espremi-os na taça e dei-lha a beber.

José tomou a escudela de grés do prisioneiro, encheu-a de água pura e mergulhou a pedra mágica que tirou do pequeno breve que trazia ao pescoço; abaixando-se depois junto do banco de pedra, fitou a água, olhar imóvel, rosto pálido e, por instantes, pareceu transformado em estátua. Por fim, empertigou-se e disse, enxugando

o rosto:

— Teu sonho é feliz; as três varas da cepa marcam três dias, dentro dos quais o Faraó te indultará e reconduzir-te-á ao cargo.

Nectanebo fitou-o, entre alegre e incrédulo, por ter achado um adivinho tão hábil.

— Seria possível uma tal felicidade? — murmurou.

— Verás. Peço-te não me esqueças quando estiveres reintegrado com todas as tuas honras e que me prestes um bom serviço, intercedendo por mim junto do Faraó, a fim de que se digne tirar-me desta masmorra onde sofro injustamente.

— Oh! não me esquecerei, desde que a predição inverossímil se realize — disse o copeiro, suspirando.

Esta conversa tinha tirado Abton do seu torpor apático; um raio de esperança iluminou-lhe o esquálido rosto quando, ao voltar-se vivamente, disse por sua vez:

— Escuta, José, eu também tive um sonho que tem muita semelhança com o de Nectanebo e talvez me auspicie Igualmente a liberdade: Vi que levava à cabeça três

cestos de farinha e que, no que estava por cima dos outros, havia de tudo o que se pode fazer em massas para serviço de mesa, e que os pássaros vinham ali comer.

O hebreu entristeceu-se, deitou um olhar de compaixão à fisionomia ansiosa do padeiro:

— Ah! nada de bom prognostica este sonho; mas, em todo caso, dentro de três dias tua sorte também será decidida.

— Dize o que me espera, não sou uma criança a quem se deva iludir — disse Abton com voz rouca e brusca.

— Já que o exiges, dir-te-ei que, dentro de três dias, morrerás degolado e, agravando ainda tua condenação, o

Faraó mandará pendurar teu corpo, que será devorado pelos abutres.

O padeiro deu um grito e tombou desmaiado.

Na véspera do aniversário do Apopi, os padres e conselheiros foram de manhã apresentar o relatório.

Sombrio e irritado com a conspiração sempre renas-

cente, que o ameaçava, o rei estava pouco disposto à clemência; todavia, acedeu à intercessão de Namourod a favor do copeiro; o príncipe, por sua vez, cedia aos pedidos de Pet-Baal, que não queria ver sua mulher desonrada pela condenação do cunhado. Além disso, desejava ganhar-lhe a amizade com esta prova de bons sentimentos. O Faraó teve, pois, em consideração a mocidade de Nectanebo, a má influência exercida sobre ele pelo padeiro e indultou-o, restituindo-lhe o cargo; feriu porém com toda a sua cólera o velho Abton, cujo petulante discurso Namourod lhe reproduzira, e alguns outros funcionários apanhados na reunião clandestina. Quanto ao cargo de padeiro-mor, concedeu-o a Pet-Baal.

A execução das reais ordens foi imediata e, antes do pôr do Sol, Abton e seus cúmplices tinham cessado de viver, enquanto Nectanebo, louco de alegria, retomava o caminho de casa, livre e reintegrado no cargo, como predissera o hebreu.

Desagradável surpresa esperava-o em casa, na pessoa da irmã, que, pálida e lacrimosa, atirou-se-lhe ao pesco-

ço e lhe deu parte do casamento com Pet-Baal. Pesar e cólera encheram o coração do mancebo; todavia, calou-se e deu bom acolhimento ao cunhado, porque a prisão sofrida, a morte que vira de perto, foram-lhe dura lição de prudência.

Aliás, o terrível exemplo do castigo de Abton e de todos os seus cúmplices tinha intimidado os mais ousados. Remeteu-se ao silêncio e acomodou-se à situação. Os próprios padres se escudaram em discreta atitude, compreendendo que, no momento, nada podiam tentar e apenas o receio de provocar toda a casta os tinha preservado de cruéis represálias.

O CHANCELER DE FERRO

121

Nectanebo era muito jovem e descuidoso para não esquecer as tribulações passadas no meio dos prazeres da liberdade; quanto à intercessão em favor de José, o obscuro escravo do chefe dos archeiros, não se atreveu a apresentá-la nos primeiros tempos e, depois, a lembrança do hebreu se apagou da sua mente. O que, porém,

nunca mais esqueceu, foi o picante escândalo de Ranofrit, tanto que não deixou de contá-lo, sob segredo, a todos os amigos que, por sua vez, o confiaram a outros com a mesma reserva e de tal modo que a metade de Mênfis ficou conhecendo a história que Putifar e sua mulher supunham esquecida, sepultada para sempre e, logicamente, de todos ignorada.

VIII

O SONHO DO FARAÓ

P a s s a d o s dois anos, teve Faraó um sonho.

E n t ã o lhe disse F a r a ó : eu tive uns sonhos, não acho ninguém que os decifre e disseram-me que tínheis g r a n d e s luzes para os interpretar.

D i s s e m a i s Faraó a J o s é : eu vos constituo hoje governador sobre todo o E g i t o .

Ao m e s m o tempo, tirando o anel, que tinha na sua mão, o pôs na de

José; fê-lo vestir u m a opa de linho

fino, e pôs-lhe ao pescoço um colar

de ouro. — *Gênese,* cap. XLI, w. 1,

15, 41, 42.

Dois anos tinham passado sem trazer nenhum incidente grave e, na aparência, o Egito inteiro estava mergulhado em profunda paz; os chefes do Sul pagavam regularmente o tributo ao poderoso suserano de Mênfis, os padres lhe testemunhavam respeito e submissão; mas Apopi conhecia a casta tenaz e pérfida que só aspirava a expulsá-lo e aos seus, vendo nele unicamente o estrangeiro usurpador.

Também, apesar do favor que ostensivamente lhes prodigalizava, o Faraó odiava os padres egípcios e espreitava a ocasião de os humilhar e molestar.

Os ataques do estranho mal que o minava repetiam-se com a mesma violência. Certa feita, depois de uma

crise, caiu em torpor profundo, durante o qual teve um

sonho (ou visão) que lhe causou fortíssima impressão. Viu-se sentado à margem do Nilo, num trono elevado, rodeado de imensa multidão, enquanto à sua frente desfilavam sacerdotes e sacerdotisas cantando os hinos consagrados à cheia do rio sagrado. Viu saírem das águas sete vacas gordas, formosas, apojadas tetas transbordantes, a pastarem nos banhados. Seguiam-se sete outras vacas magras, ossudas e esfaimadas, que se lançaram sobre as primeiras e as devoraram, não ficando, contudo, mais nutridas e, ao invés, mais desfiguradas e famintas. Então, surgiu do Nilo enorme crocodilo com uma estrela na testa, prostrou-se diante do trono e, com voz humana, pediu ao Faraó que o autorizasse a combater as vacas insaciáveis.

Obtida a permissão, o crocodilo se arremessou aos hediondos animais e com eles lutou! Extraordinárias a sua força e audácia, mas, verdadeira nuvem de serpentes, sapos e outros animais imundos começou a sair dos pântanos, envolvendo o crocodilo e buscando fulminá-lo. O valente sáurio defendia-se a dentadas e com a cauda, mas,

como terminou a luta? Apopi não o saberia, porque acordara. Longamente meditou o significado daquela visão e, quando readormeceu, teve o segundo sonho das sete espigas cheias e sete murchas, que a Bíblia refere; este, porém, o impressionou menos e persuadiu-se de que o estado doentio, em que ainda se encontrava naquela noite, justificava o fato, sem maiores apreensões.

Mudou no entanto de opinião quando, por duas noites consecutivas, o sonho se repetiu exatamente.

Supersticioso, impressionado como criatura dessa época, não havia como sossegar antes que lhe interpretassem o que julgava um aviso dos deuses.

Seu primeiro pensamento foi chamar os adivinhos do templo, especialistas na arte de explicar os sonhos; mas o ódio e a desconfiança que lhe inspirava a casta sacerdotal, o demoveram. Se esses homens lhe armavam sempre uma traição, também podiam induzi-lo em erro e dar à visão onírica interpretação falsa e adequada aos seus

desígnios. Enquanto matutava consigo mesmo a possibilidade de semelhante fraude, veio-lhe uma idéia que satisfazia ao mesmo tempo sua desconfiança e seu rancor, e que, se não lhe ministrasse os desejados esclarecimentos, humilharia profundamente os padres perante o povo que lhes atribuía saber e poder sobrenaturais.

Desejoso de dar a essa derrota (se ela se realizasse) a maior publicidade possível, Apopi declarou, pela manhã, que tivera uma visão extraordinária, cuja lembrança o atormentava, e ordenou a convocação dos sábios e adivinhos de todos os templos de Mênfis, na grande sala do trono, para onde se transportou acompanhado de toda a Corte.

Depois das cerimônias e saudações de praxe, um velho padre e afamado adivinho rogou ao Faraó, em nome dos companheiros ali reunidos, se dignasse expor o caso.

Apopi limpou a testa, descansou os cotovelos, refletiu longamente, por fim exclamou:

— Eis a dificuldade! Os pormenores do que vi apagaram-se-me da memória; ficou-me apenas a lembrança

de que o sonho, enviado pelos deuses, era da mais alta importância e tinha relação direta com o futuro e o destino da terra de Kemi. Venho, pois, pedir aos veneráveis padres, sábios e adivinhos, que me refresquem a memória. Para vós, que ledes nas estrelas e para quem o passado, o presente e o futuro não têm segredos, será fácil lembrar-me o que vi e esqueci.

Os padres trocaram olhares ansiosos e espantados; consultaram-se, interrogaram o Faraó sobre as vagas indicações que ainda pudesse acrescentar, acabando por pedir prazo até ao dia seguinte, o que lhes foi concedido, mas nada lhes adiantou. Nada puderam esclarecer.

Deslumbrado, no íntimo, com a raiva e humilhação dos inimigos, Apopi mandou vir de Tanis, de Sais, de Heliópolis e outras cidades, os mais célebres adivinhos, mas todos os esforços e tentativas para reavivar a memória do rei resultaram infrutíferos, como os de seus colegas de Mênfis.

O ruído de tão extraordinária aventura se propagou rapidamente a todas as classes da sociedade, excitando por toda parte temor e espanto. Quanto à massa popular, supersticiosa e convencida da veracidade dos sonhos, acreditou-se já ameaçada de mil perigos invisíveis, e a impotência daqueles que se haviam por intérpretes da vontade divina enchia a multidão de ansiedade e cólera. Também por isso, já olhares suspeitosos, gestos ameaçadores e surdas murmurações acompanhavam os padres, todas as vezes que se encaminhavam a palácio.

A situação tornava-se cada vez mais tensa e ameaçadora, e quando, finalmente, os sábios se declararam incapazes de aclarar o enigma, Apopi exclamou com desprezo e sarcasmo:

— Na verdade, sábios adivinhos e hierofantes, eu fazia melhor conceito da vossa argúcia e poder, mas acabastes de provar que sois tão cegos quanto a multidão que pretendeis guiar. Enfim, já que vos recusais, tentarei um último recurso, mandando que todo e qualquer que saiba e possa explicar o sonho, seja embora o último dos

vassalos, seja principescamente recompensado e cumulado de honras.

Sem conceder um olhar aos padres cabisbaixos e fulos de raiva, levantou-se e deixou a sala.

Na hora da refeição, pouco depois, e a qual assistiram alguns dignitários, uma triste apreensão se desenhava em todos os semblantes. Nectanebo, ao encher a taça real, pensava no perigo indefinido que ameaçava o país, quando o seu olhar caiu por acaso em Putifar e estremeceu, porque, repentinamente, lembrara-se de José. Com impaciência febril, esperou saísse o chefe dos archeiros e, quando apenas dois conselheiros ficaram junto do monarca, Nectanebo ajoelhou-se e, obtida a permissão, contou o que lhe sucedera no cárcere e a interpretação segura dada pelo hebreu ao seu, e ao sonho de Abton.

Apopi o ouviu atento e curioso.

— Bem, estou contente com o teu zelo, e, se disseste a verdade e o hebreu adivinhar meu sonho, recompensar-te-ei e ter-te-ei por absolvido definitivamente do

crime de haveres prestado atenção a um traidor, a um rebelde.

A seguir, determinou a um dos dignitários que desse as necessárias ordens para que o hebreu comparecesse no dia seguinte. Acrescentou que a audiência seria pública, em sala aberta que designou, e que se convocariam não só os padres, dignitários e toda a Corte, mas também que se admitisse tanto povo quanto o palácio comportasse.

Sempre humilde, zeloso e serviçal, José continuava a preencher, a contento dos chefes, as funções que lhe atribuíam na prisão; mas, no seu íntimo repousava, por vezes, sombrio desalento. Depois da libertação de Nectanebo, contara com a proteção do copeiro-mor para deixar, enfim, a cidadela odiosa. Chegara mesmo a consultar a pedra e enganadora miragem lhe havia mostrado Nectanebo acompanhado por um funcionário real, a quem conhecia de vista, de pé à sua frente e no quarto do carcereiro-chefe, evidentemente para lhe anunciar a Uberdade.

O coração lhe palpitara de alegria, mas os meses passa-

ram sem que a visão se confirmasse, e ele pouco a pouco perdera as esperanças.

Foi, pois, com indiferença que respondeu ao chamado para comparecer no gabinete do chefe. Vendo porém o copeiro-mor acompanhado pelo funcionário que a vidência lhe mostrara no copo, o coração bateu tumultuoso e, ao saber-se convocado à presença do Faraó, prostrou-se, aparentemente para agradecer a Nectanebo a sua lembrança, mas, na realidade, para ocultar os sentimentos que lhe transbordavam nalma.

Retirando-se os mensageiros, rogou ao chefe lhe permitisse passar o resto do dia e da noite isolado, a fim de preparar-se pela meditação e pela prece, para a grande prova do dia seguinte. "Não possuindo a ciência dos adivinhos, só posso confiar no socorro dos imortais para satisfazer ao nosso glorioso Faraó, a quem os deuses conservem e cubram de glória!" — acrescentou.

Uma vez a sós, concentrou-se e, tendo cumprido todo os ritos que lhe indicara o caldeu para aumentar a força da pedra misteriosa, pôs na mesa um copo dágua, mer-

gulhou nele o talismã e, quando o líquido tomou a cor azulada e cintilante que costumava adquirir, molhou com ele a cabeça, o peito, e, fincado nos cotovelos, fitou a pedra, que, semelhante a gigantesca safira, coruscava no fundo do copo.

"Ser misterioso a quem venci na essência e na matéria, vem servir-me hoje como prometeste, dá-me a prova decisiva do teu poder" — murmurou. Longo tempo decorreu: sobrancelhas franzidas, veias intumescidas pelo esforço da vontade, suando em bicas, o hebreu permanecia imóvel. O rosto cobrira-se de palidez cadavérica e os olhos arregalados lançavam raios fosforescentes. Através da luz da lamparina colocada a um canto, via-se acocorada uma forma humana, estranha, horrível.

Pouco a pouco um vapor argênteo evolou-se do copo, e, quando essa nuvem se dispersou, a boca do copo se tinha transmudado num disco polido, em cujo fundo transparente desenrolaram-se, lentamente, mas com perfeita nitidez, todas as cenas do sonho de Apopi. Em seguida,

surgiram outras nuvens, agora espessas, no meio das quais apareceu, vago e como velado, o rosto barbudo de Schebna. Uma voz surda e como que amortecida pela distância, murmurou: "No país longínquo onde exercerás, de futuro, o poder, produzir-se-á uma calamidade rara nessas regiões: aos anos de abundância sucederão anos de fome; um serviço que prestarás ao rei desse país, em conexão com esse acontecimento, será a causa da tua elevação." A visão evaporou-se no ambiente e José, suspirando, encostou-se à parede e fechou os olhos. Prostração curta, porque logo se levantou com o rosto incendido:

"Seria tua sombra, Schebna, que me apareceu para repetir as palavras proféticas de outrora? Sim, sim, tudo se vem realizando, os anos de servidão e humilhação estão passados, a hora do triunfo vai soar; a hora das represálias também, em que hei de pôr o pé no pescoço dos que me maltrataram sem piedade."

Coração repleto de orgulhosa satisfação, deu alguns passos no pequeno reduto e anotou em uma banda de

papiro os pormenores do que tinha visto. Releu-os para bem fixá-los na memória, e deitou-se.

Pela madrugada, um dos carcereiros subalternos, seu camarada, veio despertá-lo e levou-o ao aposento do chefe, onde o vestiram e prepararam para que pudesse apresentar-se ao soberano. Tomou um banho, foi barbeado e tosquiado cuidadosamente e, vestindo uma simples mas fina túnica de linho, conduziram-no ao palácio real, onde aguardaria a hora da audiência.

Na vasta sala designada pelo Faraó já começava a aglomerar-se a brilhante assembléia, enquanto, no enorme pátio e debaixo dos peristilos que o guarneciam, ondeavam milhares de cabeças: o povo convocado para testemunha da incapacidade dos seus sacerdotes, cuja ignorância forçava o rei a pedir auxílio e esclarecimento a um antigo escravo.

Entre os dignitários que se vinham prostrar ao redor do trono ainda desocupado, achava-se Putifar, que já

sabia ser José quem ia comparecer diante do Faraó. Sombrio pressentimento lhe dizia que o mágico, cujo poder tinha experimentado e que dispunha de ciência desconhecida aos egípcios, decifraria o enigma insolúvel para os padres. E, à idéia de que ele uma vez livre, honrado talvez com favores, vingar-se-ia lançando o opróbrio sobre o nome de Ranofrit, sua mulher querida, o rosto bronzeado do chefe dos archeiros estava lívido e os punhos se lhe fechavam raivosamente.

Enfim, fanfarras anunciaram a aproximação do rei.

Apopi tomou lugar no trono e o seu olhar passeou com odiosa satisfação pela coorte dos padres, que, sombrios, mudos, dificilmente ocultavam a humilhação e raiva que lhes fervia nalma.

Chegada era a ocasião de rebaixar a poderosa casta que o trazia perpetuamente ameaçado de sedição popular.

No auge da satisfação, apenas esquecia que ainda mais acirrava o ódio selvagem daqueles homens tenazes contra o estrangeiro, o usurpador que, por malícia talvez, humilhava-os tão cruelmente.

Por sua ordem introduziram José, que, pálido e comovido, mas cheio de modesta dignidade, adiantou-se para o trono e prostrou-se.

— Levanta-te e fala sem medo — disse Apopi visivelmente impressionado pela estranha e insinuante beleza do mancebo e pela elegância do seu caminhar... — Quem quer que sejas, se puderes avivar-me a lembrança do sonho profético que os deuses me enviaram, extraindo-lhe o sentido; se, finalmente, tua ciência confundir a de todos os sacerdotes e sábios que consultei, cumular-te-ei de riquezas e honrarias.

José levantou-se e inclinou-se de braços cruzados:

— Rei poderoso, dispensador de vida e graça, teu escravo não possui nenhuma ciência, mas o deus do meu povo me inspirará e eu te poderei dar a resposta que desejas.

Cobriu os olhos com a mão e ficou alguns instantes silencioso; em seguida, com voz clara e metálica, que

atingia as últimas fileiras da multidão, pôs-se a contar o que a visão mágica havia mostrado durante a noite. Desde as primeiras palavras Apopi exultou e, pendido para a frente, pálido, agitado, escutava com os olhos pregados nos lábios do hebreu. Os padres tinham trocado olhares de admiração e de cólera; o gesto e a emoção do rei convencera-os de que o desconhecido escravo tinha resolvido o enigma.

— Disseste a verdade, descreveste o sonho como se o tivesses visto. Oh! grande é o poder do teu deus! mas se ele te descobriu o que ficou oculto a todos os sábios do Egito, também te inspirará a interpretação desses sonhos proféticos.

— Teus dois sonhos, ó rei! significam a mesma coisa: as sete vacas gordas e as sete espigas cheias de grãos pressagiam sete anos de abundância e fertilidade; as sete vacas magras e as sete espigas murchas representam os anos de esterilidade e seca conseqüentes aos primeiros e durante os quais a fome será tão grande que devorará, de qualquer forma, a abundância que a prece-

der. A repetição desses sonhos é sinal de que Deus previne

o Faraó da sua vontade, que se cumprirá infalivelmente e breve. Mas, tua sabedoria, ó rei, pai do país de Kemi, prevenirá a calamidade que deve consumir toda a terra, escolhendo desde logo um homem a quem distinguirás com tua graça, como se o assinalasses na fronte com uma estrela. Esse homem agirá com prudência e firmeza, a fim de que, durante os anos de fertilidade, se construam tulhas e paióis públicos, e oficiais por ele nomeados aí recolham a quinta parte dos frutos da terra; que todo o trigo se conserve e guarde nas cidades, à ordem do Faraó, assim reservado para os anos de fome que hão de castigar o Egito, mas que o povo não sofrerá, graças à sabedoria do maior dos seus reis.

"Quanto aos animais rastejantes, que investirão procurando morder e destruir o homem escolhido pelo rei para administrar o Egito, serão os invejosos e vingativos que o terão por mau e inimigo, mas ele vencerá toda essa

turba, porque será sustentado pela vontade poderosa do Faraó, na mão do qual repousa o destino dos povos."

Calou-se. Os olhos flamejantes estavam cravados no pálido rosto de Apopi, que o escutava mudo, arquejante.

De resto, um silêncio de morte reinava na assembléia; o efeito das suas palavras foi fulminante; os próprios padres estavam atordoados porque, nos templos, constava uma profecia anunciando anos de fome excepcional, com a qual eles mesmos tinham contado para provocar uma sedição geral contra os Hyksos, persuadindo ao povo que essa calamidade era um castigo dos deuses, irritados por suportarem tanto tempo os estrangeiros na terra de Kemi.

E eis que, inesperadamente, um estrangeiro desvendava o evento e indicava o meio de prevenir a fome.

Enfim, Apopi levantou-se, e seu olhar fulgurante e irônico errou um instante sobre as falanges ali reunidas, dos padres especialmente, esses inimigos que o acaso lhe permitia rebaixar mais do que pudera imaginar.

— Grande e poderoso é o deus que te inspira, sábio o conselho que ele dita por tua boca, desvendando-me os

perigos que ameaçam meu povo. Sim, é durante os anos de abundância que precisamos cuidar dos de miséria, velar para que ao povo não falte pão, porque a desgraça e a

fome tornam a multidão cega e propensa a todas as loucuras.

Fitou de novo os padres, depois continuou:

— Mas, onde acharei o homem bastante sábio, hábil, enérgico para velar pela realização de obra tão importante e complexa?

"Nos dias de angústia que acabam de correr, ninguém encontrei para aliviar minhalma dos dissabores que a oprimiam, avivando-me a memória. Só a ti o teu deus desvendou meus pensamentos; quem, pois, mais que tu estará cheio do espírito divino? Escolho-te para comandar em minha casa; desde hoje, elevo-te à dignidade de Adon de toda a terra de Kemi; serás o primeiro depois de mim e todos, do mais humilde ao maior, neste país, obedecer--te-ão como a mim mesmo, a fim de que veles pela pros-

peridade do povo e o deus que desvenda o futuro te guie a mão e os passos. E agora, aproxima-te."

José adiantou-se e ajoelhou junto do trono. Estava pálido de comoção e um arrepio de felicidade e de orgulho percorreu-lhe todo o corpo quando Apopi tirou do dedo o anel e lho entregou, desfivelando a seguir o próprio colar e apondo-lhe ao pescoço.

Um murmúrio, qual trovão longínquo, ecoou de fila em fila; os padres, sobretudo, estavam cheios de espanto e raiva: aquele desconhecido, escravo obscuro, filho de uma raça estranha e desprezada, elevado por um capricho do *chasou* acima de todos eles, feito senhor! A injúria era sangüinária, refinada a vingança. Putifar, principalmente, tinha a sensação de quem rola num abismo. Que cruel represália podia exercer contra ele e Ranofrit o homem pérfido e mau que ia dispor de ilimitados poderes!

Sem prestar atenção aos sentimentos que a sua decisão suscitava aos súditos egípcios, Apopi retirou-se para os seus aposentos, depois de ter ordenado fosse José provisoriamente instalado no palácio.

Tumultuosamente agitada, escoou-se a multidão e a notícia do extraordinário acontecimento espalhou-se num abrir e fechar de olhos, em toda a capital; nas ruas e praças formavam-se grupos, discutindo ruidosamente a pessoa do novo Adon, o antigo escravo de Putifar. E as

notícias, que a todo instante chegavam do palácio, aumentavam a agitação e curiosidade públicas. Souberam que o Faraó doara a José soberbo palácio situado num dos mais belos quarteirões de Mênfis, inclusive as riquezas que encerrava e numerosa criadagem; que no dia seguinte o novo Adon seria conduzido triunfalmente à sua nova morada, em carro real, precedido de lacaios e cercado pelo séquito correspondente a tão alta dignidade. Apesar dos sentimentos díspares que a sacudiam, a multidão preparava-se para não perder o brilhante espetáculo.

Mas, em parte alguma a súbita elevação de José produziu tão profunda revolução como na casa do chefe dos

archeiros. Putifar se recolhera roído de cólera e humilhação, transmitindo à consorte o que acabava de suceder. Sabendo que o antigo escravo, que lhe tinha inspirado criminosa e fugitiva paixão e a quem agora odiava e desprezava, se graduara em príncipe regente de todo o Egito, Ranofrit quase caiu para trás e foi com o coração opresso pelos mais terríveis augúrios que se recolheu ao leito. Putifar, que andava no quarto como um leão na jaula, queria ficar só e coordenar as idéias.

Durante os anos decorridos, nada viera perturbar a felicidade da companheira nem a paz do seu lar. Dois filhos tinham nascido e sua alegria, suas esperanças, assim como as do marido, concentravam-se nessas crianças; nesse instante, porém, a presença dos dois rapazes foi dolorosa para Ranofrit: Que não seria capaz de inventar, para destruí-los a todos, o vingativo hebreu que, por instigação sua, tinham publicamente vergastado?... Chorou de raiva e medo, e, um instante, lamentou amargamente ter outrora intercedido em favor do hebreu. Se Putifar o tivesse mandado mutilar e apodrecer em qual-

quer sítio remoto, o miserável não se teria tornado Adon do Egito.

A emoção e a cólera reagiram tão fortemente sobre o chefe dos archeiros que, à noite, se sentiu indisposto e, bem que esse mal-estar não tivesse gravidade, resolveu aproveitar-se dele para deixar de assistir à solenidade do dia seguinte e à primeira audiência do novo regente.

IX

O FARAÓ E SEU CHANCELER

Da prudência pois do rei é esco-
lher um h o m e m sábio e industrioso a
quem dê o comando sobre todo o
Egito.
P a r a que estabeleça oficiais em
todas as províncias, os quais, en-
quanto durarem os sete anos de fer-
tilidade, que estão para vir, ajuntem
nos celeiros públicos a quinta parte
dos frutos da terra.
Todo o trigo a s s i m guardado e

conservado nas cidades, e s t e j a de-

baixo do poder do rei. — *Gênese,*

cap. XLI, w . 33, 34, 35.

Por ordem de Apopi, o camarista acompanhou José a suntuoso quarto do palácio e indagou respeitosamente se desejava lhe servissem a refeição. O rapaz estava atônito e assombrado; a emoção secara-lhe a garganta e o apetite. Pediu refrescos, serviram-lhos imediatamente em mesa abundante, e o mesmo camarista lhe comunicou que, ao pôr do Sol, o Faraó o chamava aos aposentos reais para uma entrevista. Ordenou, então, que lhe preparassem uma vestimenta mais adequada às suas funções e o deixassem só até o momento de vestir-se para a audiência. Quando todos se retiraram, estendeu-se no canapé e tratou de coordenar as idéias. O orgulho satisfeito, a alegria de ver, enfim, realizar-se o futuro estranho e soberbo que lhe fora profetizado, começaram por empolgá-lo in-

teiramente, mas não tardou que a entrevista emprazada

sobrepujasse qualquer outra idéia. Compreendia que dessa primeira conversa, dessa primeira impressão do homem doentio, caprichoso e exasperado, que era o soberano, dependia o seu futuro.

Para conservar-se na altura vertiginosa que acabava de atingir, deveria provar a Apopi que não era simplesmente um obscuro adivinho, a quem ele honrava com a sua confiança, mas um homem verdadeiramente instruído, um conselheiro enérgico e hábil, que a sorte lhe facultava para combater os mil perigos que fermentavam em torno dele; para curvar e conter a casta orgulhosa e rebelde que era para o trono uma constante ameaça.

E, na verdade, mais do que se poderia crer, José estava a par da política e das intrigas que agitavam o Egito.

Não era em vão que, de alguns anos, todos os prisioneiros do Estado, todos os conspiradores tinham convivido com ele.

Muitos planos, muitas palavras reveladoras tinham atingido o ouvido do humilde escravo vigilante, do qual ninguém desconfiava. E ele tudo anotara, tudo compreen-

dera e, com a sua inteligência clara e espírito observador, havia combinado um quadro assaz verídico da situação geral e das medidas imprescindíveis para conjurar um novo levante do país contra os opressores.

Tudo isso deveria expor ao rei, fazendo-lhe compreender que estava à altura da situação, por lhe captar desde logo absoluta confiança. Febrilmente agitado, levantou-se e passeou de um lado para outro, pensando e procurando atinar com o motivo da entrevista e o que lhe diria o monarca.

Este, estava só no seu gabinete de trabalho; debruçado à mesa carregada de pranchas e papiros. Meditava.

A luz de algumas lâmpadas de óleo odorífero e de tochas presas a castiçais de bronze iluminava o rosto pálido e os olhos encovados do rei, visivelmente enfermo e fatigado.

Em lá chegando, o monarca fitou com um longo olhar perscrutador o homem desconhecido a quem tirara da plebe para convertê-lo em primeiro conselheiro. Depois de ter

saudado o rei e beijado o solo, conforme a pragmática, ficara de pé em atitude modesta, porém firme, olhar levantado para ele e esperava lhe dirigisse a palavra. Tinha agora trinta anos e sua beleza, pouco comum, atingia o auge; a estatura alta e esbelta, sem nada perder em elegância e agilidade, havia adquirido um vigor másculo; seus traços regulares se tinham acentuado e denotavam a energia tenaz que o caracterizava, enquanto nos grandes olhos verde-escuros brilhava a chama de uma inteligência superior. O rico traje que ostentava com o desembaraço de um homem que nunca vestisse outros, fazia ainda mais sobressair aquelas qualidades exteriores. O olhar sombrio de Apopi também se animou, visivelmente, à medida que examinava o belo perfil e a fisionomia inteligente do hebreu.

— Aproxima-te — disse enfim, e, designando-lhe um tamborete, acrescentou: — Senta-te e lê-me este papiro, se é que és instruído na arte de escrever.

Tomando ao acaso, sobre a mesa, um dos documentos apresentados à sua assinatura, estendeu-lho.

José desenrolou-o e com voz clara e metálica pôs-se a ler a petição de um templo de Heliópolis, no qual se alegava ter muito pouca terra para nutrir os rebanhos, pedindo concedesse em doação as pastagens que designava.

— Que resposta darias aos padres se esta petição passasse por tuas mãos? — perguntou o rei, continuando a fitá-lo com persistência, enquanto um fino sorriso lhe errava nos lábios.

— Meu rei e senhor, depois do que fizeste hoje, é preciso, parece-me, aceder ao requerimento deste templo; mais tarde, porém, será prudente pôr um freio à avidez desta casta insaciável, não lhe permitindo enriquecer sem medida; este poder que adquirem, os padres o empregam para fazer-te mal, meu rei e benfeitor; e agora menos que nunca te podes fiar neles, porque buscarão todos os meios de vingar a afronta sangüinária que lhes fizeste, escolhendo-me, a mim, o pobre escravo, o obscuro adivinho, para Adon do Egito.

— Tua resposta é sensata, demonstra perspicácia e ponderação; mas, dize-me, onde adquiriste a instrução de que dás prova e qual é a tua origem?

Contou rapidamente a história da sua vida na tribo, atribuindo à sua mãe as primeiras noções da arte divinatória, falou da sua vida de escravo na casa de Putifar, da injusta acusação que acarretara sua desgraça, e finalmente da longa permanência na prisão que lhe fora uma escola de observação. Chegando a esse ponto, transportou a questão para o terreno político e esboçou um quadro sucinto, porém frisante de justeza, do estado dos espíritos, das intrigas que deviam cercar o rei e cuja raiz estava em Tebas, mas cujas ramificações se estendiam a todos os templos e até ao seu palácio.

— Mas o Deus que te protege, ó Faraó! e cujo olhar vigia o filho semelhante a si pela magnanimidade e grandeza, prepara-te, nos acontecimentos que te desvendou em sonho, uma arma invencível contra todos os traidores e rebeldes: essa calamidade que seria tão propícia aos padres e ao aliado deles, Taá, o *haq* do Sul, para revolu-

cionar o povo exasperado de fome, sujeitar-te-á o Egito inteiro. Severamente velarei para que, nos celeiros a construir, se guarde todo o supérfluo dos sete anos de abundância; mesmo nas províncias não submetidas à minha jurisdição, adquirirei a preço vil o que os imprevidentes entregarem desprecavidos e só cuidosos do presente. Mas, quando soar a hora da fome, todos virão abastecer-se nesses celeiros inesgotáveis de que serás o senhor, e nós venderemos a todos, bem entendido, àqueles que pagarem à vista; e quando não tiverem mais ouro, nem prata, nem cobre, nos trarão seus rebanhos e escravos; hipotecarão as terras e mesmo os corpos, porque com a fome não se discute. E quando de um extremo a outro da terra de Kemi, todo o povo arruinado e embrutecido for teu escravo, a vontade das rebeliões lhe passará e Taá, o insolente chefe do Sul, que ousa estender, para a tua coroa, mão sacrílega, será destruído sem dispêndio de uma flecha. Ele arrebentará, impotente, nessas províncias, onde nem um pedaço de terra lhe há de pertencer; e os próprios padres, seus aliados, não poderão auxiliá-lo porque,

mesmo que devamos isentá-los dos impostos que haveremos de exigir de todos; mesmo que seja preciso nutri-los à custa do Estado, eu velarei para que nada obtenham de excesso e fiquem a teus pés, submissos e dóceis.

Animara-se discorrendo, seus olhos chamejavam, o rosto pálido exprimia tanta energia misturada de sutil astúcia, que Apopi ficou eletrizado: o vasto plano desdobrado pelo escravo da véspera, a indiciar um gênio político inato; audácia e segurança de vista espantosos, provavam-lhe que o acaso lhe deparara um instrumento incomparável de repressão, um homem de têmpera e punho de ferro para abafar o espectro ameaçador que ensombrava a sua vida; capaz, enfim, de lhe dar tranqüilidade, garantindo-lhe um reinado pacífico.

— És o homem de que preciso; dar-te-el os poderes indispensáveis para levares a bom termo o que projetas e aprovo — disse Apopi com voz surda, pondo a mão no ombro do favorito. — Lembra-te de que depois do

Faraó és a primeira autoridade do Reino, que só de mim tens que receber ordens; enfim que, a qualquer hora do dia e da noite, podes comparecer à minha presença.

Trêmulo, miolos ardentes, José precipitou-se com a face em terra, mas Apopi levantou-o com bondade, deu-lhe a mão a beijar e despediu-o com a maior benevolência.

No dia seguinte, massas compactas de curiosos encheram, muito cedo, todas as ruas que o cortejo devia percorrer. Por ordem do Faraó, Mênfis se tinha preparado para festejar o novo Adon: por toda parte ondulavam bandeirolas multicores, grinaldas de flores enrolavam-se nos mastros e decoravam as portas das casas; diante do palácio que o Adon ia habitar, a multidão apinhava-se, admirando os ricos tapetes da entrada e a coorte de escravos que, sob a direção dos intendentes, enfileiravam-se nas ruas e pátios, para saudar o senhor. Um destacamento de soldados, a guarda do Adon, ocupava as saídas do palácio e turmas de escribas e funcionários chegavam a todo instante para se postar nas salas e esperar as

ordens de José, relativamente às audiências do dia seguinte.

A multidão examinava, discutia, impacientava-se; havia pressa de ver aquele que, na véspera vassalo humílimo e desconhecido, era agora o primeiro conselheiro do rei.

Enfim, fanfarras e os gritos: Abrek! Abrek! soltados pelos lacaios que afastavam os curiosos com longos bastões dourados, anunciaram a aproximação do cortejo: o povo caiu de joelhos, explodindo em aclamações e todos os olhos se fixavam no carro dourado e incrustado, no qual estava de pé o Adon, altivo e impassível; seu rosto transpirava altiva satisfação, o olhar errava com indiferença pela multidão que o aclamava e, certamente, era difícil reconhecer naquele belo mancebo, vestido de finas túnicas bordadas a ouro, o *claft* na cabeça e na mão o cajado de ouro — insígnia do cargo — o pobre serviçal das prisões, que, cingido de grosseiro avental, corria de cubículo em

cubículo, levando aos prisioneiros a magra ração diária.

Ao descer, foi recebido no limiar do palácio pelo primeiro intendente, que, de joelhos, apresentou-lhe, em sinal de boas-vindas, dois copos de ouro, respectivamente cheios de mel e vinho. Na grande sala foram-lhe ao encontro os escribas e, tendo chamado alguns ao gabinete, ditou-lhes ordens que prescreviam aos principais dignitários do Estado apresentarem-se no dia seguinte, a fim de lhe fornecerem seus relatórios sobre os negócios correntes. Entre eles, figurava também Putifar. Preenchido esse primeiro dever do novo cargo, despediu toda a gente e só, em companhia do intendente, visitou minuciosamente o palácio e os jardins. Essa agradável inspeção ocupou-o até tarde, e, depois de copiosa ceia, entregou-se, finalmente, ao repouso.

No dia seguinte pela manhã, os carros e liteiras dos primeiros funcionários começaram a afluir ao palácio, e, daí a pouco, havia muita gente nas salas e antecâmaras, porque os dignitários so penetravam um a um no gabinete de trabalho do novo chefe de Estado, e as audiências

eram longas.

Minuciosamente, informando-se de todos os trabalhos de cada departamento administrativo, José se orientava,

maravilhando os velhos conselheiros pela presteza e segurança com que apreendia as engrenagens complexas da máquina governamental. Cada um que deixava o gabinete, levava a convicção de que uma era nova começava; de que uma férrea mão acabava de tomar as rédeas do Governo e não era para brincar que o novo Adon profundava tão a sério os negócios internos e externos do país.

As audiências tocavam ao termo e José não vira aparecer o funcionário mais interessante para ele — o chefe dos archeiros e das prisões de Mênfis — o chefe de policia, diríamos hoje.

— Há ainda alguém que espera ser admitido? — perguntou ao jovem escriba que anunciava os visitantes.

— Não, senhor, exceto o chefe dos escribas de tua mesa, que aguarda ordens.

— Manda-o entrar e depois informa-te por que motivo Putifar não se apresentou; verifiquei falhas consideráveis na administração das prisões e devo falar-lhe a respeito.

Tendo sabido que uma séria indisposição impedia o chefe dos archeiros de sair de casa, José franziu a testa e mandou-lhe ordem formal para comparecer em palácio logo que se restabelecesse.

Passaram-se dias. Absorto em febril atividade, tinha momentaneamente esquecido Putifar, quando, certa manhã em que trabalhava só, no gabinete, anunciaram-lhe que o chefe dos archeiros e das prisões solicitava ser admitido à sua presença. O coração do hebreu pulsou violentamente; afastou o papiro que estava lendo, estendeu-se na cadeira, entregando-se às recordações que lhe sobrevinham. Reviu a sala de jantar em que o intendente Ptah o postara atrás da cadeira do seu novo senhor, cuja entrada esperava ansiosamente; esse senhor que sempre fora indulgente, generoso e confiante, até ao dia nefasto em que Ranofrit, arrastada pela paixão que ele próprio

lhe havia sugestionado, desencadeara a cólera do marido e resultara na sua própria degradação.

Ao lembrar-se da hora mais cruel da sua vida, uma nuvem obscureceu-lhe a fronte, mas quase logo um lam-

pejo de satisfação lhe jorrou dos olhos: não era Inaudito o prazer que a sorte lhe havia reservado?

Nesse instante o reposteiro abriu-se e a alta e máscula figura de Putifar apareceu no limiar. Vestia uniforme de gala e trazia na mão um rolo de papiro: seu relatório sobre o estado das prisões e do corpo de archeiros. Adiantando-se para o Adon, que não se movera do assento, saudou-o profundamente, menos profundamente entretanto do que o tinham feito os outros dignitários; depois, ficou de pé, esperando que lhe dirigissem a palavra. O chefe dos archeiros estava pálido, mas seus grandes olhos sombrios fitavam o antigo servo com desembaraço e austeridade.

Por instantes um silêncio de morte reinou no gabi-

nete: os olhares ardentes dos dois homens pareciam cravados um no outro. Enfim, José designou com a mão um assento baixo do outro lado da mesa e disse, esboçando leve sorriso:

— Senta-te, Putifar: os tempos mudam, como ves, e hoje sou eu quem te concede um favor com que me honravas outrora.

O outro não se moveu:

— A comparação é má — respondeu em voz surda —; era ao escravo que eu concedia, outrora, o favor de sentar-se a meu lado; hoje, acho-me diante do homem elevado por meu rei ao cargo que ocupa, e a quem reverencio como tal; mas enganas-te, Adon, se pensas que isso te dá o direito de tratar como escravos todos os livres egípcios.

Aproximando-se da mesa, depôs o papiro que trazia:

— Isto é um relatório minucioso do estado atual das prisões e do corpo dos archeiros; e isto (tirou da cintura um segundo rolo) é o pedido que dirijo, por teu intermédio, ao Faraó, para que me exonere do cargo. A saúde

alterada não me permite mais suportar as fadigas do cargo e, em recompensa dos meus longos e fiéis serviços, peço apenas recolher-me à vida privada. Eis o que vim dizer ao primeiro funcionário do remo, que me convocou à sua presença.

O C H A N C E L E R DE F E R R O

141

Intenso rubor inundou o rosto de José, urna chama de mau presságio acendeu-se-lhe nos olhos e, com mão ligeiramente trêmula, desenrolou o papiro e o percorreu.

— Sê prudente, Putifar — disse com voz velada —, pareces dar a entender que esteja abaixo da tua dignidade o servires sob as ordens de um homem a quem, entretanto, a mão muito poderosa do Faraó (glória, força, saúde lhe concedam os deuses!) investiu no cargo que ocupa. Toma cuidado! maiores e mais ilustres do que tu dobraram a cerviz ao transpor esta porta. Mas eu quero esquecer a tua má-vontade e, lembrando-me unicamente dos teus méritos e da tua fidelidade ao rei, testemunhar-te minha benevolência.

Putifar mediu-o com um olhar gelado e intrépido:

— Respeito a vontade do Faraó e vim, como subordinado, prestar contas da minha administração e solicitar minha dispensa perante aquele a quem lhe prouve nomear Adon do Egito; mas, já que o perguntas, respondo-te: sim, não posso servir subordinado a um homem que foi meu escravo; quero ser livre; o direito de resignar o cargo é a única recompensa que peço para meus longos serviços e o rei não tem motivos para recusar-ma.

José amarrotou nervosamente o papiro que tinha em mão; seus lábios tremeram e, evidentemente, contraditórios pensamentos lutavam nele. Por fim, ergueu-se, perfilou-se.

— Tens razão; com esses melindres não podes continuar como chefe de polícia de Mênfis e amanhã mesmo dar-te-ei substituto. Não te retenho mais.

Fez com a mão um gesto de despedida. Putifar inclinou-se:

— Agradeço-te, Adon, mas, deixa-me dizer-te uma última palavra: não vergues demasiado a espinha dos

que não estão habituados a isso; o silêncio nem sempre é submissão.

Ficando só, José deixou a cadeira e, com o rosto esfogueado, olhos cintilantes, deu algumas voltas pelo gabinete. De novo o Invadia o desejo de vingar-se de Putifar; fazer-lhe pagar caro a insolência e o desprezo; ainda

uma vez, porém, a reflexão dominou e a prudência prevaleceu; estava apenas no começo da carreira, seu poder sobre o versátil Faraó não estaria consolidado, era perigoso declarar-se contra o chefe dos archeiros, cuja fidelidade nunca suspeitada e reconhecida integridade não davam lugar a qualquer acusação e lhe tinham granjeado a estima e benevolência do soberano. Além disso, Putifar era imensamente rico e aliado às primeiras famílias do reino. Decididamente, era melhor esperar: o destino, que já lhe havia prodigalizado tão gloriosa recompensa, conceder-lhe-ia também a vingança. Chegaria a hora em que todas as considerações que, no momento, garantiam

Putifar, não teriam mais peso.

Passando a mão pelo rosto como para afastar pensa-
mentos importunos, retomou o lugar à mesa e absorveu-
-se no estudo de planos e contas que lhe submetia uma
comissão nomeada dias antes, para construir com toda a
urgência celeiros públicos em diversos pontos do reino,
principalmente nos arredores de Tanis. Tais celeiros eram
destinados a guardar o trigo para os anos de penúria.

X

EM TEBAS

O rei Apopi era contemporâneo
de Sekenen-Ra Taá, um dos chefes
do Sul que trabalharam para a liber-
t a ç ã o do pais.
O rei pastor g o v e r n a v a então o
B a i x o Egito, m a s recebia um tributo
das outras partes do país que seu
povo não ocupava. — Chabas, *Les*
pasteurs en Egypte.

Na época que vamos desenhando, a segunda capital

do Egito estava longe de ter atingido o esplendor que a imortalizou mais tarde. Os Faraós, conquistadores e edificadores da XVIII e da XIX dinastias, não tinham ainda elevado os templos colossais, os centenares de obeliscos, o formidável reduto de cem portas, que deviam fazer de Tebas uma cidade única no mundo. Sem dúvida, os poderosos e ricos reis das primeiras dinastias tebanas tinham enriquecido a sua capital de grandiosas e belas construções e dotado o templo de seu pai Amon-Ra com tesouros numerosos; mas depois deles tinham surgido as mesquinhas discórdias, as guerras fratricidas, e enfim a grande invasão dos pastores, cujas hordas devastadoras tinham inundado o Egito qual desordenada torrente, matando e pilhando o que encontravam. Durante séculos, Tebas tinha decaído à categoria de pobre cidade provinciana, residência de um *haq* do S u l . . .

Desde a primeira grande sublevação do Egito, sob Taá I, com seu sobrenome real: Sekenen-Ra, o sol be-

licoso, o papel dos reis de Tebas se tinha de novo acentuado, elevando-se gradualmente durante os cem ou mais anos decorridos depois desse grande acontecimento. Em poder de Taá III agrupavam-se já, como em torno do seu chefe natural, todas as províncias do Sul.

Cerca de três semanas depois da elevação de José, na hora em que o Sol descambava para o ocaso, uma barca muito simples, porém munida de um camarote, aproximava-se rapidamente de Tebas. Tripulavam-na quatro remadores e um piloto e, no camarote, estavam sentados dois homens que conversavam animadamente, relendo e anotando um longo papiro desenrolado diante deles. Um, era velho de setenta e cinco anos, magro e arqueado; o rosto engelhado devera ter sido outrora de notável beleza e os grandes olhos negros cintilantes e apaixonados, como os de um moço, denotavam alma ardente sobre a qual o peso dos anos não tinha efeito.

Essa personagem era Amenset, padre do templo de Ptah em Mênfis, especialista afamado na arte da adivinhação sob todas as formas; as estrelas do céu, assim

como as entranhas das vítimas, não tinham segredos para ele e sua interpretação dos sonhos era infalível. A humilhação experimentada por ele e seus colegas diante de Apopi e a vitória de José, tinham provocado no irascível velho uma raiva desesperada. Sentia que, com toda a sua casta, havia sido esbofeteado pelo insolente *chasou,* e o pensamento de obedecer ao obscuro e impuro escravo, que o usurpador só tinha nomeado Adon para humilhar toda a nobreza egípcia, quase o fulminara de apoplexia. Apenas restabelecido, decidira fugir de Mênfis, a odiosa cidade onde reinava o usurpador e refugiar-se em Tebas, junto de Taá III, a seus olhos o único rei legítimo do Egito.

Disfarçado e acompanhado de um só escriba e discípulo, deixara Mênfis, uma noite, e vemo-lo agora felizmente aproximar-se do fim da viagem.

— Eis-nos em Tebas, posso abandonar meu disfarce; ajuda-me, Rui, a vestir-me, e toma cuidado com este escrito, o qual, penso, será útil ao rei — disse o velho,

O CHANCELER DE PERRO

despojando-se do manto escuro e da grosseira túnica, enquanto o escriba tirava de uma trouxa o longo vestido sacerdotal.

Uma hora depois, os dois se apresentavam na entrada do templo de Amon-Ra, ou antes, do recinto já imenso que cercava os diversos edifícios pertencentes à morada do grande deus. Um criado os conduziu ao sacerdote. Este ficou muito surpreso de ali deparar o velho sábio de Mênfis, cujo nome era bem conhecido em Tebas. Recebeu-o com deferência e, sabendo dos acontecimentos que levaram o velho profeta a expatriar-se, vibrou de cólera e declarou a Amenset que seu desejo de ver Taá III se realizaria quase logo, visto como o rei, acompanhado do príncipe Kamés, seu herdeiro, estava para chegar ao templo, a fim de assistir a uma cerimônia religiosa.

Apesar da fadiga, Amenset decidiu-se a tomar parte nela e, apenas terminou as indispensáveis abluções, chegou o rei acompanhado de Kamés, mancebo franzino e visivelmente enfermo. Taá III era homem já velho, po-

rém vigoroso, cujo rosto bronzeado ressumava energia, audácia e inteligência superior.

Terminadas as cerimônias, Taá, Kamés, os principais dignitários do templo e Amenset reuniram-se em pequena sala unida ao santuário e, ali, o velho padre com o rosto incendido relatou, com voz que se tornou convulsa de emoção, a história do sonho de Apopi e da elevação de José.

— Toda a nossa casta foi coberta de ignomínia pela malícia infame do c *hasou;* os mais altos dignitários, todos os homens nobres do Baixo Egito devem invertebrar-se e obedecer a esse porco nauseabundo... escravo liberto que, por escárnio, o Faraó nomeou Adon do Egito. Mas eu não pude conformar-me, sacudi a poeira das sandálias e vim ao teu encontro.

Torrentes de lágrimas interromperam o velho que, prostrando-se, murmurou entre soluços:

— Concede-me hospitalidade, filho de Ra, único e legítimo rei para todo coração egípcio; deixa-me morrer

aqui, junto de ti e de meus irmãos, os servos do grande deus.

Profunda emoção tinha empolgado a assembléia e, levantando-se rapidamente, Taá ergueu o velho, abraçou-o e disse com bondade:

— És bem-vindo, venerável Amenset, vive como um pai amado junto do teu rei e consagra calmamente o resto de teus dias ao serviço da divindade. No templo, assim como em minha casa, és bem-vindo.

Quando o sacerdote e os outros dignitários testemunharam ao recém-chegado que compartilhavam os sentimentos do rei, e quando todos se acalmaram um pouco, Taá advertiu:

— As notícias trazidas pelo venerável Amenset são de tal gravidade que me parece indispensável discuti-las seriamente, bem como consultar os deuses, implorando-lhes nos digam se o homem impuro, elevado tão inopinadamente ao poder, nos será funesto, se as calamidades preditas acarretarão nossa perda, ou se tocados, enfim,

por nossas desgraças, os imortais libertarão a terra de Kemi dos opressores e reunirão em minha fronte as duas coroas do Egito.

— Tuas palavras, ó rei, respiram a sabedoria de teu pai Ra — respondeu o sacerdote depois de ter consultado os colegas —; vamos imediatamente, como desejas, escolher um dia favorável para oferecer ao grande deus um sacrifício e ler sua resposta nas entranhas das vítimas.

Três dias depois, Taá, seu herdeiro, e um pequeno séquito composto de chefes militares e velhos conselheiros, chegaram ao templo e dirigiram-se ao pátio destinado aos sacrifícios. Era ainda noite, mas faziam-se os últimos aprestos com uma atividade febril, porque, ao primeiro raio do sol levante, deviam ser degoladas as vítimas e Amenset ia oficiar em companhia do grande hierofante do templo. O clarão das tochas iluminava fantasticamente as roupas brancas dos padres e a estátua do deus, diante da qual ardiam brasas em cima de uma trípode.

Ajudado por Kamés, que trazia as pranchas nas quais estavam notadas todas as particularidades do ritual, que

era indispensável seguir à letra, para que o sacrifício nada perdesse da sua eficácia, Taá começou fazendo uma oblata de vinho e incenso; depois realizou as cerimônias usuais sobre as vítimas a imolar, e quando, finalmente, uma luz purpurina inundou o céu, anunciando o astro rei, os sacrificadores atiraram-se aos animais consagrados, degolaram-nos e, quando o primeiro raio do Sol incidiu nas lâminas cintilantes, descobriram as entranhas palpitantes sobre as quais Amenset e o grande hierofante se inclinaram ansiosos.

Havia um silêncio solene, apenas perturbado pela respiração surda e ofegante dos assistentes; todos os olhos estavam cravados nos dois magos que, de cenho carregado, veias intumescidas pela tensão da vontade, estudavam os sinais misteriosos pelos quais a divindade assinalava suas decisões.

Súbito Amenset ergueu-se em toda a sua altura e levantou os dois braços para o céu. Seu rosto lívido de

emoção parecia petrificado em uma alegria extática; seu olhar, ora flamejante, ora vendado, parecia perder-se em longínqua e radiosa visão.

Pouco depois, ouviram-lhe a voz surda e, contudo, estranhamente vibrante.

— O véu que oculta o futuro se levanta e a voz do deus ressoa ao meu ouvido, qual trovão, falando-me pelas entranhas das vítimas.

"Sim, a paciência dos imortais está cansada de crimes dos estrangeiros; os gritos de aflição da terra de Kemi, as lágrimas e as orações de seus servos tocaram-lhe o ouvido e o traidor impuro, que mancha o trono escarnecendo dos filhos do Egito e dos seus melindres, humilhando-nos sem piedade, cairá ferido por aquele mesmo a quem elevou.

"O escravo, tudo ferindo com o seu punho de ferro, assim dará o sinal da sublevação de todo o Egito e o inimigo secular, vencido, abatido, atacado no seu último refúgio, será repelido para sempre. Das bocas às cataratas do Nilo, a terra de Kemi será livre e, em face dos altares

pejados de sacrifícios, prostrado diante do legítimo rei,

portador da dupla coroa, o povo agradecerá aos deuses com gritos de alegria. Mas, até que cheguem esses dias de felicidade, correrão anos de lutas e sofrimentos atrozes; a fome dizimará o povo e o opressor chupará a medula de seus ossos. Dias virão em que os mais valentes corações ficarão cheios de desânimo e desespero; mas a palavra do deus, que neste momento reboa, deve sustentá-los e fortificá-los. Taá o Grande, o vitorioso, viverás eternamente na memória da posteridade; infligirás ao usurpador o primeiro golpe mortal, sacrificarás a Ptah em seu altar de Mênfis, mas nem a ti nem a teu herdeiro está reservada a vitória completa: será Ahmés, a criança amada do deus, que dorme em teu palácio, quem reunirá nas mãos o papiro e o lótus, quem cingirá a dupla coroa."

A voz de Amenset extinguiu-se bruscamente, seus olhos se vendaram, titubeou e cairia nas pedras do pátio se o grande hierofante e outro padre não o tivessem sus-

tentado e delicadamente estendido no chão. Taá e Kamés precipitaram-se para ele, fitando com espanto o corpo inteiriçado do profeta.

— Amenset, o venerável servo de Ptah, reentrou em Osíris; o deus, tendo falado por sua boca, fechou para sempre os lábios por ele santificados — disse solenemente o sacerdote. — Que mais solene garantia poderíamos ter da veracidade do que acabamos de ouvir?

Tendo o grande hierofante declarado que suas próprias observações concordavam com as palavras do defunto e as confirmavam, Taá, cheio de admiração e respeito, ordenou fizessem a Amenset exéquias reais. Em seguida, combinou com o sacerdote convocar um conselho secreto, no qual estudariam a fundo o escrito deixado pelo fugitivo de Mênfis e que continha, não só a narração dos últimos acontecimentos, como também um relatório minudente e precioso do estado e dos ânimos, a disposição dos corpos de tropas e as fortificações construídas ultimamente pelos Hyksos para tornar Mênfis quase inexpugnável.

Ao chegar ao palácio, Taá foi recebido por um belo rapaz de cerca de doze anos, o qual, separando-se do

escriba que lhe servia de professor, lançou-se-lhe nos braços.

— Ahmés! — exclamou o velho rei, tomando a criança nos braços robustos e apertando-a de encontro ao peito. Depois, voltando-se para os chefes e conselheiros que o seguiam, designou o pequeno rapaz e disse com alegria e orgulho:

— Vede, meus fiéis, a criança escolhida pelos deuses, que nos designou o falecido profeta? Está predestinada a imortalizar seu nome e a glória da nossa raça; sobre a sua cabeça repousará, um dia, a dupla coroa do pais de Kemi, depois de ter rechaçado os malditos, os pestíferos que lhe mancham o solo sagrado.

Como impelido por um só impulso, todo o séquito se prosternou e, levantando as mãos, esses provados servos gritaram entusiasmados: "Glória, força, saúde a Taá, o

muito vitorioso, a Kamés seu glorioso herdeiro, e a Ahmés, o futuro Faraó do Alto e Baixo Egito!"

No conselho secreto, realizado dias depois, foi decidido fazer todos os preparativos para a guerra da libertação, notadamente construir, sem ostentação, uma flotilha numerosa, que facilitaria o transporte das tropas e seria indispensável para o cerco de Avàris, a formidável fortaleza marítima dos Hyksos, defendida também do lado de terra por largos canais. Além disso, decidiram que os templos fariam também certa provisão de trigo para os tempos de penúria e tratariam de impedir que se vendesse a José o supérfluo da colheita. A fé absoluta na predição de Amenset sustentava todos os corações, enchendo-os de ardor e de esperança.

Enquanto em Tebas se preparavam para desesperado combate aos odiados opressores — os malditos, os leprosos, os demônios, como os intitulava ignominiosamente o rancor popular; enquanto Taá e seus aliados sonhavam já em derribá-lo, José consolidava cada vez mais a posição e empolgava completamente o velho Apopi. As medi-

das enérgicas do novo Adon, a calma e tímida submissão que sucedera a insolência turbulenta dos últimos anos, agradava ao monarca doentio, sobre quem as sedições

perpétuas, a agitação permanente obravam como verdadeiro tóxico. Cumulava o favorito de benefícios sempre novos, divertindo-se em curvar aos pés do homem obscuro, seu "alter-ego", todas as cabeças insolentes que ousavam erguer-se contra ele, o descendente legítimo dos reis que, desde quinhentos anos, governavam o Egito.

Esse favoritismo, sempre crescente, enchia José de satisfação orgulhosa e o tornava cada vez mais ousado e despótico: assim, obtivera do Faraó uma guarda pessoal e para comandar esse destacamento, bem como para seu séquito imediato, escolhera rapazes pertencentes às primeiras famílias egípcias... Por escárnio, pensavam os infelizes oficiais que lhe acompanhavam a liteira ou velavam em sua antecâmara, e mais de um rangia os dentes e apertava os punhos; mas a isso se limitava o protesto,

porque, em manifestá-lo de outro modo, havia o risco de perder a cabeça. De resto, não faltavam, tampouco, almas vis que se não inquietavam que a mão distribuidora das graças e favores fosse pura ou impura. Rastejavam diante do poder e adulavam o Adon em detrimento de toda a dignidade humana.

Os festins sucediam-se, tanto em casa de José como de todos os nobres de Mênfis; Apopi, mesmo, honrara com a sua presença alguns desses banquetes, exprimindo a grande satisfação que sentia por ver o novo conselheiro tão bem acolhido por seus fiéis vassalos.

Além disso, por meio de presentes e dotações, estimulava os pendores de José para o fausto. Cercado de esplendor real, ele não esquecia, nunca, que depois do rei era o primeiro homem do Egito.

Um só dos grandes dignitários de Mênfis se eclipsara e sua casa, outrora tão hospitaleira, permanecia fechada. Putifar, a pretexto de saúde arruinada, afastara-se para uma herdade que possuía perto de Tanis e lá vivia em retraimento absoluto, a observar de longe, com pesar e

desprezo, a orgia de voluntário rebaixamento a que se entregavam os seus compatriotas; mas, para José, não era agradável ver vazia e silenciosa a casa do antigo chefe dos archeiros; rancorosa chama se lhe acendia nos olhos

e jurava aos seus deuses espreitar incessantemente a hora de vingar-se de quem tão ostensivamente ousava testemunhar-lhe desprezo.

Entretanto, nem distrações, nem rancores secretos impediam o Adon de ocupar-se ativamente com os misteres do cargo, e os próprios inimigos lhe reconheciam as qualidades de administrador exemplar.

Mais de dois anos transcorreram depois da sua elevação, quando julgou oportuno um giro pelas províncias, a fim de inspecionar todos os centros administrativos e verificar, por si mesmo, se as entregas de trigo aos celeiros públicos se realizavam regularmente, porque as colheitas eram, na verdade, superabundantes. Apopi, que já havia experimentado a espantosa previsão e o zelo do favorito,

aprovou o projeto e, por decreto, ordenou às autoridades de todas as cidades, inclusive os colégios sacerdotais, que recebessem o Adon com as honras devidas a um príncipe da sua casa, considerando-o seu representante direto.

XI

O ADON EM HELIÓPOLIS

O rei disse ainda a José: eu sou
Faraó, sem tua ordem ninguém mo-
verá pé nem mão em todo o Egito.
Tinha ele trinta anos quando
apareceu diante do Faraó, e ele cor-
reu em roda todas as províncias do
Egito. — *Gênese,* cap. XLI, w. 44,

46.

Compreendida dentro do imenso circuito que rodeava o templo do Sol e suas numerosas dependências em Heliópolis, elevava-se a morada do sacerdote, elegante palácio cercado de jardim e em cujo andar térreo estava reunido, ao cair do dia, um grupo de cinco pessoas. De pé junto da balaustrada, o dono da casa conversava com seu filho Armais, belo rapaz de dezoito ou dezenove anos, parecido com o pai pela altura e pelos traços, mas de olhos grandes e azuis como os de sua irmã Asnath, agora encantadora rapariga de catorze anos, delgada e delicada como uma gazela.

Sentada junto da mesa cheia de refrescos, Asnath brincava com pequeno cão de pêlo escuro e luzidio, ao qual mimoseava com um favo de mel, conversando com sua mãe e um oficial que não a desfitava um momento, visivelmente enamorado da interessante menina. Esta personagem era o nosso velho conhecido Hor, o antigo rival de Putifar. Depois do casamento de Ranofrit, con-

seguira transferir-se para Heliópolis e fizera-se amigo e visitante assíduo da casa do sacerdote, que o acolhia com

benevolência e parecia não contrariar a inclinação que revelava pela filha.

Hor fora promovido de posto: comandava agora um destacamento de archeiros e Armais iniciava o serviço militar sob suas ordens. Potífera desejaria que o filho abraçasse a sábia carreira, a fim de substituí-lo um dia no cargo de sacerdote, mas o rapaz tinha pouca vocação para o estudo e para o ascetismo sacerdotal. O árduo trabalho exigido para uma iniciação superior não condizia com o seu temperamento. Embora pesaroso, Potífera contentara-se com iniciá-lo nos pequenos mistérios, por fazer dele um hábil escriba. Mas, para que o cargo hereditário não saísse da família, o sacerdote o destinara ao filho mais moço, Rameri, que ocupava o grau de terceiro profeta do templo e era um arquiteto afamado.

Como outrora, a predileção da família Potífera, a co-

meçar por ele próprio, concentrava-se em Asnath: todos, à porfia, enfeitavam-na, presenteavam-na e adivinhavam-lhe os menores pensamentos. A jovem encarecia essa posição privilegiada. Além do mais, sabia-se bela, rica e cobiçada, o que a tornara até certo ponto orgulhosa e voluntariosa, mas a inata bondade e a infantil displicência mitigavam esses pequenos defeitos. Adorava os pais e o irmão, e o amigo da infância, Hor, agradava-lhe mais que outro qualquer. A adoração evidente do belo oficial divertia-a e lisonjeava o seu orgulho feminino, porque Hor era um partido desejado e as paixões excitadas pelos seus cabelos de ouro, entre as damas de Heliópolis, não eram segredo para ninguém. Apesar dessas boas disposições recíprocas, as palavras decisivas ainda não tinham sido pronunciadas.

Olha, pai — exclamou nesse momento Armais —, Racapou aí vem.

As duas mulheres levantaram-se ao mesmo tempo e Asnath, que de um salto galgara a balaustrada, disse:

É verdade, o carro parou à porta; mas como Raca-

pou está nervoso!

— Será preciso descer para recebê-lo? — perguntou Maia, que, visivelmente, tinha envelhecido e engordado.

— Não. Ficamos bem, aqui. Vai tu Armais, receber o nobre Racapou e acompanha-o até aqui — respondeu Potífera, aproximando-se da mesa e enchendo de vinho dourado da Síria uma taça para o velho amigo, comandante de Heliópolis, cujo passo pesado repercutia na escada.

O velho guerreiro logo entrou na sala: trazia na mão um rolo de papiro, e a fisionomia carrancuda, a cólera mal disfarçada, surpreenderam a todos os presentes.

— Que tens, Racapou? Sucedeu alguma coisa? Talvez desejas falar-me em particular? — perguntou Potífera, fitando, meio admirado, meio inquieto, o rosto congesto do comandante.

— Que tenho? desejaria que Tifon me quebrasse o pescoço antes de saborear a honra com que nos regala

o Faraó e na qual terás tua parte — respondeu Racapou com voz presa de cólera e deixando-se cair na cadeira junto de Maia, a quem saudou com a mão.

— É claro que tuas notícias nada valem, mas, em todo caso, bebe alguns goles de vinho para te refrescares antes de me dar parte do que tanto estragou o teu bom humor — disse o sacerdote com ligeiro sorriso e voltando para a mesa, a fim de apanhar a taça.

Asnath, porém, deixando os braços do pai aturdido, ligeira qual borboleta, foi apresentar o vinho a Racapou, rogando-lhe, com brejeiro sorriso, que se refrescasse e não a privasse da aterradora notícia, caso não fosse um segredo de Estado.

O rosto enfarruscado do velho soldado alegrou-se com a presença da sua favorita e, batendo-lhe carinhosamente nas faces, sorveu o néctar, declarando que o que o incomodava não era segredo e ia comunicá-lo a toda a gente.

— Olha, Hor, este demônio de Asnath quer transtornar a cabeça de Racapou — murmurou Armais, rindo no

ouvido do amigo, enquanto o comandante desenrolava o papiro e lia o decreto de Apopi, ordenando fizessem a José, em sua passagem por Heliópolis, honras quase reais.

Depois da leitura, a cólera e a indignação estamparam-se em todos os rostos, mas o de Potífera cobriu-se de intenso rubor.

— Pois bem! Semelhante invenção não ultrapassa todos os limites do possível e do permitido? — perguntou Racapou, batendo de tal modo na mesa que fez estremecer os vasos.

Ainda não é tudo: instruções que acompanham este decreto mandam-me organizar uma festa popular, uma série de festins em honra do Adon, que chega na semana próxima; e como sua visita corresponde à festa de Tafnout, ordena-se que na procissão sagrada seja reservado a este... (Racapou escarrou energicamente) o lugar de Apopi! De resto, receberás, sem dúvida, instruções a este respeito; mas repito que o Faraó começa a ultrapassar

todas as medidas, exigindo que os primazes de todo o Egito rendam homenagens reais a este animal impuro.

— Que foi escravo na casa de meu cunhado Puti-far — intercalou Potífera de lábios trementes.

— Ah! ah! ah! — exclamou Racapou — um favorito digno do seu patrono. Na verdade! só um impuro *chasou* poderia elevar este animal imundo à categoria de Adon. Enfim, isto não adianta: é preciso acomodar o bruto no Palácio e, em vez de receber o Adon como o merece, com uma sova, honrá-lo com zumbaias. O mais cruel é que será preciso dissimular o ódio e o desprezo que ele nos inspira.

— Tenho, entretanto, curiosidade de o ver. Neftis, a filha do hierogramatista Ramsés, que esteve em Mênfis o ano passado, contou-me que o Adon é belo como Horus — observou Asnath, menos sensível à questão de origem do que à das festas esperadas.

— A comparação de um deus com o antigo escravo de tua tia honra pouco a tua amiga — disse Potífera, franzindo as sobrancelhas. — Em todo caso, não verás

esta personagem e não assistirás às solenidades que são para nós um opróbrio.

— Mas, pai, todo o mundo assistirá a elas! — disse Asnath, com enfado.

— Penso, ao contrário, que toda mulher e filha de qualidade, que *puder* fazê-lo, será feliz, dispensando-se desse trabalho; em todo caso, tu e tua mãe não honrareis com vossa presença o homem ilustre que limpava as sandálias do teu tio — respondeu Potífera com severidade jamais usada com a filha amada.

Vendo-lhe o aspecto triste, acrescentou:

— Amanhã irão para nossa casa de campo e consinto que mandes construir o viveiro de pássaros, que desejas há tanto tempo.

Asnath alegrou-se e, enquanto abraçava o pai, Maia perguntou a Racapou se sua mulher e filhas tomariam parte nos regozijos.

— Minha mulher, sim; é preciso que ela presida ao

banquete em minha casa; as filhas não, com certeza; não quero imaginar, sequer, que lhe venha a idéia de escolher uma delas para esposa. Dizem que ele procura entre as mais belas e mais nobres.

— Oh! quem o quereria para genro? Por toda parte será despedido — exclamou, rindo, Armais.

— Se for possível despedi-lo — suspirou Racapou —; é mais prudente evitar a honra de um pedido...

— Então, deixa irem conosco Nititis e Hatasou; será melhor para mim e para elas — disse Asnath.

O pedido foi aprovado por todos e, a fim de evitar quaisquer suspeitas, decidiu-se que a esposa do sacerdote partiria logo no dia seguinte com as três moças. Em seguida, Potífera e o governador desceram para discutir todos os preparativos exigidos para a recepção do Adon, que devia dar-se doze dias depois. Armais correu a dar ordens indispensáveis para a partida no dia seguinte.

Maia foi ocupar-se dos aprestos, e Hor com Asnath foi ao jardim, onde Armais devia encontrá-los.

Silenciosos e absortos em seus pensamentos, os dois

jovens atravessaram o jardim para galgar a relva onde jogavam a péla. Apesar de tudo, uma estada de algumas semanas no campo agradava pouco a Asnath; para Hor era insuportável a só idéia de uma tão longa separação; além disso, o silêncio da moça o tornou logo ciumento.

"Ela pensa somente nesse imundo estrangeiro e nas festas em sua honra, não cogita do meu pesar em ver-me separado dela por tanto tempo" — disse em pensamento e perguntou de súbito:

— Que sonhas assim, Asnath?

— Nada — respondeu com vivacidade —, tu é que sonhas somente com a chegada do Adon e eu não te queria perturbar.

Quase sem querer, ele deu uma risada, tão cômica lhe pareceu a semelhança de pensamentos; e como, no momento, passavam perto de um banco meio oculto à sombra de grande sicómoro e das acácias em flor, atraiu a companheira para o banco de pedra e, sentando-se, disse-

-lhe com um sorriso:

— É verdade, estou distraído, mas não é a chegada do Adon que me preocupa; é a tua partida, é o pensamento de não ver, durante tanto tempo, esses olhos azuis que para mim representam o céu.

Asnath corou vivamente e baixou a cabeça, indecisa, mas, levantando-a logo, disse em tom malicioso e com um olhar cheio de garridice:

— Quem, porventura, te impede de ir contemplar o céu? Sabes quanto és bem visto por ele!

Hor tomou-lhe as mãos, apertou-as e beijou-as.

— Permites, Asnath, interprete as tuas palavras ao sabor do meu coração? Posso amar-te abertamente e pedir-te a teus pais em casamento? Quero ouvir antes, da tua própria boca, que me amas.

— E que pensas sobre isso? — disse ela num tom faceiro —; somos tão velhos amigos! e prometeste esperar que eu crescesse para desposar-me.

— Consentes, pois, em recompensar minha fidelidade? — disse Hor, atraindo-a em seus braços e apertando-

-lhe os lábios com um beijo. — Mas, ardilosa, não quero velha amizade, exijo um amor novo e tão ardente quanto o meu.

Rosada e alegre, Asnath restituiu-lhe o beijo e combinou que, logo que Racapou partisse, dariam parte a

Potífera e a Maia da sua afeição recíproca, pedindo-lhes a bênção.

Foi uma tarde feliz na casa do sacerdote. Ele e a mulher exultaram de alegria com o pedido de Hor. Conheciam tão bem o leal e bom rapaz, que, com toda satisfação, confiavam-lhe o futuro da filha querida. Armais também se regozijava com ser o irmão do seu amigo.

Ficou decidido que, logo que o Adon partisse e ficassem desembaraçados dos atropelos causados pela sua visita, celebrariam as núpcias. Até lá, Hor visitaria a noiva sempre que lhe permitisse o serviço.

O dia marcado, para a recepção do Adon, levantou-se radiante: toda a cidade tomara tonalidades festivas, toda

a população estava a postos e a massa de curiosos atravancava não só as ruas e telhados como a estrada por onde José devia passar.

Enfim, apareceram os destacamentos de archeiros, agitando ramos floridos, e os lacaios que precediam o carro do Adon, cercado de condutores de leques. De todos os cantos estrugiam aclamações e gritos de alegria; a multidão prostrou-se. Atrás da equipagem vinham os carros dos conselheiros, escribas e funcionários diversos, que formavam o séquito. Novos destacamentos de soldados e longa fileira de burros e de carroças, carregados de bagagens, fechavam o cortejo.

À porta da cidade foi José recebido por todas as autoridades, com Racapou à frente. Em respeitosas palavras, o velho governador exprimiu a alegria de toda Heliópolis, recebendo e abrigando dentro de seus muros o representante do rei.

Depois de breve e cordial resposta, José deixou o carro para tomar lugar em uma cadeira portátil, marchetada e, rodeado de todos os dignitários que acabavam de

recebê-lo, dirigiu-se para o templo do Sol, a fim de juntar-se à procissão religiosa em honra da deusa Tafnout, cuja festa se celebrava nesse dia.

A entrada do sagrado recinto estendiam-se as longas filas de cantores e cantoras do templo, cada grupo precedido do seu regente, que, com uma comprida varinha

dourada, marcava o compasso, enquanto o mestre-de-cerimônias seguia atentamente a ordem e os requisitos do ritual.

Os sons graves do hino sagrado enchiam o ambiente de vibrações melodiosas. Aqueles cantos sacros, executados com extrema perfeição por vozes soberbas, acompanhadas e sustentadas ao som das harpas, produziam sempre, no povo, impressão profunda e perturbadora; involuntariamente, as cabeças se curvavam, os joelhos vergavam e uma ardente aspiração para a divindade elevava-se de todos os corações. Após os cantores, vinham padres de todos os graus, precedendo o *naos* (barca sagrada) da deusa, co-

berto com um tapete ornado de flores e carregado por oito pastóforos; depois, os grandes dignitários do templo, tendo à frente o reitor dos matemáticos, precedido dos símbolos da música e dos livros de Tot (Herrmes); a seguir o Hierofante, grande mestre das ciências genetlíacas: o relógio e a palma eram os símbolos do seu cargo; a pena, a régua e o tinteiro, precediam o Escriba sagrado, grande mestre da ciência simbólica sob todas as formas, e da arte hierogramática; depois caminhava o grande mestre da justiça, com seus símbolos: o côvado figurando a igualdade perante a lei e o copo figurando a grande comunhão sacerdotal, com a vida espiritual do Universo pela iniciação. Por fim, surgia a arca-santa, que continha os dez livros da iniciação suprema e, atrás dela, Potífera revestido das insígnias de sacerdote, tiara branca na cabeça, o peitoral formado de pedras simbólicas, cintilando ao peito, e seus emblemas: os pães da comunhão e a jarra de ouro.

Saudado pelo sacerdote, que lhe ofereceu uma flor de lótus e o aspergiu com água purificadora, José, descido

da liteira, juntou-se ao cortejo; depois, terminadas as cerimônias religiosas, dirigiu-se ao palácio preparado para recebê-lo, convidando todos os dignitários a se lhe apresentarem logo que tivessem repousado um pouco. Como desejava reuni-los em banquete, induziu-os a vir uma hora antes da refeição, para conversarem e travarem mais amplo conhecimento.

Nessa reunião, as opiniões sobre José se dividiram: uma parte dos dignitários ficou involuntariamente desarmada com a afabilidade discreta, nada arrogante, do belo mancebo, que parecia nascido para reinar e comandar; que sabia dirigir a cada qual uma palavra amável, que parecia tudo haver estudado, tudo saber. Somente os puros egípcios e os padres ficaram frios: a idéia do ultraje, pela superioridade hierárquica desse intruso alienígena, jazia-lhes odienta e hostil no fundo dalma. As mulheres postaram-se ao lado do Adon, quase unânimes, e mais de um olhar apaixonado caiu sobre ele. Não seria um falso boato,

uma calúnia, que aquele homem tão elegante, tão belo, que trazia com tanta graça e desembaraço o seu rico vestuário tivesse, alguma vez, curvado o dorso diante de um senhor ou de um bastão? Que aquelas mãos de afilados dedos e pele acetinada tivessem, algum dia, preenchido os grosseiros trabalhos de escravo? José examinava aqueles olhares, já os tinha visto em Mênfis e sabia, há muito, que entre as mais belas e mais nobres, muitas havia que voluntariamente lhe perdoariam a origem e consideravam felicidade o serem por ele escolhidas para esposa. Mas, até aquele dia, o coração do moço hebreu tinha ficado inerte; a ambição e os negócios o absorviam inteiramente e ninguém suspeitava, entretanto, que abismo de vaidade, orgulho, cruel rancor e avidez, se abscondiam naquela fronte branca e polida, na impassibilidade serena das suas feições regulares, dormindo latentes no fundo dos olhos profundos e impenetráveis.

Com o afável desembaraço que acabamos de assinalar, José presidia ao festim. A sua esquerda estava Racapou; à direita Potífera, visivelmente nervoso e excitado, apesar

da deferência cortês que dispensava ao Adon, o qual não havia denunciado, por uma palavra sequer, que o conhecia da casa de Putifar.

Tudo fermentava na alma do orgulhoso egípcio: a idéia de permutar cortesias, de se assentar ali, quase como um subalterno, ao lado do antigo escravo de seu cunhado e a quem, já então, tinha instintivamente odiado, esse pensamento lhe apuava o coração como um dardo, fazia-lhe subir todo o sangue à cabeça. Além disso, estava

fatigado da longa cerimônia da manhã e ia deixando-se invadir por um mal-estar cada vez mais pronunciado. Procurou dominar-se, mas, súbito, tonteou-lhe a cabeça, uma nuvem escura escureceu-lhe os olhos e, sem sentidos, tombou na cadeira.

Todos os convivas se levantaram tumultuosamente à vista do incidente inesperado, mas já Racapou e José se tinham precipitado para sustentá-lo; estenderam-no em um leito e um dos padres presentes prestou-lhe socorros,

graças aos quais reabriu logo os olhos. José que, nesse comenos, demonstrava viva solicitude, inclinou-se para ele, informando-se do seu estado, e quando o sacerdote mostrou desejos de voltar para casa, ele próprio o acompanhou até à liteira.

A imensa multidão que enchia as imediações do palácio ficou agradavelmente impressionada vendo o Adon em pessoa amparar os passos titubeantes de Potífera e ajudá-lo a acomodar-se na liteira. Essa deferência, esse interesse testemunhado ao venerável sacerdote, amado por toda Heliópolis, da parte do poderoso homem cuja entrada quase real tinham admirado pela manhã, produziu o melhor efeito e foi sinceramente que o povo aclamou o representante do Faraó. Os corações simples dos operários e camponeses que tinham vindo assistir às solenidades não compreendiam os sentimentos de ódio e de orgulho ferido, das classes superiores.

Durante a noite o estado de Potífera piorou, declarou-se febre ardente e Armais, muito inquieto, mandou um mensageiro prevenir Maia e Asnath da desgraça sucedida.

Nessa mesma noite as duas mulheres chegaram e posta-
ram-se à cabeceira do doente. O dia e a noite seguintes
correram sem trazer qualquer melhora; toda a família
estava desolada e a tristeza espalhara-se por todo o tem-
plo, porque o pontífice era geralmente amado. Quanto ao
Adon, ocupado fora da cidade com a inspeção militar,
havia mandado saber notícias de Potífera.
No dia seguinte, pela manhã, mandou novamente in-
dagar do estado do sacerdote, e, sabendo por intermédio
de Racapou que o enfermo piorara, declarou que desejava

visitá-lo pessoalmente, mas sem ostentação alguma, a fim
de evitar qualquer alarme que pudesse incomodar o en-
fermo.
Acompanhado somente de Racapou e de Hor, que
estava ao seu serviço, José foi à residência do sacerdote
e, silenciosamente, o comandante de Heliópolis o conduziu
ao quarto do doente.
Na sala ao lado havia apenas uma meia-claridade, ar-

riadas as ricas cortinas das janelas, por ordem do médico.

No momento em que Hor, precedendo os chefes, ia levantar o reposteiro que fechava a entrada do quarto de Potífera, foi ele suspenso por mão impaciente e Asnath apareceu no limiar. Velava junto ao pai, enquanto Maia se retirava para descansar um pouco e ia transmitir uma ordem da parte do velho padre, que não deixava a cabeceira do seu chefe. A moça vestia singela túnica de linho, ajustada ao esbelto busto por um cinto de prata lavrada; pequena mantilha de franjas cobria-lhe os ombros; seus belos cabelos negros, repartidos em duas tranças, caíam-lhe abaixo dos joelhos.

Apesar desse traje negligente e do rosto pálido e fatigado, Asnath estava encantadora. Percebendo o noivo, atirou-se para ele de braços abertos.

— Hor, eis-te enfim aqui! — exclamou estendendo-lhe os rubicundos lábios.

O oficial, em vez de corresponder ao gesto, fez-lhe com a cabeça um brusco sinal negativo e, no mesmo instante, a moça deu com os olhos em Racapou, acompanha-

do pelo mancebo desconhecido. Corada e confusa recuou, fitando o visitante, cuja esquisita e altiva beleza impressionou-a, supondo fosse algum médico ou mágico estrangeiro, trazido pelo comandante para tratar o pai.

Em face da adorável menina cujos olhos límpidos e azul-celeste se levantavam para ele, curiosamente, súbita chama se acendeu nas pupilas do Adon.

— É a filha única do sacerdote — disse Racapou. — E tu, Asnath, continuou, saúda ao nosso poderoso senhor, o Adon, agradece-lhe a insigne honra que faz a teu pai e a toda a família, transpondo estes umbrais.

A voz do velho guerreiro era surda, parecia exprimir-se com dificuldade, tão lentas e sofreadas lhe saíam as palavras da laringe. Um imperceptível sorriso, misto de malícia e ironia, perpassou pelos lábios de José: ele sabia quanto custava ao altivo egípcio aquela elocução.

Mas, à palavra "adon", uma expressão de desencanto, de frieza e desdém se refletiu na fisionomia inconstante

de Asnath. Todavia, inclinou-se com polida reserva e, levantando o reposteiro, disse:

— Entrai, senhor; meu pai acaba de despertar do seu letargo.

José notara a impressão produzida na moça pelas palavras de Racapou; febril rubor assomou-lhe furtivamente ao rosto pálido e delicado; seu olhar mergulhou qual raio nos olhos límpidos e brilhantes, fixados nele com uma curiosidade surdamente hostil.

Súbita tristeza apertou o coração da moça e logo que José se sentou à cabeceira de Potífera, enquanto Racapou ficava de pé junto ao leito, esquivou-se e correu em busca de Hor, que não teve mais peias em abraçá-la e, arrastando-a para uma janela, procurou consolá-la da molés-tia do pai, não deixando de acrescentar alguns epítetos escolhidos, em relação ao Adon, cuja maldita vinda era indubitavelmente a causa do sucedido a Potífera. Estavam por tal modo absortos na conversa, que Hor apenas teve tempo de retirar os braços que enlaçavam a noiva, quando Racapou afastou o reposteiro para dar passagem

ao chefe. Entretanto, o olhar agudo do Adon tinha surpreendido o movimento; sombrio fulgor lhe jorrou dos grandes olhos verdes e profunda ruga lhe vincou a fronte. Respondendo com silenciosa inclinação de cabeça à saudação da moça visivelmente perturbada e confusa, deixou o quarto.

Sombrio e abstrato, voltou a palácio sem dirigir palavra ao governador e, no dia seguinte pela manhã, deixou Heliópolis. Alguns dias depois, Hor e dois outros oficiais receberam, inopinadamente, ordem de juntar-se ao Adon para acompanhá-lo em sua excursão. Ninguém compreendeu algo dessa súbita fantasia do intruso, mas, na família

de Potífera, a partida inesperada do rapaz provocou grande pesar. O sacerdote ia de mal a pior e a separação do noivo, em tão triste momento, arrancou lágrimas amargas à pobre Asnath.

Todavia, a sã e vigorosa natureza de Potífera venceu o mal e, lentamente, começou a restabelecer-se do terrível

abalo. Sua fraqueza, porém, e a ausência de Hor, impossibilitavam a celebração do casamento da filha, que maldizia o Adon, causa do seu pesar.

Durante esse tempo, José continuava o seu giro: por toda parte inspecionava os edifícios e corpos de tropa, verificava a contabilidade e punia com implacável severidade todas as malversações. Votava por toda parte especial atenção à armazenagem do trigo; além disso, por ordem sua, agentes foram expedidos para as províncias do Sul, a fim de comprar tanto trigo quanto pudessem adquirir, o que não era difícil, visto a superabundância da colheita de dois anos. Km último lugar, dirigiu-se para Avaris, cujas fortificações estudou com o cuidado e talentos inatos de um engenheiro. Rapidamente, sob a direção de oficiais experimentados, empreenderam-se no interior e no exterior da fortaleza vastos trabalhos, que deviam fazer do reduto entrincheirado dos Hyksos um refúgio inexpugnável, conforme as circunstâncias. Se, porventura, um levante geral, uma invasão dos chefes do Sul ou uma grande derrota forçasse os Hyksos a recuar, poderiam ali

concentrar-se, preparar novas forças e arrojar-se de novo sobre o país.

No dia seguinte à sua chegada a Mênfis, apresentou ao Faraó meticuloso relatório dos resultados da viagem e Apopi, verdadeiramente maravilhado, agradeceu-lhe com afetuosas palavras os fiéis serviços, perguntando qual o favor que lhe poderia conceder em testemunho de satisfação.

Vivo rubor cobriu o rosto do favorito que, prostrando-se, exclamou sensibilizado:

— Meu soberano e benfeitor, estou já tão cheio dos raios da tua graça; tua bondade e confiança me elevaram tão alto que parece impossível possa desejar ainda alguma

coisa; mas teu olhar penetrante como o do deus do qual emanaste, leu no meu coração que aspiro a um favor que só tu me podes conceder. Amo uma mulher e desejaria chamá-la minha, mas sei que mil dificuldades infirmarão este meu desejo, se tua vontade poderosa não decidir a

meu favor.

— Somente isso? Então, acalma-te, levanta-te, meu fiel servo. Não te tenho dito sempre que escolhas a mais bela, a mais nobre das filhas de Mênfis e ela será tua esposa? Não acredito que entre as mulheres haja alguma que vacile em submeter-se às minhas ordens. Dize-me o nome — acrescentou Apopi, medindo com olhos risonhos a estatura alta e bela do favorito.

— Foi em Heliópolis que vi a filha do sacerdote Potífera: o encanto dessa menina deslumbrou-me os olhos, comoveu e aqueceu meu coração.

— Bela? — perguntou o monarca.

— Como a deusa que derrama o amor no coração dos mortais; seus olhos são azuis e transparentes como o azul do céu — respondeu José em voz baixa e vibrante, enquanto um raio de paixão lhe perpassava pelos olhos e um estremecimento nervoso lhe agitava o corpo.

— Receias que Potífera te recuse a filha?

— Sim, Faraó, tu sabes quanto sou odiado pelos egípcios; odiado e desprezado duplamente, como escravo li-

berto a quem tua vontade elevou acima dos mais nobres dentre eles. Ainda mais que todos, odeia-me e despreza--me o sacerdote de Heliópolis, porque foi em casa de sua irmã que estive como escravo e, impiedosamente — eu o sei — ele me recusará Asnath, se tu, meu rei, não te interpuseres.

— Regozija-te, servo devotado, a filha de Potífera será tua esposa; tomarei minhas providências para isso, porque tua escolha corresponde a um plano que eu próprio ruminava. Conheço o criminoso orgulho desses padres, mas, ser-lhes-á difícil desprezar-te, desde o momento em que, convertido em genro de um deles, estiveres aliado à sua casta; teu sangue se misturará com o deles e apagará todos os estigmas da escravidão. Vai, pois, em paz, e prepara o teu palácio para receber a sua jovem senhora.

XII

O FARAÓ E O SACERDOTE

Depois casou-se com Asnath, filha de Potífera, sacerdote de Heliópolis. — *Gênese,* cap. XLI, v. 45.

Foi José servido à parte e seus irmãos à parte, e os egípcios que comiam com ele foram t a m b é m servidos à parte: porque não é permitido entre os egípcios comer com os hebreus, e crêem que um f e s t i m desta sorte seria profano. — *Gênese,* cap. XLIII, v. 32.

E quando Faraó v o s chamar e v o s perguntar qual é v o s s a ocupaç ã o ?

Vós lhe respondereis: v o s s o s servv o s são pastores desde a infância até ao presente, e nossos pais o t ê m sempre sido como nós. A s s i m é que vós haveis de dizer para poderdes morar na terra de Gessen, porque os egípcios detestam todos os pastores de ovelhas. — *Gênese,* cap. XLVI, w . 33, 34.

Potífera estava inteiramente restabelecido. A calma e a alegria tinham voltado ao seio da família, tratava-se ativamente dos preparativos do casamento de Asnath, a realizar-se logo depois da volta de Hor. O jovem oficial não podia tardar. Em sua última carta informava que a

viagem do Adon estava terminada e marcara para o dia seguinte o seu regresso a Mênfis.

Mas, em vez do noivo esperado, chegou uma ordem real a Potífera para que se apresentasse a Apopi, sem demora, dizendo tratar-se de negócio urgente.

O Faraó se apressara em expedir essa ordem logo no dia seguinte ao da entrevista com José. O plano matrimonial do favorito lhe agradava, correspondia ao ódio secreto que lhe inspiravam os padres, os inimigos infatigáveis do seu repouso. Era uma ocasião azada para infligir destemerosa afronta à casta abominável, que fomentava todas as sedições e só via nele um estrangeiro impuro.

Forçar um dos mais poderosos padres a dar a filha ao

escravo liberto, que só por capricho seu era o que era, e dar a esse ultraje aparências de favor, causava-lhe satisfação toda especial.

Embora surpreso, Potífera supôs que o rei lhe quisesse falar de algum monumento sagrado que desejasse elevar; e como a ordem prescrevia urgência, preparou-se para atender. Asnath ficou desolada com esse novo adiamento e, vendo-a pesarosa, sua mãe propôs ao marido que as levasse consigo. Seria não só uma ocasião de rever Hor, mas também Ranofrit e o marido, aos quais não viam havia muito, e que também pretendiam tratar de negócios em Mênfis.

Potífera acedeu sem relutância, com a só condição de que não o retardassem. Asnath, porém, ajudou tão eficazmente a genitora, que à hora marcada toda a família pôde aviar-se.

Ranofrit e o marido receberam os parentes com alegria e combinaram passar juntos o pouco tempo que estivessem reunidos, porque Putifar tinha pressa em voltar para o seu retiro, logo que concluísse os negócios na cida-

de. O sacerdote, que contava igualmente partir o mais depressa possível, se o Faraó não o retivesse, consentiu de bom grado em instalar-se com os seus na confortável vivenda do antigo chefe dos archeiros. Sua própria casa era situada do outro lado da cidade, o que trazia inconvenientes.

O dia passou-se em conversações. Ranofrit e a cunhada tinham mil coisas a se dizerem e Asnath reatou, imediatamente, sua grande amizade com Putifar; afagou-o e prendeu-o, tão bem, que conseguiu levá-lo a tomar parte na péla que queria jogar com os dois filhos. Os dois rapazes estavam radiantes; Putifar, estafado e coberto de suor, declarou-se vencido ao cabo de um instante, pronto a pagar aos três valentes adversários um resgate de presentes e doces, se o dispensassem do resto da partida, o que foi aceito com entusiasmo e grandes gargalhadas... A tarde, Hor foi vê-los e Asnath passou algumas horas bem agradáveis e felizes em companhia do noivo. Com o sa-

cerdote e Putifar, o moço falou também do Adon e da viagem que com ele fizera; e, embora maldizendo-o pela inexplicável fantasia que retardara a sua felicidade, narrou toda uma série de episódios que punham em relevo a perspicácia, a energia e às vezes, mesmo, o espírito vivo e cáustico de José.

Essa conversa avivou no espírito de Asnath a lembrança do hebreu e, em vez de dormir, pensou no seu fugaz encontro: com estranha nitidez reviu o rosto pálido do Adon, sua estatura alta e esbelta, a mão branca e delicada que se apoiava no punhal de cabo de ouro cinzelado, preso ao cinto.

Sem saber por que, pôs-se a compará-lo com Hor: certamente, este era mil vezes mais simpático com o seu bom e descuidoso sorriso; olhos tão francos e soberbos cabelos de ouro; mas, incontestavelmente, o Adon era mais belo com as feições regulares, a boca altiva e aquela indefinível expressão de autoridade e de energia que emanava da sua pessoa... E o olhar, o olhar ardente e fascinador, que a atravessava como um raio, tomando-lhe a respiração...

Hor nunca lhe produzira essa emoção...

Súbito, deu uma gargalhada: "Estou louca, creio, comparando o meu leal Hor a esse impuro estrangeiro, mágico que, certamente, tem mau-olhado, porque o seu olhar me deu palpitações de coração. E que me importa ele? Que se avenha!" Apertou de encontro ao rosto e nos lábios um amuleto que trazia ao pescoço, recitou uma invocação a ísis e mergulhou em sono profundo e calmo.

O C H A N C E L E R DE P E R R O

169

No dia seguinte, Potífera dirigiu-se ao palácio para receber as ordens do Faraó, mas disseram-lhe que Apopi, ainda fatigado de outra crise, que o tinha surpreendido dois dias antes, não podia recebê-lo imediatamente. Determinava-lhe, porém, que se apresentasse no dia seguinte pela manhã.

Assim que, revestido das insígnias do cargo, no pescoço o disco solar preso a uma corrente de ouro, o sacerdote apresentou-se na hora indicada e foi logo introduzido no gabinete do Faraó. Apopi estava sentado junto à

mesa de cedro com pés de cobre lavrado, sobreposta num estrado pintado de vermelho; o rosto descarnado, olhos encovados e astutos, exprimiam no momento a mais perfeita naturalidade.

Afastando os rolos estendidos à sua frente, saudou o sacerdote com a mão e, enquanto este se prostrava, determinou ao camarista, que o guiara, vigiasse atento para que se cumprisse o que antes havia ordenado.

Depois, voltando-se para Potífera, indicou-lhe com um gesto de benevolência o assento baixo, colocado à sua frente.

— Senta-te, venerável servo do grande deus de Heliópolis; sou feliz, vendo-te diante de mim, completamente restabelecido, porque meu fiel servo, o Adon, informou-me que grave enfermidade quase pôs fim aos teus dias.

Depois do agradecimento do sacerdote, o Faraó replicou:

— Foi para comunicar-te insigne favor, a ti e à tua casta; grande honra e alegria inesperadas para tua família, que aqui te chamei: é que o mais belo e mais sábio

dos egípcios, depois de mim, o primeiro do Reino, o Adon, viu tua filha Asnath e a beleza da menina comoveu-lhe o coração e ele pede-a para esposa. Acedi ao seu pedido e esta audiência tem por fim fazer-te conhecer minha real vontade. A partir deste momento tua filha é noiva de José.

Potífera saltou da cadeira como se o tivessem ferido em pleno rosto. Lívido, olhos arregalados, duvidando do testemunho dos sentidos, levou a mão ao rosto, mas, tentando dominar-se, respondeu em voz baixa e mal contida:

— Estás escarnecendo do teu servo, Faraó. Minha filha, aliás, já não está livre, é noiva do nobre Hor, um guerreiro do teu séquito e o casamento deve celebrar-se por estes dias.

Apopi, que notara com íntima satisfação o efeito das suas palavras, respondeu calmo e acentuando as sílabas:

— Isso em nada altera a minha real vontade: anulo o compromisso de tua filha com Hor, fazendo-a noiva do

Adon.

Por uma reação súbita, todo o sangue subiu à cabeça de Potífera, roubando-lhe a serenidade e domínio de si mesmo. Ameaçante, rosto afogueado, olhos congestos, deu um passo para o rei:

— É pois com a violência e o abuso do poder que queres agir contra mim; não tens esse direito, Faraó Apopi, porque não sou um escravo cujos filhos se vendam; sou um egípcio livre, sacerdote do primeiro templo do Reino, e antes de dar minha filha a este animal impuro, matá-la-ia com minhas próprias mãos.

Diante dessa violenta apóstrofe, o rosto pálido de Apopi coloriu-se de sombrio rubor; com os olhos faiscantes, levantou-se e pôs a mão pesadamente no ombro do sacerdote, cuja raiva sacudia o corpo robusto, como num acesso de febre:

— Acalma-te, velho insensato — murmurou com voz vibrante —, eu bem sabia que o favor que te concedo seria incompreendido e que, sob a influência do teu orgulho desvairado e cego, tomá-lo-ias como ofensa; por isso,

afastei toda a gente dos quartos vizinhos, a fim de que nenhum ouvido indiscreto ouvisse que faltas com o respeito ao teu rei e que tenho a oportunidade de poupar-te a cabeça venerável. Estamos sós e, por tua vez, agora, escuta e transmite minhas palavras a teus irmãos. Não sou ludíbrio do vosso silêncio e fingida humildade; conheço-vos perfeitamente, implacáveis inimigos da minha raça e do meu povo; sei que atrás das muralhas espessas dos vossos templos fomentam-se todas as sedições, tramam-se todas as conspirações; que, sempre preocupados em solapar o trono, alimentais criminosa correspondência

com Taá, o miserável chefe do Sul a quem tendes como legítimo Faraó do Egito. Somente estais enganados se julgais que me deixarei esmagar. Se até hoje não vos arrastei a juízo como traidores e conspiradores, é porque contemporizo com essa vestimenta de linho que o povo venera, como venera o representante do seu deus.

Mas eu estou cansado das vossas murmurações, revol-

tas, surda oposição a todas as minhas ordens. Em todos os tempos, homens de origem obscura, mas distintos por seus méritos, esposaram as próprias filhas dos vossos reis; ninguém via nisso opróbrio. Filhos do povo são criados com vossos príncipes e atingem o fastígio das honras; mas somente porque eu, o estrangeiro aborrecido, elevei a José, vós o desprezais, o inundais com a vossa baba venenosa; porque compreendeis também que ele tem a têmpera necessária para vos derrubar. Vosso ódio dá a medida do vosso temor.

Se não te coubesse a sorte, outro sacerdote deveria dar-lhe a filha, porque eu *quero,* entendes, padre de Heliópolis, *eu quero* que aquele que vos há de humilhar seja aliado à vossa casta; que o seu sangue se misture ao vosso e apague a última nódoa do seu passado de escravo. Reflete bem, Potífera; o poder e a força estão ainda nas minhas mãos; considerarei tua recusa uma revolta aberta e tomarei, então, contra vós, as mais severas medidas. Cabe-te julgar se uma devassa impiedosa, uma busca imediata nos templos não fariam surgir documentos e tes-

temunhos que entregassem ao carrasco a tua cabeça e a de muitos dos teus confrades; e se não é preferível dar o exemplo da submissão e receber o futuro esposo de tua filha com respeito e reconhecimento, como o mandatário de um favor real. Tua obediência destruirá os últimos prejuízos da nobreza e dos padres e será talvez a base de uma era de tranqüilidade. Por esse preço, quero esquecer esta hora e conservar minhas benevolencias para com os templos e a tua casta. Agora, responde: sim ou não?

Cada palavra de Apopi ecoava em Potífera como pancada de martelo. Naquele momento crítico as classes se tinham nivelado: os dois homens que, silenciosos, trêmu-

los, se mediam com o olhar, não eram mais o Faraó e o vassalo, mas dois terríveis adversários: o representante do poder oficial e o do poder secreto. Cada qual podia causar no outro feridas profundas: qual o mais forte?

Era o que restava saber.

Potífera media a espantosa responsabilidade que, nesse instante, lhe pesava nos ombros, se por um egoísmo pessoal desencadeasse prematuramente a luta decisiva, quando as forças eram ainda muito desiguais e, por isso mesmo, reduzisse a nada todos os preparativos secretos, fazendo desmoronar o perigoso edifício que elevavam, e esmagando sob os escombros milhares de cabeças, os anéis vivos dessa cadeia política que devia, pouco a pouco, enlaçar qual serpente o trono do usurpador e abafar o estrangeiro maldito que se comprazia em lhes infligir os mais ignóbeis ultrajes.

Potífera arquejava, seu coração se retorcia como ao contacto de um ferro em brasa, mas a razão dizia ao patriota, ao político, que, em vez de arriscar todo o futuro do Egito, devia sacrificar a filha.

Apopi acompanhara com olhar penetrante a agonia moral que se desenhava nas feições já lívidas do vencido e, inclinando-se para ele, murmurou:

— Vejo que me compreendeste, e, se não tens medo por ti mesmo, tremes por teus cúmplices; vai, pois, padre

de Heliópolis, anunciar à tua filha quem lhe está destinado para esposo. Um decreto vai tornar conhecido do país, que o Adon e os padres celebram aliança. Mandarei à tua casa os presentes reais que, nessa ocasião, desejo conceder-te.

Sem responder, independente das saudações protocolares, o sacerdote se desviou e, cambaleante, como ébrio, deixou o gabinete real e arrastou-se até à liteira.

Putifar preparava-se para sair, quando os lacaios do cunhado penetravam no pátio. Ao divisar o rosto lívido, convulso, acabrunhado do sacerdote, ficou possuído de horror e pesar, mas, com a decisão pronta e calma que o caracterizava, auxiliou-o a descer da liteira, levou-o para

o quarto e, tendo-o feito sentar-se, obrigou-o a beber alguns goles de vinho.

— Agora fala, Potifera, dize-me se és acusado de lesa-majestade ou convencido de rebelião — disse o antigo chefe dos archeiros, apertando fortemente as mãos

frias do padre, que se aprumou murmurando:

— Desgraça tal, ultraje tão aviltante desaba sobre nossa familia, que, por evitá-lo, a morte seria uma felicidade.

— Não fales por parábolas, que me queimas a fogo lento. De quem e de que se trata? — perguntou Putifar empalidecendo.

— Trata-se de Asnath, a nossa Asnath, para a qual o Faraó, no excesso do seu favoritismo, escolheu um esposo, que é, por sinal... o liberto a quem tirou da lama para nos humilhar — respondeu o sacerdote com uma risada estridente.

— Não estarás divagando?... Como conceber semelhante coisa? — disse o antigo chefe dos archeiros, recuando, como se tivesse sido mordido por uma vibora.

Procurando acalmar-se, o sacerdote narrou a trágica entrevista que tivera e as razões políticas que o forçaram a dar um tácito consentimento à arbitrária violência que lhe faziam.

— E amanhã todo o Egito saberá que minha filha

está infamada! Infeliz Asnath! Como suportará a separação de Hor, o mancebo nobre e leal, para pertencer a esse cão imundo que, nesta casa, desempenhou os mais baixos misteres de escravo?

Num louco acesso de desespero, segurou a cabeça com as duas mãos e, dando um grito surdo, atirou-se numa cadeira.

Fez-se por instante um pesado silêncio; finalmente, o sacerdote levantou-se e, agitando o punho fechado, murmurou:

— Chegará um dia a hora da vingança e, então, Faraó Apopi, lembrar-me-ei da graça que hoje me concedes. Queres, meu irmão, auxiliar-me a escrever algumas palavras aos principais padres de Mênfis, pedindo-lhes

que venham aqui sem demora? Devo consultá-los (talvez seja ainda possível uma saída) e, em todo caso, prevenì-los.

Feitos e expedidos cerca de doze convites, o sacerdote

disse, fatigado:

— Faze o favor de chamar minha mulher e Ranofrit;
é preciso preveni-las, a fim de que, falhando o recurso,
preparem Asnath para a desgraça que a espera.

Seria difícil descrever o espanto das duas mulheres
ao saberem do que se passava. Ranofrit desmaiou e Maia,
louca de desespero, foi conduzida ao quarto por Putifar,
que, depois de confiar sua mulher às aias, voltou rapida-
mente para junto do cunhado que, debruçado à mesa,
olhos chamejantes, ruminava projetos cada qual mais fan-
tástico.

— Acalma-te, Potífera, e não tentes lutar doidamente
contra o inevitável. Onde o teu sangue-frio de homem de
Estado, a prudência do sacerdote e do sábio?

— Acabo de experimentar que o sábio e o homem de
Estado se apagam diante do pai e que é mais fácil pres-
crever sacrifícios que realizá-los — respondeu Potífera,
enxugando a fronte molhada de suor. — E quando penso
no desespero da minha desgraçada filha; no futuro abo-
minável que a espera como esposa desse homem abjeto

e nauseabundo, perco toda a coragem.

Enquanto isso se passava, a pessoa mais interessada nada sabia ainda da transformação operada no seu destino e brincava, alegre e descuidosamente, no jardim, com os dois filhos de Putifar.

Uma jovem criada correu à sua procura e, titubeante, anunciou que a nobre Ranofrit estava desmaiada e a nobre Maia em estado de exasperação: continuava imóvel no lugar onde o senhor a acomodara, sem ver nem ouvir coisa alguma. Mortalmente aterrada, a moça precipitou-se para o quarto da tia, ainda sem sentidos.

— Que tens? — exclamou Asnath, ajoelhando-se aos pés de Maia, que, inteiriçada, olhos dilatados e espantados, tinha aspecto de louca.

A voz e o contacto da filha restituíram subitamente à pobre mulher a vida e o movimento; dando um grito

aflitivo, apertou-a contra o peito, cobriu-a de beijos e depois, soltando-se bruscamente, pôs-se a correr pelo

quarto, rasgando as roupas, gadanhando o seio, arrancando os cabelos, batendo com a cabeça nas paredes, aos gritos e suspiros. Ranofrit, que acabava de reabrir os olhos, completou o coro, misturando suas lágrimas com este grito: "Asnath! infeliz! tua sorte me corta o coração!"

Inteiramente estupefata, lívida de espanto, a moça exclamou:

— Dizei logo: que desgraça sucedeu a papai? Estará doente, machucado?

— Não — respondeu finalmente Maia entre suspiros. — Teu pai está bem, não sofreu qualquer desastre, mas espantosa desgraça nos fere a todos, a ti sobretudo, pobre filha! (E, apaixonadamente, abraçou-a de novo.)

— Hor morreu ou está ferido? — exclamou Asnath fora de si.

— Não, nada lhe sucedeu e, todavia, arma-te de coragem, uma hora bem triste te espera.

— Então, dize o que aconteceu; não me tortures ainda mais com a incerteza — disse Asnath tremendo dos pés

à cabeça.

— Não, não — gritavam as mulheres a uma voz —, teu próprio pai que te diga a verdade e talvez que ainda ele encontre um meio de te salvar. Oremos antes aos imortais para que nos auxiliem e sustentem.

Como ébria, Asnath ajoelhou-se diante do pequeno altar onde se viam as estatuetas de Ptah, Ísis e outras divindades, e procurou orar, mas, que lhe cumpria implorar aos imortais? O perigo invencível e desconhecido que a ameaçava enchia-a de terror, de tristeza insondável. Imóvel, sem saber o que pensar, fitava as efígies dos deuses. Súbito lhe veio a idéia de que eles, os imortais, sabiam tudo e conheciam, portanto, a desgraça que ia feri-la, mas possuíam também o poder de salvá-la. E, vertendo lágrimas ardentes, pôs-se a implorar a proteção dos invisíveis.

Enquanto esta cena se desdobrava no quarto das mulheres, os padres convocados por Potífera se tinham reu-

nido e, com frases breves, porém claras, o sacerdote lhes retraçou a entrevista da manhã e a inaudita injúria que feria toda a casta na pessoa da filha.

— Não quis assumir a responsabilidade de comprometer o futuro do Egito e a nossa vingança — disse —, mas antes de infamar minha filha, entregando-a a esse cão impuro, quis consultar-vos, perguntar-vos: temos, sim ou não, a força de afrontar abertamente o *chasou* maldito, ou se meu sacrifício é indispensável?

O rubor da cólera e indignação havia coberto as fisionomias sacerdotais, ao saberem da nova humilhação que feria a orgulhosa casta. Carrancudos e trêmulos, consultaram-se, mas a triste verdade era iniludível: não estavam ainda suficientemente preparados; os fios da conspiração eram ainda pouco sólidos. Taá III, muito afastado e muito fraco para tentar a luta decisiva. Pálidos, mudos, baixaram a cabeça. Por fim, levantando-se, o velho sacerdote do templo de Ptah, que, aproximou-se de Potífera e apertou-lhe fortemente a mão úmida e gelada, dizendo:

— Irmão e amigo, teu amor pela terra de Kemi, tua

fidelidade aos nossos legítimos Faraós já te indicaram a única solução possível: sabes, tão bem como nós, que a hora da libertação não soou e que uma revolta extemporânea nos entregaria ao guante do *chasou;* faria cair muitas cabeças, comprometeria toda a causa. Tua pobre filha deve ser sacrificada ao estrangeiro, pura e inocente vítima, em holocausto à pátria; os deuses me são testemunha de que, se quisessem aceitar, em troca, uma de minhas três filhas, dá-la-ia com prazer para poupar o teu único tesouro. Mas a hora da vingança está próxima.

Surdo gemido escapou-se do peito do sacerdote e, num momento, escondeu a cabeça nas mãos; mas, logo aprumando-se com energia, voltou-se para o cunhado que, pálido, dentes cerrados, escutava encostado à parede:

— Putifar, peço-te que vás chamar Asnath para que ouça da boca de meus veneráveis irmãos a terrível verdade e a necessidade do sacrifício. Por mim, sinto-me incapaz de falar.

E, levantando-se bruscamente, passou ao quarto contíguo.

Ao aproximar-se do quarto das mulheres, os gritos e soluços que lá continuavam sem interrupção atingiram os ouvidos de Putifar e sua fronte ensombrou-se. Apressando o passo, afastou bruscamente a cortina e deitou um olhar para o interior. A vista da mulher e de Maia que, desgrenhadas, vestes rasgadas, portavam-se como loucas, enquanto Asnath, ajoelhada perto do altar parecia petrificada de espanto, o antigo chefe dos archeiros franziu o sobrolho e falou com austeridade:

— Pois quê! Eu vos supunha, a ambas, mais razoáveis. Em lugar de sustentar a coragem desta menina, vos lamentais como em funerais? Por Tifon! não é a morte que a espera... Que lhe dissestes para estarrecê-la assim?

— Nada; esperávamos que ainda a salvassem — gemeu Ranofrit, enquanto Putifar, afetuoso, levantava Asnath.

— Vem, minha filha, e não tremas assim; em tudo o que os deuses nos impõem é preciso procurar o lado

favorável.

No quarto contígo, parou, encheu um copo com água fresca, aproximou-o dos lábios trêmulos da moça e disse, carinhoso:

— Bebe e sê corajosa; é verdade que se vai exigir de ti um pesado sacrifício; mas no fundo não será talvez tão terrível quanto parece e mais de uma egípcia invejará tua sorte.

— Meu tio, dize-me o que exigem de mim; que eu saiba a verdade por tua boca, não em presença dos padres estranhos que, sei, estão reunidos no quarto de meu pai.

Putifar fitou-a com ternura e compaixão e, mergulhando um olhar perscrutador nos belos olhos úmidos que lhe suplicavam, perguntou:

— Já viste José, o Adon do Egito?

— Sim, uma vez, quando passou por Heliópolis.

— Que tal te pareceu?

Ela enrubesceu vivamente.

— Sim, é belo, mas que Importa? — acrescentou sôfrega.

— A probabilidade de seres sua mulher te espantaria muito?

A moça recuou com um grito de espanto, mas Putifar não lhe deu tempo de refletir; tomando-lhe a mão, arrastou-a rapidamente para o quarto do pai.

Diante dos padres de pé, graves e silenciosos, e de todos os olhos nela cravados, Asnath foi assaltada de tremor nervoso e em vão procurou o pai com o olhar.

Foi Ptah-hotep, sacerdote do templo de Ptah, em Mênfis, quem se aproximou e, paternalmente, lhe pôs a mão na cabeça. Asnath conhecia de menina o venerável ancião, a quem amava e respeitava; sua presença reanimou-a um pouco.

— Foi uma grande e triste necessidade que aqui nos reuniu — disse solenemente Ptah-hotep — e não é a uma criança que falo, mas a uma mulher, à filha do ilustre Potífera, o grande servo do seu deus e da terra de Kemi. Vou, pois, expor-te toda a verdade. O Faraó Apopi esco-

lheu-te para esposa de José, o Adon que ele impôs ao Egito. Seria para ferir e humilhar nossa casta, ou para nos levar a uma resistência aberta, que, no momento, seria desastrosa para nós? Não sei, mas é certo e nós acabamos de discuti-lo ainda uma vez, que a nossa e a tua recusa a este casamento provocariam cruéis represálias, que poderiam custar a vida a teu pai e aos melhores homens do país. Portanto, pobre criança, curva-te à vontade real e, como digna filha de quem és, sacrifica o homem que amas e tua felicidade pessoal ao futuro e tranqüilidade do Egito.

Vendo-a oscilar, o sacerdote amparou-a.

— Que dirá Hor? — murmurou aflita.

— Hor é egípcio que não desejará corar diante da grandeza dalma de uma mulher; é um homem e deve sacrificar, à libertação futura do seu país e à vingança que acarreta a hora presente, todo o resto de sua vida.

— Onde está meu pai? É da sua boca que quero ouvir minha condenação; se é da sua vontade que me sacrifique — exclamou soluçante.

Quase no mesmo instante, Potífera surgiu à entrada do quarto. Pálido e desfigurado, mas voz clara e firme, quando respondeu com incisivo entono:

— Sim, filha, teu sacrifício é indispensável; e desejo que esposes esse homem; sê, pois, forte e suporta dignamente o que te impõe o destino.

Sem responder, Asnath atirou-se nos braços do pai.

Mas a emoção das últimas horas, a superexcitação nervosa fora assaz violenta. Perdeu os sentidos. Potífera levou-a para o seu quarto, prodigalizou-lhe, auxiliado por um padre, os primeiros cuidados; depois, tendo severamente proibido à mulher e à cunhada qualquer demonstração de pesar que aumentasse a irritação da moça, voltou para junto dos colegas. Retirados estes, discutiu com Putifar as providências impostas pelos imprevistos acontecimentos. Em primeiro lugar, ficou decidido que Potífera e sua família se instalariam, no dia seguinte, em sua própria casa, a fim de poupar ao antigo chefe dos ar-

cheiros **a** ocasião de ver e receber José, cuja primeira visita provavelmente se verificaria dentro de três dias. O Adon tinha partido, na véspera, para negócio urgente, e sabiam que só apareceria para celebrar oficialmente os esponsais. Seguramente, ele se enganava quanto à alegria provocada com essa aliança.

Quando Asnath voltou a si, uma prostração apática tinha substituído a exaltação. Incapaz de pensar, acabou adormecendo num sono pesado e febril; mas, depois de algumas horas de repouso, despertou mais calma e, no silêncio e na solidão da noite, pensou no golpe inesperado que viera cortar o seu destino e dar-lhe nova direção.

A imagem de José se lhe apresentou à memória com amargurosa clareza. Ao lembrar-se do olhar de fogo que a trespassara como um raio, estremeceu. Como a encararia ele, agora, quando a visse como noiva? Apesar disso, apesar de todo o mal que ouvia dizer a seu respeito, não chegava a sentir por ele o desprezo e repulsa que inspirava aos seus parentes: era belo, poderoso, o primeiro no Egito; seu exterior e maneiras eram os mesmos dos

homens da sua sociedade.

Mas a lembrança de Hor e o futuro desconhecido que tinha diante de si negrejaram logo todos os seus pensamentos; em lugar do homem amado, era um desconhecido de origem obscura, a quem ia ligar-se para sempre. Como se desenrolaria essa vida conjugal, que havia sonhado tão diversa? Que seria, na intimidade do lar, aquele homem a quem vira apenas uma vez, que nunca lhe dissera uma palavra de amor? O medo e a tristeza invadiram-na e, sob o efeito desses agentes, a beleza e a alta posição do Adon desapareceram, transformando-o num espectro espantoso, horrível, que, com as mãos cruéis, esmagava as suas esperanças. Escondendo o rosto nas mãos, começou a chorar.

De manhã, levantou-se pálida, triste, mas aparentemente calma. O ruído e aprestos da mudança deixavam-na Indiferente; só tinha um desejo: rever Hor, apertar pela última vez a sua mão leal, chorar com ele a felici-

dade perdida. Mas o oficial estava ausente, levado pelo Adon em sua excursão.

Apenas a família se instalara, viu chegar do palácio uma fila de escravos e criados trazendo à noiva do Adon presentes reais. Apopi mostrara-se generoso e as cestas e caixinhas continham verdadeiras maravilhas: jóias e panos preciosos. Asnath não deitou um olhar sequer a esses tesouros, e a munificência real pareceu-lhe péssima ironia.

O dia transcorreu como em sonho. Toda a casa em movimento, devido aos preparativos, porque José mandara anunciar que no dia imediato iria saudar a noiva e celebrar os esponsais oficiais. Todos os escravos estavam ocupados em trançar grinaldas floridas, estender tapetes e armar galhardetes; toda a morada do sacerdote tomava um ar de festa, mas a jovem heroína, da solenidade que se preparava, permanecia indiferente e taciturna. Imersa em triste cismar, refugiara-se num quarto vizinho ao do pai, mais afastado do bulício, e pensava em Hor, quando um passo brusco repercutiu no corredor e o jovem oficial, pálido, olhos flamejantes, apareceu no limiar.

Ao vê-lo, Asnath deu um grito de alegria e dor e, num apaixonado impulso, lançou-se-lhe nos braços; mas o moço repeliu-a asperamente e perguntou:

— É verdade o que se diz em toda a cidade e se confirma nos aprestos que enchem esta casa? Traíste a palavra empenhada, para te unires ao Adon, essa nódoa do Egito?

— Hor, podes tu acusar-me de infidelidade, quando os padres e meu pai me forçam a desposar José? — exclamou angustiada, ferida no coração pela cólera do noivo.

Ele pareceu moderar-se com a resposta e, atraindo-a bruscamente, perguntou, mergulhando no seu um olhar febril e perscrutador:

— Não amas a esse homem?

— Creio que estás louco, Hor! — respondeu despeitada — eu, amar esse escravo liberto ao qual só vi uma vez e que me inspira ódio e aborrecimento?

Intenso rubor cobriu o rosto do moço egípcio. Apaixonadamente apertou Asnath de encontro ao coração e cobriu-a de beijos.

— Não o amas — disse enfim, respirando com alívio. — Então, nada está perdido: foge comigo para Tebas; tenho lá um parente que nos há de receber, saberei proteger-te e, apesar de tudo, seremos felizes.

— Estás louco e queres entregar nossas cabeças ao carrasco para realizar um sonho de amor irrevogavelmente destruído? — interveio nesse instante a voz de Potífera.

Voltaram-se e viram o sacerdote e o cunhado, em pé, na porta do quarto.

— E eu não quero cedê-la; é minha fortuna, minha noiva; tenho o direito de preservá-la da união odiosa — respondeu Hor em tom de desafio e revolta, enquanto Asnath o abraçava.

Putifar quis responder, mas o sacerdote afastou-o com um gesto fatigado e, aproximando-se de Hor, pôs-lhe a mão no ombro.

— Segue-me, filho, devo falar-te em particular; e tu, Asnath, espera; dentro de um quarto de hora nos juntaremos em meu quarto.

Amparada pelo tio, que fazia todos os esforços para consolá-la, a moça sentou-se em uma cadeira e desfez-se em lágrimas.

Hor, profundamente perturbado, seguira Potífera. As feições alquebradas e macilentas do sacerdote, as profundas rugas que lhe vincavam o rosto provavam o terrível abalo que sofrera a sua natureza altiva e robusta.

E, à noite, a luz vacilante das lâmpadas tornava a expressão geral mais lúgubre ainda.

— Filho querido, mais amado e mais próximo que nunca do meu coração, escuta, julga e suporta, como homem, a inevitável desgraça. Compreendo que experimentas toda a aflitiva dor que sentimos, mas vou desvendar-te, sem restrições, o que nos força a proceder assim.

Em palavras breves, mas de clareza luminosa, Po-

tífera desenrolou toda a situação política, o vasto plano de libertação traçado pelos padres, a marcha da conspiração e o perigo mortal que ameaçava todo o futuro do Egito se uma sublevação prematura, premeditada talvez pelo miserável Faraó e seu instrumento, o Adon, viesse comprometer os templos, todos os membros da conspiração e provocar cruel perseguição da parte do *chasou.*

A medida que o sacerdote falava, o rapaz baixava a cabeça. Acabara de compreender a grandeza da causa a que se imolava a noiva querida.

— Agora, meu filho, compreendes que não posso proceder de outro modo. Perco, como tu, um ser amado, porque ver Asnath esposa desse animal impuro é pior que vê-la morta. E, agora, eis o que decidi a teu respeito: não podes aqui ficar e servir sob as ordens do infame que te rouba a felicidade; tua própria vida talvez corresse perigo, porque é possível que tenha ciúmes de ti.

Portanto, já tomei todas as medidas para facilitar-te a fuga para Tebas: partirás ainda esta noite, disfarçado em escriba; espera-te uma barca tripulada por vigorosos

e hábeis remadores e, de templo em templo, despachar-
-te-ão, ocultando-te se for preciso, até ganhares Tebas.
Preparo-te cartas para o sacerdote de Amon-Ra e outros
dignitários, e nosso legítimo e glorioso Faraó, Sekenen-

-Ra (os deuses lhe concedam glória, vida, saúde) te re-
ceberá honrosamente, como servo devotado; trabalharás
para a vingança e libertação do Egito, talvez para tua
felicidade, porque a derrota do *chasou* será a morte da
sua criatura e Asnath, livre, será tua legítima recompen-
sa. Ainda uma palavra: em Tebas o sacerdote entregar-
-te-á, de minha parte, doze talentos de Babilônia, a fim
de que possas viver conforme a tua classe.
Vendo Hor abrir a boca para protestar, acrescentou
com autoridade:
— Nem uma palavra: és e ficas sendo meu filho, re-
servo-me o direito de velar pelo teu futuro. Agora, vou
chamar Asnath para que te despeças dela.
Ao primeiro olhar que a moça lançou ao rosto lívido

e desfeito do ex-noivo, compreendeu que tudo estava perdido. Apesar do morno e embalsamado ar que entrava pela janela aberta, Asnath estremeceu e seus pequenos dedos gelados agarraram-se à mão do homem que ia perder para sempre.

— Vejo que me abandonaste — murmurou.

Lágrimas, que ele próprio não procurava reter, inundaram as faces do infeliz rapaz.

— Sim, parto, mas sem ti só viverei para vingar-me.

E tu, Asnath, não me esquecerás?

Raiva e desespero cintilavam-lhe nos olhos, vibravam-lhe na voz e, subitamente, arrastou a moça para a frente de um nicho, no fundo do qual estava colocada a imagem de Toum (o deus Sol, de Heliópolis) iluminada por uma lâmpada; inclinando-se, disse convulsivamente:

— O mais duro sacrifício é partir sem molhar meu machado no sangue do covarde que me rouba a felicidade; jura-me, porém, ao menos, ante a imagem do deus, que só a mim amas.

— Amo-te, juro-o, e se isso te pode consolar, mata-

-me — murmurou Asnath sucumbida pelos mais desen-
contrados sentimentos.
— Então, jura-me que nunca amarás esse homem;
que tua boca nunca lhe dirá "amo-te!" — como acabas
de mo dizer a mim; jura-o por nosso amor, pela salvação

de todos nós; deixa-me levar para o exílio esta suprema
consolação de que nunca o ouvido do miserável ouvirá
essa palavra embriagadora... e de que os deuses te feri-
rão com toda a sua cólera se me faltares a esse jura-
mento.
A moça, trêmula, confusa, emudecera, mas o sacer-
dote que seguia com olhar ardente as peripécias da cena,
interveio e disse com voz lenta, acentuando cada palavra:
— Como podes recear que Asnath esqueça jamais a
hora nefasta em que te perde, as angústias dos parentes,
a humilhação da sua casta?
Ela sacrifica o corpo, mas fica senhora da alma e se
lembrará sempre que é a filha de Potífera; do primeiro

sacerdote do Egito; que vai ligar-se a um escravo, a um inimigo do seu povo, estrangeiro impuro. Mas, se porventura (a voz de Potífera ribombou qual surdo trovão) ela esquecesse estas horas de dor para trocar juramento de amor com o nosso mais cruel inimigo, eu a renegaria e amaldiçoaria, apontando-a à maldição de toda a nossa casta.

— Pois bem! Queres jurar-me fidelidade eterna, ou receias que esse homem, belo e poderoso, conquiste teu coração, apesar de tudo? — perguntou Hor com os olhos coruscantes.

Asnath quis responder, mas os lábios trêmulos lhe recusaram auxílio: o instinto incorruptível do seu coração inocente lhe dizia que esses dois homens, cegos pelo ódio, pelo ciúme e pela humilhação, queriam ligá-la por um juramento contra a Natureza, exigindo-lhe detestar e zombar de um homem com o qual a obrigariam a casar-se. A mente lhe assomou, então, o belo e inteligente semblante de José; reviveu o seu olhar fascinador e, completamente vencida, murmurou em tom quase impercep-

tível:

— Entretanto, devo pertencer-lhe e, se for bom para mim, poderei votar-lhe ódio por toda a vida?

— Bom contigo? criança tresloucada! Podes esperar graça de um chacal esfaimado? — interrompeu o sacerdote com o rosto incendido. — Esqueces que é a vontade

do Faraó que dispõe de ti como de uma escrava e que estas núpcias, mais lúgubres que a morte, nos ferroteiam com um estigma afrontoso e indelével?

— Não digas palavras inúteis, meu pai; não vês que os olhos verdes do estrangeiro cativaram o coração de tua filha? E tu, Asnath, não jures o que já temes infringir.

A esposa do Adon pode lembrar-se de um miserável fugitivo?

Uma tal raiva desesperada vibrava na voz do moço egípcio, seu olhar transbordava tanta amargura, que Asnath tudo esqueceu e, vendo-o desviar-se para sair, correu para ele e o reteve:

— Hor, Hor, não me deixes assim com o coração cheio de fel e indigna desconfiança; jamais amarei o Adon, quanto a ti, e não receio jurar-te fidelidade até à morte.

Resoluta, aproximou-se da imagem, fez rapidamente um sacrifício de vinho e de incenso; depois, com voz firme, pronunciou o juramento exigido, de amar Hor enquanto vivesse e jamais conceder ao Adon uma palavra de amor.

Ébrio de alegria, o mancebo apertou-a nos braços; em seguida Potífera abençoou-a, abraçou-a e depois, ajoelhando-se diante do nicho, pronunciou com unção:

— Deus poderoso, agradeço-te me haveres dado uma filha tão heróica, na hora da desgraça.

O adeus foi curto; trocaram um último beijo, um derradeiro abraço; Hor envolveu-se no manto e deixou a casa.

Esmagada física e moralmente, Asnath se arrastou até ao quarto.

O sacerdote ficou só com o cunhado, que, enquanto durou a entrevista, conservara-se mudo. Fez-se longo silêncio. Enfim Putifar, andando de um lado para outro, parou diante do sacerdote e disse gravemente:

— Compreendo e compartilho teus pesares; és vítima de uma violência inaudita; entretanto, Potífera, o ódio torna-te cego e injustamente cruel para com a pobre Asnath, sobre quem recai a parte mais dura do sacrifício. Nós sofreremos este homem apenas como parente; ela deve suportá-lo como marido e por toda uma longa existência; condenas esta inocente vítima a uma posição falsa,

retiras-lhe toda a possibilidade de uma vida suportável e a entregas, talvez, à vingança desse homem inflexível.

Ergueu-se o sacerdote, um ardor de selvagem fanatismo lhe jorrou dos olhos e, segurando o braço de Putifar, murmurou:

— Prefiro antes vê-la morta que feliz nos braços do impuro.

E não compreendes que, desde o momento em que ela o amasse, tomar-se-ia sua aliada e favorável aos nossos perseguidores? Não, eu devia cavar um abismo entre ela e o homem belo e perigoso, porque um coração de mulher

é coisa frágil.

XIII

O ADON E SUA NOVA PARENTELA

Seu rosto (de José) é formoso

e agradável, as m o ç a s correram por

cima do muro para vê-lo.

Mas os que e s t a v a m armados de

dardos o picaram e tiveram rixas

c o m ele, e o invejaram mortalmen-

te. — *Gênese,* **c a p . XLIV, w. 22, 23.**

Depois da partida de Hor, Asnath voltara ao quarto, num estado dalma difícil de descrever. Despediu a aia e, vestida como estava, estendeu-se na cama.

Parecia-lhe ter sobre o peito o peso de um rochedo; o futuro lhe surgia como abismo escuro, sem saída, sem um raio de luz que o iluminasse. Presa de agonia indefinível, o pensamento errava do noivo amado, que acabava de perder para sempre, para o futuro esposo que tinha jurado odiar. E quanto mais pensava, mais crescia a angústia moral. Enfim, esgotada de lágrimas, alquebrada

moral e fisicamente, caiu num sono pesado e febril.

Mas todo o seu ser estava assaz sobreexcitado para achar repouso, e um sonho estranho, lúgubre, veio agitá-la de novo. Parecia-lhe que Hor e José esquadrinhavam-lhe furiosamente o peito, arrancavam-lhe o coração e, fulos de ódio e raiva, disputavam-se o farrapo sanguinolento, enquanto ela caía, espedaçada por uma dor atroz, num golfo escuro, que logo reconheceu como o Amenti, o reino dos mortos. Penosamente lutava com todos os obstáculos descritos no livro dos mortos, pelos quais a alma deve

passar antes de penetrar no palácio de Osíris. Sem saber como, viu-se de súbito diante do juiz supremo e dos seus quarenta e dois conselheiros, enquanto Tot pesava os seus atos na balança da eterna justiça. Mas em vão o deus procurava seu coração, para colocá-lo na segunda concha: o coração ficara na Terra. Então, Osíris fitou-a com um olhar penetrante e perguntou severamente:

— Por que vens sem coração? por que o deixaste di-

lacerar por dois homens? Não sabias que ele só podia pertencer àquele que te estivesse destinado pela divindade? Volta, pois, à Terra, entrega-o àquele a quem amas e traze-o com tuas mãos para ser pesado nesta balança; do contrário, erra sem descanso, sombra sofredora, mentira viva, entre o Céu e o Amenti, procurando sempre o coração perdido!

Trêmula, coberta de suor, despertou e apertou com a mão ansiosa o coração palpitante: estava bem ali o pequeno órgão que encerra todos os impulsos para o Céu e todos os sofrimentos do inferno; um universo, no qual roncam tempestades, levantam-se vagas tumultuosas que, todavia, se quebram sem força de encontro aos frágeis muros deste mundo estranho e misterioso. Com efeito, que mistério mais estranho que o coração humano, sempre o mesmo, que nem os séculos, nem os cataclismos podem modificar! Os continentes submergem, populações surgem e desaparecem, por sua vez, no golfo insondável do passado ! . . . E o coração humano não mudou: os mesmos sentimentos de ódio e de amor, de alegria e de dor o agi-

tam; frágil e entretanto indestrutível, debate-se na rocha da fatalidade, aí se destrói momentaneamente para renascer sempre.

Pensativa e alquebrada, deixou a cama e, sentando-se perto da janela, começou a pensar. Essas horas de luta moral tinham amadurecido e transformado em mulher a descuidosa e risonha criança. Seu próprio exterior estava modificado: as faces tinham perdido a frescura, os olhos brilhantes se tinham nevoado de melancolia, uma expressão amarga e acerba lhe contraía a boca outrora tão sorridente e graciosa.

A mudança operada na personalidade da filha inquietou e desolou a mulher do sacerdote, mas nem mesmo lhe sobrava ensejo para se lamentar, quando todos reclamavam a sua presença e as últimas ordens. Também quando chegou Ranofrit, que pretendia ajudá-la sem aparecer na festa, Maia pediu-lhe que ficasse junto de Asnath e cuidasse do seu enxoval. A fisionomia desfeita da moça

produziu, igualmente, profunda impressão na mulher do antigo chefe dos archeiros, aumentando ainda mais a cólera e o rancor que nutria contra José. Asnath deixou-se preparar com a mais completa indiferença; apenas recusou, terminantemente, enfeitar-se com qualquer dos adereços enviados pelo Faraó ou pelo noivo, só aceitando as jóias que lhe ofertaram os parentes. Depois de vestida, despediu as criadas para engolfar-se em profundo cismar. Ranofrit, que tinha examinado conscienciosamente o conteúdo das cestas e caixinhas trazidas pela manhã, da parte do Adon, e que Asnath não tinha honrado com um olhar, deixou-se cair em uma cadeira e exclamou num misto de cólera e desprezo:

— Não, nunca teria podido acreditar que esse imundo escravo, que berrava de fazer tremer a casa quando o castigavam por seus delitos, se tornasse um dia membro de nossa família e enviasse presentes de núpcias quase régios!

Visivelmente espantada, Asnath pediu à tia uma explicação dessas palavras e Ranofrit, levada pelas lembran-

ças, não se fez rogar e relatou, por miúdo, a degradação e o castigo vergonhoso sofridos pelo antigo intendente do marido, antes de ser enviado ao cárcere.

A lividez da moça e o tremor nervoso que a sacudiram, fizeram logo compreender a Ranofrit que fora mal inspirada em semelhante narrativa, e logo estacou, pálida e confusa.

Na verdade, a altiva Asnath sentia-se como que esbofeteada: os ignóbeis pormenores, contados pela tia, haviam subitamente despojado José da auréola com que, apesar de tudo, o circundavam a sua beleza e posição; naquele instante ela sentia somente que era o escravo,

o miserável, conhecido pelos criados de Putifar, os quais com suas mãos o tinham castigado e que, dentro de uma hora, lhe daria o beijo dos esponsais; e o peso dessa humilhação a esmagava, enquanto a imagem de Hor retomava um novo império.

A entrada da genitora, que vinha por levá-la para

junto do pai, interrompeu aqueles dolorosos pensamentos. Melancólica, mas resoluta, levantou-se e depois de um beijo mudo, trocado com Maia, tão pálida e desfigurada quanto sua filha debaixo dos ricos adornos, passaram para o salão onde já se encontrava Potífera acompanhado do seu escriba particular e de alguns padres de Heliópolis, que formavam o seu séquito oficial e o acompanhavam em todas as surtidas na cidade do Sol.

O rosto do pontífice, embora envelhecido e pálido, tinha retomado a expressão de calma e austeridade habituais. Aproximando-se da filha, apertou-lhe fortemente a mão, que reteve na sua para lhe dar coragem; e verdadeiramente, a presença do pai reagiu beneficamente sobre a alma combalida de Asnath: levantou altiva a linda cabeça coroada de flores; e como longínquos gritos anunciavam a aproximação do Adon, postou-se resolutamente ao lado de sua mãe, enquanto Potífera se dirigia ao encontro do futuro genro.

José, por sua vez, tinha passado uma noite agitada.

A política e o coração tinham ditado a sua escolha; tinha

necessidade dessa valiosa aliança para assegurar prestígio diante do povo e nivelar o prejuízo que o separava das altas castas. No Egito, onde a nobreza e os direitos decorriam da mulher, o genro de Potífera tornava-se igual ao mais nobre e o neto pertenceria, de direito, à primeira casta do Reino. Aliava-se com a família onde tinha servido como escravo; era um acaso feliz e uma satisfação irônica inchou-lhe a alma ao pensar que entraria, como senhor e igual, na casa onde tinha sofrido a mais terrível humilhação da sua vida e que o orgulhoso Putifar, que tinha desdenhado servir sob suas ordens, deveria abraçá-lo como parente.

Mas, pouco a pouco, todos os pensamentos se concentraram em Asnath: como o receberia ela, cujo coração,

sem dúvida, teriam enchido de fel e desprezo contra ele? Depois, a imagem de Hor surgiu-lhe na mente, enchendo-o de um ciúme ardente e mordaz. Procurou repelir tal sentimento: ele também não era belo, mais belo, mais

poderoso do que o mesquinho oficial? Asnath o esqueceria, era muito jovem e inocente para agasalhar os prejuízos da família e acabaria amando-o. Sim, ela o amaria, porque ele o queria. Pouco a pouco o afagaram mais risonhas idéias; sonhou com a felicidade de chamar sua a adorável menina, cuja única lembrança lhe fazia bater como nunca o coração e que o tinha apaixonado com um só olhar dos seus olhos azuis.

Depois de vestir-se com todo o luxo adequado às circunstâncias, tomou a liteira dourada e florida, como de uso para noivados e, acompanhado de numeroso séquito, assim como dos portadores de leques, dirigiu-se à casa do sacerdote. O povo que se amontoava à sua passagem, aclamava-o ruidosamente, entusiasmado com a sua bela aparência e a riqueza do cortejo.

Quando a liteira parou, saltou lesto, atirou o manto branco a um oficial, subindo desembaraçado a escada, em cujo tope, cercado do seu séquito, Potífera esperava-o silencioso e altivo.

Parando diante do sacerdote, inclinou-se e disse, es-

tendendo-lhe a mão:

— Eu te saúdo, nobre Potífera, e bendigo os deuses que me concedem rever-te em boa saúde e cuja bondade te arrancou do perigo que corria tua vida.

O pontífice pôs as pontas dos dedos na mão que lhe estendia e respondeu num tom velado:

— A vontade dos imortais é sábia; o homem é que, em sua cegueira, lhe desconhece os desígnios e mendiga uma vida que rejeitaria com horror, se previsse o que lhe reserva o futuro. Mas agora (levantou a voz), deixa-me desejar-te as boas-vindas sob este teto, Adon do Egito; traze-lhe honra e felicidade e possam os deuses abençoar tua entrada em minha casa no momento em que estendes a mão para roubar-lhe sua jóia, seu mais belo ornamento — minha filha Asnath.

— Confia-ma sem medo, ilustre e venerável pai; tua filha será feliz, amada e honrada na casa do esposo; como Ra, do qual és o primeiro servo, ela encherá com os raios

da sua beleza o meu palácio vazio, que espera sua dona.
E agora, permite que te dê o ósculo filial.
Potífera deixou-se abraçar com a impassibilidade de uma esfinge de pedra; depois, tomando a mão do genro, o conduziu para junto de sua mulher e de Asnath, que tinha baixado os olhos, mas cuja palidez e aspecto desolado eram evidentes.
Fugaz relâmpago chispou dos olhos do Adon. Tomou a mão da moça e, retirando do dedo um magnífico anel, enfiou-o no dela. Contrafeita e muda, assentiu, com os olhos baixos, pregados no solo. O acolhimento de Maia foi igualmente frio, mas o sacerdote rematou a situação difícil convidando os assistentes a passarem à sala vizinha, onde serviram refrescos e beberam à saúde dos noivos.
Depois, travou-se uma conversa geral.
Terminada a merenda, José combinou logo com o futuro sogro a data e o cerimonial do casamento, que foi fixado para quinze dias depois. A seguir, aproximou-se da noiva, que apenas tinha molhado os lábios na taça e convidou-a a dar uma volta pelo jardim. Ela se levantou

silenciosa e, sem trocar palavra, desceram os degraus do terraço e encaminharam-se por uma umbrosa alameda. Ao chegarem junto de um banco de pedra, o mancebo parou, e, encostando-se a um sicômoro, disse com calma e gravidade:

— Não te queres sentar e encarar comigo? Olha que ainda o não fizeste...

Levantou os olhos, mas suas pupilas azuis estavam sombreadas e o fitaram francamente hostis, enquanto o olhar de José as sondava como se quisesse ler no fundo da sua alma.

— Quis estar a sós contigo para nos explicarmos e entendermos — disse, e um ligeiro suspiro arfou-lhe o peito. — Vamos ligar-nos para a vida, mal nos conhecendo e, contudo, não tenho necessidade de palavras para ler em teu rosto, em teus olhos, todo o ódio, todo o des-

prezo pelo estrangeiro. Os sentimentos de tua família e da tua casta não são mistério para mim, e tu lhes sofres

o jugo: odeias, desdenhas, sem mesmo saber se aquele a quem votas esses sentimentos os merece.

— Se os merece? — repetiu ela com desdém — perguntas se o homem que arranca um noivo à mulher que o ama, impondo-se a uma família que o repudia, abusando da autoridade que lhe deu um capricho da fortuna, zombando da dor dessa família e da sua impotência; se um semelhante ser merece desprezo? Pois bem! eu te direi (um rubor escarlate inundou o rosto de Asnath e o desafio cintilou nas pupilas) que teu procedimento é vil; que te odeio, porque a vontade do Faraó poderá forçar-me a aceitar-te por esposo, mas não e nunca a te amar.

Múltiplos sentimentos se refletiam nos grandes olhos escuros do hebreu, obstinadamente pregados no rosto móbil e agitado da locutora e, depois de breve silêncio, disse com voz velada:

— Sei que esta hora te é penosa; és muito jovem para compreender as múltiplas razões que, além do amor que me inspiras, levaram-me a desejar a tua mão, forçando teu pai a conceder-ma; sei que te acirraram contra

mim, mas o tempo te acalmará. Então, julgar-me-ás mais imparcialmente e teu próprio coração, não a vontade do Faraó, te levará a amar-me. Por que não? Não sou pior do que Hor, tu o esquecerás e o simples oficial não te daria, nunca, tantas honras quantas terás em sendo minha esposa.

Asnath ergueu a cabeça e um desprezo sarcástico timbrou-lhe a palavra:

— Prefiro ser mulher de um simples soldado, honrado pela sua origem e parentesco, a unir-me a um Adon que atingiu o poder por caminhos escusos e que possui camaradas escravos, os quais se lembram ainda de o haver castigado por seus delitos.

José recuou, branco de mármore; depois, aproximando-se bruscamente, segurou o braço da moça e, mergulhando no seu um olhar chamejante, murmurou com voz abafada:

— Quem to disse? Quem maculou tua alma com essas

venenosas palavras?

Fascinada, paralisada pelo olhar fulgurante das pupilas verdes, Asnath emudeceu, não protestou sequer contra a dolorosa pressão que lhe magoava o braço delicado; acabava de compreender que imprudentemente farpeara, além da medida, o orgulho daquele homem que tinha o poder de vingar-se.

Quando ele repetiu veemente: "Quem te informou assim?", ela perguntou, por sua vez: "É mentira? Dize-me se o que me contaram não é verdade."

José soltou-lhe o braço e de novo encostou-se ao sicômoro, procurando dominar a tempestade infernal que lhe rugia na alma.

Depois de rápido, penoso silêncio, disse vibrante:

— É verdade e foi Ranofrit quem te contou esse episódio; mas o que ela não te contou, certo, é que me perseguia então com um amor criminoso e, quando repeli seus ataques clandestinos, acusou-me perante Putifar, de uma tentativa de estupro. Iludido com essa calúnia, mandou ele castigar-me. Hoje, porém, não lamento que o

bastão do vigilante se erguesse contra mim, porque isso não me impede, altiva Asnath, de tomar-te para minha mulher. Evita menoscabar em excesso do homem que, depois de Apopi, é o primaz do Egito e não abusa da tua fraqueza feminil e do poder da tua beleza. Repeliste uma boa acomodação entre nós e respondeste com insultos a proposições conciliadoras e afetuosas; algum dia, talvez, possas lamentá-lo e mendigar o amor que hoje desdenhas.

Voltou-lhe as costas e, passos lentos, retomou o caminho do terraço. Tudo nele fervilhava e trepidava; as palavras inspiradas a Asnath por sua imprudência e juvenil rancor, tinham ferido em pleno coração o orgulhoso mancebo, pondo em evidência o abismo que separava a filha do ilustre padre de Heliópolis do escravo liberto, arrancado da sua abjeção por um capricho do Faraó.

Pungente ciúme se misturava também aos melindres do amor-próprio. Hor não tinha a sua posição, mas a sua nobreza era indiscutível; era o igual de Asnath e a lem-

branca do rival preferido lhe tornou ainda mais amargo o desdém que acabava de lançar-lhe em rosto a mulher a quem amava, apesar do insulto, mais que antes.

Inconscientemente a cólera se desviou, concentrando-se com toda a sua aspereza nas altas castas inimigas.

Por maiores, por mais nobres que sejais, caminharei pisando-vos como ínfimos vermes — murmurou fechando os punhos — mas, descobrindo no terraço as vestes brancas dos padres e oficiais do seu séquito, dissimulou os sentimentos tumultuosos que lhe esfervilhavam no íntimo e, calmo, amável, aproximou-se de Potífera, que, de olhos atônitos, procurava a filha, mas nada disse.

Depois de algumas frases banais, José perguntou de inopino:

— Por que faltam aqui dois parentes próximos da família, o nobre Putifar e esposa? Espero não creiam que lhes guardo rancor do passado... Há muito tempo que perdoei à fogosa senhora o haver desejado meu amor e ter-se vingado da minha frieza. Putifar agiu sob o impulso de um legítimo ciúme; além disso, consolo-me com

o pensamento de que, se fui castigado injustamente, de-
vo-o a uma das mais deslumbrantes mulheres do Egito.
Falava bastante alto para ser ouvido por todas as
pessoas reunidas no terraço, mas sem se inquietar com
o mutismo constrangido dos assistentes, com a cólera mal
contida de Potífera, nem com Asnath que voltara para
o grupo. Bem-humorado e calmo, prosseguiu:
— Rogo-te transmitas a teu cunhado que, depois de
amanhã, se lhe convier esse dia, conto ir vê-lo, pois guar-
dei a melhor lembrança do homem que me foi senhor
indulgente e generoso, e é agradecendo e bendizendo a
Eloim — o poderoso deus do meu povo — que transporei
o limiar dessa casa onde vivi como escravo e de onde saí
para elevar-me à grandeza atual.
O sacerdote ouvira-o, pálido e de cenho carregado:
o que José acabava de dizer era uma injuriosa mancha
atirada à honra de sua irmã e não podia compreender
que fantasia inspirava aquele homem a fazer garbo da
sua origem obscura e do vergonhoso castigo sofrido ou-

trora. Quereria ele, apenas, obrigar Putifar a recebê-lo com todas as honras devidas a um parente, e ao Adon?... Nesse momento o olhar do sacerdote incidiu no rosto rubicundo da filha e veio-lhe a suspeita de que algo se passara entre os noivos, de molde a provocar aquela espécie de vingança.

— Teu desejo, Adon, honra meu irmão — respondeu dominando o ressentimento. — Putiíar e sua mulher serão felizes de receber-te nesse dia.

— Espero que terei a alegria de lá rever-te, nobre Potífera, assim como a bela noiva. Agora, devo despedir-me. Adiroma! (voltou-se para um dos oficiais do séquito) manda aproximar a liteira.

Com a maior cordialidade, despediu-se da sua nova família, saudou o séquito do sacerdote e partiu.

Logo que o sacerdote ficou só com os seus, chegou também Ranofrit, curiosa de saber como correra essa primeira entrevista; quando, porém, o irmão lhe deu parte da visita que a esperava e das equívocas palavras com

que o Adon ilustrara a comunicação, apoderou-se dela horrível desespero; derramando lágrimas copiosas, arrancou os cabelos e clamou:

— Este monstro, este miserável quer suspeitar da minha fidelidade conjugal, censurar-me diante de todos, desonrar-me para sempre...

Deverei ainda recebê-lo debaixo do meu teto, acolher como parente esse impudico celerado? Nunca! Antes me afogarei no Nilo.

— Acaba com essas lamentações que não mudam uma situação que terias evitado, se fosses mais prudente outrora — disse Potífera impacientado.

Depois, aproximando-se de Asnath, que se não envolvia na conversa, perguntou-lhe:

— Que disseste ao Adon? Por que voltaram cada um por sua vez? Não houve causa alguma, nessa entrevista, que provocasse, como represália, sua estranha atitude a respeito de Ranofrit e do passado?

— Sim, quando me quis persuadir de que não é inferior a Hor, lembrei-lhe o castigo das suas façanhas, coisa

que nunca sucedeu a Hor — respondeu desdenhosamente Asnath.

— Lembrança imprudente e inoportuna, mas eu não sabia que estavas informada desse incidente.

A moça nada respondeu, mas seu olhar resvalou para a tia, prostrada na cadeira.

— Ranofrit teria sido tão louca que te contasse tudo? — disse o sacerdote, constrangido.

— Sim, contei-lhe para que pudesse julgar a insolência do miserável — exclamou a moça saltando da cadeira e sapateando raivosamente.

Prosseguiu:

— Oh! tola que fui em interceder ainda por ele! Se tivesse deixado Putifar agir; se tivesse sido mutilado, como merecia, não estaria agora com a cabeça tão aprumada e, em vez de casar com Asnath, estaria apodrecendo nalgum sitio remoto.

— Não intercederias se a consciência não te houvesse

movido — observou severamente o sacerdote. — Agora, basta de gritar e, se queres ouvir um bom conselho, não contes a teu marido o efeito das tuas tagarelices. Será vantajoso para ambos. Proíbo-vos (disse voltando-se para a mulher e a filha) contar a Putifar o que se passou.

A notícia da visita do Adon provocou em casa de Putifar uma verdadeira revolução. No primeiro momento, o ex-chefe dos archeiros acolheu a comunicação com protestos veementes, mas, readquirindo logo a calma habitual, expediu as ordens necessárias para a recepção. E deu a entender a Ranofrit que suas lágrimas e lamentos só serviam para comprometê-los; que o casamento de Asnath, tornando um encontro com José inevitável, era muito melhor que ele fosse o primeiro a visitá-los.

Mas, entre os escravos cuja maior parte conhecia o Adon, desde o dia em que Ptah o tinha comprado, a agitação aumentou de hora em hora; não se falava noutra coisa e todos aqueles em cuja consciência pesava alguma injustiça contra o Adon atual, experimentavam o mais profundo mal-estar. Dois corações, sobretudo, se aperta-

vam de medo: eram o de Pinéias, o antigo segundo inten-

dente sucessor de José e o de Bebi, o vigilante dos escravos, os dois que tinham tomado parte ativa na degradação e castigo do intendente. Uma só pessoa, entre a criadagem, esperava com impaciência e orgulho a chegada do Adon: era Acá, a escrava favorecida outrora com as boas graças do moço hebreu; era agora aia da segunda filha de Putifar e, na sua ingenuidade, imaginava que José não deixaria de reconhecê-la se se postasse à sua passagem, e a cumularia de presentes.

Putifar só se demorando, agora, em Mênfis, durante raros intervalos, foi preciso fazer esforços excepcionais a fim de pôr a casa em estado de receber dignamente tão ilustre visitante: todos os criados tinham, pois, muito trabalho; e, contudo, Bebi e Pinéias se tornavam cada vez mais lentos, mais distraídos e mais estúpidos, à medida que se aproximava o momento decisivo. No dia aprazado, logo de manhã, os dois pobres diabos sentiam antecipados

travos de forca: assombrados por uma nuvem de apreensões, relativamente ao gênero de suplício que o antigo intendente inventaria para vingar-se, faziam tudo às avessas, sem compreenderem as ordens do senhor; afinal, tudo esquecendo, reuniram-se perto do pequeno terraço que dava para o quarto particular de Putifar e de sua mulher.

— Oh! oh! Pinéias, ele acaba de mandar presentes aos patrões e chegará daqui a pouco — gritou Bebi. — Desgraçado de mim que vivi até hoje. Mas, também, quem poderia adivinhar então, quando eu o levava para o pátio e lhe dava pontapés, que ele se tornaria Adon?

— E eu! — disse Pinéias, torcendo os braços — lembras-te, Bebi, que, quando ele quis desculpar-se perante nós e acusou a senhora, dei-lhe tal bofetada que os queixos estalaram e o sangue lhe jorrou do nariz? Isso ele não pode ter esquecido e, com certeza, antes de Ra se levantar, amanhã, estarei pendurado.

— Procuremos deitar-nos de bruços, rosto no chão, até que ele tenha passado: talvez, não nos veja — aventou

Bebi.

Mas, no mesmo instante, gritou uma voz sonora e irritada:

— Estais doidos, miseráveis preguiçosos? Embalde vos procuram, nada está pronto e estais aqui onde nada há que fazer?...

Era o próprio Putifar que, rubro e irritado, apontara na porta; mas vendo o aspecto aturdido e desesperado dos dois homens, perguntou surpreso:

— Aconteceu alguma coisa? Por que estais assim alucinados?

— ó senhor! salva-nos, ele vai enforcar-nos — gritaram ambos ao mesmo tempo, prostrando-se diante de Putifar e abraçando-lhe as pernas.

— Estais delirando? Quem vos vai enforcar? — perguntou sem compreender o motivo de semelhantes pavores.

— Ele, o Adon — urrou Bebi —; quando o arrastei

pelo pátio para ser castigado, dei-lhe ao menos dez pontapés e tu não o tinhas ordenado.

— E eu espanquei-o de tal modo que o sangue correu do nariz, e ordenei-lhe que fechasse a *imunda goela!...*

Agora, ele é Adon! — disse Pinéias, chorando.

Amargo sorriso aflorou fugidio nos lábios de Putifar; depois, estendendo a mão para o velho intendente, disse com bondade:

— Erguei-vos e não temais coisa alguma: o Adon é noivo de minha sobrinha; vem como visitante e amigo, não pensará em fazer mal a fiéis servos, que só agiram por minha ordem.

Tome cada qual uma bilha de vinho para se reconfortar e volte depressa às suas ocupações; garanto-lhes a vida.

Uivantes de alegria os dois homens beijaram os pés do senhor, correndo cheios de novo ardor para cuidar dos últimos aprestos.

Pouco depois chegou Potífera com a família, e Ranofrit mostrou-lhe os presentes enviados pelo Adon. A

senhora estava preparada e bela como outrora, mas não podia guardar o sangue-frio, querendo a todo o instante desmanchar-se em soluços, apesar das persuasões do irmão e do marido.

Desta vez José chegou sem pompa alguma, acompanhado apenas do condutor do carro. Enquanto atravessava a fila de escravos que se curvavam à sua passagem, deu com o olhar em Bebi e Pinéias, os quais, por prudência, tinham o rosto voltado para o chão; apesar disso, reconheceu-os e desdenhoso sorriso perpassou-lhe nos lábios.

Putifar o recebeu à entrada, com uma reserva amável, temperada ainda daquela bondade inata que lhe era própria e lhe fazia desejar, no interesse de Asnath, relações menos tensas com o homem a quem todos odiavam e com quem, entretanto, forçavam-na a casar-se.

Encontrando o olhar bom e leal do antigo senhor, aquele mesmo olhar indulgente que tinha afagado e ani-

mado o moço tímido e abandonado, quando, pela primeira vez, entrara ao seu serviço, estranha emoção apoderou-se de José. Na verdade! Era agora rico e poderoso, mas, tão só e isolado como no dia em que Ptah trouxera para debaixo desse teto o mísero escravo desconhecido. O acolhimento simples e nada hostil de Putifar fez-lhe bem. Apertando fortemente a mão que lhe estendia, José inclinou-se e murmurou só para ele:

— Agradeço-lhe o cordial acolhimento e o bom olhar; é o primeiro que encontro, no meio dessa multidão servil e odiosa que me cerca. Quanto seria feliz se quisesses ser meu amigo, depois de teres sido generoso senhor, no tempo da minha servidão.

Putifar fitou-o espantado, mas, notando uma emoção verdadeira no olhar brilhante do antigo favorito, respondeu:

— Tuas palavras me alegram, Adon, e serei feliz se te lembrares somente das horas calmas que passaste sob meu teto — disse igualmente em surdina. — Grande é a força do deus que te elevou ao poder: possa ele guiar-te

em todos os teus atos, para a felicidade do país que te confiou. Um homem, embora Faraó, nunca é infalível por si só; foram os imortais que o guiaram em sua escolha; portanto, é um mandato celeste que te confiaram, desempenha-o com dignidade.

Sem esperar resposta, Putifar conduziu o hóspede ao salão. José saudou Potífera, depois aproximou-se polidamente de Ranofrit, que, pálida e de olhos baixos, balbuciou algumas palavras de agradecimento pelos presentes recebidos. Sua agitação, as lágrimas mal contidas que lhe enchiam os olhos, eram tão visíveis que o Adon se inclinou, apertando-lhe a mão e perguntando com uma ponta de malícia:

— É minha presença ou minha investidura que te incomoda, nobre Ranofrit?

— Uma e outra — respondeu ela com uma franqueza irreprimível.

José pôs-se a rir:

— Eu o deploro, mas, apesar disso, desanuvia a fronte, nobre mulher; esqueçamos o passado e aceitemos o presente como imperativo dos deuses.

Putifar apresentou-lhe em seguida os dois filhos, aos quais José abraçou, mas, para desespero de Acá, não lhe prestou atenção alguma, apesar da sua saia de um amarelo berrante e do gorro policromo; e quando, no mesmo dia, o intendente do Adon distribuiu gratificações a todos os escravos, ela só recebeu uma parte igual à das outras mulheres, o que a ofendeu além da medida.

Graças a uma conversação animada, mantida por Putifar, a refeição correu mais cordial do que se esperava; a mais silenciosa era Asnath, que, desfigurada e apática, não se interessava por coisa alguma; o olhar ardente do moço hebreu fitava-lhe demoradamente o pequeno rosto melancólico, que exercia sobre ele estranha fascinação, fazendo-lhe esquecer as más palavras que lhe dissera e deixando apenas subsistir o desejo ardente de ver o sorriso renascido nos seus lábios.

Depois do jantar foram para o jardim e, aproveitando

a primeira vaza, José conduziu a noiva para um passeio a dois. De novo ficaram silenciosos, mas logo, parando, o moço perguntou baixinho:

— Por que estás tão pálida, tão triste, Asnath? É o pensamento de me pertenceres que te aflige dessa maneira?

A moça estremeceu e levantou os olhos: encontrando o olhar do noivo, não mais duro e altivo como de costume, mas úmido e cheio de amor, corou e baixou a cabeça, visivelmente perturbada.

— Pobre criança, procura esquecer o passado; reflete antes de condenar; vê, antes de desesperar; talvez a realidade te desfaça esse desvario — continuou, atraindo-a a si e beijando-a nos lábios e nas faces aveludadas.

Asnath não se esquivou, apenas pensou: "ele não guarda rancor das minhas cruéis palavras". Envergonhou-se e teria dito, talvez, uma palavra conciliadora; mas a lembrança de Hor e do juramento voltaram-lhe em agonia;

calou-se e duas lágrimas lhe rolaram dos olhos. José suspirou, mas aquele silêncio e o beijo suportado sem repugnância eram já um progresso. Pôs-se a refletir que, uma vez em seu poder, seqüestrada à influência dos parentes, acabaria amando-o.

O tempo a seguir foi ocupado nos aprestos do casamento. José ornamentou o palácio com um luxo régio; nada lhe parecia bastante belo, bastante rico para a mulher a quem adorava e cuja beleza o subjugava cada vez mais. Quando conseguia evocar um sorriso, um lampejo de alegria e travessura dos seus olhos azuis, considerava-se feliz. Nada suspeitava do estranho estado dalma da noiva e do perigoso drama que no seu íntimo se desenrolava, ao abrigo de todos os olhares.

Com efeito, Asnath era presa dos mais contraditórios sentimentos: todo o mundo em redor dela, exceto Putifar, continuava a odiar, difamar e maldizer a José; porém, a ela, as freqüentes visitas do Adon o tinham tornado familiar, e menos que nunca chegava a sentir por ele a aversão e o desprezo que toda a gente lhe votava. Toda-

via, o pensamento de que pudesse amar o futuro esposo, enchia-a de espanto, porque não só se interpunham o seu juramento e a maldição da sua casta, como a lembrança das palavras proferidas por José: "virá, talvez, uma hora em que mendigarás o amor que hoje desdenhas". Ao pensar em semelhante humilhação, revoltava-se toda e raivosa agonia dela se apoderava. A perspectiva da vida em comum ergueu-se à sua frente como espectro

aterrador: sentia que o olhar desse homem exercia nela poderoso fascínio, que o amor que lhe prodigalizava, em vez de afastá-la, enchia-a de prazer e de esquisita calma. Que seria quando inteiramente lhe estivesse entregue, longe dos parentes, cuja autoridade e proteção haviam de acabar no limiar do palácio do Adon? José quereria dominá-la, arrancar-lhe uma confissão de amor, isso era certo; e se ela sucumbisse seria perjura, maldita e desonrada. "Oh! pensou, se eu pudesse morrer, o sacrifício estaria consumado, não poderiam acusar meu pai

de oposição à vontade do Faraó, e eu escaparia de toda esta miséria, presente e futura." Uma vez concebido, este projeto implantou-se no espírito da moça, e a chegada de Armais deu-lhe novo impulso. O fogoso rapaz, possuído de ódio louco contra José, não achava expressões bastante fortes para rebaixá-lo e, se uma severa ordem de Potífera o forçava a moderar-se em público e na presença do futuro cunhado, vingava-se fortemente nas conversas com a irmã, e desequilibrou-a de tal maneira que, exaltada, tomou a firme resolução de morrer e assim romper uma situação inviável.

Assente a resolução, achou também o meio de executá-la. Tinha ouvido falar de uma espécie de feiticeira e locutora de buena-dicha, que vivia num arrabalde e gozava da pior reputação; a pretexto de consultar a adivinha sobre o próprio futuro e o de Hor, persuadiu a velha aia que a acompanhasse secretamente à casa dessa mulher. A núbia, cegamente devotada à menina e não suspeitando dos seus verdadeiros desígnios, concordou. Quanto à bruxa, que entretinha um antigo comércio

de tóxicos e não conhecia a filha do sacerdote, nenhum escrúpulo teve em lhe vender por bom preço um frasco de essência incolor, que assegurou suficiente para matar dez homens prontamente, e sem dor.

De posse desse tesouro, Asnath tornou-se mais calma, mas, em compensação, mortal apatia apoderou-se dela; considerava-se já morta e todos os preparativos que a rodeavam só lhe inspiravam um misto de agonia e indiferença.

Assim chegou o dia do casamento. Muda e concentrada, deixou-se preparar com a roupa bordada a ouro e pérolas finas, que para o ato ofertara a esposa do Faraó; ornados o pescoço, a cabeça e os braços com jóias de subido valor, nem deitou os olhos ao espelho de metal que lhe a apresentou Ranofrlt, e seu olhar resvalou, perturbado e incerto, pelo garboso vulto de José, particularmente avantajado debaixo do seu rico trajo. Em compensação, o olhar do moço cravou-se inebriado no semblante da

noiva, que nunca lhe tinha parecido mais adorável.

O festim de núpcias realizou-se no palácio real, com a presença de Apopi, em cujo rosto esquelético se refletia profunda satisfação.

Os recém-casados ocupavam lugares de honra ao lado do monarca; mas, apesar da alegria do rei e da benevolência que dispensava aos convivas, sobretudo a Potífera e ao jovem par, alguma coisa de lúgubre pairava no ambiente. Asnath estava pálida e desfigurada de fazer piedade, e os rostos bronzeados dos padres estavam imóveis e duros como os das estátuas dos seus deuses; em pomposas palavras, tinham expressado infinita gratidão pelas dádivas que o Faraó oferecera aos templos a propósito do evento, mas nem uma nota de verdadeiro sentimento tinha vibrado nos discursos empolados.

Terminada a festa, o rei, sua mulher e séquito se retiraram aos aposentos e José se dispôs a levar a jovem esposa para o seu palácio. Antes de transportar-se à liteira, todos os membros da família se retiraram um momento para pequena sala contígua ao corredor de saída, a fim

de se despedirem da noiva, sem testemunhas. Potífera parecia calmo e impassível e somente Asnath percebeu que nervoso tremor d agitava, quando, silencioso, apertou-a de encontro ao peito e abençoou-a. Armais mal dominava o nervosismo; Maia e Ranofrit romperam soluçantes e pareciam tão desesperadas como se levassem a moça para enterrá-la.

José encostara-se a uma mesa e, braços cruzados, contemplava a cena para ele pouco agradável; seus dentes se enterravam profundamente no lábio inferior, denotan-

do que a calma era apenas aparente; todavia, não disse palavra, não fez um gesto para apressar as despedidas. Foi Putifar quem lhes pôs termo, dirigindo muito baixo algumas palavras severas à sua mulher; depois, abraçando Asnath, pôs-lhe a mão na do marido e disse com ternura:

— Vai, filha querida, possam os deuses do Egito proteger-te e Ra iluminar todos os passos da tua vida.

O sacerdote desviou-se bruscamente e, sem dizer palavra, deixou a sala: abafavam-no a raiva, o ódio, a humilhação do seu orgulho de casta.

Apenas transpunha o limiar, sentiu que lhe seguravam a mão e uma voz lhe murmurava ao ouvido:

— Vem!

Era o sacerdote do templo de Ptah, em Mênfis, que, silenciosamente, o arrastou para um corredor, e depois fê-lo galgar uma escada. Logo se viram na plataforma de um dos altos castelos que flanqueavam a residência real.

— Acalma-te, irmão; aqui estamos sós e posso dizer-te que sinto e sofro contigo — disse o padre de Ptah.

Mas Potífera não respondeu, encostou-se à balaustrada e, olhar ardente, fitou uma longa esteira de fogo que, em sinuosidades ondeantes, se desenrolava a seus pés, perdendo-se cada vez mais longe, nas ruas: eram as chamas das centenas de tochas que acompanhavam o cortejo ao palácio do Adon.

Ali lhe levavam a filha e parecia-lhe que cada passo

que a afastava de si, cavava entre eles um abismo mais profundo; movido subitamente por verdadeiro delírio, sacudiu o punho fechado e clamou com voz rouca e sibilante:

— Maldito! maldito! Cão impuro, por que não te posso matar antes que ponhas uma nódoa indelével na minha casta e em minha filha?

— A filha de Potífera fica sempre pura como a pedra preciosa na qual nódoa alguma pode fixar-se, e a vingança que se aproxima lavará no sangue do impuro o

insulto feito à nossa casta — murmurou o padre de Ptah — e o que timbrava na sua voz, o que cintilava no olhar venenoso com o qual seguia a longa linha das tochas, restituiu a calma ao sacerdote. Silenciosamente, apertaram-se as mãos.

XIV

A NOITE NUPCIAL

Cabisbaixa, Asnath acompanhara o marido, sentan-

do-se a seu lado na esplêndida liteira dourada que os conduzia para um novo destino. Longo silêncio reinou entre eles, até que, de repente, José se inclinou e, apertando-lhe a mão, murmurou:

— Os teus te choram qual morta: esquece, pois, esses laços do passado que eles próprios destroem com o excesso do seu orgulho e consagra-te de todo a mim; confia-me teu coração e teu futuro; nunca te hás de arrepender.

Sentiu a mão de Asnath tremer na sua e viu, à luz das tochas, o brilho febril do olhar com que o encarou:

— Nunca poderei amar-te; entre nós levanta-se Hor e a maldição de minha casta — respondeu com voz incerta, mas num tom de angustia e verdade que ela própria não suspeitaria.

Ele estremeceu violentamente, mas não teve tempo de responder, porque a liteira acabava de parar à porta do palácio feericamente iluminado e engalanado. Lampiões multicores assinalavam todos os contornos, em enormes copos de bronze ou de pedra ardiam luzes de

alcatrão; por toda parte estendiam-se tapetes, alcatifas de púrpura, grinaldas de flores; entre fileiras de escravos suspendendo tochas, precedidos de crianças que lhes atiravam aos pés pequenas coroas de plantas mágicas, destinadas a preservá-los de toda má influência oculta, os recém-casados chegaram ao vestíbulo. Aí, recebeu-os um

padre de Hator, que lhes ofereceu amuletos e derramou-lhes na cabeça punhados de trigo em grão, símbolo da abundância que lhes deveria encher a casa. Depois, o intendente apresentou, de joelhos, dois copos de ouro, cheios: um de mel, outro de vinho. José bebeu um gole, passou o copo à mulher. Depois de saborearem o vinho e o mel, o Adon conduziu a jovem até à entrada dos aposentos que lhe estavam reservados, voltando para junto dos rapazes da elite de Mênfis que o tinham acompanhado, para tomar com eles um derradeiro copo de vinho e oferecer-lhes uma lembrança preciosa daquele dia memorável.

Asnath foi recebida nos aposentos por sua velha ama e todas as mulheres destinadas ao seu serviço. Recebeu com bondade as suas felicitações, em seguida fez-se desembaraçar rapidamente dos pesados adornos que a revestiam e, depois que lhe vestiram leve túnica de dormir e entrançaram-lhe os longos cabelos, despediu-as a todas, exceto a ama.

— Onde a caixinha que te confiei, Panafi?

— No quarto de dormir, senhora — respondeu a núbia, suspendendo o pesado reposteiro franjado de tecido da Babilônia.

Esse quarto era uma vasta peça quadrada e clareada por duas janelas, veladas por cortinas listradas; as paredes estavam cheias de pinturas imitando tapetes suspensos; soalho de largos capachos multicores; o fundo ocupado por um estrado rodeado de sanefas listradas alvirrubras, sob o qual se via o leito de cedro incrustado de ouro e marfim.

De um lado, em nicho para o qual se subia por três degraus, estavam colocadas as estátuas de alguns deuses,

ornadas de flores e fitas. Em pequena mesa lavrada, todo o necessário para os sacrifícios: lâmpadas de óleo odorífero clareavam suavemente o nicho e o quarto.

Aproximando-se do pequeno cofre que Panafi lhe designou, Asnath o abriu e retirou pranchas seladas.

— Levarás isto amanhã a meu pai — disse — e, agora, deixa-me só, vou orar aos deuses.

Logo que a núbia obediente se retirou para agachar-se como cão fiel à entrada do aposento contíguo, a moça tirou do fundo da caixinha o frasco comprado à feiticeira e foi depositá-lo na mesa de cabeceira, ao pé do leito; em seguida, dirigiu-se apressadamente para o nicho, fez um sacrifício de vinho e incenso; ajoelhando-se, levantou as mãos e orou à meia voz: "Osíris, pai de todas as coisas, tu me formaste com tua mão, e tu, Isis, mãe divina, vede a angústia de minhalma e sustentai-me no momento de sacrificar a vida; morro para a terra de Kemi, a fim de livrar de uma nódoa a casta augusta dos vossos servos

e, pura, venho a vós; não manchei minhalma de qualquer abominação; honrei aos deuses, não fiz mal a ninguém, vesti a quem estava nu, saciei a quem tinha fome; ninguém derramou lágrimas por minha causa, fartamente vos tenho oferecido sacrifícios e prestado às vossas imagens as honras que lhes são devidas. Sou pura, pura, pura, e apelo para ti, Anúbis, condutor dos espíritos: guia-me e sustenta-me em minha viagem através do sombrio reino; defende-me dos perigos e dos monstros do Amenti.

"E tu, Osíris, e vós, os quarenta e dois juízes, admiti-me no país da luz eterna; abri meus olhos e meus ouvidos; consolai meus pais que ficam na aflição!"

Rosto incendido, olhos brilhantes de febril exaltação, levantou-se e correu para junto do leito. Sobre a mesa estava preparado o copo já cheio de vinho e pequena ânfora de prata cinzelada; com a mão ligeiramente trêmula, destampou o frasco; mas, na ocasião de derramar o veneno no vinho, estremeceu, deteve-se: súbita idéia acabava de assaltá-la. Por que morrer só? Talvez José

vingasse cruelmente a sua morte nos parentes e em toda a casta sacerdotal; depois se consolaria e outra mulher, outra filha de sacerdote iria ocupar o lugar que ela deixava. Estranho sentimento, misto de cólera, rancor, alguma coisa que não teria podido definir, invadiu-lhe de repente o coração. "Morre também — murmurou com enigmático sorriso — com um só golpe livro o Egito de um opressor, de um impuro que ousa reinar sobre ele e rebaixar os servos de seus deuses!" Derramou metade

do veneno, depois esvaziou o copo de um trago. Em seguida, encheu-o novamente e derramou o conteúdo do frasco. "Antes de deitar-se, beberá o vinho, morreremos juntos e eu serei a sua última vítima."

Aproximou-se da janela, levantou a cortina e atirou o frasco numa touceira do jardim; depois, apoiando os cotovelos, aspirou a plenos haustos o ar tépido e embalsamado da noite. O quarto era no primeiro andar e, por uma aberta do arvoredo, divisou ao longe o Nilo cinti-

lando ao claror da Lua. Barcas ornadas de lampiões cruzavam o rio em todos os sentidos e o murmúrio alegre da multidão, à qual distribuíam cerveja e víveres, vinha-lhe aos ouvidos. Era a festa do seu casamento que despertava aquela animação, e e l a . . . ela ia morrer! Não veria mais aquele céu estrelado, não mais aspiraria aquele ar embalsamado, e os raios do sol nascente haveriam de iluminar o seu cadáver... O coração apertou-se dolorosamente; horrível medo da destruição, um desejo ardente de viver apoderou-se dela e, com abafado suspiro, comprimiu a cabeça com as mãos. Mas, como relâmpago, surgiu-lhe novo pensamento: Havia mais de um quarto de hora que tinha bebido o veneno e nenhum efeito se fazia sentir: "A feiticeira ter-se-ia enganado? O líquido que me deveria livrar do amor do impuro seria apenas água inofensiva?" — murmurou exaltada entre a esperança e a cólera.

Nesse instante, foi sacudida por um tremor glacial e um peso de chumbo invadiu-lhe os membros: não, não fora enganada, era bem a morte que chegava.

Com esforço, arrimando-se nos móveis, arrastou-se até o leito, caiu nele como um fardo e suspirou aliviada. Se tivesse caído do outro lado do quarto, o marido talvez não bebesse a sua parte de veneno. No desejo de o matar concentravam-se, agora, todas as suas faculdades. Apesar do ingurgitamento e do frio mortal que lhe invadiam o organismo, conservava-se perfeitamente lúcida. Não poderia mover um dedo, mas a vista e o ouvido tinham adquirido estranha e penosa acuidade. Assim, pôde sentir um ruído imperceptível de passos leves no tapete do quarto vizinho; depois viu uma impaciente mão afastar o

reposteiro e seus olhos desmesuradamente abertos pregaram-se na alta estatura de José, que se dirigia para ela. Tinha-se despido e trazia apenas estreita túnica de linho e os curtos mas espessos anéis escuros que lhe caiam na testa transformavam bastante a sua fisionomia, dando-lhe um ar quase juvenil. Um instante, seu esbelto perfil se desenhou vigorosamente no fundo sombrio do repos-

teiro; perto da mesa de cabeceira parou, hesitante, tomou o copo e esvaziou-o. "Louvados sejam os deuses! eu e o Egito estamos livres!" — pensou Asnath, mas, ao mesmo tempo, dor aguda perpassou-lhe nas veias, o olhar escureceu e perdeu a consciência.

— Asnath! — murmurou o rapaz, tomando-lhe a mão.

Depois, inclinando-se, beijou-a na boca, mas, quase logo, perfilou-se estremecendo: que significavam a rigidez, o frio glacial da mão e da boca que acabava de tocar?

— Que tens, Asnath? — exclamou pela segunda vez, procurando levantá-la.

Vendo-a recair inerte, correu em busca de uma lâmpada; mas, quando a claridade lhe mostrou o rosto lívido e desfigurado, os dedos azulados e os olhos vítreos da moça, um grito surdo lhe escapou e, por instantes, raiva e desespero quase lhe roubaram a razão. Sacudindo fortemente Asnath, tentou reanimá-la, mas em vão: ela parecia morta. Súbito, lembrou-se da pedra mágica: se alguma coisa no mundo pudesse ainda salvar Asnath,

seria aquele poderoso contraveneno.

Como louco, precipitou-se para o gabinete de trabalho, trouxe c copo no qual tinha introduzido a pedra; encheu-o de água e voltou ao quarto de dormir. Todavia, não chamou ninguém, tinha recobrado a presença de espírito e não queria alarmar todo o palácio. Se chegasse a salvar a mulher, o melhor seria ocultar o incidente. Enquanto procurava um lenço e uma faca para desapertar os dentes da moça, a água do copo tomara a cor azulada e fosforescente que lhe comunicava a pedra misteriosa. Ajoelhando-se ao pé do leito, entreabriu com força os dentes enegrecidos de Asnath e derramou-lhe, pouco a pouco,

na boca o líquido azulado, que, ao contacto, fervia e crepitava como se tocasse ferro em brasa. Súbito, uma convulsão sacudiu o corpo inerte da moça e suas pálpebras desceram.

Nesse instante o mancebo foi acometido de fraqueza e arrepios gélidos, mas não prestou maior atenção, atri-

buindo esse desfalecimento ao susto e à emoção por que acabava de passar. Sentando-se na borda do leito, inclinou-se para Asnath, cujo corpo se cobria de suor escuro e viscoso, mas readquiria calor e flexibilidade. Muito satisfeito, tomou do lenço que antes molhara e com ele enxugou o rosto, o pescoço e os braços da moça; de repente, porém, seu braço recaiu inerte, um frio mortal invadiu-lhe as veias e pareceu-lhe que todo o corpo se petrificava. "Ela quis que eu compartilhasse a sua sorte; sim, salvei-a, mas, no entanto, vou morrer!" Esse pensamento passou como relâmpago pelo cérebro do rapaz. Mas não, a salvação ali estava, a dois passos dele. Sobre a mesa de cabeceira, que antes colocara ao pé do leito para agir mais desembaraçadamente, estava o copo com mais de metade do líquido salvador. Era só alcançá-lo...

Fazendo um supremo esforço, levantou-se, mas, per-

dendo o equilíbrio, caiu sobre as peles de tigre que cobriam o estrado e ficou estendido, incapaz de mover-se. Alguma coisa de infernal se passava nele: morrer assim, no auge do poder, no limiar da felicidade, ferido por aquela insensata, fanatizada pela casta maldita, era tanto mais horrível quanto a salvação ali estava, ao alcance da mão. Uma fosforescência cada vez mais viva saía do copo, acima do qual parecia flutuar, agora, uma nuvem azulada e brilhante.

E não podia mexer-se; o corpo parecia-lhe petrificado e sentia, com dolorosa evidência, que uma estranha cisão nele se operava; que seu ser era duplo e uma das metades, a matéria grosseira que ia dissolver-se, chumbava-o à terra de que era formada, tendendo para ela em virtude da lei imutável da atração e do peso, enquanto que o corpo astral procurava, num espedaçamento horrível, arrancar-se, elevar-se, para unir-se no espaço ao seu elemento primitivo. E era para morrer assim, miseravelmen^

te, sentindo todas as fases dessa destruição que o invadia, que tinha vencido o destino, lutando com a fatalidade? Ele que tinha dominado a serpente vinda do Amentl, deixar-se-ia vencer por essa matéria inerte que o abandonava? Com um desespero selvagem e força sobre-humana, que provavam, mais uma vez, que a vontade, esse incalculável poder, propriedade da centelha divina que nos anima é bem verdadeiramente a governadora da matéria — José levantou-se: a força invisível erguia e dirigia a massa inerte, pesada qual rochedo, nela suspensa. Lentamente rastejou para a mesa, levantou-se sobre os joelhos e, dominando uma dor atroz, estendeu a mão rija para o copo da salvação e o atraiu aos lábios. Em sua face azulada, convulsa, só os olhos dilatados e fulgurantes pareciam viver ainda, mas, à medida que bebia com avidez, o peso esmagador que o chumbava ao solo parecia dissipar-se, torrentes de fogo lhe corriam nas veias. Subitamente, tudo redemoinhava em torno, sentiu-se rolar num abismo, o copo resvalou e caiu pesadamente

nos degraus do estrado.

Amanhecera. A claridade insinuou-se através das cortinas mal fechadas por Asnath, mas no quarto nupcial tudo continuou imóvel e silencioso; os jovens esposos jaziam estendidos, como mortos. Por fim, um raio de sol começou a brincar no rosto de José e, como se o brilhante mensageiro do astro vivificante o tivesse reanimado, ele abriu os olhos. De pronto, não pôde dar conta do que ocorrera. Por que ali estava, estendido no chão? Que significavam a fraqueza e o torpor que sentia em todo o corpo? De borco no soalho, como se achava, fê-lo lembrar o que havia acontecido e uma onda de amargura e cólera lhe invadiu o coração. Assim se explicava o aflitivo adeus dos parentes de Asnath: em seu ódio cego, Potífera e os seus tinham-lhe enchido o coração de tanto fel e tanto desprezo, que ela se decidira a matá-lo. Mas ele se vingaria; acusaria, diante do Faraó, Potífera e sua filha — miserável instrumento do ódio sacerdotal.

Com dificuldade levantou-se, estirou os membros ingurgitados e, depois, vacilando, encostou-se ao leito, por-

que a cabeça lhe rodava e nervoso tremor o agitava. Fitou

com expressão indefinível a moça que, mergulhada em pesado letargo, jazia imóvel. Estremeções convulsivos agitavam-lhe o frágil corpo gracioso, e o rosto encantador refletia indizível sofrimento.

A cólera de José desvaneceu-se e, num misto de paixão e de amargura, inclinou-se para ela e murmurou:

— Não és a mais culpada, pobre criança; eles sim, os malditos que, em seu ódio contra mim, obscureceram-te a razão e o coração.

Apertando os punhos, desviou-se, apanhou o copo e saiu.

Como na véspera, a serva lá estava junto à porta, esperando que a senhora a chamasse.

— Que tens, senhor? — exclamou, levantando-se, espantada, à vista da palidez cadavérica de José, dos seus olhos encovados e o andar incerto.

Um único olhar pela face honesta e espantada da

núbia bastou ao hebreu para convencer-se de que ela não conhecia o atentado.

— Depressa, Panafi, vai para junto de tua senhora que está muito doente; é preciso friccioná-la com essências aromáticas e fazer-lhe beber vinho quente, enquanto não chega o médico — disse.

E enquanto a criada se precipitava para junto de Asnath, galgou o gabinete e, fingindo não perceber o espanto dos criados pelo seu aspecto desfigurado, mandou expedir logo dois mensageiros, um ao templo de Ptah para chamar o primeiro profeta médico, Ptah-hotep; outro para dizer a Potífera que viesse à sua presença para negócio urgente e grave.

Em casa de Potífera todo o mundo descansava ainda. Maia, esgotada de lágrimas, dormia. O sacerdote se tinha deitado, novamente, depois de preenchidas, apesar da sua fadiga, todas as cerimônias e sacrifícios ao sol nascente, como prescrevia o ritual do seu cargo.

Só Armais acabava de levantar-se e almoçava um copo de vinho e pastéis, quando chegou o filho de Panafi

com os escritos que, na véspera, Asnath tinha entregado à criada para serem enviados ao pai, e os quais ela reme-

tera ao sacerdote. O rapaz ficou um tanto surpreso. Que pretenderia Asnath? Talvez tivesse esquecido algum objeto e desejasse que lho enviassem. Displicente, sem examinar se o escrito lhe era destinado, Armais o abriu, mas o coração cessou de bater quando leu as seguintes linhas:

"Não posso viver com o homem impuro cujo contacto seria uma nódoa inapagável; minha morte será também uma libertação para a terra de Kemi; seu opressor perecerá do mesmo veneno que me há de matar. Quando esta notícia vos chegar, vossa Asnath terá descido ao reino das sombras. Depreca aos deuses, pai querido, a fim de que sejam indulgentes comigo e que minha lembrança vos seja cara, porque fiquei pura e me sacrifiquei pelo Egito.

A Hor e a vós todos, meus bem-amados, um último beijo."

Armais ficou como petrificado, depois precipitou-se como louco para o quarto do pai. A leitura da mensagem produziu no sacerdote um efeito não menos fulminante; por instantes só falou nela e algumas lágrimas ardentes rolaram-lhe no rosto bronzeado; mas, dominando essa fraqueza, levantou-se e disse com solenidade:

— Era uma criança heróica e, se os imortais lhe aceitaram o sacrifício, sua curta vida igualará os méritos da mais longa existência; sua memória viverá eternamente pura e gloriosa, como os raios de Amon-Ra. Tu, Armais, guarda segredo, por enquanto, do que acabamos de saber; vou já ao templo de Ptah para discutir e combinar como havemos de enfrentar a cólera do Faraó.

Acabava de paramentar-se quando lhe anunciaram o mensageiro do Adon. Atônito, mandou-o entrar. Era Pibisi, o escravo favorito de José: prostrando-se, declarou a Potífera que o Adon o chamava incontinenti para negócio urgente.

— Ele está vivo? — perguntou imprudentemente Armais.

— Sem dúvida; embora doente, e mandou-me buscar o venerável Ptah-hotep — respondeu o escravo um tanto desconfiado.

Deitando ao filho um olhar de censura, o sacerdote despediu o mensageiro, declarando que iria imediatamente procurar o genro.

Com o coração pressago, cenho carregado, subiu à liteira. Era evidente que o plano de Asnath tinha falhado; ela talvez estivesse morta, ao passo que ele, o miserável, vivia e a ação impensada da moça somente criava para os padres a mais falsa e perigosa das posições.

No palácio do Adon tudo respirava ordem e calma habituais; o oficial de serviço pediu a Potífera se dignasse passar à sala de espera, porque o venerável padre Ptah-hotep se achava junto do Zaphnath-Paaneach (título oficial egípcio, de José).

O sacerdote declarou que voltaria e, chamando o vigilante dos escravos, ordenou-lhe que o conduzisse ao quarto

da filha. O homem obedeceu sem vacilação. Se Asnath estava morta, nenhum dos criados o sabia, era evidente, e um misto de medo e esperança inflou o coração de Potífera.

A porta do quarto, foi recebido por uma jovem criada, visivelmente comovida e, assaltado por um mau pressentimento, apressou o passo e, nervoso, afastou uma cortina atrás da qual se fazia ouvir a voz lamentosa de Panafi. Envolvida apenas na túnica de linho, olhos cerrados, visivelmente esgotada, Asnath estava estendida no leito e duas criadas lhe esfregavam os pés e as mãos, enquanto a velha ama tratava de derramar-lhe vinho na boca.

Um momento Potífera tudo esqueceu: à vista do pequeno rosto lívido e desfigurado da filha, uma onda de amor e de angústia inundou-lhe a alma; afastando Panafi, levantou Asnath e apertou-a de encontro ao peito. Estremecendo, a moça reabriu os olhos, dos quais jorrou um raio de felicidade.

— Saiam, e ninguém ouse penetrar nos quartos vizinhos — disse o sacerdote.

E logo que os criados desapareceram, inclinou-se e murmurou em tom de censura:

— Que fizeste? Que golpe para os nossos corações se estivesses morta!

— ó pai! eu quis livrar-vos a todos e furtar-me ao amor do impuro; mas os deuses não aceitaram o sacrifício de minha vida.

Potífera não teve tempo de responder, porque nesse instante entrou Ptah-hotep. O velho padre parecia exaltado e os olhos lhe ardiam debaixo das sobrancelhas cerradas.

— Foi bom encontrar-te, irmão; tenho que falar-
-te — disse apertando fortemente a mão do sacerdote. — Antes, porém, devo ver o que falta à Asnath.

Tendo cuidadosamente examinado a moça, empertigou-se, abanando a cabeça:

— Que fizeste, criança insensata? Onde encontraste o veneno horrível com o qual pretendias liquidar a tua

vida e a desse homem perigoso, que dispõe de forças ocultas e desconhecidas, para conseguir salvar a ambos de uma morte inevitável? As conseqüências da tua loucura podem ser terríveis; José está fora de si; ameaçou-me de acusar perante o Faraó toda a nossa casta de ter querido envenená-lo e de entregar-te à vindita das leis. Esqueceste, infeliz, que a mulher que atenta contra a vida do marido é condenada a ter a mão direita cortada e a ser apedrejada viva, depois de enterrada numa cova até aos ombros?

Asnath deu um grito e, fora de si, agarrou-se à mão do pai.

Intenso rubor cobrira a fronte do sacerdote, logo seguido de marmóreo livor. Na alegria de encontrar viva a filha, esquecera as conseqüências possíveis do seu gesto desesperado, mas o pavor de Asnath, o seu olhar desvairado restituíram-lhe instantaneamente o sangue-frio e o ânimo resoluto. Beijou-a e disse, segurando-lhe fortemente a mão:

— As palavras de Ptah-hotep são verdadeiras, mas

tranqüiliza-te, filha; se esse miserável verdugo te fizer condenar, não te deixarei entregar ao carrasco, morrerás por minha própria mão.

— Obrigada, pai — murmurou, apertando a mão de Potífera e levandó-a aos lábios.

— Conta com o auxílio de todos nós, irmão — disse Ptah-hotep de olhos cintilantes — e, se o impuro tentar contra a tua venerável cabeça, todos nos levantaremos como um só homem... E que os acontecimentos se desenrolem como o quiserem os deuses! É nos eflúvios dos astros que estão consignados os destinos humanos; os homens são apenas cegos instrumentos da sorte e, na sua maldade e fraqueza, pensam dirigir a roda que levanta e abate; se nosso sangue correr, é que ele é necessário, como semente fecunda de importantes acontecimentos; e a estrela que ilumina o destino do réprobo, e que parece tão brilhante, pode inopinadamente extinguir-se, rolando ele no abismo, arrastado pelos eflúvios de vergonha, desgraça e

desespero que provocou.

Não se pode impunemente perturbar o equilíbrio das forças invisíveis que regem o Universo, e todos esses eflúvios de ódio e de mal, emanados dos corações ulcerados dos fracos, dos oprimidos, acabarão recaindo sobre ele, como um torvelinho destruidor, e o esmagarão.

Potífera inclinou a cabeça:

— Dizes verdade, meu irmão, somos fracos e ignorantes quando o perigo nos ameaça; as lições da sabedoria são esquecidas, os interesses mesquinhos nos cegam e tememos os homens, quando só deveríamos tremer em face do destino. Tu, minha filha, sê calma e confia na bondade dos deuses.

Abraçou-a e saiu à procura do genro, enquanto Ptah-hotep fazia as prescrições exigidas pelo estado de Asnath.

José estava deitado num leito de repouso, os pés envolvidos num manto.

Sua conversa com Ptah-hotep tinha-o fatigado e acentuado maiormente a transformação nele operada pelo tóxico. As orelhas e as unhas azuladas provavam à

evidência o perigo mortal que experimentara.

À entrada do sogro, um estremecimento de raiva o agitou e, um instante, os olhares de ambos se cruzaram como dois raios fulgurantes.

— Sois hábeis intérpretes da vontade dos deuses, quando vos inspiram o extermínio das pessoas incômo-

das — disse José com veemência. — Como vedes, vosso infalível remédio não me matou e tomarei medidas que tirarão à tua casta o prazer de envenenar os dignitários de Estado, que o Faraó escolhe, mas que têm a desgraça de desagradar aos padres. Darei queixa ao rei, acusando do atentado contra minha pessoa, a ti, a tua casta e a tua filha.

Potífera encostou-se levemente na mesa e o seu olhar caiu com desprezo glacial no rosto desfigurado do adversário.

— Acalma-te, Adon, e reflete antes de arriscares tão grave acusação. Tens em conta de muito parvos os pa-

dres de Mênfis e de Heliópolis: se houvéssemos decidido tentar esse duvidoso meio de livrar o Egito, ter-te-íamos exterminado antes de minha filha te ser entregue por lei; e se, em geral, um padre da minha classe tivesse querido manchar-se com um homicídio, não seria nas mãos inocentes da filha que haveria de colocar a arma assassina. Nem eu, nem padre algum de Mênfis ou de Heliópolis sabia do plano insensato de Asnath e eu ainda ignoro onde encontrou o veneno com o qual, no seu despeito infantil, quis matar-te, suicidando-se. Lembra-te Adon, de que arrancaste a Asnath um noivo estremecido, para forçar uma união que lhe repugna. O Faraó pôde dar-te a sua mão, mas não o coração.

— E vós tendes o cuidado de envenenar esse coração e enchê-lo de ódio contra o esposo a que está ligada; a lei — penso eu, acharia pouco válidas as razões que me dás para desculpar um ato inaudito — obtemperou José com amargura.

— Não vim para me desculpar, nem para te pedir perdão — respondeu orgulhosamente Potífera. — Instaura

o processo contra mim e contra os padres de Mênfis e de Heliópolis: nós responderemos aos juizes. Quanto a Asnath, podes fazê-la condenar, eu o sei; mas também sua morte romperá o laço que desejavas travar com a nossa casta. Não mendigaria a sua vida mais que a minha, se te arriscasses feri-la tão alto; toma porém cuidado! Em guerra desse gênero, é difícil saber-se quem será o vencedor; eu sou e permaneço, para o povo do Egito,

o primeiro servo do grande deus de Heliópolis; tu, um estrangeiro, elevado da escória do povo à posição que ocupas; se, pois, desencadeares a guerra aberta, teremos necessidade de aceitá-la.

Sem esperar resposta, desviou-se, saiu, e a cólera que fervia na alma de José o enfraqueceu de tal maneira que adormeceu e só despertou horas depois. Esse repouso o havia reconfortado e, com a fria resolução que o caracterizava, sondou a situação e pesou as probabilidades. Potífera tinha razão: instaurar um processo escandaloso

contra a casta poderosa e venerada pelo povo, era uma cartada perigosa. O próprio Apopi desejá-la-ia? Apesar do seu ódio contra os padres, testemunhava-lhes sempre, oficialmente, respeito e benevolência. E, quanto à morte de Asnath, apenas lhe arrancaria para sempre a mulher fascinadora, cuja única lembrança lhe fazia palpitar o coração.

"Devo calar-me, mas guardarei o que se passou hoje, e a ocasião de me vingar de ti, casta maldita, não me faltará" — murmurou com os dentes cerrados.

Nessa mesma tarde escreveu ao sogro: "Refleti e decidi ocultar ao rei o atentado, com a condição de deixarem Mênfis, tu e os teus, nestes próximos dias; perdôo à tua filha e conservar-lhe-ei no lar a posição que lhe é devida; não quero, porém, que ela se apassive à vossa odiosa influência, que lhe inspira sentimentos contrários aos seus deveres; se, todavia, te obstinares em ficar aqui e em desviar de mim o coração de tua filha, serei forçado, embora contra a vontade, a recorrer ao rigor das leis."

Quando Potífera recebeu esta carta, suspirou aliviado:

a perspectiva de um processo escandaloso repugnava extremamente aos padres, qualquer que fosse o resultado; e o pensamento de matar a própria filha, para subtraí-la ao verdugo, tinha queimado, qual ferro em brasa, o coração do sacerdote. Compreendeu, de resto, que a rara beleza de Asnath exerceria o seu império sobre José, e que este não queria perder a mulher tão dificilmente adquirida. Ora, por mais repugnante que fosse a seus olhos esse amor, ele o favorecia no momento. Sem demora, ordenou preparassem tudo para regressar a Heliópolis.

No dia seguinte, acompanhado da mulher e do filho, dirigiu-se ao palácio do Adon. Este o recebeu algo surpreso, mas compreendeu que a visita era uma resposta à carta, quando Potífera declarou que negócios urgentes o chamavam a Heliópolis e que, decidido a partir no dia seguinte, vinha despedir-se dele e da filha.

Dada a presença de um escriba e de um funcionário interno, o adeus, apesar de um tanto precipitado, reves-

tiu-se de ternura oficial. Maia conteve corajosamente as lágrimas e deixou-se abraçar pelo genro, assim como Armais; em seguida, José declarou que, achando-se sua mulher ligeiramente indisposta, ia conduzi-los ao quarto. Acompanhou-os até à entrada dos aposentos de Asnath e retirou-se. Mas a despedida de Asnath foi também curta; Potífera não queria comover mais a moça, ainda fraca e desfigurada, com lágrimas e adeuses aflitivos. Contentou-se em apertá-la nos braços, dizer em poucas palavras que o processo não se faria, e acrescentou: "Com o teu ato irrefletido podias perder-te e a nós também; sê mais prudente de futuro, não irrites a serpente e subme-te-te aos deveres inerentes à tua nova posição. Se eu tiver necessidade de te mandar qualquer mensagem, à revelia de conhecimento oficial do teu marido, ouvirás no bosque mais próximo de tua janela o grito cinco vezes repetido de uma ave noturna. Deverás, então, descer ao jardim, onde o mensageiro achará meios de transmitir-te minhas ordens ou conselhos."

Depois que se retiraram, ela debulhou-se em lágrimas:

sentia-se só, abandonada, infeliz a mais não ser. Os seus estavam longe agora e o pensamento de rever José suscitava-lhe angústia e cólera. Não pregou olhos toda a noite, pensando, ao menor ruído, vê-lo surgir no quarto; mas o mancebo não apareceu porque, por sua vez, esperava lhe fosse ela pedir perdão. E como a sua expectativa foi igualmente frustrada, escreveu-lhe no dia seguinte, pedindo explicação do seu procedimento. "Sou criminosa, espero a tua sentença" — respondeu a orgulhosa egípcia. Compreendia que deveria desculpar-se, ao menos do ato delituoso, mas preferia morrer antes que humilhar-se.

A resposta produziu em José uma triste e dolorosa impressão, mas os deveres do cargo e um excesso de expediente impediram-no de entregar-se às suas reflexões. A noite fechara, quando, afinal, despediu o derradeiro escriba e, fatigado de alma e de corpo, desceu ao jardim. De cabeça baixa, errou longo tempo pelas alamedas sombrosas, sentando-se depois num banco de pedra e apoian-

do-se na esfinge em que terminava o encosto.

Profundo silêncio reinava em torno. Lembraram-lhe logo as belas noites calmas, passadas nas planícies virentes da sua tribo. Então, era pobre; a vida monótona e rude lhe pesava e, mais de uma vez, vigiando os rebanhos, entressonhava a existência refinada das grandes cidades, de que lhe falava Schebna; a afeição do velho pai tinha-lhe parecido pouca coisa, os irmãos que o invejavam e aos quais espionava e denunciava, por quaisquer pequenos delitos, esses eram-lhe indiferentes, às vezes odiosos.

Agora, todo esse passado estava longe. Vencera o destino e, qual o predissera o caldeu, achava-se no fastígio do poder... M a s . . . feliz? "Não, gritou-lhe a alma ulcerada; és mais desgraçado que o pobre pastor, porque, nesta vertiginosa altura, tu te encontras só. O pesar e o medo, a alegria ou o desespero podem fazer-te bater o coração, e tu não tens a quem confiá-lo."

Abafado suspiro agitou-lhe o peito: era a verdade!

Nessa *urbs* imensa, nesse país que governava, nem um coração batia por ele; todos os que rastejavam diante

dele eram interessados ou inimigos, que cavavam a sua ruína. Verdadeira tempestade agitou-lhe subitamente o coração, veio-lhe um desejo enorme de possuir um ente amado, propriamente seu, a quem pudesse confiar o coração ermo, confiar tudo que o oprimia; ou, então, fugir para longe daquela terra odiosa que o desprezava, ganhar de novo o deserto, procurar o velho pai para reencontrar a paz entre os seus braços. Recalcando a custo os soluços que o abafavam, escondeu a cabeça nas mãos e silenciosas lágrimas lhe perolaram entre os dedos.

— Sou, porventura, capaz ainda de chorar, quando o coração deveria estar rígido como o granito das pirâmides? — murmurou com amargura.

Um leve rumor fê-lo erguer a cabeça e, com espanto, divisou Asnath, de pé, a dois passos, fitando-o consternada. Também ela não achava repouso, e, receando asfixiar-se nos aposentos, fora para o jardim, onde o acaso a levara junto ao banco. Percebendo um homem, tinha

estacado, mas logo reconheceu o marido e viu que ele chorava.

Essa descoberta produziu-lhe verdadeira comoção: nunca lhe viera à mente que aquele homem orgulhoso e altivo, investido de poderes régios, pudesse julgar-se infeliz ao ponto de derramar lágrimas, considerar-se insulado e mais pobre que o mais miserável pescador do Nilo, tendo uma família que o amava e compartia das suas dores e alegrias. Um sentimento de profunda compaixão, misturada com essa simpatia e poderosa atração que o olhar do hebreu exercia sobre ela, despertou-se-lhe no coração:

— Choras, José? — murmurou timidamente.

À vista dessa emoção, assim como da beleza da mulher que o fitava pálida e perturbada, a alma de José estremeceu numa insopitada explosão de dor.

Tomando as mãos de Asnath, atraiu-a bruscamente e disse com voz entrecortada:

— Sim, sim, Asnath, choro porque estou insulado; porque todos os que me cercam me odeiam e desprezam

e porque, até o único ente que deveria ser meu sustentáculo e minha alegria, quis matar-me. Não estremeças assim, sei que não foi em teu coração inocente que germinou esse mau pensamento; suplico-te, porém, ama-me um pouco, a fim de que eu saiba que nesta grande cidade inimiga teu coração bate por mim.

— Não te posso amar — balbuciou Asnath suspirosa —, mas, se queres aceitar minha amizade, tê-la-ás de boa-vontade, farei porque não te sintas tão isolado e não me tenhas como inimiga.

— Compreendo: eles te ameaçaram com a maldição da sua casta, se me amasses — murmurou José com amargura. — Não importa! Aceito a tua amizade e leio em

teus olhos inocentes que me darás mais do que prometes. Façamos, pois, a paz e possam os deuses proteger nossa união.

Beijou-a, silenciosamente, ela apoiou a cabeça no seu peito. Um indefinível sentimento, misto de dor e inquie-

tação, lhe invadia todo o ser. Um quarto de hora mais tarde, os jovens esposos subiam lentamente os degraus do terraço para começar uma vida desconhecida.

S E G U N D A P A R T E

PODER REAL E PODER SACERDOTAL

I

O A D O N E S U A M U L H E R

Chegaram pois os sete anos de fertilidade; e o trigo, tendo sido posto em molhos, foi depois amontoado nos celeiros do E g i t o .

P ô s - s e t a m b é m de reserva em t o - das as cidades esta grande abundân- cia de grãos.

A n t e s que c h e g a s s e a fome, t e v e José dois filhos de sua mulher A s - nath, filha de Potífera, sacerdote de Heliópolis. — *Gênese,* **cap. XLI, w . 47, 48, 50.**

Os primeiros meses que se seguiram à reconciliação,

não registraram nenhum acontecimento de nota. Apenas uma série de pequenos incidentes, provocados pela estranha e falsa situação que, apesar de tudo, reinava entre os esposos e impedia se estabelecesse uma verdadeira harmonia. Cego pela paixão a que se entregou sem reservas, José só pensava em conquistar o coração da jovem, lisonjeando-a de toda maneira, cumulando-a de presentes e carícias, concedendo-lhe plena liberdade de ação e submetendo-se com a docilidade de homem verdadeiramente enamorado, satisfazendo todos os seus desejos e caprichos.

Se Asnath tivesse sido abandonada sem restrições aos seus próprios impulsos, provavelmente teria correspondido ao amor do marido, cuja personalidade sedutora exercia sobre ela poderosa influência; mas, o juramento feito a Hor, assim como o pensamento de atrair o desprezo da sua casta, deixando-se arrastar pelo sentimento que a impelia para José, provocaram desde o começo uma desarmonia interior, e bastava a lembrança do antigo noivo

para sustá-la num impulso de ternura ou de confiança; da mesma forma que a presença de um padre, o pesado e percuciente olhar que a fixava, produziam-lhe o efeito de um cântaro de água fria. Em tais momentos petrificava-se, por assim dizer, num orgulho glacial, recebia com áspera repulsa a ternura que o marido, muito amoroso para dissimular, lhe prodigalizava, mesmo diante de malévolas testemunhas.

Apesar do momentâneo exaspero despertado por se-

melhantes incidentes, José recaía logo sob o jugo da sua

fascinação e bastava um sorriso, um beijo, para desarmar a cólera. A consciência de um tal poder sobre o homem diante do qual tremia todo o resto do Egito, divertiu enormemente Asnath, logo que se assegurou da sua força; e, sob a influência dos sentimentos controversos que o marido lhe inspirava, resolveu provar que, se para todos ele era o poderoso e terrível Adon, para ela era apenas o homem obscuro, que devia considerar-se feliz como boneco dos seus caprichos.

Apesar da sua amorosa cegueira, José tinha muita

sagacidade para deixar de compreender a situação e não observar a influência exercida em sua mulher pela casta sacerdotal. Embora não tivesse provas palpáveis dessa influência oculta, seu ódio pelos padres e pela parentela de Asnath foi aumentando. Resolveu dominar sua fraqueza e mostrar à esposa que não se deixaria maltratar indefinidamente e que, se pela afeição tudo podia, nem por isso deixaria de antepor aos seus caprichos e fantasias a autoridade de esposo.

A ocasião de experimentar este novo método se apresentou, cerca de oito meses depois do casamento. Uma viagem de inspeção forçava-o a deixar Mênfis por três

semanas e, ao sabê-lo, Asnath, sem o prevenir, decidiu aproveitar o tempo de sua ausência para uma viagem a Heliópolis em companhia de Ranofrit, que desejava igualmente visitar Potífera e sua mulher, enquanto Putifar se dirigia a uma região afastada, onde um incêndio tinha produzido estragos consideráveis. Mas, imagine-se o es-

panto da jovem esposa, quando o intendente lhe anunciou, respeitosamente, que o Adon tinha proibido pôr à sua disposição o material e o séquito necessários a qualquer viagem, bem como que, na sua ausência, qualquer viagem lhe ficava interdita.

Asnath ficou um instante petrificada; depois, corou vivamente e, com um gesto impaciente, despediu o intendente. Logo que saiu, porém, precipitou-se para o quarto de José, onde Pibisi lhe declarou que o senhor se encontrava só, no corredor contíguo ao gabinete de trabalho. Passeava pensativo debaixo das arcadas, parando de instante a instante junto da mesa para inscrever uma nota, quando divisou a mulher que corria ao seu encontro. As faces coradas e os olhos chamejantes deram-lhe a compreender, incontinenti, o de que se tratava. Cruzando os braços, encostou-se a uma coluna, preparando-se para enfrentar a tempestade, enquanto um sorriso — que Asnath divisou, exasperou-a ainda mais — errava-lhe nos lábios.

— Desde quando estou prisioneira e como ousas com-

prometer-me perante os criados proibindo-lhes cumprir minhas ordens? — exclamou batendo o pé — quero visitar meus parentes e vamos ver se mo proíbes...

— Desde que és minha mulher, tenho o direito de proibir-te o que considero inconveniente e minhas ordens devem ser respeitadas por ti como por toda a casa — respondeu calmo. — Além disso, pedir-te-ei que vejas com quem falas, pois não sou nenhum escravo com o qual se possa gritar dessa maneira. Não irás ver tua família, o que aliás não influi para que deixes de sentir a influência da tua casta na minha vida íntima. Não ousando revoltar-se contra mim, os veneráveis padres inspiram-te engenhosamente a idéia de me afrontar. Dar-te ainda a ocasião de ouvires todos os títulos honoríficos com que

me gratificam teu pai e seus amigos, eis o que é desnecessário !

Ela baixou os olhos um instante, mas quase logo ergueu a cabeça e disse irônica:

— Pensas, na verdade, que todo o mundo tenha obrigação de estar compenetrado da tua grandeza, mesmo em seu foro íntimo? Todos esses homens veneráveis podem calar-se diante da violência tirânica de Apopi, mas não se rebaixarão ao ponto de rastejar diante de ti.

— Razão demais para te afastar deles; estás suficientemente industriada no desprezo que me deves; longe das lições de teus mestres, poderá despertar em ti o respeito devido à minha autoridade. Eis o que te proponho: se te aborreces em Mênfis, vem comigo; não conheces Tanis e as festas e honras que aí se tributarem à esposa do Adon te distrairão.

Noutro momento, a proposta teria certamente agradado a Asnath, que não desdenhava representar o primeiro papel e ver-se cercada de homenagens e adulações; agora, porém, estava muito irritada para apreciar a intenção conciliadora do marido e, por isso, abanou a cabeça e respondeu com um sorriso impertinente:

— Agradeço-te essas honras; mas esqueces que sou egípcia e sei o que elas custam a egípcios que se prezam.

Quanto às homenagens dos *chasous,* eu as tenho aqui em abundância

As narinas do Adon tremelicaram e sombrio fulgor jorrou-lhe das pupilas.

— Asnath, não abuses do teu fascínio e da minha paciência — disse severamente.

E, dando um passo para ela:

— Sei que me desprezas pela minha origem, bem como tua casta, que te dita a conduta; sei que podes sentir, pensar o que quiseres, mas proíbo-te, compreendes? de mo dizeres. Range os dentes, silenciosamente, como teus caros egípcios, mas, assim como eles se curvam diante do Adon, que pode esmagá-los, deves testemunhar a teu marido respeito e obediência. E agora, deixa-me: tenho que trabalhar.

Voltando-lhe as costas, puxou um tamborete, sentou-se junto a mesa e começou a ler.

Ardendo em cólera, Asnath voltou para o quarto, ru-

minando planos de vingança. No dia seguinte, logo que José partiu, foi à casa de Ranofrit e contou-lhe indignada a cena passada.

— Era o que faltava! que te deixasses dirigir por esse cão impudente! Vem comigo e prova-lhe que sabes dispensar-lhe a permissão — advertiu a mulher de Putifar com um gesto de profundo desdém.

Asnath voltou radiante e, no dia seguinte, declarou ao intendente que viajava com a tia; mas como não levou nem um escravo, contentando-se com a companhia da velha aia, nem um animal para as bagagens, o homem não ousou constranger a pessoa de sua senhora e ela deixou Mênfis muito satisfeita de pregar semelhante peça ao marido.

Chegando a Heliópolis, evitaram dizer a verdade a Potífera alegre com a visita da filha e achando natural que ela aproveitasse a viagem do marido para ausentar-se. Não suspeitou da sua desobediência e, além disso, o sacerdote estava sobrecarregado de trabalho em consequência das obras do templo. Só tinha raros momentos

para dedicar à familia. Maia teve alguns receios quando lhe confiaram a verdade, mas as duas visitantes acalmaram-na persuadindo-a que era indispensável dar uma lição ao insolente.

Asnath estava em Heliópolis havia quinze dias, quando um dia, cedo, chegou inopinadamente Putifar visivelmente preocupado e descontente, dirigindo-se logo ao gabinete do sacerdote. "Eis o que nada de bom pressagia" — disse Maia — e com efeito, apareceram logo os dois homens, e Potífera fez à filha severas censuras, não só por ter desobedecido ao marido como por lhe haver ocultado o fato. Depois, declarou que dentro de duas horas deveria voltar para Mênfis, com o tio.

— Não quero voltar para junto do Adon; ele me maltrata, humilha e atormenta de toda maneira — gritou em soluços.

— Não tens vergonha de inventar histórias e proceder loucamente, quando teu pai te recomendou prudên-

cia? — interrompeu Putifar com acrimônia.

Quanto ao sacerdote, abraçou a filha, procurou acal-
má-la e disse-lhe que José, muito incomodado, declarou
que, se retivessem sua mulher em Heliópolis, imporia às
terras dos templos um imposto sobre os grãos, forçando
a entrega aos celeiros públicos. E a só idéia de uma tal
violência, exercida contra sua casta e da qual José era
bem capaz, exasperava Potífera.

Apesar da raiva, a moça teve que partir, mas enco-
lerizada de tal maneira que apenas se despediu dos seus,
duvidando até da afeição do pai. Foi em vão que o tio
procurou persuadi-la, recomendando prudência e tratando
de lhe fazer compreender a responsabilidade da sua po-
sição, uma vez que sua pessoa era uma arma terrível
nas mãos do Adon. Mas a moça zombava da política e das
razões de Estado, pensando somente em rever o marido
para fazer-lhe uma cena como ele ainda não tinha visto.

Não longe de Mênfis foi encontrá-los um enviado de
José, que pedia a Putifar conduzisse sua mulher a uma
casa de campo próxima da cidade, ali deixando-a. Essa

nova disposição aumentou a raiva de Asnath, e Putifar, ao deixá-la, não o fez sem inquietação.

Trêmula de impaciência, esperou o marido, mas, debalde. Mais de quinze dias decorreram sem que ele aparecesse e ela ficava abandonada na aldeia, sem ver ninguém e sem poder deixar o recinto dos vastos jardins.

Pensou enlouquecer, mas, uma tarde, deitada no sótão de onde se descortinava a estrada de Mênfis, percebeu uma nuvem de poeira e logo reconheceu um carro escoltado por alguns cavaleiros da guarda do marido. Tudo se pós a esfervilhar dentro dela. Afinal, vinha! Mas, em lugar do Adon, veio um pequeno escravo dizer-lhe que o senhor lhe pedia que descesse. Ela fechou os olhos e não se mexeu, mas, ao cabo de um quarto de hora, o carro e os cavaleiros regressaram.

Quinze dias mais, de silêncio e solidão. Compreendia que o marido a estava castigando e queria forçá-la a re-

conhecer seus erros; morreria antes de dar-lhe seme-

lhante prazer. Todavia, a cólera se abrandava, substituída por tenebroso rancor. Não se amofinava mais, deitada dias inteiros, e principiou a distrair-se inventando novos arranjos na casa e nos jardins. Um dia, ocupava-se com dois jardineiros e algumas criadas a transplantar flores e arbustos raros para as platibandas que rodeavam o pavilhão predileto, que queria ornar de jarros, quando um escravo correu arquejante para anunciar a chegada do Adon.

Intenso rubor coloriu-lhe as faces e um sentimento áspero e mau lhe fez bater o coração. Como, no mesmo instante, percebesse no extremo da longa alameda de sicómoros o perfil esguio de José, ordenou aos criados que se recolhessem, compreendendo que a entrevista não seria própria para ouvidos de escravos. Logo que estes desapareceram, encostou-se à entrada do pavilhão e seu pequeno rosto tomou expressão de glacial indiferença. Mostraria ao cão impuro que, se podia seqüestrá-la e mal-tratá-la fisicamente, nenhum ascendente possuía sobre a sua alma.

José encaminha-se rapidamente e seu olhar dardejou, inflamado, no rosto fascinante da mulher, que deixava transparecer feroz obstinação e não pressagiava nada de bom. Profundo suspiro intumesceu-lhe o peito e o brilho febril dos olhos, as pancadas céleres do coração, debaixo da fina túnica de bisso, teriam denunciado a um observador, mais atento, que ele estava longe da calma exterior que aparentava. Na verdade, José sofria a longa separação da mulher e, por necessidade, desempenhava o papel de marido severo e impassível. **Se** tivesse escutado só o coração, teria atraído aos braços a adorada antagonista e assinado a paz com um beijo; mas sentia que Asnath, armada contra ele por seus inimigos, abusaria do poder que sobre ele exercia, para afrontá-lo e humilhá-lo sem piedade. Só lhe domando a altiva natureza e a revolta, poderia inspirar-lhe amizade e abrir caminho ao amor que sentia por ele, mas contra o qual lutava às ordens da sua casta e por obstinação.

Parando em frente de Asnath, que parecia metamorfoseada em estátua, disse com calma:

— É assim que recebes teu marido, depois de tão longa separação e de o haveres afrontado e ofendido com a tua desobediência? Insolência e obstinação, em vez de uma desculpa, de uma palavra afetuosa?

Ela ergueu a fronte, provocadora, as pupilas azuis faiscantes e, sorrindo, irônica:

— O Faraó Apopi ainda não decretou, que eu saiba, que toda esposa egípcia deve prosternar-se perante o marido *chasou;* e como não tive desejo algum de rever-te, Adon, não me julgo obrigada a tão extraordinária gratidão por tua visita. Sinto-me bem nesta solidão absoluta, de modo algum desejei ser perturbada.

Ele empalideceu ligeiramente e o tremor das narinas mal encobriu a tempestade que lhe roncava no íntimo. Não revidou, porque não queria falar sem reconquistar a posse de si mesmo. Passeou os olhos distraídos pelos jarros, pelos montões de terra fresca e arbustos deitados na grama, fixando-os afinal num feixe de varas de junco,

colocadas no banco ao lado e destinadas a sustentar as flores recentemente plantadas. Maquinalmente, apanhou uma e vergou-a, nervosamente, entre as mãos; mas Asnath suspeitou do gesto inconsciente, prevendo uma agressão e inflamou-se como estopa. Segurando a machadinha do jardineiro, atirou-se para o marido e, brandindo-a, gritou com voz desconhecida: -

— Se ousas bater-me, mato-te!

José, que não tinha pensado em semelhante coisa, fitou-a espantado e, recuando um passo, disse com austeridade:

— Vejo que tu mesma compreendes qual o tratamento que merecias, mas não tenho intenção de utilizar esses meios para tornar-te mais polida; não é a força do meu pulso, mas da minha vontade, que te há de ensinar a respeitar-me. E agora, larga a machadinha. Seria edificante que os criados te vissem brandir uma arma contra mim. Larga já a machadinha — repetiu franzindo a testa e dardejando nela um olhar tão imperioso que, depois de um instante de hesitação, obedeceu.

Então José, por sua vez, atirou longe a vara de junco e continuou em tom calmo, porém enérgico:

— Bem, agora vou dar-te uma explicação decisiva. Estou cansado de ouvir insultos que não tens o direito de proferir; aproximei-me de ti, há pouco, sem palavras ofensivas, intencionando restabelecer entre nós uma vida suportável, mas não para mendigar teu amor. Crês, na verdade, que eu não te poderia fazer experimentar tristemente o meu poder, por mais filha de Potífera que sejas? Mandando-te para aqui, teu pai provou que não me quer desafiar e que compreende perfeitamente onde acabam os direitos do pai e onde começam os do marido. Se fosses casada com um egípcio, nunca ousarias afrontá-lo assim. Comigo, o escravo liberto, acreditas poder fazê-lo, mas eu declaro que estás enganada. A esse escravo liberto, transformado em teu senhor, deves respeito e obediência, tal qual como a Hor ou a qualquer outro homem da tua raça, com quem tivesses casado. Não supor-

tarei que ostensivamente me demonstres desprezo.
Agora, ouve o que decidi sobre o incidente provocado
por tua desobediência; já que recusaste um entendimento
amigável, far-te-ei sentir minha severidade. Se me não
vieres pedir perdão, como convém a uma esposa submissa,
aqui ficarás isolada, excluída da sociedade, e para sem-
pre. Tomo aos deuses por testemunha (levantou a mão)
de que nenhum pedido me fará mudar de resolução; a
teu pai, assim como ao Faraó, responderei que uso do
meu direito imprescritível para com a mulher rebelde;
e se não vieres pedir-me perdão, ao retirar-me daqui,
amanhã de manhã, terás de vir a pé para Mênfis, porque
aqui não haverá, para servir-te, carro nem liteira, se não
fores comigo. Reflete bem nas conseqüências da tua obsti-
nação, e escolhe: queres voltar amanhã ao palácio de
Mênfis, ou preferes a solidão? O que acabo de dizer-te
é a minha última palavra.
Com um grito de cólera e desespero, ela atirou-se ao
banco e escondeu o rosto nas mãos. José, que já se havia
afastado alguns passos, virou-se e, vendo as lágrimas que

corriam entre os dedos de Asnath e os soluços convulsivos

que a sacudiam, voltou depressa e, inclinando-se, murmurou baixinho:

— Asnath, sê boa e justa; deixa falar teu coração sem o fel que te instilam: dize-me uma palavra conciliadora, afetuosa; eu quero esquecer esta hora e muitas outras não menos dolorosas.

Com o coração oprimido, esperou: a mulher lutava, visivelmente, consigo mesma; sua respiração arquejava, os lábios tremiam. Entretanto, ficou muda, frisando nos lábios um amargo sorriso.

José desviou-se, galgou o quarto e mandou chamar os escribas que o acompanhavam, procurando afogar no trabalho os pungitivos pensamentos que o oprimiam.

Asnath também se encerrou no quarto; proibiu, a quem quer que fosse, entrar sem ser chamado e entregou-se a verdadeira crise de nervos, que só terminou em completa prostração, semelhante a um desmaio.

A noite caía quando esse estado letárgico se dissipou e ela pôde levantar-se. Sentia-se alquebrada, mas readquirira a faculdade de raciocinar. Sentando-se ao pé da janela, refletiu...

Com dolorosa lucidez ponderou as conseqüências da sua obstinação.

José não desistiria das condições estabelecidas, era indubitável; mas seu pai não suportaria tranqüilamente o vê-la prisioneira e abandonada naquele ermo. Isso era também certo. Que conflitos poderiam nascer desses incidentes e, na sua pessoa, humilhar cruelmente, a casta sacerdotal! Que vergonha para ela e para os seus, se, afinal de contas, aquele escravo liberto a obrigasse a ir a pé para Mênfis, mendigar-lhe perdão! O bom senso mandava conjurar tais eventos, cedendo. Mas o orgulho se obstinava e revoltava contra essa necessidade.

Com um gemido abafado, fechou os olhos e apoiou-se no encosto da cadeira, mas súbito estremeceu e prestou atenção: o grito de uma ave noturna acabava de fazer-se ouvir num bosque, perto da janela; depois, a intervalos

iguais, esse grito se repetiu ainda quatro vezes. Ergueu-
-se apressada, envolveu-se num manto escuro e desceu

ao jardim: não havia dúvida, algum servo do templo ia transmitir-lhe qualquer mensagem secreta do pai e, com o sinal combinado, prevenia sua presença. Cautelosamente, Asnath introduziu-se no bosque, escondendo-se entre as sarças, quando sentiu que lhe seguravam a mão. Distinguiu uma vaga sombra que saía de uma árvore e uma voz murmurou-lhe ao ouvido: "Evita tudo o que possa originar conflitos entre os padres e o Adon; aproxima-se a hora em que todas as humilhações serão vingadas; vai, pois, pedir perdão ao cão insolente; atende à sua ordem, tal é a vontade de teu pai, e que Ra te proteja!"

Um ligeiro farfalhar de ramos, a sombra fundiu-se na obscuridade e Asnath ficou só! Trêmula, voltou ao quarto; nem um instante pensou em resistir à ordem do templo, mas como seu pai podia saber o que se passara

entre ela e o marido, horas antes? Subitamente, lembrou-se de que muitas vezes seu pai tinha sido informado de coisas desconhecidas, verificadas em lugares distantes. Assim que, no dia da elevação de José, em Mênfis, Potífera o anunciou a Racapou. Ela por acaso surpreendera algumas palavras da conversa, e sabia que essas notícias graves se transmitiam de templo a templo com extraordinária rapidez. Mas ignorava de que maneira se fazia a transmissão. A coisa, de resto, pouco interessava no momento; a humilhação Inevitável empolgava-a inteiramente e, com o coração apertado, dirigiu-se lentamente para o quarto de José.

Tendo recebido a indicação do escravo, atravessou a antecâmara, onde, sobre a mesa, via-se a ceia ainda intacta e penetrou no terraço contíguo: ali lobrigou logo o marido, sentado ao varandim. A chama de duas altas trípodes, cheias de alcatrão, iluminava-lhe a curta vestimenta branca e as jóias que ornavam o pescoço e os braços; nesse fundo avermelhado destacava-se nítido o seu perfil alto e regular. Estava estranhamente pálido e uma

indizível expressão de amargura e cólera lhe agitava os lábios.

Asnath parou, tomada de súbita fraqueza, suspirou profundamente; rodava-lhe a cabeça, quase tombou. To-

davia, aquele resfolgo comprimido atingira os ouvidos de José, que se voltou e logo se levantou, aproximando-se da mulher. Fez-se silêncio: mudo, cenho carregado, o moço esperava, observando a luta intima que se desenhava no rosto desfigurado de Asnath. Por fim, ela murmurou ma-

quinal e quase imperceptivelmente:

— Perdoa-me...

— Está bem; amanhã voltarás para Mênfis — res-

pondeu ele com frieza. — Executaste bem a ordem que te veio do templo. Deixa-me dizer-te que és muito altiva para cederes à voz do coração e da justiça; mas que se coaduna com teu orgulho seres a escrava, o instrumento cego dos padres, humilhando-te quando lhes convém.

O desprezo glacial, que lhe timbrava na voz, feriu

Asnath como se fosse uma bofetada, surpreendeu-a o conhecimento que tinha o marido da vinda do padre; titubeou e, se José não a tivesse sustentado a tempo, teria caído. Vendo que ela perdera os sentidos, levou-a para um leito e tratou de fazê-la voltar a si; sua cólera se havia desfeito à vista do pequeno rosto pálido e sofredor de Asnath; mas, ao lembrar-se dos instigadores de todos os seus pesares, os punhos se lhe crisparam: "Oh! como vingar-me de vós, casta execranda, cuja infernal maldade achou meios de matar-me a felicidade até nos meus braços" — murmurou com os lábios trêmulos.

Quando ela voltou a si, seu primeiro olhar encontrou o rosto ansioso do marido; fechou vivamente os olhos, e depois, ao cabo de um instante, recompôs-se e murmurou sem encará-lo:

— Quero voltar para casa, sinto-me bem agora.

— Em verdade, estás bem e queres ir embora? Não experimentas, pois, nenhuma necessidade de ficar perto de mim, de fazer a paz, sinceramente, e esquecer um pouco os espectros vestidos de branco que se levantam entre

nós? — perguntou José, erguendo a cabeça e mergulhando nos olhos azuis de Asnath um olhar meio zombeteiro, meio apaixonado.

Asnath corou: o sorriso carinhoso, a voz velada, o brilho fascinante dos grandes olhos verdes exerceram nela

o seu império habitual; seu coração bateu tumultuosamente e não pôde resistir quando José a cingou e disse:

— Repete agora, espontaneamente, as palavras que te ditaram meus inimigos.

— Perdoa-me, José — murmurou.

A voz era dúbia, um sorriso lhe brincava nos lábios descorados. José esqueceu e perdoou todos os delitos, todas as palavras ofensivas da frágil e sedutora adversária, desde o momento em que, vencida, apertou-a nos braços.

Tinha consciência da sua fraqueza, da paixão que o subjugava e tornava tão indulgente, tão conciliador, o severo, o impiedoso e crudelíssimo chanceler de ferro do Faraó Apopi.

II

ISRAEL NO EGITO E A FOME

Trazei de lá vosso pai com toda a sua família e vinde ter comigo. Eu vos darei todos os bens do E g i t o e vós sereis nutridos do que de melhor há nesta terra.

Sem nada deixardes em v o s s a s casas, porque todas as riquezas do E g i t o serão vossas. — *Gênese,* cap. XLV, vv. 18, 20.

O incidente que acabamos de descrever produziu em Asnath uma impressão profunda e provocou em seu caráter e na sua maneira de ser uma pronunciada transformação; tornou-se mais prudente, mais reservada, evitando cuidadosamente todas as ocasiões de descontentar o marido, conformando-se submissa aos seus desejos. Não mais queria dar motivo a conflitos nem atrair humilhações à sua pessoa, mas esse constrangimento à sua natureza, arrebatada e voluntariosa, criou em suas relações uma

incômoda tensão, uma frieza monótona, que, às vezes, levava José a ter saudades dos contratempos e mal-entendidos dos primeiros tempos de casado. Não tinha mais que se queixar de palavras ofensivas, mas a obediência passiva e quase tímida da companheira chegava por vezes a exasperá-lo.

O nascimento de um filho foi-lhe motivo de alegria indefinível. Nesse menino fundava José as maiores esperanças, pensando que ele se tornaria não só um elo de

conciliação com a orgulhosa e vingativa casta sacerdotal, mas também que o coração materno esqueceria os prejuízos que os separavam e estenderia ao pai a afeição que devia nutrir pelo filho.

Essa esperança não vingou. Nos primeiros tempos Asnath pareceu ligar-se muito ternamente ao primogênito, mas uma visita de Potífera a Mênfis estendeu uma camada de gelo nessa ternura nascente. Bem que restabelecida do parto, a moça ainda guardava o leito quando o sacer-

dote foi vê-la. A ama apressou-se a apresentar-lhe o pequeno Manassé, mas, em vez de o abraçar e abençoar, Potífera afastou a escrava com um gesto esquivo e, fingindo não ver a criança, aproximou-se vivamente da filha e, abraçando-a, murmurou:

— Tu continuas sendo a filha dileta, que eu tive de sacrificar e que os deuses purificarão, quando soar a hora da liberdade; mas o filho desse cão impuro será sempre como o pai e não gozará jamais do amor de nossa família.

Pálida e confusa, ela baixou a cabeça: tinha compreendido que lhe proibiam amar o menino como lhe haviam proibido amar o pai e, desde esse dia, tornou-se mais pensativa e mais silenciosa. O nascimento do segundo filho em nada mudou a situação. Potífera e sua mulher prodigalizavam aos netos glacial indiferença e Asnath ocupava-se pouco dos filhos, votando-lhes a mesma frieza que ao marido; apenas, às vezes fitava demoradamente as pequeninas criaturas graciosas, e uma carícia furtiva parecia trair sentimentos mais profundos, porém sempre dissimulados. .

Compreende-se que semelhante atitude fosse, às vezes, intolerável para José. Tinha mesmo provocado cenas de raiva e censuras, mas a sua decisão amortecera diante da resistência passiva de Asnath. Além disso, o estranho fascínio que a beleza da esposa exercia sobre ele, levava-o para ela e, com o tempo, relações friamente polidas se estabeleceram entre ambos. Ele também dissimulava a paixão oculta do seu coração, mas o ódio pelos padres e pela nobreza egípcia tinha atingido o apogeu; consumia-o intenso desejo de vingar neles os dissabores da vida con-

jugal; demais, os negócios do Estado o absorviam mais que nunca, porque a fome predita chegara e, havia dois anos, desolava o Egito; a miséria começava a fazer-se sentir duramente e, quem quisesse obter pão nos celeiros reais, deveria pagá-lo a dinheiro. Nesse particular o Adon não conhecia misericórdia.

Desde que começou a penúria, a Corte deixara Mênfis para estabelecer-se em Tanis. As causas da mudança ha-

viam ficado desconhecidas para o povo, mas os padres e os nobres compreendiam que o Faraó e seu ministro preferiam instalar-se, durante esses duros anos, no centro das populações semíticas que habitavam o Delta e que, por sua origem, assim como pela religião (eles adoravam Set-Tifon, ou o Baal sírio), eram aparentados com os Hyksos e, por conseqüência, menos hostis que o povo puramente egípcio. Finalmente, em Tanis estavam mais próximos de Avaris, a formidável fortaleza dos pastores que mantinham nesse campo entrincheirado uma guarnição de perto de 200.000 homens, assegurando-lhes um abrigo certo e importante base de operações no caso de levante do país, provocado pela miséria e sustentado por Taá III e os padres, cuja surda mas incessante hostilidade não pressagiava nada de bom.

E na verdade, sem ostentação mas com uma persistência que não esmorecia, os padres espalhavam entre o povo o boato de que a seca e a fome eram um castigo infligido pelos deuses para punir o povo por sua covardia em suportar tanto tempo o jugo do estrangeiro que des-

prezava as divindades do país de Kemi, desconsiderava os padres e oprimia o povo vencido. Representavam José como um monstro suscitado pelo deus cruel dos *chasous,* para impedir qualquer revolta e manter o povo, à força de miséria, na obediência e na submissão.

Estes boatos encontravam confirmação na dureza com que o Adon manejava o terrível poder que punha em suas mãos os imensos depósitos de trigo acumulado nos celeiros públicos, e que, em toda a acepção da palavra, faziam dele o árbitro de vida e morte das populações famintas que, de todas as províncias do Egito, assim como da Síria e do país de Canaã, afluíam para Tanis, trazendo o seu

ouro, a sua prata e, muitas vezes, seus vasos preciosos e as jóias de suas mulheres, para trocá-los pelo pão indispensável. Com a energia e espírito prático que o caracterizavam, José tinha tomado as mais largas medidas para assegurar o poder e também o funcionamento regular do tráfico nos celeiros públicos, assim como os corpos de

tropa quem os vigiavam eram exclusivamente compostos de Hyksos; os chefes eram homens de fidelidade comprovada; e, em geral, a maior parte dos altos cargos do Estado, ainda confiados a egípcios no começo do reinado de Apopi, passava insensivelmente para criaturas de José, enfeixando assim em suas mãos de ferro toda a engrenagem da máquina governamental, que o fraco Faraó, mais enfermiço e sofredor que nunca, abandonava completamente ao favorito.

O palácio do Adon também tinha mudado de aspecto: no salão onde outrora recebia os solicitadores e dava audiência aos estrangeiros antes de se apresentarem ao Faraó, estava montado agora um vasto escritório. Rodeado de escribas acomodados nas esteiras, José dava as suas audiências num estrado; impassível e duro, negociava cada medida de grão pelo ouro, pelo gado ou mesmo pela liberdade dos desgraçados que desfilavam à sua frente e submetiam-se aos mais duros sacrifícios para serem apenas nutridos, com suas famílias. Quando, enfim, todas as condições eram combinadas, os escribas as anotavam,

o comprador e as testemunhas assinavam o documento, no qual o Adon aplicava o selo do Estado. Entregavam--lhe, então, um certificado, munido do qual o comprador se apresentava no celeiro, onde recebia o produto ajustado. Na entrada da sala e no corredor que a precedia, estavam as balanças nas quais pesavam os metais, as especiarias e artigos preciosos, enquanto joalheiros e artistas outros examinavam e avaliavam as jóias, as pedras preciosas, os tapetes de Babilônia, os tecidos fenícios e as armas de preço, vindos de toda parte.

Essa vasta sala de audiência era uma espécie de moderna caixa de socorro, onde nada se fazia sem o visto do Adon. A miragem das riquezas inauditas, que aí se acumulavam, despertara nele o instinto rapace. O pri-

melro dignitário do Egito se erigira também em primeiro usurário, precursor do judeu ávido e inescrupuloso, que fez da usura uma arte e que, qual vampiro, se adapta a qualquer país, a qualquer povo onde a miséria ou a

desgraça plantam sua bandeira, a cevarem-se na ruína dos que o abrigaram. José era odiado, como deviam ser depois seus descendentes, esses financeiros que fazem dinheiro de todas as desgraças, não admitindo outra aspiração que não seja o lucro e zombando de todo o culto que não seja o do ouro.

E para que me não acusem de impiedade e vaniloqüência, citarei aqui o que a antiga crônica dos hebreus conservou sobre as atividades de José, no Egito:

"Gênese **— No cap. XLVII, v. 15, e s t á escrito: "E como não restasse m a i s dinheiro a pessoa alguma, para comprar trigo, todo o povo do E g i t o veio ter c o m José, dizendo-lhe: "Dá-nos pão; por que nos deixas tu morrer por falta de dinheiro?"**

Verso 16 **— José lhes respondeu: "Se v ó s n ã o tendes dinheiro, trazei os v o s s o s g a d o s e eu v o s darei trigo em troca."**

Verso 17 **— E l e s pois lhe trouxeram os seus g a dos; e José lhes deu trigo pelo preço de seus cavalos, de suas ovelhas, de seus bois e de s e u s jumentos.**

Verso 18 **— Tornaram eles a vir o outro ano e lhe d i s s e r a m : N ó s não te ocultaremos, m e u senhor, que por ter faltado o dinheiro, nos f a l t a r a m t a m b é m os gados; e tu não ignoras que e x c e t o n o s s o s corpos e n o s s a s terras, não t e m o s m a i s nada.**

Verso 19 **— P o r que, pois, h a v e m o s nós de morrer aos t e u s olhos? N ó s nos damos a ti com as n o s s a s ter-r a s : compra-nos para escravos do rei e dá-nos que semear, para que não suceda que a terra se torne em charneca, por deixares perecer os que a podiam cultivar.**

Verso 20 **— A s s i m comprou José todas as terras do Egito, vendendo cada um tudo o que possuía, por causa da extremidade da fome. E desta sorte adquiriu ele para o Faraó todo o Egito.**

Verso *21* **— Com todos os povos, desde u m a extre-midade do Reino até a outra.**

Verso 22 **— E x c e t o somente as terras dos padres que lhes tinham sido dadas pelo rei; porque a e s t e s se**

dava certa quantidade de trigo dos celeiros públicos; e por isso não foram obrigados a vender as s u a s terras."

Esta citação bastará — penso eu — para convencer o leitor imparcial de que, se José salvou o Egito da fome, o fez duramente pagar e que é bem difícil crer que os egípcios tenham considerado como prazer e admirado como benefício a necessidade de vender tudo o que possuíam, até a liberdade pessoal, esse bem supremo do mundo antigo. Não; os mesmos sentimentos humanos, que nós alimentamos, animavam essas gerações extintas: no coração desses homens, que se despojavam de todos os seus haveres para salvar a vida, fervia implacável ódio; apenas, quando todo e qualquer recurso estava esgotado, dirigiam-se ao palácio do Adon, e os rostos emagrecidos e bronzeados se enrugavam de raiva e dor quando a vinha hereditária, o colar de honra, ganho por um antepassado ou o gado de que cada um fazia sua riqueza e seu orgulho, passavam, com alguns traços de pena dum escriba indiferente, para as mãos do implacável estrangeiro.

A chegada de seus irmãos despertou no coração de

José múltiplos sentimentos: a satisfação de fazer sentir seu poderio aos que desumanamente o tinham vendido e, ao mesmo tempo, um desejo ardente de rever o pai e o irmão Benjamim, esses afins não somente pelo sangue como pelo coração. Em seu palácio, cumulado de honras, sentia-se só, ao lado dessa esposa que não sabia nunca se o amava ou não, e cuja família em peso lhe testemunhava hostilidade e desdém, apenas dissimulados, irredutíveis. Mas, a satisfação causada pela vinda dos irmãos

desfez-se rapidamente, pois tinha prelibado de modo muito diverso o gozo de lhes dizer: "Vede para que futuro de grandeza e riqueza me vendestes!"

Esses homens rústicos, simples, só experimentavam na sua presença humildade e temor; não consideravam mesmo, como irmão, a altiva personagem de aspecto elegante, polida, de maneiras refinadas; prostravam-se tão facilmente diante dele, beijavam-lhe os pés e as vestes com tão ingênua e sincera adoração, que, para José, habi-

tuado a curvar as frontes mais altivas do Egito, a supremacia sobre pobres pastores perdera todo interesse. Desejava, porém, rever o pai; no sábio velho encontraria um amigo, um fiel e útil confidente.

Enfim, depois de longas semanas de expectativa, recebeu a notícia, impacientemente esperada, de que a imensa caravana que trazia do país de Canaã o pai e sua família, aproximava-se de Tanis. Decidiu logo ir ao seu encontro e ordenou a Asnath que o acompanhasse.

A mulher nada objetou e, como de hábito, respondeu: "Bem, estarei pronta para quando ordenares." Mas, na noite seguinte, recebeu do templo a ordem formal de não assistir à recepção do impuro pastor, à qual o filho só queria dar cunho ostentoso para escárnio dos egípcios.

Asnath ficou satisfeita e inquieta com semelhante proibição. Não tinha desejo algum de ir ao encontro desse bando de nômades; homens barbados e selvagens, aos quais tinha visto o marido banquetear e chamar irmãos, e que lhe causavam invencível tédio. Mas, por outro lado, repugnavam-lhe as dissensões, sua desobediência formal,

ainda quando não provocasse uma cena incômoda, perturbaria, com certeza, a harmonia morna, porém conveniente, que na ocasião reinava entre eles. Depois de madura reflexão, resolveu usar de astúcia, mandou tudo preparar como se fosse acompanhar o marido, e, somente no instante em que ele só esperava por ela para tomar a liteira, uma criada correu a anunciar-lhe que súbita e violenta indisposição impedia a senhora, que acabava de acamar-se. José corou, mas, sem responder nem procurar ver a esposa como costumava fazer em tais casos, mandou recolher a liteira e atrelar o carro, partindo só.

O C H A N C E L E R DE F E R R O

245

Asnath julgava que ao voltar lhe fizesse uma cena desagradável. Ele não voltou, porém, ao quarto da mulher, e quando não jantava no palácio real ou em casa dos conhecidos, mandava servir as refeições, mesmo a da tarde, no seu gabinete. Mais de uma semana assim correu. Triste e cismadora, Asnath passeava uma tarde, no jardim, quando, ao dobrar uma alameda, uma mulher surgiu

das sarças e atirou-se-lhe aos pés, murmurando:

— Perdão!

Surpresa ao deparar-se-lhe uma desconhecida, Asnath parou e interrogou-a; mas a jovem e bela criatura parecia louca de desespero, e, rebentando em soluços convulsivos, repetiu somente:

— Salva Neitotep, nobre senhora; pede ao Adon por ele!

Quando a explosão de dor se calmou um pouco, Asnath soube que se tratava de um empregado subalterno, que trabalhava num celeiro perto de Tanis, e que se havia tornado culpado de malversações e dilapidações consideráveis. Posto que inspirado por bons sentimentos, tinha primeiro distribuído, depois vendido trigo a pobres parentes e conhecidos. A coisa fora descoberta, Neitotep encarcerado e José o condenara a cruel castigo corporal, com perda do cargo e deportação para uma fortaleza das fronteiras, para trabalhar nas fortificações que lá se construíam. A mulher de Neitotep, louca de desespero, tinha imaginado implorar a Asnath e obter que intercedesse

junto do marido, para alcançar senão o perdão, ao menos um abrandamento da pena para o infeliz que, no dia seguinte, devia ser castigado, deportado e incorporado a uma leva de sentenciados.

— Por que não vieste mais cedo?

— Todos os dias procurava chegar à tua presença, mas, em vão, porque não saías do palácio. Só esta noite consegui penetrar no jardim — respondeu a mulher de Neitotep, em lágrimas.

Asnath apoiou-se no espaldar do banco e começou a refletir: profunda piedade lhe inspiravam essas pobres gentes e de boa-vontade as ajudaria... Mas, como fazer?

Conhecia a severidade de José para delitos dessa ordem e como poderia, ela que nunca lhe pedia coisa alguma, pleitear um indulto? E isso no momento em que se mostrava molestado, em que o havia sensivelmente ofendido? Se lhe dissesse não, se se humilhasse em vão?... Todo o sangue lhe subiu à cabeça, assim pensando, mas o rosto

lívido e desfigurado da mulher que, olhos pregados nela, se tinha posto de joelhos, comoveu-a de novo:

— Amas muito a teu marido? — perguntou de repente.

— Se o amo! Sacrificaria dez vezes minha vida para salvar a dele — respondeu num tom que feriu profundamente Asnath e lhe encheu subitamente o coração de um como ciúme amargo por essa mulher ínfima e infeliz, que tinha o direito de amar o marido com toda a sua alma e não hesitaria, certamente, em lhe pedir um favor.

— Procurarei livrar Neitotep — disse tomada de súbita resolução —, vai para aquele pavilhão ali à esquerda e espera-me. Não desanimes se eu demorar muito tempo: será preciso esperar que o Adon esteja só, para falar-lhe.

— Esperarei até de manhã, rogando aos deuses que te inspirem e abrandem o coração do teu esposo — respondeu Toua, beijando o vestido da adonisa.

Esta foi ao quarto, ajustou a fina túnica bordada, assim como as jóias que lhe ornavam o cinto, os braços e os cabelos, e, depois de um último olhar atirado ao es-

pelho de metal, dirigiu-se com passo hesitante para o gabinete de José.

— O senhor está só, Pibisi? — perguntou ao escravo que habitualmente vigiava a entrada do quarto contíguo.

— Sim, nobre senhora, o escriba Hapi acaba de sair.

Asnath atravessou o quarto a passo ligeiro, levantou a cortina listrada e penetrou na sala de trabalho, iluminada por lâmpadas de óleo perfumado. José estava sentado em frente à mesa carregada de papiros, mas não trabalhava: com a cabeça apoiada na mão, absorvia-se em profunda meditação; tinha posto na cadeira ao lado o gorro que habitualmente trazia, e a doce luz da lâmpada

lhe brincava nos belos cabelos anelados; as faces pálidas, impregnadas de tristeza, acusavam profunda fadiga.

Ao aproximar-se do vestíbulo, a moça parou; mil sentimentos contraditórios agitaram-lhe o espirito: o pesar, o mal-estar e o orgulho diziam-lhe que fugisse; a piedade e inata bondade diziam-lhe que ficasse e ten-

tasse a intercessão. Ele parecia triste e isento de cólera; talvez fosse acessível à piedade. Com um gesto nervoso, passou a mão pelo rosto, esse movimento fez tinir os braceletes e amuletos do colar e José voltou-se, rápido, e, avistando-a, corou ligeiramente.

— Tu, Asnath?

— Sim, eu; desculpa vir importunar-te — respondeu constrangida.

Um sorriso triste e irônico encrespou os lábios do Adon.

— Eis uma desculpa certamente supérflua para a maior parte dos casais de Tanis; geralmente, uma esposa amada considera-se sempre bem-vinda.

— Venho importunar-te com um pedido, coisa que, sei, te despraz, e receio fazê-lo em vão — disse corando vivamente.

— Na verdade? E lamentas-te mesmo antes de ter falado? — obtemperou calmo. — Mas aproxima-te, senta-te aqui. (Designou-lhe a cadeira ao lado, de onde tirou o gorro que atirou ao chão.)

Vendo-a hesitar, acrescentou:

— Preferes ficar aí na porta em atitude mendicante?

Asnath sentou-se de olhos baixos, pensando em como abordaria melhor a questão. José fitou-a e seu coração pôs-se a bater mais forte; invadiu-o a fascinação que lhe infundia a beleza da mulher; seu amor sempre recalcado pela frieza de Asnath, sempre irritado pelos obstáculos e dissensões, aumentava em vez de diminuir; pareceu-lhe que de há muito não a vira tão sedutora como naquele instante; tão frágil, tão graciosa com aquela expressão de constrangimento e medo no rosto infantil.

— Pois bem! que fale a mais rara das suplicantes nesta sala, e dize-me se é ao Adon ou ao esposo que vens pedir — admoestou com voz vibrante.

Ela ergueu a cabeça, mas, encontrando o olhar ardente das pupilas verdes que a fitavam, experimentou súbita fraqueza; sabia que o Adon nada lhe concederia e suas relações com o esposo eram tão estranhas... De

novo, a amargura e o ciúme provocados pela conversa com Toua lhe enfraqueceram a tensão dos nervos. Debruçou-se na mesa e rebentou em soluços.

— Que tens? — disse José inclinando-se solícito para ela.

— Nada, nada — disse procurando sustar as lágrimas; e, para evitar qualquer explicação penosa, expôs rapidamente o assunto.

O Adon ouvia silenciosamente, não tirando os olhos do rosto encantador e dos lábios trêmulos da gentil locutora.

Quando ela acabou, ele puxou, sem responder, duas bandas de papiros, traçou algumas linhas numa e noutra, aplicou-lhes o selo e estendeu-as à esposa.

— Que é isto? — perguntou ela toda enleada.

— É a ordem ao chefe das prisões para soltar Neitotep; concedo-lhe o perdão. Podes expedir imediatamente este papiro por um dos oficiais de serviço; mas, como não posso deixar este homem ao serviço do Estado, mando-o, na qualidade de intendente, para a nossa herdade

perto de Mênfis, em substituição do velho Anúbis, que faleceu.

Aí tens a nomeação e nosso primeiro intendente fará o resto, quando teu protegido se apresentar a ele.

Um rubor de alegria inundou o rosto de Asnath:

— Obrigada, José! — exclamou com os olhos cintilantes.

Era tão feliz e grata naquele momento, que, cedendo ao primeiro impulso, quis atirar-se ao pescoço do marido; mas, contendo-se, apertou-lhe apenas a mão, repetindo:

— Obrigada! obrigada!

— Não podes agradecer muito ternamente, mesmo quando teu coração a isso te impele? Sabes que o que acabo de fazer, ninguém no mundo tê-lo-ia obtido? — observou com surda irritação.

— Não, não; eu te agradeço de todo o meu coração, sobretudo neste momento em que, sei, estás aborrecido comigo — murmurou, empalidecendo.

— Aborrecido por quê?

— Não acreditas na minha doença da semana passada — disse, tão baixo que só o fino ouvido de José lhe percebeu as palavras.

— Ah! muito ao contrário — respondeu com zombeteira ingenuidade —, creio nessa terrível e perigosa moléstia prescrita pelo templo e sei que estás sujeita a indisposições deste gênero; não negues... (Tomou-lhe a mão e abraçou-a.) Asnath, teus olhos refletem uma alma pura, um coração amorável e bom; podes fitar-me e repetir que estavas verdadeiramente doente?

Ela baixou a cabeça, muda.

— Estou bem certo disso — afirmou José com acerba raiva. — Oh! como tua casta abusa da minha paciência! Eu lhes perdoaria o ódio, o desprezo pelo estrangeiro; mas sua ingerência na minha vida íntima ultrapassa todos os limites; esta infâmia de arrancar-me o ser que me é mais caro, que está ligado a mim pelos mais sagrados laços; isso de inspirar-te sentimentos contra a Natureza, matando em ti, por sua influência nefasta, a mãe, assim como

mataram a esposa, cuja boca se fecha quando quer dizer: "amo-te!", oh! disso eu me vingarei neles, serei impiedoso como eles o são comigo.

Sua voz vibrava de exasperação mal contida, seus olhos verdes cintilavam como duas chamas destruidoras.

— Que dizes, José? — murmurou Asnath assombrada.

— Não nego a verdade; quaisquer que sejam os sentimentos que lutam em ti, és muda porque tremes diante do desprezo da tua casta e deixas-me isolado, embora tenhas prometido ser minha amiga.

Confusa, a debater-se entre a agonia de trair o juramento e o reconhecimento pelo que acabava de merecer, impelida pelo sentimento estranho, mas profundo, que o marido lhe inspirava, enlaçou-lhe o pescoço, apertou-lhe

a cabeça de encontro ao peito, as lágrimas lhe transbordavam.

Com um gesto nervoso, o moço apertou-a contra o

peito:

— Estas lágrimas, também eles mas pagarão — rosnou em surdina.

Asnath perfilou-se, mortal angústia estampava-se no olhar que lhe dirigiu:

— José, não lutes com os padres, não os afrontes tão orgulhosamente — exclamou súplice. — Tua luta será baldada, acabarás sucumbindo. Tu reinas sobre o Egito pela força e a opressão, eles governam as almas; és um, eles se contam por centenas e, para eles, és e ficas sendo o estrangeiro impuro, elevado à dignidade de Adon por um Faraó usurpador e impuro como tu. Sê prudente, José, porque terrível é a força dos templos, o poder desses homens que falam com a divindade e sondaram todos os mistérios da Natureza; eles dispõem de forças desconhecidas e te destruirão.

Ele a escutara de olhos cintilantes.

— Agradeço-te as palavras ditadas pela amizade e a afeição — disse beijando-a nos lábios. — Mas, entre mim e tua casta a paz já não é possível; eles me têm ferido

muito dolorosamente para que lhes não restitua ódio por ódio; impiedosamente lutarei contra eles; só, é certo, mas, também só, os tenho enfrentado a todos, e quanto mais me ferirem, mais os hei de humilhar. Com lágrimas de sangue é que lhes hei de fazer pagar cada hora de amargura com que me envenenam.

Tinha-se levantado, uma resolução inflexível lhe vibrava na voz, o olhar transbordava de orgulho e de ódio; com um profundo suspiro, Asnath baixou a cabeça: que poderia fazer mais do que curvar-se e sofrer, débil flor atirada pelo destino entre os dois elementos destruidores em conflito, e cujo embate devia fazer tremer, até os fundamentos, a velha terra do Nilo!

III

COMENDO, ABRE-SE O APETITE

N ã o foi por vosso conselho que

eu aqui fui mandado, m a s pela von-

tade de Deus, que me fez como o

pai de Faraó, o senhor de toda a sua

c a s a e o príncipe de todo o Egito. —

Gênese, **cap. XLV, v.** 8.

O incidente, que acabamos de relatar, tinha renovado entre os esposos relações mais amistosas; todavia, no fundo dalma, Asnath continuava triste, sacudida entre os dois partidos que disputavam o Egito e a cada um dos quais se via ligada. Sofria por todas as feridas que se faziam reciprocamente, e sabia que, se José era bom para ela, mantinha-se impiedoso para o povo devorado pela miséria. Seu coração apertava-se como num torno quando a liteira encontrava a fila de homens macilentos, rostos encarquilhados, que traziam ao palácio do Adon o derradeiro pedaço de terra ou o próprio corpo, para trocá-lo pelo pão cotidiano.

Estremecia, também, diante dos olhares sombrios, odientos, desdenhosos que a fitavam e, em tais momentos, o luxo régio que a cercava, as jóias que trazia, pesavam-lhe como cadeias de ferro.

Na tristeza e no isolamento em que vivia, apesar de tudo, foi uma inesperada alegria o saber que o irmão Armais, que servia em Heliópolis, mostrara-se desejoso de

ser transferido para a guarda do Faraó, em Tanis.

José, que conhecia a antipatia mal dissimulada que lhe votava o jovem oficial, ficou surpreso com aquele pedido; entretanto, acedeu ao desejo do cunhado e Armais foi nomeado para importante cargo na guarda do rei.

O belo rapaz fizera-se um homem sério e altivo, ponderado e pouco expansivo. No físico parecia-se com a irmã e sua personalidade sedutora atraiu desde logo a atenção das mulheres, tanto mais quanto Armais estava livre. Fora noivo da filha do primeiro hierogramatista do templo do Sol, em Heliópolis, mas, tendo a noiva falecido, não contraíra outro compromisso.

José o observou, procurando ver que atitude adotaria a seu respeito, mas o rapaz apresentou-se cerimoniosamente, em uniforme de serviço, como um subordinado diante do seu chefe e, daí por diante, mantendo relações apenas oficiais, visitando a irmã muito raramente, nas horas em que esperava encontrá-la só, e só se apresen-

tando nas reuniões mais numerosas, mediante convite expresso. Essa conduta inspirou a José a suspeita de que, nessa mudança de residência, Armais guardava algum fim oculto e desconhecido, resolvendo observá-lo de perto. Os acontecimentos políticos absorviam completamente o Adon; o plano gigantesco que tinha desenrolado a Apopi, no próprio dia da sua elevação, começava a efetivar-se: cada vez mais assíduos, chegavam do alto Egito, mesmo das províncias mais remotas, pretendentes que empenhavam as terras ou derramavam ouro nas mãos do cruel financeiro, o qual, lenta mas seguramente, envolvia a terra de Kemi, do delta às cataratas, numa rede invisível, porém indestrutível, porque representava a necessidade, a fome e a ruína que lhe forjavam as malhas. Enquanto a miséria e as privações acabrunhavam cada vez mais o povo, a colônia de nômades, vinda com Jacó e estabelecida na parte mais fértil da terra de Gessen, vivia na abundância e mesmo na riqueza, porque José tinha ostentado, na instalação de sua família, uma generosidade grandiosa. Jacó e os filhos ocupavam nas

proximidades de Tanis uma vasta e confortável vivenda cercada de jardins. Forneciam-lhes trigo e outros gêneros, além do necessário ao consumo, e as mais belas ca-

beças de gado dos numerosos rebanhos que o Egito vendia e empenhava, passavam, pouco a pouco, para os estábulos da tribo dos Beni-Israel. Além disso, os recém-chegados tinham sido nomeados guardas dos rebanhos do Faraó, beneficiando-se de uma posição tão honrosa quão lucrativa.

Mas, compreender-se-á desde logo que a presença desses estrangeiros, fartos e ricos, estabelecidos em uma como ilhota verdejante, transbordando abundância no meio do oceano de miséria e desespero, cujas vagas marulhosas a rodeavam bramindo, despertava nos corações egípcios um ódio furioso, uma raiva concentrada que se acumulava, pressagiando, para o momento em que transbordasse, uma dessas terríveis tempestades populares, que, semelhantes ao ciclone, destroem tudo que encontram em

sua passagem.

José não prestava atenção a esses perigosos sintomas, talvez até nem os visse. A ambição invadia-lhe a alma e o orgulho da sua força e poderio o cegava, levando-o a afrontar, cada vez mais duramente, os preconceitos e o orgulho das castas superiores. Não era ele o verdadeiro Faraó, e o fraco, o doentio Apopi, apenas um titular, um instrumento cômodo, que assegurava ao Adon a legalidade do poder?

Prosseguindo no plano de assegurar aos membros de sua família brilhantes posições, colocara em casa duas filhas da tribo; uma de quatro anos apenas, filha do irmão Benjamim; e a segunda, Serag, tinha já quinze anos e o Adon se propunha casá-la com algum dignitário, embora ainda não tivesse feito a escolha. Enquanto esperavam, as duas criaturas deviam adaptar-se, no palácio do tio, às maneiras e requintes das mulheres egípcias. Asnath tinha-se oposto à recepção dessas duas criaturas selvagens e mal-educadas, que lhe inspiravam invencível aborrecimento, e a tenacidade do marido a obrigara

a ceder; mas, invariavelmente, prodigalizava às intrusas do seu lar glacial indiferença, abandonando tudo o que dizia respeito à sua educação e vestuário, às vigilantes designadas por José.

Estas novas dissensões íntimas irritavam vivamente o Adon e, quando podia, dirigia-se para junto do pai, a fim de conversar de coração aberto e desabafar com o único ser cuja afeição integral lhe era dedicada.

Um dia em que se sentia particularmente irritado por um incidente fútil, mas doloroso para ele, mandou atrelar o carro e, acompanhado apenas de alguns cavaleiros de escolta, dirigiu-se à casa de Jacó. Desde a véspera, ardia em cólera: num festim em que se congregara a elite de Tanis, estava também presente Serag, a sobrinha do poderoso chanceler, acolhida com afabilidade e tratada como igual; mas a rude e inculta moça causara escândalo, não só por sua indumentária sem gosto, como por alguns grosseiros descuidos, que os convidados fingiram não ver,

mas tinham feito enrubescer de cólera as faces do Adon. Asnath, nem com uma palavra, nem com um gesto tinha procurado auxiliar Serag ou esconder seu descaso e o olhar cintilante de Armais tinha tocado a moça israelita com expressão tal de desprezo e zombaria, que José entremecera. Não foi mais que um relâmpago, porque, quase logo, o rapaz se voltou; mas, mal sabia quanto lhe custaria aquele olhar.

Jacó recebera o filho com alegria, como sempre, e os dois se assentaram à sombra de um sicômoro plantado no centro de vasta clareira, assim garantidos contra qualquer indiscreto ouvido. O patriarca muito mudara desde o dia em que o apresentamos ao leitor: agora era um velho decrépito e gebo, mais cego, cuja vida se aproximava do termo. Vestia túnica de lã ricamente bordada e, sobre a mesa, a seu lado, estavam um copo de prata cinzelado e uma ânfora de vinho de Perusia. Todos os irmãos de José tinham desaparecido, depois de se terem prostrado para recebê-lo, como não podia desabituá-los de fazer, porque, naturezas primitivas e grosseiras, conservavam

invencível desconfiança do poderoso Adon, sentindo muito pouco o parentesco que os unia e temendo sempre que o irmão, tão maltratado por eles, fosse acometido de veleidades de vingança e, afinal, os fizesse duramente pagar as vilanias de outrora. Ele também não deixava de

lhes guardar certo rancor e provando-o com o medo que lhes havia infligido por ocasião de sua primeira vinda.

José tinha descansado os cotovelos, seus dedos polidos e ornados de anéis esmigalhavam maquinalmente um pequeno ramo arrancado da sarça próxima.

— Estás pensativo hoje, meu filho; tiveste algum desgosto nos negócios do Estado? O Faraó te sobrecarregou de muito trabalho? — perguntou o velho, rompendo o longo silêncio e pondo a mão no ombro do filho.

Este empertigou-se como se despertasse de um sonho e respondeu, abanando a cabeça:

— Não, pai, não é isto que me faz pensativo: estou habituado ao trabalho e, há anos, todo o peso do governo

está em minhas mãos; mas vejo aproximar-se a realização de um plano que medito de longo tempo, e cuja solução definitiva é um problema que ainda não cheguei a resolver a contento.

— Qual é o plano? Não mo queres confiar? Talvez a experiência da minha longa vida me inspire um conselho útil.

— De boa-vontade, pai; não és o único homem em quem posso confiar sem restrições? A idéia que tenho em vista é unir, debaixo de um só cetro, o Alto e o Baixo Egito; e, para isso, preciso extirpar para sempre o incessante perigo que nos ameaça da parte do insolente *haq* do Sul, Taá, que, sustentado pelos padres, sonha depor Apopi. O meio de atingir o fim, achei-o na fome que assola o pais, que já tornou tributárias as províncias mais afastadas; dentro de um ano ou dois, quando muito, não restará a Taá e seus aliados um pedaço de terra; todas estarão arruinadas e seu povo suficientemente extenuado para tornar impossível uma guerra ofensiva; incapazes mesmo de uma resistência séria. Terá então chegado o

momento de ocupar seu território por nossas tropas e, quando Tebas e todas as suas cidades e fortalezas tiverem guarnições de soldados Hyksos, comandados por chefes fiéis e experimentados, poder-se-á facilmente destruir Taá e forçar à plena submissão os outros *haqs* menos perigosos. Ao mesmo tempo, os padres perderão o seu mais sólido apoio, a sua base de operações, e poderemos fazer-

-lhes compreender radicalmente que se devem ocupar de orações e sacrifícios, mas que as intrigas políticas e conspirações entregariam ao carrasco as suas cabeças, raspadas tão facilmente como outras quaisquer.

— Teu plano é grandioso e se o executares o Faraó te deverá reconhecimento eterno e alguma recompensa excepcional — disse o velho, fitando embevecido o belo rosto do filho, animado de orgulho e de energia.

— O Faraó? (uma expressão de indizível desdém agitou fugitivamente os lábios de José) o que mais me poderá dar, além do que já deu? Não é a recompensa que

me pudesse dar o que me preocupa e sim o saber quem herdará o soberbo reino que hei de fundar. Apopi está gravemente doente, uma das terríveis crises pode levá-lo inopinadamente; o príncipe Namourod nunca mais se restabeleceu da queda que sofreu na caçada e que lhe deve ter lesado algum órgão interno; não viverá também muito tempo e sua mulher que, tão infelizmente deu à luz um natimorto, não terá mais filhos, o trono ficará vago...
Que pensas tu, pai (José inclinou-se com os olhos cintilantes), se eu galgasse o último degrau que me separa do trono para cingir, eu mesmo, a dupla coroa?
— Se tal é a vontade de Eloim, ele, que te elevou tão alto, dar-te-á também a coroa de Faraó; mas os padres não te combaterão como usurpador? — perguntou o velho, vivamente comovido.
— Haveria um meio fácil de os atrair e legalizar a situação. Ah! (suspirou longamente) se Asnath, a filha do primeiro príncipe dos sacerdotes fosse minha aliada e não um servil instrumento do templo, tudo estaria resolvido.

— Eu sei, falaste-me dos teus dissabores domésticos, não podes contar com o auxílio de tua mulher. Sobre este ponto, é lamentável que a lei egípcia não admita a poligamia, pois então poderias desposar a segunda filha do rei e atingir o mesmo fim.

O Adon corou até à menina dos olhos.

— Casar com Hichelat? — exclamou — tens razão, pai, isso cortaria a dificuldade. Mas é impossível — acrescentou depois de refletir um instante —, apesar de tudo,

amo Asnath. Apenas utilizarei teu conselho de outra maneira, vigiando para que a princesa não case com alguém em condições de me prejudicar. Mas é tempo de deixar-te, tenho ainda hoje muito que fazer.

Preocupado, retomou apressadamente o caminho de Tanis, mas, no momento em que o carro ia penetrar no pátio, puxou bruscamente as rédeas, desviando o rápido veículo para um lado da rua, a fim de dar passagem a uma liteira aberta, rodeada de condutores de leques, que

saía do portão de entrada.

Nessa cadeira portátil estava uma linda moça vestida de branco, tendo à cabeça uma coifa ornada com a *uraeus;* aos pés, um pequeno anão, extraordinariamente desfigurado.

José saltara do carro para saudar a princesa, respeitosa e humildemente. Ela correspondeu com ligeira inclinação de cabeça e o seu olhar caiu no Adon, frio e indiferente.

A princesa Hichelat, filha mais moça e favorita do Faraó, tinha quinze anos e era uma criatura encantadora; seu rosto fino e delicado nada tinha dos traços rudes do pai; filha de uma princesa asiática, que morreu ao dar-lhe à luz, Hichelat herdara a altiva beleza materna, e Apopi, que muito amara a segunda esposa, tinha concentrado na filha uma afeição exclusiva.

Embora altiva, voluntariosa e friamente reservada, a princesa se tomara de grande afeição por Asnath e, pouco a pouco, sincera amizade se estabelecera entre a melancólica adonisa e a altiva e circunspecta moça. Visitavam-

-se tão freqüentemente quanto possível, e, às vezes, para evitar os protocolos, Hichelat ia ver a amiga atravessando os jardins reais, que confinavam com os do palácio do Adon. De preferência, fazia-se acompanhar por Ouna, o seu anão, infeliz ser estropiado cruelmente por um fabricante de monstros desse gênero, e que a princesa comprara a um saltimbanco que o exibia pelas ruas. Ouna ficou votando à benfeitora um reconhecimento apaixonado, era-lhe dedicado como um cão. De alguns meses, Hichelat vinha mais amiúde e as duas mulheres conversavam longamente. Levada pelo interesse e pelas perguntas

da princesa, Asnath falava da sua infância, dos parentes, da vida em Heliópolis e do irmão Armais, seu jovial e fiel companheiro de meninice. Absorta em suas reminiscências, não observara que, sempre que falava do oficial, um leve rubor tingia o rosto pálido de Hichelat e seus grandes olhos negros tomavam indefinível expressão.

José entrara em casa cabisbaixo. O encontro com a

princesa avivara-lhe as palavras de Jacó, despertando um sentimento estranho, que lhe seria impossível definir. Mas não teve tempo de muito pensar, porque o secretário lhe foi ao encontro para anunciar que, havia mais de uma hora, esperava-o uma mensagem do rei, convocando-o incontinenti ao palácio. Abafou um suspiro de impaciência e tédio, sentia invencível necessidade de repouso e de solidão; mas, dissimulando o constrangimento, ordenou lhe trouxessem depressa uma roupa leve e meia hora depois penetrava no gabinete do Faraó.

Pálido, fisionomia carregada, Apopi andava de um lado para outro, visivelmente nervoso. Também ele tinha envelhecido e profundas rugas vincavam-lhe o descarnado rosto. Ao avistar José, que se prostrava, parou e fez-lhe sinal que se levantasse:

— Enfim, eis-te aqui, Adon; há mais de uma hora que te espero — disse, como ligeiramente amuado.

— Perdoa-me, filho de Ra, a involuntária demora, pois dei um pulo a ver meu velho pai, que está doente — respondeu José, respeitoso.

— Coisa de cuidado?

— Não, Faraó, graças a Eloim, já está melhor.

— Antes assim. Então passaremos ao negócio para o qual te mandei chamar — disse Apopi, sentando-se. — Uma deputação de sacerdotes solicita audiência e quer, eu sei, requerer que, à vista da espantosa miséria popular, o trigo seja distribuído gratuitamente aos mais pobres e vendido em condições menos onerosas aos pais de família que tiverem mais de dez bocas a sustentar, inclusive os escravos. O pedido é justo e eu desejava aceder, mas, que pensas a respeito?

José ficou impassível, apenas nos olhos verdes acendeu-se intensa chama:

— Tua vontade, Faraó, é a minha lei; mas, já que te dignas pedir a opinião do servo, devo dizer o que me inspira a minha dedicação: se dermos de graça uma só medida de trigo, ninguém mais quererá pagar; a porta ficará aberta para mil fraudes e subterfúgios, e a força

incalculável concentrada em tuas mãos se escoará como areia, sem proveito algum, antes, pelo contrário, a benefício exclusivo dos teus inimigos. Agora todas as províncias do Alto Egito vêm entregar-nos seus tesouros e terras; brevemente, ao redor de Taá só restarão escravos e, mesmo que ainda tenha anéis de ouro, não será com o metal que poderá alimentar soldados e um concurso único de circunstâncias porá, dentro em pouco, em tuas mãos, o teu inimigo mais perigoso. Se, ao contrário, começarmos a nutrir gratuitamente os presumidamente mais pobres, as reservas acumuladas se consumirão rapidamente e a multidão alimentada, ingrata por natureza, terá o descanso para tramar revoluções, facilmente exacerbada pelos padres, que lhe dirão ser insuficiente quanto dermos. Por que os veneráveis sacerdotes em vez de recorrerem à tua generosidade não vão, por si mesmos, em auxílio dos famintos? Suas terras estão isentas de imposto e, além disso, dá-se-lhes trigo de graça.

Apopi ouvira calado e pensativo. Quando José terminou, o monarca passou a mão pela testa, nervoso, e disse:

— Tens razão, como sempre; contudo, aflige-me o saber que há homens morrendo de fome, quando poderíamos socorrê-los; depois, não receias que a populaça exasperada acabe saqueando os celeiros?

— Ela que experimente: os depósitos estão bem guardados. Tranqüiliza-te, Faraó, que eu saberei fazer respeitar, por toda parte, tua autoridade e o patrimônio do Estado.

— Nesse caso, faze como entenderes. Somente não quero tratar este negócio pessoalmente, dir-me-ei doente e ordenarei à deputação que se apresente a ti. Responde aos padres como entenderes.

— Terei cuidado de lhes provar que os não tememos: ceder seria prova de fraqueza — respondeu despedindo-se do monarca.

Quando, três dias depois, a deputação dos mais veneráveis sacerdotes do país se apresentou ao Adon, este, em termos frios e altaneiros, temperados de ásperas alu-

sões, recusou formalmente a pretensão.

Depois do insucesso dessa suprema tentativa para aliviar a sorte do povo, tudo pareceu recair no silêncio e no indiferentismo. Cada qual parecia cuidar apenas de prover a subsistência, e os templos, na medida dos seus recursos, mitigavam o sofrimento dos infelizes esfaimados.

Mas, debaixo daquela calma aparente, roncava um vulcão e nas mentes exaltadas começavam a germinar os mais sangüinários e ousados projetos, a fim de acabar com a intolerável situação e vingar-se do opressor, que, dispondo de provisões inesgotáveis, deixava criaturas humanas morrerem de inanição.

Cego de orgulho, inteiramente absorto na ambição que lhe acenava com o trono dos Faraós, José pouco se inquietava com a opinião dos seus futuros vassalos; em compensação, vigiava por não demonstrar nenhum sinal exterior que pudesse trair o seu descontentamento. Havia organizado maravilhosamente uma polícia de segurança e uma polícia secreta, que descobriam e abafavam, com impiedosa crueza, todas as veleidades de rebelião ou qual-

quer conspiração tramada contra ele ou contra o Trono.
Além disso, movido pelo sentimento vago que lhe despertaram as palavras do pai, observava desconfiadamente Hichelat e, com tanta raiva quanto espanto, tinha surpreendido nos olhos da princesa, quando fitava Armais, uma expressão que nenhuma dúvida lhe deixou sobre o interesse que o cunhado inspirava à filha do Faraó.
Feita essa descoberta, refletiu: as eventualidades criadas por este imprevisto desagradavam-lhe absolutamente. O ascendente de Hichelat sobre o pai fazia supor que ela poderia obter o que desejava, e a alta linhagem de Armais tornava a união perfeitamente admissível.
A possibilidade de semelhante consórcio fê-lo tremer de cólera: o filho do sacerdote de Heliópolis, convertido em genro do Faraó, podia ser para ele, do ponto de vista político, um perigosíssimo rival. Depois de ter pesado ma-

duramente a situação, tomou uma resolução que, a todos os respeitos, pareceu-lhe satisfatória.

Dias depois, encontrou Armais quando saía dos aposentos reais. Frio e indiferente, o rapaz apresentou-lhe as saudações protocolares, mas José aproximou-se e apertou-lhe a mão.

— Tu nos abandonas, Armais — disse amistosamente —, Asnath queixou-se, ainda esta manhã, de te não ver há muito tempo; além disso, tenho que te falar de um negócio. Procura-me, pois, amanhã.

— A que horas? — perguntou cerimoniosamente o oficial.

— Depois da audiência.

IV

A ÁGUA CAINDO GOTA A GOTA DESGASTA

A MAIS DURA PEDRA

É suficientemente conhecido que

os egipcios suportavam dificilmente

um j u g o estrangeiro e eram infati-

g á v e i s em suas revoltas contra um

semelhante domínio.

Isto se pode dizer m a i s do que

nunca do ódio que lhes inspiravam

s e u s inimigos seculares, os H y k s o s .

— *Brugsch,* **Kõnigsbuch.**

No dia seguinte, cerca de uma hora antes do tempo marcado, Armais apresentou-se no palácio do Adon, mas primeiramente foi aos aposentos da irmã. Asnath estava sentada debaixo do peristilo contíguo à sala de trabalho e examinava todo um amontoado de tecidos e roupas bordadas, que a inspetora das escravas, auxiliada por duas mulheres, lhe apresentava um por um.

Avistando o irmão, despediu de chofre as mulheres e, com um bom sorriso, estendeu-lhe as duas mãos:

— Enfim vens ver-me, Armais: por que me foges?

Não compreendes que tenho necessidade de ver um ente próximo e amado?

O rapaz sentou-se no banco ao lado dela, e, abra-çando-a ternamente, disse em voz baixa:

— Sabes que não **é** a falta de afeição por ti que me impede visitar-te mais vezes; repugna-me, porém, trans-

por o limiar desta morada, onde reside este chacal que oprime o Egito!

Alguma coisa se revolta em mim quando respiro o mesmo ar que ele; e saber-te em seu poder, como sua esposa, dilacera-me o coração, pensando que terias sido feliz com...

Asnath suspirou sem nada dizer e depois replicou, fitando com olhos escrutadores o rosto anuviado do irmão:

— Tens algum pesar, Armais? Pareces tão preocupado!

— Teu poderoso marido chamou-me hoje para um negócio e como não tenho nada a ver com ele, o convite parece-me de mau agouro.

— Receias alguma coisa?

— Não é bem isso, mas ele me odeia tanto quanto eu o desprezo; e quando esta víbora deseja particulares com alguém, nada de bom pressagia.

Asnath fitou-o, empalidecendo:

— Sê franco, Armais: não te meteste imprudente-mente em alguma conspiração? Sei que as tramam, mas

é empresa baldada; dize-me se assim é, porque te protegerei, com risco embora de minha vida. De resto, és meu irmão e seu parente, e José não tocaria em tua cabeça.

O oficial desviou-se para dissimular um sorriso de amarga ironia, mas, dominando-se, acrescentou:

— Deixa-te de idéias sinistras, minha irmã; a triste situação da nossa pátria basta para tornar-me inquieto; a miséria e a raiva geral aumentam dia a dia e o que exaspera positivamente a população arruinada é a presença dessa horda de brutos, que se chafurdam na opulência, enquanto ao redor deles tudo morre de fome. Se porventura sobrevier alguma explosão de desespero, os caros irmãos de teu marido bem poderiam passar um mau quarto de h o r a . . .

— Caluda! — interrompeu Asnath, lançando para o jardim um olhar significativo.

De uma alameda lateral saía Serag, acompanhada da vigilante egípcia. Era, indubitavelmente, uma bela criatura com a sua tez mate, tranças de ébano e grandes olhos úmidos; uma verdadeira beleza oriental, provoca-

dora e voluptuosa. Mas, uma túnica de cores vivas, sandálias encarnadas e uma sobrecarga de jóias, davam-lhe aspecto rude e selvagem.

— Eis aí uma companheira que te deve ser bem pesada e cuja educação não é fácil — observou Armais.

— Não me ocupo com ela, que bem me basta suportar esta selvagem em minha casa. Não compreendo por que José se obstina em conservá-la aqui.

— Para casá-la com algum dignitário, certamente — respondeu o rapaz com ironia.

Nesse meio tempo, o alvo da conversa se tinha aproximado e, depois de uma desajeitada saudação, pôs-se a mirar Armais com o mais ingênuo desembaraço; todavia, o olhar desdenhoso do rapaz acabou por perturbá-la e, desviando-se bruscamente, correu para o jardim.

— Verdadeira selvagem, só lamento o infeliz a quem José gratificar com esta encantadora esposa — murmurou Armais, levantando-se. — Adeus, minha irmã, é tempo

de apresentar-me ao Adon.

— Voltas aqui? Estou inquieta com essa entrevista.

— Sim, se não for detido muito tempo e se sobrevier algo de grave.

José passeava de braços cruzados, no gabinete. Acabara de despedir uma deputação de egipcios de Tebas, que viera comprar trigo, e parecia preocupado. Vendo entrar o cunhado, saudou-o, inclinando a cabeça e, sentando-se em frente à mesa, indicou-lhe uma cadeira.

— Eis-me às tuas ordens, Adon; que tens a dizer-me? — disse Armais, recusando o convite para encostar-se na janela aberta.

José não respondeu. Descansando os cotovelos na mesa, envolveu num demorado olhar o jovem e esbelto oficial, cujo belo rosto retratava um frio e orgulhoso desdém. Acerbo sorriso entreabriu os lábios do Adon. Como essa calma desdenhosa se mudaria depressa em cólera e violência e como dobraria ele, rudemente, esse altivo dorso ao seu guante de ferro!

— Espero o que me queiras dizer, porque não foi só

para me contemplares, penso eu, que me chamaste aqui — disse, enfim, Armais com impaciência mal contida.

— Perfeitamente: e eu dizia a mim mesmo, que um homem tão ricamente dotado pela Natureza, de tão ilustre nascimento, tão bem colocado na sociedade, deveria casar-se — respondeu José, puxando uma caixinha de marfim esculpido e tirando dois rolos de papiros. — Achei uma mulher com quem desejo ver-te casado.

— Tua bondade é verdadeiramente sem limites, mas, em assunto tão íntimo, prefiro escolher por mim mesmo — respondeu o oficial, tremendo de indignação.

— É possível e só tens que te queixares de ti mesmo, se não fizeste essa escolha há mais tempo; mas, uma vez que o fiz por ti, andarás bem aprovando o meu gesto e casando-te com minha sobrinha Serag, pois é ela que te destino para esposa.

O sangue afluiu com tal violência à cabeça de Armais, que ele titubeou e as veias da fronte encordoaram-se.

Mas, logo em seguida, atirou-se ao cunhado, escumando, louco de raiva; tinha perdido a cabeça e exclamou com voz mal sofreada:

— Creio que estás louco, ousando insultar-me assim! Eu, desposar essa imunda e selvagem filha da tua tribo? Nem para concubina quereria essa abominável bruta, e é já uma vergonha suficiente, para nossa gloriosa família, ter entre os seus membros um escravo liberto!... — Parou, receando sufocar-se.

José tinha empalidecido e seu olhar, venenoso e penetrante, algo ofídico, dardejou no rosto do rapaz:

— Conheço a honorabilidade da tua família e pergunto o que mais a desonrará: o parentesco de um antigo escravo, ou de um traidor e conspirador, que trama assassinar o seu rei? Olha isto (desenrolou um dos papiros tirados da caixinha) e ficarás convencido de que tua cabeça oscila nos ombros e que tu e teus cúmplices podereis todos acabar na forca.

Ao primeiro olhar atirado sobre o pedaço de papiro, Armais empalideceu de morte e, tonteando, agarrou-se à

mesa para não cair.

— Pois bem! futuro regicida, tua altiva carranca parece sensivelmente desfeita — advertiu José com despre-

zo. — Agora, consente dizer-te que desdenho as vossas conspirações, brinquedos de criança que abafarei tão facilmente como amarfanho este pedaço de papiro; quis apenas provar-te que, nas minhas mãos, não és mais que um migalho de palha. Se me compreendeste e prezas tua cabeça e de teus loucos comparsas, não mais recuses desposar a mulher bela e inocente que te destinei.

Armais tinha fechado os olhos; tal a tempestade que lhe ia nalma, que, por um instante supôs o sangue rolando-lhe nas veias qual torrente de lava a incendiá-lo. Debatia-se preso, qual mosca na teia de aranha. Se apenas se tratasse da sua cabeça, morreria contente por não chamar esposa à criatura que lhe inspirava ódio feroz; mas, poderia sacrificar os mais nobres rapazes do Egito, seus amigos e companheiros, mergulhando no luto e na

miséria numerosas famílias? Aquele homem tinha razão: as conspirações que descobria e abafava com maravilhosa sagacidade, não o atemorizavam; ceder-lhe, porém, era sacrifício que ultrapassava quase as suas forças.

Aflitivo silêncio reinou no gabinete, até que Armais aprumou-se e seu olhar, porejando ódio e desprezo, fuzilou no adversário qual chama destruidora. Afinal, tinha reconquistado o sangue-frio:

— Dizes a verdade, Adon; és muito hábil para garantires o Faraó e a própria vida preciosa; há anos que te divertes em humilhar, arruinar e matar o povo egípcio, cujo destino um desgraçado acaso te pôs nas mãos. Escolheste, especialmente, nossa família para ludíbrio de tua maldade; não te basta teres manchado Asnath, unindo-te a ela, agora é a minha vez e, para ferir meu pai em pleno coração e desonrar-me, queres impor-me essa moça repugnante e empestar o sangue puro e nobre que me corre nas veias, com o sangue abjeto da tua raça. Bem sabias que a morte pela mão do carrasco, se só a mim atingisse, eu a preferiria a semelhante união, e é com a vida dos

meus amigos que me forças à submissão; somente te iludes, acreditando que a impões ao povo com esta aliança, pois todos compreenderão que sou vítima da tua violência, tal como Asnath.

Para todo o Egito serás sempre o escravo impuro, e tua família uma quadrilha de aventureiros que se locupleta com os bens extorquidos aos verdadeiros filhos de Kemi.

O Adon levantara-se, não tinha interrompido o cunhado, mas seus lábios frementes, os olhos incendidos, provavam que também nele roncava uma tempestade.

— Abusas demasiado do parentesco para me atirares em rosto todos os insultos possíveis. Exprobras o que, qualquer dia, o acaso da guerra te poderia infligir. A desgraça, não o nascimento, me fez escravo; sou filho de um chefe de tribo, de um *haq* livre, mais livre do que vossos príncipes, que ostentam o título e pagam tributo a Apopi.

Nossa aliança não é oprobriosa, senão porque vos

acreditais de uma raça superior, que decidi misturar ao nosso sangue. Ouve, pois, a minha decisão imutável: se amanhã não te apresentares a pedir oficialmente Serag em casamento, tu e teus companheiros sereis presos como conspiradores contra a vida do rei; se vieres como noivo, calar-me-ei; e agora, vai; dou-te tempo para te acalmares.

Mudo, Armais deixou o gabinete; violento mal-estar tinha-o acometido: zumbiam-lhe os ouvidos, nuvens escureciam-lhe os olhos e os pensamentos se turbavam; todavia, tinha-lhe ficado uma vaga lembrança de haver desejado encontrar-se novamente com a irmã. Maquinalmente norteou, a passos vacilantes, os aposentos de Asnath e, sem notar o espanto que o seu aspecto causava aos escravos, deixou-se levar para um vasto terraço onde lhe disseram encontrar-se a senhora.

Asnath não estava só; como de costume, a princesa Hichelat viera visitar a amiga e, esquecendo momentaneamente a sua inquietação, ela e a ilustre visitante se haviam instalado junto de pequena mesa, à sombra de um

bosquete de odorantes arbustos. Comendo pastéis de mel, conversavam sobre a próxima festa do Nilo, para a qual se preparavam cerimônias religiosas, a fim de obter dos deuses o benefício da inundação. Ao ver o irmão que, lívido, olhar desvairado, adiantava-se a passos titubeantes, Asnath saltou da cadeira.

— Que tens, Armais? que te aconteceu? — gritou correndo para ele. O rapaz nada respondeu, a cabeça lhe rodava e, sem notar Hichelat, que se levantara espantada, começou a andar às tontas, procurando um apoio, até que caiu pesadamente numa cadeira, com a cabeça pendida e de olhos fechados.

Num ápice, as duas mulheres correram em seu auxílio.

— Depressa, Asnath, água e uma essência — disse Hichelat comovida, sustentando nas mãos a cabeça inerte do jovem oficial.

Asnath apanhou na mesa uma ânfora com água e

ordenou a uma escrava que trouxesse sem demora a caixeta dos remédios, mas tremia de tal modo que a ânfora quase lhe caiu das mãos.

— Sustenta-o — ordenou energicamente Hichelat, e, enchendo um copo, derramou-lhe a essência de pequeno frasco preso à cintura por uma corrente de ouro. Molhou o lenço e enxugou o rosto do rapaz. Ao contacto da água fria, fortemente aromatizada, ele arrepiou-se e reabriu os olhos. A vista ainda turva deu com o ansioso rosto inclinado para o seu, mas, reconhecendo subitamente a filha do Faraó, estremeceu e procurou levantar-se. A princesa, que tinha recuado, corando, tomou-lhe logo o braço e disse com graciosa autoridade:

— Não, nobre Armais, deixa-te ficar à vontade; vou sair já e descansarás enquanto Asnath me acompanha um instantinho.

Saudou-o com a gracilidade que lhe era própria e desceu apressada os degraus do terraço, enquanto Armais balbuciava palavras de agradecimento e desculpa. Logo que a princesa se viu só com Asnath, na sombria alameda,

parou e disse apertando-lhe a mão:

— Volta para junto de teu irmão: dir-se-ia que está doente ou sob o peso de terrível emoção; irei só até ao pavilhão, onde me esperam Ouna e Abracro; somente esta noite, ou antes, amanhã pela manhã, vai ver-me. Se tiveres necessidade de auxílio, de algum favor do Faraó, podes contar comigo.

E sem esperar resposta, a encantadora criança afastou-se lépida qual gazela, desaparecendo na curva da alameda.

Quase a correr, Asnath voltou ao terraço, onde encontrou o irmão, de cotovelos fincados na mesa, imerso em morno desespero.

— Dize-me o que h á . . . pressinto algo de terrível — murmurou abraçada ao irmão e conchegando o rosto ao dele.

Num ímpeto convulsivo, o rapaz enlaçou-a:

— Asnath, a desgraça é tal e tanta a vergonha, que

a língua se recusa a exprimi-la; esse cão impuro entendeu que a taça da humilhação com que envenena a nossa família não era suficientemente amarga e força-me a desposar essa criatura repugnante que te empesta a casa.

— Serag? É impossível... E concordaste? — exclamou fora de si.

— Fui obrigado — murmurou Armais.

E, inclinando-se, acrescentou de modo que somente ela entendeu:

— Não te sacrificaste também? Se pudesse entregar apenas a minha cabeça ao carrasco, fá-lo-ia contente, antes de consentir numa desgraça que vale por morte indefinida; mas catorze pessoas estão comprometidas (citou alguns nomes) e o preço da salvação é o meu casamento.

— Infame! como ousou um tal insulto? — disse Asnath, rilhando os dentes.

— Além disso — continuou o oficial — acha-se aqui um homem que te foi caro, a quem amo como irmão e cuja descoberta seria morte certa.

Asnath descorou mortalmente:

— E l e . . . aqui? mas como?

— Disfarçado em escriba subalterno, meteu-se no séquito dos padres e negociantes de Tebas que vieram comprar trigo. Está oculto no templo de Isis.

— Ah! se pudesse vê-lo...

— Seria para ele uma felicidade; ama-te como sempre, ficou-te fiel e se quiseres ir esta noite ao templo de

Ísis, avisarei a Chnoum e serás conduzida a um ponto onde possas vê-lo.

Ficou meditativa um instante, visivelmente lutando consigo mesma; depois, súbito, levantou a cabeça em desafio e murmurou:

— Podes avisá-lo, irei.

Depois que o irmão se foi, Asnath recolheu-se ao quarto, mandou cerrar as cortinas, despediu toda gente e atirou-se ao leito, procurando coordenar idéias. Indizível cólera lhe esfervia contra José: a idéia cruel de casar

Armais, o belo, o caro Armais, com essa moça obscura e de raça abjeta, revoltava-a de tal modo que, nessa irritação, desapareceu completamente o sentimento estranho, misto de ódio, ciúme e paixão que o marido lhe inspirava. Nesse instante, apenas odiava o homem implacável que tão cruamente se vingava na sua família dos desdéns que lhe testemunhavam. Sob o impulso do momento, a imagem do antigo noivo ergueu-se diante dela circundada de uma auréola radiosa. Como era delicado, generoso, profundamente bom! Ao seu olhar apaixonado, as cóleras infantis se transformavam sempre em doce calma; nunca lhe surpreendera a expressão que a fazia estremecer sob o olhar ardente de José. Que vida pacífica, repleta de harmonia teria passado com Hor! Assaltou-a, então, imenso desejo de o rever e, abandonando-se inteiramente às suas recordações, fechou os olhos.

Nem Asnath nem José suspeitavam que a própria extravagância de suas relações os vinculava profundamente. Ela debatia-se no caos de sentimentos que ora lhe faziam detestar o marido, ora a tornavam escrava da sua pode-

rosa fascinação. Diante dele, o espectro do seu juramento e da família ultrajada tornava-a fria e muda; e, quando ele estava longe, quereria às vezes procurá-lo; atirar-se em seus braços, dizer-lhe "amo-te"; embriagar-se no seu olhar radiante, no seu beijo apaixonado. José, por sua vez, devorado por violenta paixão de que tinha consciência, sentia-se perpetuamente irritado com aquela frieza, que acreditava não ser mais que um disfarce, mas da qual não podia triunfar. Seu orgulho o aconselhava a castigá-la com a indiferença, até que conseguisse vergá-la, forçá-la

a confessar humildemente o seu amor. E justamente essa luta surda, de dois elementos contrariados, criava o imã que os atraía entre si após dez anos de casados, mantendo-lhes íntegros de frescor e intensidade os primeiros arroubos da sua união.

Desde algumas horas Asnath sonhava com o passado e de tal maneira se havia identificado com ele que esquecera completamente o presente. Não ouviu os passos de

José no compartimento vizinho, não o viu penetrar no quarto e somente quando lhe perguntou com voz sonora: "Estás doente, Asnath, por que ficas deitada o dia inteiro neste quarto escuro?" — voltou-lhe a noção da realidade. Ao deparar com o marido que levantava a cortina da janela, toda a sua cólera despertou: vermelha, olhos chamejantes, saltou do leito e exclamou:

— Ainda me perguntas por que fujo da luz? Seria natural que fugisse da vida, depois da injúria que nos fazes, criatura miserável e rancorosa.

Pela primeira vez, depois de alguns anos, era a antiga Asnath que reaparecia, veemente, provocadora, revoltada. Com íntimo deslumbramento, José fitou-lhe no rosto animado as faces em fogo, os pequenos pés impacientes prestes a sapatear na esteira, e, num relance, lhe veio à memória a cena do pavilhão, quando se lançara contra ele de machadinha em punho. Dissimulando como sempre, disse, calmo:

— Rogo-te que te abstenhas de injúrias; pois absolutamente ignoro que te insultasse.

— Não? És muito ingênuo. Creio que atirar Armais em uma emboscada, para em seguida desonrá-lo, é um insulto.

— Não fui eu, mas teu irmão que se desonrou a si mesmo, metendo-se em intrigas criminosas. Seu casamento com Serag só é humilhante para a tua imaginação.

— Não na quero para cunhada; essa bruta, mais grosseira que a última das escravas, e que, para Armais, é tão repugnante como um réptil; renuncia a esse plano inspirado apenas pelo ódio e pelo desejo ignóbil de nos humilhar — exclamou fora de si.

— *Minha* mulher não deveria dizer-nos humilhar, quando se trata de aliança com uma parenta minha — disse José com amargura. — Encontro-te sempre ao lado dos meus inimigos. Quanto a mudar uma resolução tomada, deverias saber que não está em meus hábitos; o irresistível Armais esposará Serag, que, nem por seu exterior, nem por seu dote, deslustrará a família de Potííera.

— Queres dotar essa guardadora de porcos? Sem dúvida com o ouro, as jóias e as terras que roubas aos famintos. Armais deverá mandar colocar uma tabuleta na sua liteira, ou mandar proclamar pelos lacaios que ali está sua mulher; de outro modo, os antigos donos das jóias tomá-la-ão como usurária dos arredores — respondeu Asnath com ironia mordaz.

José corou e as sobrancelhas se carregaram:

— Vejo que para conversar contigo será útil esperar que tenhas readquirido calma e raciocínio. Até à vista...

Voltando-lhe as costas saiu.

Ardendo em cólera, ela pôs-se a andar pelo quarto, esperando com impaciência o momento de ir ao templo. Com toda a profundeza do ressentimento que experimentava nesse instante, contra José, aspirava a rever Hor. Sim, daria ao seu rival o que em vão o Adon desejava ouvir: palavras de amor e a explosão de ternura que obstinadamente lhe recusava.

Logo que chegou a noite, pediu a liteira e, acompanhada apenas da velha aia, dirigiu-se ao templo de Isis.

Como o fazia muitas vezes e sabiam que gostava de assistir aos sacrifícios noturnos oferecidos a Osíris, ninguém prestou atenção nessa surtida da jovem senhora. Deixando, como de costume, a liteira e o séquito na portada do santo lugar, penetrou no sombrio peristilo fracamente iluminado por uma lâmpada; um padre, que vigiava à porta, recebeu a ilustre visitante e conduziu-a rapidamente para o fundo do templo.

Parando ao pé de uma estátua cujos colossais contornos mal se distinguiam na penumbra ambiente, o padre murmurou:

— Permite, nobre senhora, que te vende os olhos e, sem receio, confia-te à nossa dedicação.

— Faze o necessário — respondeu brevemente.

O padre atou-lhe um véu por cima dos olhos e, instantes depois, sentiu-se suspensa por vigorosos braços, tornando-se-lhe impossível orientar-se, saber em que direção a levavam. Sentiu o condutor descer uma escada,

depois atravessar um corredor estreito, porque os vestidos roçavam as paredes, e, por fim, depositá-la no solo, retirando-lhe o véu.

Lançou ao redor um olhar curioso e espantado; achava-se em longa sala subterrânea, sustentada por colunas curtas e maciças; as paredes da cripta, assim como as colunas, eram pintadas de cores vivas, representando alegorias e sinais misteriosos. Em uma das extremidades, larga mesa carregada de rolos de papiros e rodeada de assentos, provava que o lugar, destinado à celebração dos mistérios, servia então de sala de reunião para secretos conciliábulos. Inúmeras lâmpadas, pendentes do teto, iluminavam intensamente todos os objetos, mas Asnath estava só, o guia tinha desaparecido.

Nervosa, trêmula, atirou num banco o manto e o véu e encostou-se na parede. Para matar o tempo, procurou

examinar os desenhos extravagantes de um quarto em frente, mas impossível lhe foi coordenar idéias: toda ela se concentrava no ouvido. Também um passo rápido, na outra extremidade da sala, fê-la estremecer; voltou-se bruscamente e deu de face com um homem tão pálido e comovido quanto ela mesma.

— Hor! — murmurou em surdina.

Sem responder, impelido pelos próprios sentimentos, o mancebo apertou-a de encontro ao peito. O misto de felicidade e amargura que lhe ia nalma, fechava-lhe a boca. Trêmula, sacudida por sentimentos contraditórios, a moça descansou a cabeça no ombro do antigo noivo.

Hor foi quem primeiro voltou a si e conduziu-a para o banco próximo, fê-la sentar-se ao seu lado e disse comovido:

— Obrigado por teres vindo, minha bem-amada; esta alegria de rever-te, encher-me-á de nova coragem para o período da ausência expectante. Mas, dize-me, não me esqueceste? amas-me ainda?

— Cumpri a palavra que te dei — murmurou ela — nunca lhe disse: amo-te.
Hor inclinou-se e o seu olhar ansioso mergulhou nos olhos dela.
— Obrigado! Mas, dize-me, como te corre a vida íntima? És feliz?
— Não, absolutamente — exclamou explodindo em soluços convulsivos —; sou uma estranha no meu lar, vivo como sob um rochedo e José odeia a todos os meus. Até Armais ele pretende desonrar com uma aliança infamante!
Todo o rancor da altercação com o marido revivera, assaltara-a um áspero desejo de feri-lo, fazê-lo sofrer e, encontrando o olhar franco e amoroso do ex-noivo, pareceu-lhe que só ele lhe podia dar a calma felicidade, a quietação dalma que faltava nas suas relações com José.
— Sim, Hor, é a ti que eu amo, a ti somente! E, perdendo-te, perdi a felicidade — exclamou, lançando-se ao

seu pescoço.

Fremente de alegria, ele apertou-a com ternura, con-
chegada ao coração.

— Espera, Asnath, embora não venha tão depressa
qual a desejamos, a libertação está próxima e, logo que
derrubemos o monstro que oprime o Egito, irás, como um
raio de Ra, iluminar minha casa vazia. E agora sê calma:
tuas lágrimas, que eu não posso secar, espedaçam-me o
coração.

Para distraí-la, começou a descrever sua vida naque-
les anos decorridos, até que a conversa foi interrompida
pelos padres, que se reuniam em conselho secreto e pe-
diram à moça que se retirasse, a fim de que sua longa
ausência não despertasse suspeitas. Depois de curto, mas
ardente adeus, Asnath foi reconduzida à liteira.

Essa entrevista deixou-lhe no espírito uma estranha
impressão. Tendo readquirido calma, verificou que algu-
ma coisa se modificara na sua afeição a Hor. Certo, ama-
va-o de toda a sua alma, parecia-lhe a incorporação de
uma felicidade pura e pacífica, mas, apesar disso, reco-

nheceu que ele não lhe infundia a inexplicável fascinação

de José, malgrado às tempestades e ao constrangimento da sua vida conjugal.

A notícia dos esponsais de Armais com Serag despertou geral espanto; a indiferença glacial do mancebo fora tão notória que a suspeita de uma violência contra ele propagou-se à surdina. Potífera e sua mulher ficaram profundamente aflitos com um casamento tão esdrúxulo.

A participação de Armais produziu no sacerdote uma comoção tal que ficou perturbado dos sentidos, mas essa síncope foi também o único sinal de dor ou desgosto demonstrado. Aparentemente, mantinha-se calmo e apenas passava longas horas no santuário, sisudo e concentrado.

Desejando concluir rapidamente essa união que tanto o interessava, José fixara um prazo assaz curto para o casamento, que desejava festejar com pompas verdadeiramente régias, a julgar pelos preparativos do palácio e pelo enxoval da noiva.

As relações dos futuros esposos não podiam ser mais tensas e aflitivas. Oficialmente, Armais se conformava com todos os imperativos da situação; enviava flores e outros presentes, preparava sua casa e ia visitar a noiva, mas evitava, tanto quanto possível, estar só com ela. Testemunhava-lhe a mais fria polidez, ocultando com dificuldade sua aversão quando ela lhe tocava a mão ou aproveitava um instante de isolamento para abraçá-lo, porque Serag, indisciplinada e impulsiva, apaixonara-se pelo belo oficial que sempre lhe despertara interesse. Muito pouco desenvolvida para compreender as razões que a tornavam odiosa ao mancebo, irritava-se com a sua frieza, sem saber dominar os próprios sentimentos.

Potífera chegou na véspera do dia fixado e, quando Armais ficou a sós, seu desespero transbordou; parecia-lhe acima de suas forças suportar a existência que o aguardava.

— Acalma-te, filho, e confia na misericórdia dos deuses; da noite para o dia podem sobrevir muitas coisas — advertiu o sacerdote, com olhar tão estranho que

o rapaz estremeceu mas não ousou interrogá-lo.

Asnath veio à noite, mas a preocupação do pai era tão evidente, tão sombria a chama dos seus olhos, que

ela se retirou inquieta e oprimida. Pela primeira vez, tivera medo de Potífera.

A esposa de José passou uma noite de insónia e agitação. Pela manhã, assaltada por tristes pensamentos, mexia-se e remexia-se na cama, quando um rumor longínquo lhe chegou aos ouvidos. Atentou, ansiosa, e logo se convenceu de que o tumulto aumentava, ouvindo-se já distintamente gritos e clamores.

Inteiramente sobressaltada, acordou José, que, não menos surpreso, levantou-se aconselhando-lhe que tivesse calma e prometendo vir tranqüilizá-la depois de inteirar-se do que ocorria.

Pibisi, espavorido, declarou ao Adon que alguma coisa de grave sucedera nos aposentos da nobre Serag; que as criadas é que tinham feito o alarido e pareciam loucas,

mas ninguém sabia ainda, ao certo, o que tinha havido. Levado por funesto pressentimento, José passou a toda pressa para o quarto da sobrinha; os vestidos rasgados, os rostos aflitos das mulheres que se apinhavam á entrada, soltando gritos agudos e dilaceradores, que enchiam o palácio — eis o espetáculo que se lhe deparou. Ao avistarem o senhor, tomaram-se de verdadeira loucura e lançaram-se-lhe aos pés, gritando: "Perdão! nós não somos culpadas." Afastando-as colérico, entrou, e, sem prestar atenção a algumas escravas que, com gritos de desespero rebolcavam-se no assoalho, aproximou-se do leito. Ao primeiro olhar lançado a Serag, que jazia inerte, com uma expressão de terror louco estampada no rosto violáceo, recuou horrorizado: ao redor do pescoço da moça, enrolava-se uma serpente da mais perigosa espécie, e uma pequena chaga negra, na garganta, explicava suficientemente a tragédia.

Passado o primeiro estupor, José inclinou-se para a morta e no mesmo instante a serpente se alçou com a cabeça sibilante e dardejou nele um olhar venenoso. O

Adon sentiu súbita fraqueza, um estremecimento glacial sacudiu-lhe os membros; parecia-lhe ver as horríveis pupilas do invisível inimigo, da misteriosa serpente que havia vencido, na matéria e na essência. Branco da cor da túnica, recuou e murmurou com voz abafada: "Matem

o monstro!" Como se houvesse compreendido a ordem, e antes que um dos criados hesitantes pudesse aproximar-se, a serpente se desenrolou, arrastou-se pelo peito gelado de Serag e perdeu-se nas cobertas da cama.

Sombrio, olhar flamante, José voltou ao quarto onde Asnath, desfigurada e aturdida, ouvia a narração incoerente de uma serva.

— É verdade? Será possível que Serag esteja morta? — exclamou, voltando-se para o marido.

— Sim, é evidente que os deuses de Heliópolis são muito favoráveis a teu irmão e o livraram de uma esposa tão pouco desejada — respondeu com um sorriso irônico.

Apanhou o selo, que tinha debaixo do travesseiro e dei-

xou o quarto.

Logo que voltou a si do espanto, Asnath escreveu algumas linhas a Armais, informando-o do ocorrido.

O rapaz não tinha fechado os olhos durante a noite e, pela manhã, voltara para junto do pai, que, com grande espanto, achou dormindo ainda. Perguntando-lhe, inquieto, se não estava doente, o sacerdote respondeu que velara a noite inteira. Depois calaram-se e Armais dispunha-se, com a morte no coração, a vestir-se para a cerimônia, quando lhe trouxeram a mensagem da irmã. Apenas acabou de lê-la, caiu atordoado na cadeira, exclamando:

— Serag está morta, pai! Isto nos vem do templo — acrescentou com voz muito baixa e dúbia.

— Isto é a mão da divindade que, cansada dos abusos deste homem, quis provar-lhe que ele pode fixar a data de um casamento, mas a realização dos destinos humanos depende de um poder superior ao seu — respondeu Potífera solenemente. Contudo, a expressão de implacável dureza que lhe pairava no semblante, impressionou Armais: nunca surpreendera semelhante expressão nos

olhos límpidos e calmos do velho sacerdote.

— Agora vai e prepara-te para testemunhar a dor convencional em circunstância tão cruel. De resto, aos mortos devemos sempre render homenagens, e tu estás livre de uma esposa odiosa. Vou sacrificar aos deuses — disse, despedindo o filho.

V

O ADON E O CALDEU

Mandou aos médicos, que tinha em seu serviço, e m b a l s a m a s s e m o corpo de seu pai.

E o E g i t o chorou Jacó setenta dias.

F a r a ó lhe disse: vai e sepulta teu pai, visto ter-te ele obrigado a isso com juramento.

E quando José foi, acompanha-ram-no todos os primeiros oficiais da casa de F a r a ó e todos os grandes do Egito. — *Gênese,* **cap. L, vv. 2, 3,**

6, 7.

O dia tristonho e pesado, que começou tão trágico com a morte de Serag, chegava ao seu termo. José não tivera um momento de repouso, as visitas de condolências dos ilustres convidados que, acreditando vir a um festim, chegavam a uma câmara mortuária, a vinda oficial de Armais, que, trajando luto, o rosto empoeirado, prestara a homenagem convencional de louvores e pesares à defunta noiva, enfim as providências para o embalsamamento, tinham ocupado o Adon e era já noite quando se recolheu ao gabinete de trabalho para, finalmente, pensar à vontade no que acabava de suceder. Sombrio e carrancudo, caminhava a passos agitados. Serag cairá vítima de um crime misterioso, eis o que era evidente; mas a habilidade com que sub-reptícia mão havia libertado o filho de Potífera de uma ligação humilhante para a casta sacerdo-

tal, ainda mais que a dele com Asnath, dava-lhe o que pensar.

Com efeito, era mesmo impossível formular uma suspeita: os aposentos das mulheres eram guardados por numerosos e dedicados servos; além das criadas egípcias, Serag tinha também ao seu serviço diversas mulheres da sua tribo, que tinham velado; ninguém vira nem ouvira coisa alguma; ninguém notara o momento exato em que se dera a morte, e, contudo, a moça deveria ter acordado, a julgar pelo espanto retratado no semblante. Fora, portanto, bem hábil a mão que insinuara a serpente no leito, ou, então, a ciência secreta dos templos dera espantosa prova do seu poder. Lembrou-se de ter ouvido Schebna afirmar ser possível, à magia, suscitar esses mensageiros de morte, que, sob a forma de serpentes, escorpiões e outros animais venenosos, arrastavam-se para a vítima, ferindo-a sem que ninguém pudesse impedi-lo. O caldeu não lhe revelara o segredo de semelhante feito mágico, e, contudo, não duvidava da sua possibilidade. Mas, neste caso, sua própria vida estaria presa por um fio de cabelo, se os padres decidissem utilizar o processo para eliminá-lo. Com um longo suspiro enxugou a fronte molhada de

suor. Oh! como os odiava, a esses padres! E, todavia, pre-
cisava calar-se, porque, como provar que a serpente não
estava oculta nas flores, ou que tinha passado do jardim
para o quarto? Tais casos não eram raros.

A entrada de Pibisi, o escravo favorito, interrompeu-
-lhe os pensamentos em tumulto.

— Senhor, aí está um homem que parece vindo de
país longínquo e tem aspecto fatigado. Pretende conhe-
cer-te e deseja falar-te Incontinenti.

— Está louco, sem dúvida; ponham esse imbecil no
olho da rua e digam-lhe que venha em dia de audiência,
se tem alguma requisição a fazer.

— Ele insiste, senhor, e não se deixa intimidar; quan-
do quisemos afastá-lo, disse que tu nos castigarias, visto
como tem coisas graves a confiar-te.

O Adon refletiu um momento:

— Neste caso, podes trazê-lo aqui e vê que ninguém
nos ouça.

Momentos depois, um homem de alta estatura, envolto num manto escuro cujo capuz lhe cobria a cabeça, penetrou no gabinete e, prostrando-se diante do Adon, tocou as esteiras com o rosto. Com olhar percuciente, José examinou as vestes poeirentas e as sandálias estragadas do desconhecido, que devia ser muito velho, conforme indicava a longa barba de neve.

— Quem és e que me queres? Fala depressa, não tenho tempo a perder.

— Tratarei, poderoso senhor, de conformar-me às tuas ordens — respondeu uma voz sonora, cujo timbre conhecido fez estremecer José, embora não pudesse dizer onde a tinha ouvido. Mas, no mesmo instante, o desconhecido retirou o capuz.

— Schebna! — exclamou o Adon, recuando como se contemplasse um espectro.

O velho sábio não mudara; os longos anos decorridos passaram por ele sem deixar vestígios e o fogo juvenil de outrora cintilava-lhe nos olhos, quando disse, sem levantar-se:

— Sim, sou eu e chegada é a hora que te predisse, meu discípulo de antanho: dominas no fastígio das honras e eu, com o rosto na poeira, venho pedir-te hospitalidade. A mim também a fome me expulsou do meu asilo e venho refugiar-me junto de ti.

— Sabias que me encontravas aqui? — perguntou José com voz surda.

— Não, eu te havia perdido de vista e talvez a miséria não me tivesse arrancado do meu calmo retiro, onde só vivia para a Ciência: tenho necessidade de muito pouco: um copo de água fresca e algumas raízes me bastam. Foi uma ordem divina que me fez tomar o cajado de viajante. Vou contar-te o que sucedeu; mas, não me mandas levantar? A idade torna-me difícil permanecer de joelhos.

Vendo José fazer um brusco movimento com a mão, levantou-se e encostou-se à mesa.

— Uma noite, quando trabalhava, apresentaram-se-me três homens vestidos de branco; seu aspecto era

venerável e os rostos velados de tristeza: "Vem em nosso auxílio, disseram, prostrando-se e beijando-me os pés; adquiriste um saber e poder que não possuímos; livra-nos, pois, de uma serpente que se introduziu em nossa pátria; envolve-a e sufoca-a com os seus anéis de ferro; oprime o inocente e arranca o último bocado ao pobre que morre de fome." Respondi-lhes que voltassem em paz à sua pátria e consultaria os astros; se tal fosse a vontade dos imortais, eles me indicariam o país a libertar e o meio de o fazer.

"Nos eflúvios onde se entramam os decretos do destino, li: "Parte e nós te conduziremos." Pus-me, pois, a caminho e vim ao país de Kemi, que está sendo roído pela fome e pela miséria. Passando por esta cidade, ouvi teu nome e, lembrando-me que o poderoso Adon foi meu discípulo, quis rever-te, repousar debaixo do teu teto e também perguntar-te, a ti que conheces todos os reinos circunvizinhos, qual o país sufocado por implacável opressão e qual a serpente que os homens vestidos de branco me

pedem para destruir."

O mago calou-se, mas seu olhar ardente cravou-se no rosto subitamente pálido de José, que passava a mão trêmula pelas faces úmidas de suor. "Foram os padres que o chamaram e foi ele quem matou Serag!" Este pensamento passou-lhe como relâmpago pelo cérebro.

— Não sabias quem são esses homens, meus implacáveis inimigos e a quem odeiam e caluniam, chamando-o serpente e opressor? — interpelou José com amargura.

— Que te deram eles, Schebna, em paga da minha destruição? Em todo caso, por tua amizade, prometo-te o triplo.

O caldeu abanou a cabeça.

— Esqueceste meus ensinamentos, se julgas possível comprar um mago e, principalmente, para cometer um crime. Os veneráveis postulantes invocaram o meu auxílio em nome da justiça, da liberdade e das forças celestes; pediram-me que arrancasse à miséria e à morte seres inocentes. Nunca pensaste no preço que representa uma vida humana perante o Trono do Ser Único, do Ser Inefável,

cujo nome só se pronuncia tremendo?

282

J. W. ROCHESTER

"Toma cuidado, José, as lágrimas, as maldições, a angústia dos sofrimentos imerecidos, sobem ao céu como nuvem escura. Segundo a lei imutável, que faz todo o peso cair sobre a terra de onde partiu, tu bem poderias ser esmagado."

— Vieste ameaçar-me?

— Não; vim tocar a tua consciência e abrandar teu coração. Tem piedade dos que sofrem, não te deixes cegar pela ambição e lembra-te do que te disse outrora: "Teu futuro é singular, soberbo, mas quanto ao teu fim paira uma nuvem; não esqueças nunca que o homem pode usar, mas não abusar dos favores do destino, e que o abuso pode constituir a ruína da tua sorte." Eu que te instruí, que te armei para a luta, que te dotei com o poderoso talismã, sem o qual nunca terias atingido a situação única que desfrutas, creio ter o direito de falar-te deste modo.

José não respondeu: no coração e no cérebro rugia-
-lhe a tempestade. A morte de Serag, a presença do cal-
deu, as severas palavras que acabava de ouvir, tudo se
juntava para indiciar em torno dele um perigo incessante.
Claro que a destruição da sobrinha devia ser uma adver-
tência que precedia o aparecimento de Schebna. Mas,
sobrar-lhe-ia a força para lutar se deixasse nas mãos
dos inimigos o terrível instrumento de destruição que eles
tinham conseguido, sabe Deus como? Inteiramente absor-
to nessas reflexões, não reparou o olhar ardente do mago
e o indefinível sorriso que lhe brincava nos lábios.
— Tens razão: de ti tudo devo ouvir e a hospitalida-
de em minha casa cabe-te de direito — disse, levantan-
do-se. — Acompanha-me; vou servir-te refrescos; depois
descansarás, porque estás fatigado.
Sem objeção o caldeu acompanhou-o através de ex-
tensa galeria, um pátio interior, depois um corredor abo-
badado e conduziu o hóspede a um quarto cujas paredes
eram guarnecidas de estantes pejadas de rolos e pran-
chas; um leito, uma mesa rodeada de alguns assentos e

um armário constituíam toda a mobília desse comparti-
mento iluminado por uma lâmpada de óleo suspensa no
teto.

Tendo convidado o caldeu a sentar-se, o Adon retirou
do armário um copo, um cesto cheio de pastéis e uma
ânfora, que depositou sobre a mesa; o velho sábio bebeu
e disse sorrindo:

— O vinho é capitoso e propicia um sono profundo
e reparador.

— Bebe e come, descansa neste leito e que os deuses
abençoem teu sono! Amanhã nos veremos de novo — disse
saudando-o com a mão.

— Agradeço-te a hospitalidade e lembrar-me-ei do
teu bom acolhimento.

Uma hora depois José voltou: ao sair tinha fechado
a porta com o ferrolho; tudo estava calmo e silencioso
e, no leito, achou o velho imerso em sono profundo como
a morte. Desenrolando um maço de cordas, amarrou soli-

damente, mas com precaução, os pés e as mãos do caldeu, o qual não despertou; em seguida acendeu uma tocha e, aproximando-se da parede, tocou oculta mola; parte das estantes se abriu, descobrindo um gabinete do qual partia uma escada em caracol, que conduzia a um subterrâneo bastante vasto, onde estavam estantes e cofres cheios de papiros e objetos preciosos. Eram os arquivos secretos e o tesouro provisório do terrível chanceler de Apopi. Tendo ai deixado a tocha, o Adon subiu lesto, suspendeu Schebna nos robustos braços e desceu novamente com ele.

— Por ora, que fique aqui, onde não me poderá fazer mal; veremos se o seu poder o tirará deste subterrâneo — resmungou, depositando no chão o caldeu. — E está fazendo honra ao meu vinho — acrescentou, fazendo ironia.

Nesse instante, Schebna deu um longo suspiro e reabriu os olhos. Um momento pervagou o olhar pelo ambiente.

— É para impedir-me de te fazer mal que me atiras neste subterrâneo, amarrado como um malfeitor? Cego, ingrato, deste-me apenas a prova de que, na verdade, és

a serpente de que me falaram os homens vestidos de linho.

A voz do mago timbrava, vibrante e severa, os olhos pareciam despedir chamas. José sentiu-se como paralisado e, mudo de espanto, viu o velho sentar-se, elevar as

mãos atadas e entoar um cântico esquisito, do qual somente uma parte lhe era compreensível.

Entremeando esse cântico de fórmulas misteriosas, invocava os quatro elementos e os deuses supremos da Caldeia (1): Anou, o rei do Universo e dos Espíritos celestes e terrestres; Ea, rei do Oceano, condutor dos fados; Samas, o juiz supremo; e Adar-Samdan, o destruidor do mal.

Ao passo que a voz do sábio se tornava mais retumbante, um silvo semelhante ao de uma tempestade parecia encher o subterrâneo, o solo tremia como se estivesse para fender-se e nuvens surgiam em torno do evocador, envolvendo-o em bruma avermelhada. Súbito, um relâmpago fulgurante atravessou obliquamente o subterrâneo,

um trovão fez tremer as paredes e, diante do Adon atônito, ergueu-se a esfinge que já uma vez lhe tinha aparecido. O rosto do ser enigmático era severo e ameaçador; seus olhos serenos estavam turvos, dos seios inchados e contundidos perolavam gotas de sangue e a voz rugia qual tormenta longínqua:

— Desgraçado de ti, ingrato, se não sustares teu orgulho e tua impiedosa severidade! Abusas dos meus dons e não é mais meu leite, porém meu sangue que chupas. Toma cuidado a fim de que me não volte contra ti, porque, então, hei de domar-te com a força do touro; minhas garras de ferro te espedaçarão; minhas asas te derribarão da altura em que pairas e, da estrela que me coroa a fronte, partirá o raio que te há de fulminar.

Cambaleante, atordoado, quase cego pelo efeito do resplandecente clarão, José caiu ao chão e fechou os olhos. Quando voltou a si, apenas a tocha iluminava o subterrâneo vazio, as cordas estavam no chão, Schebna tinha desaparecido.

Cabisbaixo, coração opresso, voltou ao seu quarto,

mas, à medida que recobrava calma, começava também a cólera a lhe ferver no íntimo. O mago lhe escapara e era-lhe agora duplamente inimigo: mas, por que acaso os

(1) **Ver Fr. Lenormant — "La Magie chez les Chaldéens"**

padres tinham sabido da existência de Schebna e atirado contra ele esse inimigo perigoso e intangível? Precisava sabê-lo, assim como onde estaria oculto. Sem hesitar, correu em busca da caixinha que guardava o copo do qual se servia para adivinhar: o infalível talismã lhe desvendaria tudo. Consultava-o raramente, agora, nos casos extremos, para não se extenuar no esforço de vontade e na concentração indispensáveis; mas nesse instante devia fazê-lo, qualquer que fosse o preço. Com impaciência apanhou o copo e quis enchê-lo de água, mas, súbito, tornou-se lívido e deu um grito surdo. A pedra misteriosa estava fendida em toda a largura, como se a tivesse atravessado um raio.

Como que atingido por forte martelada, José caiu

desmaiado.

Lentamente recobrou-se do terrível abalo, mas sua natureza de aço não era das que vergam ou quebram ao primeiro embate; além disso, como nenhum incidente novo lhe veio provar que Schebna procurava vingar-se, tranqüilizou-se; o orgulho e a consciência da sua força lhe restituíram o equilíbrio e um excesso de trabalho e preocupações atenuou a impressão sofrida. Todavia, restava-lhe uma vaga inquietação no fundo dalma, e, às vezes, tornava-se triste, receoso, inquieto. Nesses momentos, parecia-lhe que a situação era precária, que o ódio e a traição que o cercavam por todos os lados iam precipitá-lo da altura que ocupava e que, talvez o abandono e a miséria ameaçassem o fim da sua existência. Apreensões desse gênero, expendidas em conversas com o pai, originaram um plano a cuja execução entregou-se com o ardor e a energia que o caracterizavam, e ao qual juntava-se ainda um traço característico da raça semítica: a paixão de adquirir, de acumular sem medida, de criar uma arma e um apoio pela força bruta do capital, idéia

sempre acesa, mesmo no judeu de hoje, o qual, sempre pronto a vender tudo pelo ouro, pensa também tudo poder comprar, uma vez que possa pagar.

Já enriquecido e cumulado de benefícios durante os anos de abundância, José tinha acumulado, desde que reinava a fome, uma fortuna colossal, porque, entregan-

do-se ao tesouro do Faraó, oficialmente ao menos, a maior parte das riquezas que o Egito e a Ásia depositavam em suas mãos, guardava para si uma parte escolhida, menos embaraçosa, mas não menos substancial, que eram os numerosos lotes de burros e carros que transportavam para a residência real e para suas tesourarias.

Justo dizer que o próprio Faraó tinha autorizado o chanceler a guardar para si uma parte desses bens; somente José se tinha aproveitado largamente da permissão.

Foi o plano de pôr em segurança, com receio do futuro, uma parte dessas riquezas, que abarcou o espírito do Adon. Na opinião de Jacó, os tesouros do filho estariam

mais garantidos na tribo que no palácio, que podia ser pilhado ao primeiro levante popular; e para furtá-los definitivamente ao rancor e à raiva dos egípcios, tomava-se urgente transportá-los para fora do país e depositá-los em lugar seguro.

O patriarca, que previa a morte próxima, declarou que o túmulo de família, que possuía perto do Hebron, era o abrigo menos exposto e que, se José lhe acompanhasse o corpo para depositá-lo no sepulcro hereditário, teria toda a facilidade de conduzir o tesouro sem despertar a menor suspeita. Isto decidido, Jacó reuniu os filhos, confiou-lhes o que se projetava e os obrigou, sob terríveis juramentos e ameaça de maldição, a nunca tocar em riquezas que, não somente eram propriedade de José, mas destinadas por ele para formarem o tesouro de Israel, um recurso supremo em caso de perigo ou desgraça para eles ou seus descendentes. O segredo só devia ser transmitido aos chefes de tribo e comunicado mediante juramento. José, enquanto vivesse, tinha o direito de tocar no tesouro; seus descendentes, somente no caso de deixarem

o Egito, conduzindo o seu corpo; enfim, todos os detalhes dessa misteriosa pilhagem foram fixados. Em reunião secreta, todos os irmãos juraram respeitá-los e o juramento era sincero, porque José os ameaçou dizendo que viria, mesmo em espectro, destruir o audacioso que afrontasse a sua vontade. E a fama do Adon, como mágico terrível, estava bem firmada para que alguém se arriscasse a lhe desobedecer. E, na verdade, o segredo desse tesouro foi

tão bem guardado, que somente Moses (Moisés), com o consentimento de todos os chefes de tribo, tomou posse dele, porque a libertação do povo de Israel, da terra de opressão, foi julgada o caso extremo, previsto pelo grande homem de Estado e mágico, seu fundador.

Além disso, sempre na previsão de alguma catástrofe, José estatuiu que, no caso de morte repentina, os dois filhos entrariam na tribo, da qual ficariam membros; Rubem foi nomeado tutor eventual e, em suas mãos, depositada forte soma destinada aos rapazes, por ocasião

da sua maioridade.

O acerto de todos esses negócios, a colocação e transporte clandestinos de tudo o que procurava resguardar, absorviam de tal maneira o Adon, que não prestou atenção bastante a uma circunstância que, entretanto, lhe devia desagradar soberanamente, qual a brusca aproximação de Hichelat e Armais. Enquanto o mancebo era noivo, a princesa se conservara retraída; mas depois da morte de Serag voltara a ser uma visita muito freqüente no palácio do Adon. E Armais visitava quase sempre a irmã, quando lá estava a princesa. José concluiu daí que sua mulher favorecia o namoro da ilustre amiga e prevenia, em tempo, tanto a ela como ao irmão.

O Adon começou a aparecer intempestivamente nos aposentos de sua mulher e convenceu-se logo de que seus maus pressentimentos estavam prestes a desfechar num enlace do cunhado com a filha do Faraó. Pôs-se a procurar seriamente um meio de cortar essa eventualidade, quando a morte de Jacó veio novamente distraí-lo.

Mostrou e sentiu, verdadeiramente, um pesar profun-

do; perdia o mais fiel amigo, o único que o amava sem restrições e sem segundas intenções. Tendo mandado embalsamar o corpo do pai e encomendado um sarcófago dourado e incrustado, o Adon, vestido de luto, dirigiu-se ao palácio real, onde Apopi, com a costumada benevolência, lhe dirigiu palavras de condolências. José agradeceu e prostrou-se:

— Meu senhor e benfeitor, venho pedir-te uma concessão: jurei a meu pai, moribundo, sepultá-lo no túmulo

de nossa família, perto do Hebron; permite-me cumprir esse dever filial. Mas, como o defunto era pai do homem a quem elevaste tão alto, autorizas que decrete luto oficial e me faça acompanhar por um séquito de padres e dignitários, de acordo com a minha investidura?

Apopi fitou-o surpreso e uma expressão de aborrecimento e zombaria transpareceu-lhe na fronte. Apesar do ascendente do favorito e do hábito que adotara, deixando-o fazer o que quisesse, aquela pretensão de luto na-

cional pela morte de tão ínfima personagem, pareceu-lhe justamente exorbitante.

— Estranho desejo o teu, que os padres e nobres do Egito considerariam como provocação e ofensa premeditadas; exigir-lhes que chorem como a um rei um simples pastor de raça estrangeira e que se submetam às fadigas de tão penosa viagem para acompanhar a múmia à última morada... Mas tu podes ir, consinto.

O olhar fulguroso de José mergulhou como raio nas pupilas cansadas de Apopi.

— Dizes bem, Faraó, meu pai era apenas um simples chefe de pastores, mas o filho é, depois de ti, o primeiro homem do Egito e as honras que se prestarem à memória do pai só podem aumentar o respeito devido ao teu servo e a obediência passiva que deve despertar qualquer de tuas ordens. Tua vontade, poderoso senhor, é minha lei: mas prefiro depor a teus pés o poder de que me investiste, a deixar de honrar meu pai como merece.

O rei descansou a cabeça no espaldar da cadeira e fechou os olhos; seu rosto descarnado e pálido exprimia

indizível fadiga.

— Faze como entenderes — disse depois de breve silêncio —; e se o ousas e não receias um tumulto, promulga um decreto que, repito, será considerado uma provocação e uma zombaria. Somente, decreta o luto e os funerais em teu próprio nome, pois estou doente e não quero ser importunado com representações de padres e cortesãos.

Embora furioso com esse meio consentimento, José não se deu por vencido; emitiu sem hesitar uma ordem que prescrevia ao Egito luto de 70 dias e anunciou que

um séquito considerável de escribas reais, conselheiros e outros funcionários, assim como dois porta-leques do Faraó, o sacerdote de Tanis e toda uma série de sumidades sacerdotais o acompanhariam a Hebron para celebrar, com sacrifícios e cerimônias religiosas, as exéquias de Jacó. Além disso, soube de tal modo influenciar Apopi, que este mudou de opinião e declarou altamente a sua satisfação em face das ordens expedidas.

Este decreto inesperado provocou um verdadeiro estupor entre os egípcios; mas, pela primeira vez, a cólera foi acompanhada e suavizada por verdadeira hilaridade: a obrigação de deitar luto e enterrar como a um rei esse ínfimo pastor, de raça considerada tão abjeta que nenhum egípcio teria querido comer um pedaço de pão à sua mesa, era tão soberanamente ridícula que as palavras cáusticas quase abafavam as imprecações; todavia, houve cabeças esquentadas que tomaram a coisa às avessas e teriam respondido ao desafio com uma sedição e massacres, se os chefes do movimento nacional, que entretinham com Taá IH constantes relações, não tivessem julgado o momento desfavorável, impondo calma aos exaltados. Tudo ficou, pois, silencioso e os dignitários egípcios se prepararam docilmente para a viagem fatigante que lhes impunha o opressor; quanto aos Hyksos que, sob José, ocupavam os primeiros cargos, deram prova de zelo e dedicação sem limites e disputaram positivamente a honra de acompanhar o seu Adon e a múmia do pai.

Asnath, durante essas semanas de luto, sentia-se

constrangida; por Armais sabia o que rugia nalma dos seus compatriotas e sofria com eles o insulto e o ridículo que lhes infligiam: a própria Hichelat parecia irritada com o excesso de condescendência paterna, e algumas palavras acerbas tinham traído perante Armais e sua irmã o descontentamento da princesa em face da jactância do Adon. Asnath aproveitou, quase com alegria, o ensejo de deixar Tanis; tendo notícia da grave enfermidade de Ranofrit, pediu ao marido que a deixasse partir por duas ou três semanas, a fim de tratar da tia, o que lhe foi concedido. Um incêndio, sobrevindo à noite, em sua casa de Mênfis e que quase custara a vida de um dos filhos, havia

causado terrível susto a Ranofrit e provocado a moléstia; Putlfar tinha colocado a doente em casa do cunhado, e, quando Asnath lá se apresentou, já encontrou os pais, chegados na antevéspera. Perto de duas semanas decorreram em vigílias e cuidados incessantes; o perigo foi conjurado, mas as duas fiéis enfermeiras estavam com-

pletamente esgotadas.

Uma noite, Maia, a instâncias da filha, tinha ido deitar-se; a doente dormia e Asnath foi ao jardim respirar o ar fresco e embalsamado do exterior; andou um pouco, mas, sentindo-se fatigada, sentou-se num banco encostado na parede da casa e meio escondido por moitas de jasmim. A alguns passos do banco havia uma janela que abria para o gabinete do sacerdote.

Desde um quarto de hora, talvez, a moça cismava, quando ouviu Potífera entrar com alguém; acenderam uma lâmpada cuja claridade avermelhada projetou-se na folhagem. A conversa interessou pouco a Asnath; nunca tinha ouvido o nome de Schebna e que lhe importava o caldeu, cuja ausência seu pai deplorava, irritando-se porque ele se retirara para lugar ignorado, a fim de orar e jejuar, justamente na ocasião que mais necessidade tinham da sua presença.

Aborrecida com o ruído de vozes, quando procurava silêncio e solidão, a moça dispunha-se a voltar, quando ouviu o pai e o hóspede se levantarem vivamente e, ins-

tantes depois, a voz do sacerdote do templo de Ptah perguntar ansioso:

— Estamos bem abrigados de qualquer ouvido indiscreto?

— Fala sem receio — respondeu Potífera —, todos os escravos estão afastados, conforme teu desejo, minha mulher dorme e Asnath vela ao pé de Ranofrit.

— Então, posso anunciar-vos que chegou a hora da libertação e que o cão nauseabundo, que escarnece da nossa dignidade, não voltará a Tanis.

Asnath levantou-se, estremecendo, e prestou atenção. Embora o padre falasse em surdina, seus sentidos concentrados permitiam captar todos os pormenores do plano

descrito: um jovem padre, sacrificador, chamado Ra-hotep, inimigo fanático de José, apresentara-se secretamente aos anciãos do templo e declarara-se pronto a sacrificar a vida pela libertação do país e que, no momento azado, durante os sacrifícios fúnebres, degolaria o Adon.

— Compreendeis — terminou o sacerdote —, que ali, na terra de Canaã, ninguém suspeitará um atentado e a energia, assim como a força extraordinária de Ra-hotep, garantem o êxito da empresa; os pomposos funerais do velho cão representam a última infâmia do verdugo e seus irmãos poderão, desde logo, depositar o cadáver junto ao do ilustre genitor.

Trêmula, cabeça em fogo, Asnath deixou o banco e, qual sombra, insinuou-se em seu quarto; caindo numa cadeira, apertou com as mãos o peito oprimido; sentimento infernal atormentava-lhe o coração, suscitando uma luta como jamais experimentara. Sem o querer, tornara-se cúmplice de um assassinato, do assassinato de seu marido, e não podia nem preveni-lo nem impedir o atentado. Desde que ouviu que José estava irrevogavelmente condenado à morte, todos os seus rancores contra ele se dissiparam, ficando-lhe somente a mágoa de perdê-lo. Entretanto, seus lábios estavam selados. Como poderia trair sua casta e entregar ao carrasco os mais ilustres padres, o próprio pai, talvez? Passou uma noite de insónia e, no dia se-

guinte, aproveitando-se de uma mensagem insignificante, que José lhe enviara, declarou que ele a chamava e, no mesmo dia, voltou a Tanis.

Somente Maia ficou impressionada com o seu semblante desfigurado e o atribuiu ao excesso de fadiga; os homens estavam tão preocupados que nada viram.

Quando José, muito satisfeito com o seu pronto regresso, foi saudá-la, inquietou-se com a sua má fisionomia:

— Asnath, estás doente, estás muito fatigada; pobre criança! — disse, abraçando-a ternamente.

— Sim; creio que me resfriei — respondeu, dominando-se com esforço quase sobre-humano.

O Adon mandou buscar um médico, que constatou febre e prescreveu repouso absoluto. Ela se conformou de boa-vontade com as prescrições, pois desejava ficar só. O que se passava nela era indescritível e José incomodava-se com o seu estado, que lhe parecia estranho e

perigoso.

Enfim, chegou o dia da partida. De muito cedo, imensa multidão apinhava-se em todas as ruas que desembocavam no palácio do Adon, a fim de ver a enorme caravana que se movimentava a caminho da Síria. Admiravam o soberbo caixão funerário sobre um carro e o toldo bordado a ouro que cobria o esquife, os carros de duas e quatro rodas, ocupados pelos padres, escribas reais e outros dignitários; enfim, a interminável fila de asnos e camelos que transportavam as bagagens, sob a vigilância de um exército de escravos, assim como os destacamentos de soldados que deviam escoltar o cortejo.

Tudo estava pronto; so esperavam José, cujo carro, atrelado com dois soberbos corcéis, estava parado diante do grande portão. Mas o Adon não aparecia.

Uma hora antes, ele fora despedir-se da mulher.

Achou-a sentada junto da janela. Sua palidez mortal e a febril agitação que visivelmente a devorava encheram o coração do Adon de uma nova ansiedade; abraçou-a com ternura, recomendando-lhe tivesse cuidado consigo

durante a sua ausência. Asnath ergueu os olhos e a estranha expressão daqueles olhos azuis muito o impressionou. O tempo urgia, fez-lhe nova saudação e dirigiu-se para a porta.

— José! — murmurou subitamente Asnath com voz abafada, atirando-se para ele e abraçando-o freneticamente.

Surpreso com aquele impulso da mulher, sempre ríspida e reservada, apertou-a apaixonadamente de encontro ao peito, e um imenso desejo de felicidade o invadia, quando, inclinando-se, murmurou:

— Que tens, minha querida? não te aflijas assim.

Sem responder, Asnath caiu-lhe nos braços e, com espanto, viu que ela perdera os sentidos.

Levou-a para a cama e somente quando o médico lhe assegurou que o estado da mulher não apresentava gravidade, decidiu-se a deixá-la antes que voltasse a si. Com o coração opresso, beijou uma última vez a pequena boca

descorada e os olhos fechados, deixou o quarto; minutos depois tomou o carro e deu o sinal de partida, mas todo o mundo notou a sombria preocupação que parecia acabrunhá-lo. Em compensação, ninguém suspeitou que um tesouro considerável deixava clandestinamente a terra de Kemi.

VI

O AMBICIOSO NÃO CONHECE OBSTÁCULOS

Com a casa de José e com todos os seus irmãos que o seguiam, deixando na terra de Gessen as s u a s crianças e todos os seus rebanhos.

T e v e t a m b é m José na sua comitiva carruagens e cavaleiros; de sorte que se via ai um numeroso concurso de pessoas.

Depois que c h e g a r a m à eira de Atad, a qual está situada a l é m do Jordão, celebraram ali o funeral por sete dias com grandes prantos e al-

t o s gritos.

Tanto que José sepultou seu pai,

tornou a vir para o E g i t o com seus

irmãos e toda a s u a comitiva. — *Gê-*

nese, **cap. L, vv. 8, 9, 10, 14.**

O estreito vale, cercado de montanhas cobertas de mato, ao fundo do qual elevava-se Hebron, apresentava aspecto desusado: em redor da colina solitária e silenciosa, ao pé da qual se abria a gruta funerária, reinava desde alguns dias o ruído e a animação de um vasto acampamento. De um lado, viam-se em linhas simétricas as barracas egípcias, no meio das quais destacava-se a grande barraca do Adon; à entrada desta barraca, onde estavam fincados dois mastros com galhardetes, velavam sentinelas. De outro lado e separado dos egípcios por toda

a largura do vale, estendia-se o acampamento dos pastores hebreus.

No dia seguinte à chegada, José, acompanhado so-

mente dos irmãos, depositava no túmulo os despojos do pai e, durante duas noites consecutivas, a pretexto de ritos religiosos do seu povo, os filhos do patriarca voltaram sós à gruta e nela esconderam os tesouros que levaram. Ninguém os incomodou. Saturados de aborrecimento e desprezo, os egípcios se conservaram afastados, persuadidos de que "os impuros Amou" imolavam secretamente vítimas humanas, crianças sem dúvida — essas vítimas preferidas do seu deus sangüinário.

Na manhã do terceiro dia começaram, por ordem de José, as cerimônias fúnebres, segundo o ritual egípcio. Sombrios e silenciosos, os padres e dignitários se reuniram e, acompanhados de cânticos vibrantes, o imponente cortejo desceu para a gruta, à frente da qual sacrificaram numerosas vítimas. Sem prestar atenção ao sinistro silêncio, ao ódio mal contido de todos os egípcios presentes, José, altivo e impassível, presidia aos sacrifícios.

A cerimônia chegava ao termo, quando se deu um incidente inesperado: acabavam de imolar um boi e o padre sacrificador se levantava — supunham — para de-

cepar os membros ainda palpitantes do animal, quando, de súbito, atirou-se ao Adon, brandindo o sagrado cutelo sangrento. Esse padre era um jovem de estatura colossal, cujo rosto enrugado e olhos injetados e flamívomos de ódio selvagem eram verdadeiramente aterradores. Involuntariamente, José deu um passo atrás, enquanto um oficial da sua comitiva, Hykso de origem, agarrava-se ao braço do desvairado, no momento mesmo em que atirava ao Adon furioso golpe. A arma resvalou e, em vez de penetrar no peito, rasgou profundamente o fémur do Adon. Gritos espocaram: "Assassinato! traição! matam o Zophenat-Peaneah!" Produziu-se o tumulto: uns corriam a socorrer José, que tinha caído banhado em sangue; outros seguravam o padre, procurando desarmá-lo. Este, dotado de força hercúlea, debatia-se vigorosamente contra uma dezena de adversários, alguns já gravemente fe-

ridos, rolados ao chão, quando, desprendendo-se bruscamente, o sacrificador deu um pulo para trás.

— Morro pelo meu país; outra mão mais feliz que a minha, nojento e maldito cão, achará o caminho do teu coração — gritou com voz retumbante. Depois, com a celeridade do raio, cravou o cutelo no próprio peito e caiu em cheio.

Levaram José para a barraca, ligaram a ferida, mas a grande perda de sangue e dores cruciantes prenderam-no ao leito e retardaram mais de oito dias o regresso da caravana.

Essa tentativa de assassínio tinha provocado nos dois acampamentos verdadeiro estupor. No primeiro dia, os gritos e clamores só cessaram alta noite: todo Hykso espumava de raiva em face do atentado, acusando a casta sacerdotal de conivência. Os padres mantiveram-se calmos: nada podiam provar contra eles e torná-los responsáveis pelo ato insensato de um fanático, que agira por impulsão do momento; nem o Faraó, nem o Adon se arriscariam a fazê-lo. No fundo dalma, bem entendido, deploravam amargamente que um infeliz acaso tivesse malogrado o plano de Ra-hotep e custado a vida ao co-

rajoso patriota.

Logo que as forças lho permitiram, José retomou o caminho do Egito; mas durante as longas horas em que, embalado ao passo cadenciado dos seus condutores, ficara só consigo, pensou no passado e no futuro e indizível sentimento de amargura, de raiva e angústia apertou-lhe o coração. O atentado de Ra-hotep tinha esclarecido com uma nova luz o procedimento de Asnath, desde que regressara de Mênfis, e o seu desesperado adeus. Era, pois, um plano longamente urdido, não do louco impulso de um fanático, que ele escapara... E Asnath sabia que tencionavam assassiná-lo e se tinha calado! Todavia, ela o amava e havia demonstrado, como nunca o fizera antes. Essa convicção fazia-lhe bater o coração com um sentimento em que a felicidade e a dor tinham partes iguais. Refletia, dias inteiros, procurando sondar aquele coração de mulher, que era para ele um enigma. E diante dessa

preocupação, acabavam por amortecer e apagar-se, mo-

mentaneamente, todas as complicações e dificuldades da sua contingência política. Com impaciência febril, desejava rever a esposa, ler nos seus olhos azuis a impressão que o seu regresso lhe causaria.

Em Tanis a notícia da tentativa de assassinato, levada por um correio, fez grande ruído, despertando sensações muito diversas. Todos os egípcios fremiram de raiva e pesar, por ter escapado o opressor; todos os Hyksos aclamaram como triunfo a salvação do homem que consideravam o seu mais sólido sustentáculo. Apopi mostrou-se muito indignado e conversando com o sacerdote de Ptah, que mandara chamar, declarou asperamente que responsabilizaria toda a casta sacerdotal, caso se renovasse tão odioso atentado ao seu primeiro conselheiro. Além disso, ordenou sacrifícios e ações de graças para o dia que o Adon chegasse são e salvo a capital, enviando correios a felicitarem o favorito.

A notícia de que José escapara ao perigo mortal que o ameaçava, produziu em Asnath terrível comoção: a idéia de tornar a vê-lo, são e salvo, fazia-lhe palpitar o

coração, de amor e felicidade; o temor das conseqüências que o atentado pudesse acarretar à casta; das cruéis represálias que ele não deixaria de exercer contra os padres, causava-lhe premente angústia. A perturbação era tal, que nem mesmo refletiu na posição falsa que lhe criara a imprudência com que traíra a sua cumplicidade.

Mulher, ela o era em toda a acepção da palavra: viva e exaltada por natureza, nascida sob os raios ardentes do Sol tropical, suspirava pelo amor e pela felicidade; Hor estava longe (longe da vista, longe do coração) e ela devia odiar e tratar com indiferença, obedecendo à sua casta, o mais belo e mais ilustre homem, que lhe pertencia como esposo e pelo qual sabia-se profundamente amada. Seu jovem coração debatia-se ao impulso das duas correntes contrárias, que o espedaçavam porque, para o amor, não existem ódios de raça nem preconceitos de casta; e, no entanto, a disciplina imposta por um preconceito era tão imperativa sobre a filha de Potífera, que

contrabalançava o mais forte sentimento do coração humano.

Nunca esse conflito íntimo lhe foi tão pesado e doloroso, como no dia da chegada de José. Sentiu-se incapaz de assistir à recepção, da qual Apopi tinha feito um verdadeiro triunfo. Limitou-se a mandar os filhos com os respectivos pajens.

Esse dia foi festejado em Tanis como o de uma entrada real. Desde o romper da alva sacrificavam em todos os templos: o sangue das vítimas fumegava nos altares e, dentes cerrados e fel no coração, os padres se prostravam diante das estátuas divinizadas, agradecendo-lhes o haverem salvo a vida do primeiro funcionário do Estado. Nunca, talvez, tão secretas maldições se acumularam na cabeça aborrecida daquele a quem, oficialmente, honravam por ordem do Faraó. Depois das pomposas procissões sacerdotais, do cântico dos padres e das sacerdotisas, dirigiram-se fora das portas da cidade, para receber, *in corpore,* o herói do dia, apresentando-lhe felicitações. Apopi mesmo, coisa inaudita, fora ao seu encontro até

ao templo de Soutech, e quando o favorito prostrou-se e beijou o solo com lágrimas de alegria e reconhecimento, o rei levantou-o, abraçou-o como a um filho e concedeu-lhe, dali em diante, que lhe beijassem os pés.

Depois de ter sacrificado no templo de Soutech, o Faraó, acompanhado do chanceler, voltara ao palácio real, onde esplêndido banquete congregava as sumidades da Corte e da cidade. Ao entrar no seu palácio, José teve ainda que testemunhar a recepção de toda uma série de parlamentares dos seus subordinados. Era já noite quando, enfim, se retirou para os aposentos particulares e despediu toda a gente, proibindo que o incomodassem a qualquer pretexto. Estava ainda fraco, em virtude do ferimento e as fadigas do dia tinham-no estafado. Pálido e combalido, estendeu-se no leito de repouso, colocado debaixo da colunata, e esperou Asnath, que deveria agora vir saudá-lo. Sua ausência no cerimonial da manhã não o surpreendera: não quisera, decerto, revê-lo diante do rei e dos padres, ao mesmo tempo.

O CHANCELER DE FERRO

Mas em vão esperou. A qualquer ligeiro ruído emper-
tigava-se, supondo ouvir os passos da jovem egípcia, ou
ver seu esbelto perfil desenhar-se à sombra da colunata:
não ousaria vir, sabendo-se cúmplice dos padres? Já ner-
voso e superexcitado, subitamente acometido de um de-
sespero, de um desgosto indizíveis, mergulhou a cabeça
nos travesseiros e lágrimas ardentes lhe transbordaram
dos olhos. Oh! por que tinha posto pé nesta terra de
Kemi! por que o destino zombeteiro fizera do pastor sel-
vagem, porém livre e feliz, o Adon do rei Apopi?
Nos desertos verdejantes da terra de Canaã, não teria
conhecido tantas honras, mas também não teria colhido
tanto ódio; todas as regalias que desfrutava não eram
mais que aparência ilusória, sob a qual jaziam, com efei-
to, o desprezo e o ódio. Nessa manhã mesma, quando,
com glacial altivez ouvia os protestos de dedicação dos
padres, as torrentes de lisonja que lhe depunham aos pés,
seu próprio olhar não estava aceso diante da multidão,
receando que dentre os homens vestidos de linho ou dos

guardas de honra que o aclamavam, surgisse um desvairado a brandir o machado luzidio, ou o cutelo afiado, para retalhar, como réptil venenoso, aquele a quem proclamavam o filho mais glorioso do Egito? Tudo, tudo com que se embriagava, era mentira e não chegava a preencher o vácuo do seu coração. Esse vasto palácio era um deserto árido e, súbito, essa solidão, esse silêncio lhe pareceram insuportáveis; o desejo de rever Asnath, de estreitar nos braços essa filha do seu mortal inimigo Potífera, assaltou-o com violência; sentia estranha volúpia em chamá-la esposa e em saber-se amado por ela; ela, cujo pai o tinha como um cão repugnante. E depois, queria ouvir da sua própria boca se soubera que ele ia morrer.

Saltou da cama, as fontes latejavam, todo o corpo lhe ardia e tremores nervosos o agitavam. Atravessou quase correndo a longa galeria, penetrou no quarto da mulher.

Ela também estava só. Assentada junto da janela, lutava consigo mesma, buscando analisar o que lhe dilacerava a alma, pondo um termo a esse aflitivo combate.

Quereria correr para junto de José, que considerava um ressuscitado, e, no entanto, um sentimento que não podia definir a impedia de fazê-lo. Com os olhos fechados e mãos enfurnadas entre os joelhos, estava de tal modo perdida em cismares que não deu pela entrada do marido, nem viu que ele se inclinava para ela. O caos dos seus sentimentos pintava-se tão claramente no seu rosto desfigurado que José estremeceu:

— Asnath! — murmurou num misto de angústia e arrebatamento.

Ela ergueu-se trêmula e tudo esquecendo atirou-se-
-lhe nos braços. Um momento ficaram abraçados, mudos; mas, súbito, ele desprendeu-se e, inclinando-se, perguntou, imperativo:

— Sabias que me queriam assassinar?

Ela recuou, pálida de morte:

— José, José, nada me perguntes — murmurou súplice.

— Fala — prosseguiu rouco, quase esmagando-lhe as mãos.

Mas, vendo-lhe a mortal agonia, acrescentou, procurando dominar-se:

— Fala sem medo; juro-te pela memória de meu pai não trair tua confidência, mas quero, enfim, saber a verdade: soubeste que eu caminhava para a morte, quando me deixaste partir?

Asnath tremia, mas, vencida pelo olhar de fogo que parecia devorá-la, respondeu quase imperceptivelmente:

— Sim, sabia que queriam assassinar-te, mas, se as mesmas circunstâncias se apresentassem de novo, devia ainda deixar-te partir, quaisquer que fossem meus pesares, porque a minha memória se tornaria execrada se traísse a minha casta.

José afastou-a e apoiou-se, cambaleando, numa cadeira; a tempestade que lhe rugia no íntimo cortava-lhe a respiração. Mas logo se aprumou.

— Venci o destino e hei de vencer a tua casta — disse com o olhar flamante. — E que tremam os sicários, por-

que inventarei as torturas do Amenti para lhes fazer expiar todo o mal que me causam.
Voltou-lhe as costas e tornou ao gabinete. Toda a fadiga tinha momentaneamente desaparecido. A passo acelerado, andou de um lado para outro, engolfado na tempestade interior: uma onda de projetos cruéis, iníquos, inspirados pela exasperação que lhe agitava todas as fibras do ser, assomava-lhe à mente. Desse caos destacou-se o desejo áspero, tenaz, de subtrair Asnath à influência deletéria da sua casta. Mas, onde ocultá-la? Onde escondê-la tão seguramente que, nem a mão nem a voz dos padres pudessem atingi-la? Mil fórmulas irrealizáveis surgiam para serem logo rejeitadas. Afinal, alquebrado, esgotado, deixou-se cair no leito e a louca superexcitação acabou por extinguir-se num sono pesado e profundo, como cataléptico.
Quando despertou, muito tarde, no dia seguinte, sua natureza de aço tinha recobrado o equilíbrio, mas no

fundo dalma ficou acumulado todo o fel provocado pela tempestade moral, assim como a idéia de subtrair Asnath a todos os olhares. Entretanto, de pronto o plano vago e informe foi prejudicado, a benefício de cogitações mais urgentes. Em primeiro lugar, enorme sobrecarga de negócios diversos haviam-se acumulado na sua ausência. Além disso, a questão política era ainda delicada, os relatórios dos agentes secretos provavam que a surda agitação das massas populares, definitivamente arruinadas, aumentava dia a dia. É verdade que tudo parecia calmo, mas alguma coisa de pesado, de intangível, pairava no ar, nada de bom pressagiando. Bandos de salteadores famintos vagavam pelos campos; grupos se tinham formado em torno dos celeiros públicos e, embora essa multidão de esfarrapados nada tivesse tentado, dispersando-se todas as vezes que os soldados marchavam contra ela, as imprecações, ameaças e mesmo gritos sediciosos de: "abaixo o Adon! morra o usurário!" se fizeram ouvir.

Por último, dizia-se que massas consideráveis de homens válidos, embora desprovidos de tudo, tinham achado

abrigo nos templos, onde esse elemento perigoso podia tor-

nar-se, em dado momento, arma terrível na mão dos padres.

José apertou ainda mais as rédeas do Estado no seu punho de ferro. Patrulhas militares correram os campos perseguindo e punindo impiedosamente a bastonadas, ou prendendo os desgraçados que abandonavam suas aldeias desoladas. Os destacamentos que guardavam os paióis foram dobrados; tríplice cordão de sentinelas vigiava, dia e noite, em torno do palácio real e do Adon; enfim, uma vigilância tão severa quanto possível foi estabelecida nos templos, embora aí uma inspeção fosse mais difícil, dadas a vasta extensão dos recintos sagrados, a enorme população que encerravam, e a desconfiança hostil e nimiamente sensível que as corporações sacerdotais antepunham a qualquer ingerência e exame nos seus negócios internos. Compreende-se que semelhante situação tornasse duplamente desagradável, e mesmo perigosa para José, a

união de Armais com Hichelat, já iminente, porque uma conversa entre sua mulher e o cunhado, que ele surpreendeu certo dia, patenteou-lhe um entendimento decisivo entre o oficial e a princesa e que, logo que o rapaz voltasse de uma viagem a Heliópolis, aproveitaria a primeira oportunidade para falar a Apopi e obter o seu consentimento.

Compreendeu que o cunhado queria, antes de tentar um passo decisivo, aconselhar-se com Potífera, e quem poderia prever o partido que o orgulhoso sacerdote tiraria dessa aliança? Em todo caso, podia ele propor a Apopi um convênio, que cortaria todas as dificuldades, se este último designasse herdeiro da coroa o esposo da filha. Todos os padres se juntariam de boa-vontade a esse Faraó procedente da sua casta; de um só golpe cairiam, então, todas as conspirações, todas as intrigas clandestinas com Taá III; e, para atingir esse resultado, bem podia acontecer que Apopi sacrificasse o seu chanceler, a criatura que tanto elevava como podia degradar. Ele, José, cairia, vítima expiatória, e o povo saciado de ódio congraçar-

-se-ia francamente com a dinastia reinante.

A perspectiva de tal eventualidade fê-lo tremer. Era muito estadista para crer na gratidão ou confiar na fide-

lidade de quem quer que fosse; tratou pois de garantir-se e, como primeira medida preventiva, procurou casar Hichelat com um príncipe estrangeiro. Mas o rei não queria separar-se dela. Então, surgiu no cérebro do Adon o plano fugitivamente esboçado por seu falecido pai: desposar Híchelat e ocupar ele próprio o trono dos Faraós, em lugar de o facultar ao mortal inimigo.

Quanto mais sondou e ruminou esse plano, tanto mais lhe sorriu ele, porque servia maravilhosamente não só à sua ambição como ao seu ódio; e até ao desejo que o perseguia desde que regressara do Hebron: o desejo selvagem de seqüestrar Asnath, de separá-la da sua casta maldita, de modo que nenhuma sombra de influência pudesse mais atingi-la.

A resolução tornou-se logo irrevogável e, com a ener-

gia e presteza que lhe eram peculiares, começou a executá-la. Primeiro, preparou o esconderijo no qual deveria desaparecer a mulher, a fim de, oficialmente livre, poder esposar a princesa.

Para obrigá-la a aceitá-lo, tinha de reserva meios que considerava irresistíveis.

Havia anos que mandara construir dependências e obras diversas no palácio e, como nunca se fiara na afeição do povo, a maior parte dessas obras era de sólida construção e fizeram o palácio mais semelhante a uma fortaleza do que a residência arejada, leve e alegre de um grande egípcio.

Em uma dessas misteriosas dependências onde, murmurava o vulgo, o Adon ocultava os tesouros que lhe extorquia, havia também algumas criptas bastante vastas, uma das quais comunicava por um corredor com pequeno pátio rodeado de altas e espessas paredes, e do qual partia secreta galeria que desembocava no Nilo.

Realmente, esse lugar fora primitivamente destinado a servir de abrigo, em caso de tumulto, para José e sua

família. Dali, em chegando a noite, poderia ganhar o rio e dirigir-se para Avaris. Decidiu instalar a infeliz Asnath nesse impenetrável esconderijo que tinha, ao demais, a vantagem de comunicar por secretos corredores com os

seus próprios aposentos, o que lhe facultava o plano de visitar a mulher, sem que alguém o pudesse suspeitar.

Tendo tudo preparado e escolhido como futuro guarda da prisioneira um negro surdo-mudo, estúpido e devotado como um cérbero, só esperou pelo momento azado.

A partida de Armais para Heliópolis pareceu-lhe favorável e, no dia seguinte ao da partida do oficial, inesperada catástrofe abalou a cidade.

Asnath sempre gostara de fazer à tarde, e muitas vezes à noite, passeios solitários no rio, e tanto em Mênfis como em Tanis, todo mundo conhecia a barca na qual, acompanhada pela velha aia e uma serva, fazia esses passeios.

Nesse dia, tinha ela ceado no seu quarto com o mari-

do e queixara-se de dor de cabeça; em seguida, esperando que a frescura da noite lhe fizesse bem, partira como de costume, mas as horas passaram sem que voltasse.

Quando José, que trabalhava até tarde, foi deitar-se e soube que a mulher não regressara, tomou-se de terrível cólera, porque não lhe preveniram do incidente. Instantaneamente espalhou-se o alarme e o próprio José ordenou batidas no rio. Não deram resultado e, somente no dia seguinte, pescadores encontraram a barca de Asnath, que flutuava com a quilha emergida. Acharam-se, ou as águas arremessaram, os cadáveres das duas criadas e de um remador; os corpos dos três outros e da moça não foram encontrados. Que sucedera? Que acidente havia provocado a trágica aventura? Ninguém pôde penetrar tal mistério.

Enquanto Tanis em peso discutia a sua morte prematura ei lágrimas e clamores dolorosos enchiam o palácio do Adon, Asnath repousava, mergulhada em letargia, na cripta onde, morta-viva, deveria vegetar para o futuro. Já, na barca, a moça tinha desmaiado, invadida

por um peso de chumbo e não tivera consciência alguma, nem da catástrofe que fizera soçobrar a embarcação, nem do seu transporte para o subterrâneo.

Era já noite quando, enfim, despertou. Não pôde, a princípio, dar-se conta do que havia sucedido e por que

acaso se encontrava naquele lugar desconhecido e estranho; fatigada, com a cabeça pesada, levantou-se, mas à medida que examinava a cripta alumiada por duas lâmpadas suspensas no teto e mobiliada apenas com uma mesa, um leito, duas cadeiras e um armário lavrado, convencia-se de que era, realmente, uma prisão subterrânea e nervoso tremor se apoderou dela. Como louca pôs-se a correr, batendo com a cabeça nas paredes e dando gritos desesperados.

Não duvidava mais de que José a tivesse ali encarcerado. M a s . . . por quê? Para vingar-se dos seus ou para deixá-la morrer de fome e desfazer-se dela? Dando um grito selvagem, premiu a cabeça nas mãos e rolou no

chão. Desta vez, não perdera os sentidos, mas uma espécie de torpor a invadira e foi como através de um véu que viu a porta maciça abrir-se e aproximar-se um velho negro de alta estatura, trazendo um copo e uma ânfora. Ele ergueu-a, fê-la sentar-se numa cadeira e, por gestos, convidou-a a beber. "Quero sair!" — exclamou com voz rouca, mas o negro pareceu não ouvir coisa alguma. Com toda a simplicidade, retirou a toalha que cobria a mesa e designou-lhe pratos cheios de carnes frias e pastéis; em seguida, abriu bojuda cesta e mostrou-lhe que continha túnicas e uma caixinha de jóias, assim como o armário, que encerrava as bacias de banho e todos os pequenos objetos elegantes, indispensáveis ao serviço de uma mulher. Asnath, porém, nada via, convencida de que tinha um carcereiro e que esse carcereiro era surdo-mudo. Foi assaltada por desespero tal, que ficou tonta e caiu completamente desmaiada. Vendo-a resvalar ao chão, o negro meneou a cabeça e levou-a para o leito; depois, visivelmente atarantado, deixou o subterrâneo.

Uma hora depois, a porta reabriu-se e José entrou

acompanhado pelo guarda. Apressado e visivelmente inquieto, aproximou-se do leito de púrpura no qual a mulher jazia inerte e lívida, qual morta. Pronunciando um juramento abafado, o Adon levantou-a como a uma criança e fez sinal ao negro, que correu a abrir uma porta tão perfeitamente escondida na parede, que Asnath não a

tinha visto e, através de longo corredor abobadado, levou a mulher ao pátio murado de que falamos.

Ali havia um banco de pedra ao pé de pequena fonte que corria murmurante para a bacia de pedra. O Adon sentou-se, amparando a mulher e, apanhando água com a outra mão, molhou-lhe a testa e as têmporas. A frescura da água e o ar puro e aromático da noite tiraram Asnath da sua prostração; abriu os olhos e, vendo-se nos braços do marido, seu primeiro pensamento foi que tivera um mau sonho.

Mas um olhar pelo pátio ermo, murado, convenceu-a do contrário e, arrancando-se bruscamente das mãos de

José, gritou desesperada:

— Explica-me esta odiosa violência; quero sabê-lo!

Faltou-lhe a respiração e, ofegante, comprimiu o peito com as mãos. Ele fitou-a embriagado, de olhos incendidos. Nunca lhe parecera tão encantadora como naquele momento de desespero e exaltação; frágil, diáfana, toda trêmula, seus grandes olhos cintilantes e lacrimosos, envolta no manto dos cabelos desnastrados e revoltos.

— Bem poderias ter adivinhado a razão de tudo isto — disse depois de breve silêncio —; uma esposa que se faz cúmplice de assassínio do marido é uma criminosa; além disso, não achas natural que eu queira, enfim, seqüestrar-te à influência maldita da tua casta? Aqui, o olhar glacial de um padre não abafará os teus impulsos; não votarão tua memória à execração, por me dizeres "amo-te!".

— E é para te vingares que inventaste esta crueldade de aqui me enterrar viva, condenando toda minha família às angústias inomináveis da incerteza da minha sorte?

— Tua família!... (um sorriso cruel moveu-lhe os

lábios). Sou mais clemente com ela do que o tem sido comigo; dou-lhe a possibilidade de se acalmar e chorar--te em paz; a esta hora acreditam-te afogada no Nilo.

Ela não respondeu; estava mesmo incapacitada de chorar. A idéia de haverem-na por morta, de que nenhum dos parentes nem mesmo cogitaria de procurá-la, de estar perdida, aniquilada, encheu-a de tal agonia e desespero

que supôs que o coração lhe estalava enquanto surdo gemido se lhe escapou dos lábios.

José aproximou-se ansiosamente:

— Asnath, sossega; outras razões ditaram minha conduta: amo-te e só aqui, onde nenhum olhar inimigo te verá, onde nenhuma voz odiosa atingirá teu ouvido, serás, enfim, minha inteiramente. Poderei embriagar-me com a tua beleza, confiar-te o que me oprime a alma.

Enlaçou-a e quis dar-lhe um beijo, mas o contacto do seu braço pareceu despertá-la. Recuando e repelindo-o horrorizada, murmurou fremente:

— E ainda ousas escarnecer, monstro! Teu amor é uma nódoa, uma desgraça; odeio-te, carrasco da minha vida, da minha felicidade quanto do Egito; se te aproximares, esgano-te...

José empalideceu ligeiramente, mas seu olhar continuava a cravar-se, flamante de paixão, no rosto desfigurado da moça.

— Criança louca — murmurou em tom velado — compreende que estás sob meu jugo absoluto e deves abrandar, não afrontar. É com essas frágeis, pequeninas mãos que me queres esganar quando dispões de bem mais poderosas armas para me subjugares? Repito que te amo, Asnath, e que virá o dia em que te restituirei a liberdade. A meu lado sentar-te-ás no trono dos Faraós; mas, para que eu galgue esse último degrau do poder, importa desapareceres momentaneamente. Que me teria custado matar-te se quisesse desfazer-me de ti? Mas nunca o farei, porque te amo, não posso viver sem ti.

Tinha-se animado, toda a sua paixão, amordaçada e dissimulada de tantos anos, transbordava nesse instante.

Outrora, tinha cuidadosamente evitado trair sua fraqueza para que nem ela nem os parentes abusassem; mas agora, tendo aqueles muros e o céu por únicas testemunhas do seu arroubo, nada o continha e, ao contacto daquele vulcão desencadeado, cujo poder ela não suspeitava, Asnath calou-se espantada. Como paralisada, não resistiu quando ele cingiu-a e beijou-a em transporte, mas, súbito, escondeu o rosto nas mãos e rebentou em soluços convulsivos.

José estremeceu: as lágrimas que lhe pingavam nas mãos, apesar de tudo, comoviam-no. Não pensava que aquela hora *para ele* também seria amarga.

— Asnath! — murmurou resvalando a seus pés — não chores assim; juro-te por Eloim (ergueu a mão solenemente) que te restituirei à liberdade e tudo que puder fazer para suavizar tua prisão provisória, eu o farei. Dize-me o que desejas, terás aqui tudo que quiseres; todas as tardes, ou todas as noites, virei passar algumas horas junto de ti: somente ama-me e crê em mim; vê, eu to

suplico de rastos.

— Farei tudo o que quiseres, contanto que me retires deste antro horrível — murmurou trêmula.

— Fá-lo-ei logo que possível, e se me amas como eu a ti, suportarás paciente este período de reclusão. Aqui virei haurir forças, confiar-te meus planos; tu, só, saberás tudo, lerás em minhalma, conhecerás o momento em que hei de empunhar o cetro e, deste subterrâneo, sairás para o trono.

Toda a ambição, todo o orgulho desmesurado que lhe enchia a alma, flamejava no olhar, vibrava na voz, e esta energia, este poder dominador que ressumava de todo o seu ser dava-lhe uma feição positivamente fascinadora. Por instantes Asnath, subjugada, esqueceu que era o seu carrasco que lhe estava aos pés; não refletiu que as falaciosas palavras, a torrente de paixão em que a inundava, não eram mais que o véu enganoso de uma terrível realidade; viu somente os olhos cintilantes de amor, o murmúrio dessa voz metálica deslumbrou-a e, enlaçando o pescoço do marido, encostou os próprios lábios na sua

boca, essa boca traidora, que lhe prometia o céu e a condenava ao inferno.

VII

PRIMEIROS FRAGORES DA TEMPESTADE

A história do E g i t o só mencio-
na um A d o n (a l é m de J o s é) que g o -
vernou o país inteiro. O rei Horem-
hib (Horus segundo Manethos) da
XVIII dinastia conforme a narração
de um monumento conservado em
Turim, a n t e s de subir ao trono,
ocupou alguns altos cargos que o
aproximaram da pessoa do F a r a ó ;
este ficou t ã o satisfeito com seus
serviços que finalmente o elevou à
dignidade de Bo-hir, isto é, de Epi-
tropo, ou procurador de todo o país.
N e s t a qualidade, s e m ter u m igual
ao seu lado, Horemhib foi Adon du-
rante alguns anos, a t é que se tornou

herdeiro do trono e definitivamente

cingiu a coroa real.

De tudo isso decorre que o Adon

do pais inteiro ocupava um cargo

tão elevado que José trazia de di-

nheiro o título de Moschel ou Schal-

lith, isto é, de um príncipe ou regente

do reino. — Brugsch — ***Histoire***

d'Egypte sous les Pharaons.)

Tinham decorrido algumas semanas. A notícia do trágico fim de Asnath enchera de estupor e desespero toda a família de Potífera. Maia, alquebrada e envelhecida, passava os dias em lágrimas e orações, e somente

o sacerdote, passado o primeiro momento de dolorosa prostração, tinha readquirido estranha calma: recusou celebrar as cerimônias fúnebres antes de passado um ano, esperando — dizia — que as águas devolvessem os despojos. E, à recompensa estipulada por José a quem en-

contrasse o corpo de sua mulher, acrescentou uma soma equivalente.

Enquanto centenas de pescadores e pessoas de todas as condições, movidas pelo desejo de ganhar uma fortuna, esquadrinhavam o rio e suas margens, em todo o curso até à foz, a pobre Asnath continuava a vegetar na prisão. Desde muito extinguira-se a efêmera embriaguez provocada pela fogosa cena de amor entre ela e o marido, no primeiro dia do seu encerramento. Ele cumprira a promessa, visitando-a todos os dias, levando-lhe presentes e doces, assegurando-lhe o seu amor apaixonado, contando-lhe novas da Corte e da cidade, confiando-lhe seus planos, exceto o de casar-se com Hichelat.

Mas a mulher tudo ouvia com indiferentismo crescente; não acreditava mais numa afeição que impunha tal tortura, cada vez mais indiferente. Atormentavam-na o tédio, o desespero, o desejo de ver os parentes e só a convicção desoladora de que devia contemporizar com o terrível verdugo, à mercê do qual permanecia naquela masmorra inacessível, inspirava-lhe a coragem de não o

repelir abertamente. Empalidecia, definhava a olhos vistos, deitada dias inteiros em morna apatia; e só quando se sentia abafar, ia ao pátio refrescar-se e respirar o ar puro da noite.

Uma noite em que, sentada no banco de pedra, fitava com olhar desesperado o céu recamado de estrelas, estremeceu subitamente e levantou-se como eletrizada: a brisa "trazia-lhe o som longínquo de trombetas e de um cântico sagrado, que, pouco a pouco, aproximava-se, aumentando de intensidade.

Distinguiu logo, nítido, o coro de padres e sacerdotisas cantando um hino sagrado; depois, as vozes enfraqueceram e extinguiram-se ao longe. Ficara em êxtase; conhecia o hino e a festa que celebravam: era a procissão na cidade dos mortos, para sacrificar aos que repou-

savam no seio de Osíris e, entre eles seu nome talvez fosse pronunciado; seus parentes choravam-na, enquanto ela definhava naquela tumba. Com inaudita violência des-

pertou-se-lhe o desejo de viver e desencadeou-se-lhe nalma uma tempestade de desespero. Como louca, rasgou as vestes, correndo pelo pátio e batendo-se de encontro aos muros; por fim, cambaleante e exausta, voltou para o subterrâneo. Mas a prostração foi curta e o espírito atormentado, desesperando do auxílio humano, voltou-se para a divindade, buscando socorro e proteção. Arrancando do pescoço um amuleto de Ra, que lhe dera o pai, caiu de joelhos e, apertando a relíquia nos lábios, murmurou com exaltação: "Poderoso deus do qual meu pai é o sacerdote; tu, a quem no santo dos santos ele vê face a face e de quem recebe ordens, dá-me um sinal de que ouves minha voz, de que vês minhas lágrimas; deus Sol, que dás luz e calor a tudo o que vive, ilumina este cárcere e dize-me se devo esperar a libertação ou perecer neste túmulo; porque, então, prefiro enterrar o cutelo no coração e sacrificar meu sangue em libação, no teu altar, enquanto minhalma livre irá, junto de meu pai, descobrir-lhe a realidade. Responde-me, poderoso deus; é a filha de Potífera que te implora, do teu servo

devotado que toda a vida tem fielmente servido o teu altar; que aumentou e embelezou teu santuário e te oferece, com suas mãos puras, as dádivas consagradas; dá-me um sinal da tua proteção."

Pronunciara esta invocação em voz cada vez mais alta e vibrante; palpitante de exaltação, braços estendidos, olhar ardente, exigia imperiosamente um sinal divino, parecendo mais ordenar que implorar, quando, súbito, da figurinha de ouro e cornalina que apertava nas mãos convulsivamente, jorrou um feixe de chispas multicores. Alvacenta nuvem desenhou-se no fundo escuro da cripta, a fraca claridade da lâmpada fundiu-se em deslumbrante clarão que jorrou da nuvem e, de repente, ergueu-se próximo uma forma humana, rodeada de irradiações douradas. Era um adolescente de estatura elevada e esbelta, revestido de túnica tão alvinitente que era difícil suportar-lhe o brilho; encimando-lhe a fronte, fulguravam sete

estrelas com as nuanças de um prisma; o rosto de beleza

sobre-humana, grandes olhos serenos a refletirem calma inalterável.

— Vim ao teu apelo, filha do meu fiel servidor — disse como em acorde de harmonias —, em recompensa à tua fé, e anuncio-te que sairás desta prisão e viverás livre; assim como a próxima libertação da terra de Kemi, do jugo que a esmaga. No trono sentar-se-ão os filhos de Amon-Ra e, em todos os templos, os servidores dos deuses cantarão o hino da libertação. Espera, pois, sem murmurar, pacientemente, filha de Potífera, e crê na palavra do teu deus.

A luz extinguiu-se de chofre, a radiosa visão desapareceu e, como esmagada, Asnath tombou nos ladrilhos. Mas, ao cabo de um instante, levantou-se e uma prece de graças ardente brotou-lhe do coração ulcerado para o deus misericordioso, que a iluminara com um raio de imperecível esperança.

Sim, acreditava-o de toda a sua alma, e não estava sonhando, porque a seus pés jazia uma flor de lótus, que o imortal visitante lhe deixara em sinal tangível da sua

graça.

A esse tempo, José se preparava para dar o golpe decisivo e obter a mão da princesa. É verdade que ele desejava procrastinar, deixando decorresse algum tempo sobre a morte da mulher, que fingia lamentar profundamente; mas, diversas circunstâncias induziram-no a apressar o desenlace e assegurar-se uma posição inatacável.

Em primeiro lugar o ódio do povo, contra ele, aumentava em proporções inquietadoras e começava a desbordar em demonstrações jamais tentadas. Certa feita, chegara a assumir caráter de verdadeira sedição e isso apesar da presença do Faraó.

Celebrava-se uma festa anual e Apopi, seguido de José e toda a comitiva brilhante, dirigiu-se ao templo; a multidão extraordinária e nunca vista desde que a fome e a miséria dizimavam o povo, tinha-se postado em todo o percurso do cortejo, e somente à força de murros e pauladas, aplicados a esmo nas costas descarnadas e nas

cabeças obstinadas dessa turba, podiam os guardas abrir passagem ao trono portátil, de Apopi, coberto com as reais insígnias. A multidão mantinha-se silenciosa, mas apenas a repeliam num ponto, refluía para outro com irresistível tenacidade. Quando, depois do sacrifício, o rei deixou o templo, as massas populares se reapertaram subitamente, calcando tudo o que se lhes opunha. De repente, as faces macilentas, os olhos ardentes dos homens da primeira fila estavam ao lado da liteira real: "Dá-nos pão, pão, sem nos tirar o último trapo que nos cobre os rins!" — gritaram centenas de bocas.

Apopi ficou tão branco como a túnica que vestia e só o hábito permitiu conservasse a imobilidade indiferente, prescrita pela pragmática. Baixou os olhos, simulou surdez, mas quando aos gritos de "pão! pão!" juntaram-se vociferações furiosas e centenas de vozes bradaram: "Abaixo o Adon! morra o usurário, o opressor! fora o chacal que se farta com a nossa ruína!" o cetro tremeu na mão do Faraó e contrações nervosas lhe desfiguraram o rosto.

O rubor da cólera inundou o rosto de José. Num gesto brusco, chamou um oficial da comitiva e deu algumas ordens. Quase logo repercutiu uma fanfarra e os soldados caindo sobre a multidão forçaram-na a recuar a golpes de escudo e ponta de espada. Gritos de angústia, clamores de feridos foram abafados ao som das trombetas; mas de repente as massas exasperadas voltaram à carga; alaridos ferozes dominaram qualquer outro ruído; pedras, cajados começaram a voar, cutelos cintilaram nos punhos levantados e tornava-se difícil prever o que sucederia se, no instante crítico, uma carga de cavaleiros Hyksos, de lança em riste, não tivesse sulcado uma brecha e desembaraçado o cortejo real, que atingiu apressadamente o palácio. A multidão foi escoiceada, varrida por um pelotão de carros que acompanhava os cavaleiros e o povo se dispersou, deixando no local cerca de vinte mortos e uma centena de feridos.

Logo que chegou aos aposentos, o Faraó chamou José e, presa de grande agitação, ordenou-lhe distribuísse gratuitamente trigo aos habitantes mais pobres de Tanis e

arredores. O Adon teve que obedecer; fizeram-se, no dia seguinte, fartas distribuições aos mais famintos e a calma pareceu restabelecer-se. Todavia, o incidente produziu tal abalo no espírito do rei, que, nessa mesma noite, enfermou. As crises nervosas de que sofria assaltaram-no com violência inaudita. Apesar da fraqueza, que se seguia a esses ataques, Apopi delirava; as cenas do motim assaltavam-lhe a imaginação e seu estado inspirou sérios receios aos médicos. No fim de quinze dias começou a melhorar, mas continuava debilitado, estremecia ao menor ruído e, quando adormecia, sonhos horríveis o senhoreavam: via o povo furioso invadir o palácio, assassinos esconderem-se debaixo da cama, grupos famulentos espedaçá-lo a dentadas e, despertava em gritos, pondo em alvoroço toda a Corte.

O mais exaltado era talvez José: se Apopi morresse antes de tornar-se seu genro e reconhecido como herdeiro da coroa, tudo estaria perdido. Resolveu agir logo que o

Faraó estivesse bastante melhorado para ouvir falar de negócios. Além disso, receava que a princesa o precedesse e obtivesse autorização para casar com Armais.

É verdade que os dois jovens estavam muito impedidos de se verem e se falarem, depois do desaparecimento de Asnath; mas José suspeitava que se correspondessem por intermédio de uma pessoa que ainda não pudera descobrir, tão bem guardado era o segredo.

Ele não amava Hichelat, única pessoa da família real que nunca lhe testemunhara uma afabilidade quase servil, como .os primos do rei, que, todos o temiam; mesmo Namourod e sua mulher, os quais o tratavam como igual e, não tendo filhos, acariciavam e faziam todas as vontades aos dois filhos dele, tendo-os em casa dias inteiros, depois que os consideravam órfãos de mãe.

Só ela, a altiva rapariga, nunca se tinha afastado, perante o Adon, da sua gravidade real; nunca, por um gesto de benevolência, tinha-lhe poupado uma só das genuflexões prescritas no protocolo e, depois do desaparecimento de Asnath, parecia reservar-lhe uma hostili-

dade mal disfarçada; também seu espírito vingativo se

deleitava, de antemão, com a vingança a exercer contra ela. Representava-se o encanto picante de vergar aquela orgulhosa fronte, forçando-a a submeter-se-lhe como esposa. E tudo o que sofreria de humilhação, quando reaparecesse Asnath, sua mulher legítima, enquanto ela não passaria de sua concubina. Além de tudo, era bastante bela para diverti-lo na sua meia viuvez.

Preparou-se pois, certa manhã, para ir ao palácio. Os documentos que lhe tinham servido outrora para violentar Armais, deviam ajudá-lo agora a conquistar Hichelat e destruir, definitivamente, as probabilidades do rival.

Quase à mesma hora, em pequena sala do palácio que fazia parte dos aposentos privados do rei, achavam-se Apopi e a filha. Tinham jogado as damas, mas, fatigando-se logo, o Faraó estendera-se num leito e Hichelat, sentada a seus pés, num tamborete, fitava com olhar ansioso o rosto pálido e descarnado do pai.

— Por que estás assim calada e tristonha, tu cujo riso é minha única alegria, e cuja presença afugenta os fantasmas que me perseguem? — perguntou subitamente o rei.

Ela ergueu-se lesta e, ajoelhando-se, enlaçou o pescoço do pai.

— Ah! se quisesses poderias tornar-me tão feliz que o riso nunca mais me fugiria dos lábios — murmurou, conchegando ao seio o rosto purpúreo do monarca.

— Fala francamente, minha querida; há atualmente tão poucas pessoas felizes no Egito, que eu nada mais desejo do que dar felicidade, ao menos à minha filha — respondeu num sorriso melancólico.

— Dá-me para esposo Armais, o filho do sacerdote de Heliópolis — disse ela em tom súplice. E, sucintamente, contou a história do seu amor.

— E ele ama-te? — perguntou o rei estremecendo.

— Sim, de todo o coração.

O Faraó levantou-se rubro e, calado, começou a passear na sala; por fim, parou junto de Hichelat, ansiosa:

— Preciso refletir e falar sobre isto ao Adon; quero saber se, ao parecer dele, é prudente dar-te a um homem

cujo pai é meu inimigo pessoal e alma de todas as intrigas tramadas com o *haq* de Tebas.

Intenso rubor tingiu o rosto delicado da princesa.

— Queres condicionar minha felicidade e meu futuro à fantasia desse homem que só a tua vontade tirou da lama? — disse ela com veemência. — ó pai! meu casamento com Armais, o egípcio, te granjearia muito mais seguramente a casta sacerdotal do que as crueldades do Adon, que exasperam o povo contra ti.

— Não compreendes nada disto, Hichelat, e peço-te que te abstenhas de termos ofensivos falando de um conselheiro e servidor cuja fidelidade tenho comprovado — disse Apopi, franzindo o sobrolho.

Nesse momento, ouviu-se o som, amortecido pela distância, de um toque militar.

— É o Adon que chega; vou pois, desde já, falar-lhe.

Retira-te e ainda esta noite saberás a minha decisão.

Sem responder, Hichelat deixou a sala. Mas, em vez de voltar aos aposentos, ocultou-se nas amplas e espessas dobras do reposteiro. Minutos depois de se conservar imóvel no seu esconderijo, entrou José. Estava visivelmente nervoso, pensativo e, depois de ter saudado o rei, beij ando-lhe os pés, declarou ter negócio grave a expor.

— Que sucedeu? pareces-me nervoso — perguntou Apopi, designando-lhe o tamborete.

— Sim, meu senhor e benfeitor, minhalma se entristece por ter de confiar ao teu ouvido o plano de uma conspiração odiosa, cujo sacrílego fim era atentar contra a tua vida.

Vendo o rei empalidecer, acrescentou prontamente:

— Não te assustes, meu rei; enquanto teu servo viver, ele vigia e nem um cabelo te cairá da cabeça sagrada e venerável. É para obter tua autorização de extermínio desses miseráveis, qual merecem, que aqui vim.

Expôs rapidamente todos os detalhes do atentado tramado outrora por Armais e seus amigos, e acrescentou

ao terminar:

— O que me é particularmente doloroso é que o instigador dessa abominação seja Armais, o irmão de minha

mulher; mas, por mais penoso que me seja destruir um parente tão próximo, não posso hesitar quando se trata da vida do meu soberano.

— Ah! o miserável traidor! E ousa ainda pedir minha filha para esposa! — exclamou o rei trêmulo de raiva.

José pareceu um instante mudo de espanto, depois disse com enfado:

— Na verdade! Ainda é mais ousado e infame do que eu pensava. Achou, sem dúvida, que, como noivo da princesa, teria mais facilidade de se aproximar de tua real pessoa e poderia ferir-te mais seguramente. Hoje mesmo mandarei prender o traidor.

Agil e silenciosa qual serpe, Hichelat esgueirou-se do esconderijo e voou ao seu quarto, onde se trancou. Tomando das pranchas, traçou apressadamente: "Foge, Ar-

mais; José acaba de desvendar ao rei vossa conspiração para assassiná-lo. Apressa-te; dentro de algumas horas serás preso com teus cúmplices. Foge; e que os deuses te perdoem!"

Tendo fechado e selado a missiva, chamou Ouna e lha entregou, ordenando que a levasse sem demora ao jovem oficial. O anão, que era justamente o inacessível intermediário da correspondência da princesa com Armais, desapareceu logo, enquanto Hichelat, impalpável como sombra, retomava o caminho dos aposentos do pai. Quando lançou um olhar para o interior, viu o rei aplicar o selo num papiro, entregando-o a José.

— Isto basta. Dentro do mais breve prazo deve ser instaurado o processo e os culpados serão executados.

— Mas, como direi à infeliz Hichelat que o seu amado está condenado à morte? Minha língua se recusa a isto. Miserável! roubar o coração da filha para matar mais seguramente o pai — acrescentou fechando os punhos.

— Quando a princesa conhecer os verdadeiros móveis do amor de Armais, arrancará, certamente, do coração

um sentimento indigno dela — respondeu José.

O Faraó levantou-se bruscamente e saiu, quase roçando Hichelat, sem descobri-la.

Pensativo, José inclinava-se na mesa e examinava a assinatura real, quando sentiu alguém segurar-lhe **o**

braço. Voltou-se e, surpreso, reconheceu Hichelat Um só olhar ao rosto lívido da princesa, seus lábios trêmulos e os olhos ardentes, fizeram-no compreender que ela sabia o que acabava de passar-se. Decididamente, as circunstâncias o favoreciam; a presa cobiçada entregava-se, por si mesma, em suas mãos.

Com todas as demonstrações de respeito, quis prostrar-se, mas, pela primeira vez, a moça lho impediu.

— Deixa as formalidades, Adon, pois foi para te rogar que vim aqui. O acaso me fez ouvir o que acabas de dizer ao rei: pois bem! quero lembrar-te que Armais é o irmão de tua pobre e infortunada Asnath; ao tormento que padece seu Ka (alma) por ver o corpo insepulto, queres

juntar o de entregar o irmão ao carrasco? — disse com voz entrecortada.

— Que posso fazer, princesa? Ele próprio condenou-se à morte, tramando um regicídio e, na verdade, admiro-me que intercedas por um homem que quis matar teu pai.

— Amo Armais — disse ela com orgulhosa franqueza — e não posso acreditar que tenha querido assassinar meu pai. Mas, não importa, as aparências são contra ele: que desapareça portanto, que fuja e se oculte em algum país longínquo; somente não quero que morra e venho suplicar-te, Adon, a ti que tudo podes perante o rei, obtenhas dele uma comutação de pena, ou me auxilies com a tua própria autoridade a salvar Armais. Olha, para abrandar teu coração, estou pronta a te implorar de joelhos.

Lágrimas ardentes impediram-na de continuar, mas, resvalando aos pés de José, ergueu para ele as mãos postas.

O Adon levantou-a rapidamente.

— Que é isso, princesa? Desejaria servir-te, mas é

quase arriscar a própria cabeça o que me pedes. Todavia, há um meio de conciliar tudo; amas bastante o traidor para não recuares diante de coisa alguma, a fim de salvá-lo?

— Estou pronta a sacrificar tudo, até a vida — respondeu Hichelat sem hesitar.

— Bem; então, dize-me em primeiro lugar o que queres.

— Que facultes a evasão de Armais e de seus cúmplices.

— Isso não posso fazer, a preço algum. A justiça deve seguir seu curso para todos os conjurados, com exceção de meu cunhado. Fecharei os olhos à sua fuga, com a condição única de que, para me garantir de toda a responsabilidade, tornar-me inatacável de futuro, *tu,* princesa Hichelat, consintas em ser minha esposa.

Ela recuou, estarrecida.

— Eu! eu? queres-me para esposa, sabendo que amo

Armais? — exclamou enfim, toda trêmula.

— Não é teu coração, mas tua mão que peço; e justamente porque amas Armais, proponho-te escolher minha mão ou sua cabeça — respondeu rapidamente. — Ao sair daqui tudo estará acabado; e, ainda esta noite, o culpado será preso e submetido a tortura.

Com um grito surdo a moça cobriu o rosto com as mãos e encostou-se, cambaleante, na cadeira antes ocupada pelo pai. Travava-se em seu íntimo uma luta atroz; tinha lido muito claramente nas pupilas verdes do Adon que era mais fácil amolecer o granito de um obelisco do que o homem inflexível que lhe impunha a inaudita condição.

E contudo, o pensamento de lhe pertencer inspirava-lhe tal horror, que, por vezes, a morte de Armais pareceu-lhe preferível. Sim, a m o r t e . . . m a s . . . a tortura? Que suplícios não inventaria o demônio para vingar-se da sua recusa? A cabeça tonteou, deu um gemido abafado e, todavia, os lábios ficaram mudos.

Lentamente, José enrolou os papiros e dirigiu-se para

a porta. Ainda um passo e o limiar seria transposto, Armais estava perdido. "Que vale meu amor se recua diante de um sacrifício?" Esse pensamento passou como relâmpago pelo cérebro dolorido da moça.

— Fica, acedo — murmurou num cicio.

Um raio de triunfo jorrou dos olhos do Adon. Com duas passadas estava ao pé da princesa.

— Pois bem, nosso pacto está concluído. Não preciso dizer-te que ele deve ficar entre nós; mas como garantes o cumprimento da tua palavra, uma vez que Armais esteja longe?

Hichelat levantou-se e seu olhar flamejante de orgulho e desprezo mediu o Adon dos pés à cabeça:

— *Minha palavra?* Está garantida pela minha nobreza principesca; a filha de um Faraó não especula e não mente, mesmo quando se trata da sua vida perdida. Sem dúvida julgas-me por ti mesmo, e, quem sabe? talvez medites já uma traição. És tu, covarde traficante de vida

humana, quem me deve *garantir* que não matarás Armais, depois de me haveres extorquido a promessa de esposar-te.

José empalideceu de cólera:

— Fazes mal insultando-me, princesa; em convênio como o nosso, é justo premunir-se contra a versatilidade feminina e só se consentires que hoje mesmo informe ao Faraó da felicidade que me cabe, deixarei para me aperceber muito tarde que Armais fugiu.

— Bem; apenas repito que, também eu, exijo um penhor da tua sinceridade; dá-me esse documento que tens em mão, eu to entregarei dentro de três dias.

Sem esperar resposta, arrancou o papiro das mãos de José estupefato, e acrescentou desdenhosa:

— E agora, vai anunciar ao pobre rei cego, que desconfia de todos, exceto da serpente a que tirou da lama, que não te bastam todas as honras de que te saciou e ainda precisas da filha para fazer dela um pedestal e estender a mão para a sua coroa.

Deu-lhe as costas e saiu correndo.

José acompanhou-a com olhar irônico e rancoroso:

"Terei o cuidado de tornar-te mais humilde, mulher altiva e perigosa, perspicaz como verdadeiro inimigo" — resmungou, dispondo-se a procurar imediatamente o rei. Mergulhado em profundo marasmo, Apopi estava estendido num leito; tinha despedido toda a gente, e a entrada do Adon, que era só quem tinha o direito de se apresentar diante dele a qualquer hora, pareceu-lhe incômoda. Enquanto José, em termos humildes, porém firmes, expunha-lhe o pedido, acrescentando que a princesa consentia em desposá-lo, febril rubor coloriu as faces do rei: o orgulho despertava, segredando-lhe que, da parte desse escravo liberto, era um excesso de imprudência pretender a mão da filha, que, além de tudo, amava outro. Um instante teve ímpetos de mandá-lo agarrar pelos guardas e arremessá-lo à turba ínfima, de onde o havia tirado. Mas essa reação de energia extinguiu-se tão depressa como viera. Enervado pela moléstia, desacostumado da atividade governamental, Apopi habituara-se a

viver à sombra do seu chanceler... E não era um gigante, esse homem que tinha açaimado os padres, desarmado Taá III, tornado tributárias do seu cetro todas as províncias do Alto Egito? Ele, cujo olhar penetrante descobria qualquer conspiração, e que, com mão de ferro, esmagava qualquer sedição? Que faria sem ele, abandonado às dificuldades inauditas da situação? Subitamente, o fraco rei sentiu quase alívio ao pensar em ligar-se ainda mais a esse homem perigoso e forte. Baixou a cabeça e apenas perguntou:

— Mas, como e por que Hichelat, que pretendia amar o traidor, mudou tão rapidamente de opinião?

— Pilho de Ra, um coração de mulher é cera mole e devo dizer-te que a princesa surpreendeu parte da nossa conversa. Depois da tua saída, ela apareceu-me e quis conhecer a parte de Armais na conspiração. Sua alma desviou-se, então, do miserável e, concedendo a mão a teu servo, feriu duas vezes o traidor.

Espero que o tempo e um amor fiel conquistarão o coração da tua divina filha, se tua bondade inefável per-

mitir seja minha esposa.

— Que seja, pois, assim. De longo tempo me és próximo e caro, e regozijo-me de poder conceder-te a recompensa de te tornares membro de minha família — respondeu Apopi com voz fraca, estendendo a mão ao terrível favorito.

Quando, meia hora depois, José deixou o quarto real, mandou chamar o comandante de Tanis e todos os conselheiros presentes no palácio, deu-lhes parte do que

acabava de resolver e ordenou que, no dia seguinte, ao romper da aurora, anunciassem ao som de trombetas, em todos os quarteirões de Tanis, as núpcias do Adon com a filha do Faraó.

*

Caíra a noite, Tanis estava mergulhada no sono e até no grandioso palácio real reinava o mais profundo silêncio. A essa hora, velavam somente as sentinelas e uma mulher que, sentada ao pé de uma mesa, cabeça debru-

çada nos braços, poderia supor-se adormecida, se o tremor nervoso que às vezes lhe agitava o corpo não denunciasse que chorava silenciosamente.

Era Hichelat; a inquietação e o desespero tinham-na expulsado da cama. A tarde ainda, sua coragem se submetera a uma nova prova; fora chamada à presença do pai, junto do qual estavam sua irmã, o príncipe Namourod e alguns parentes e dignitários, bem como o Adon. Escrutando com percuciente olhar o rosto desfigurado da filha, o rei perguntara se era do seu desejo esposar José e, dada resposta afirmativa, colocara a sua mão na do chanceler. Mas o que aumentara a tortura moral da moça, é que Ouna não tinha reaparecido e ela não sabia se Armais tinha partido. Contudo, estava bem decidida, caso José fizesse alguma perfídia, a destruir-lhe os planos, matando-se.

Tendo vestido ampla túnica de dormir e mandando entrançar os cabelos, a princesa despedira as criadas, proibindo que a incomodassem e, devorada pela angústia, levantara-se e sentara-se na pequena sala contígua ao

terraço. O ar estava fresco, mas não deu por isso e, debruçando-se na mesa, deu livre curso às lágrimas.

Havia mais de uma hora que estava nessa atitude, quando no terraço apareceu um pequeno ser desfigurado, que se insinuou no quarto e lhe tocou ligeiramente no braço, murmurando: "Caluda!" Hichelat levantou-se, estremecendo:

— Ouna, onde estiveste tanto tempo? — disse em tom de censura.

— Não pude vir, minha real senhora, mas o que fiz alegrará teu coração. Agora, vem; ele está no jardim e não quer partir sem ver-te.

— Vamos — respondeu, segurando o braço do anão e arrastando-o para o terraço.

Apesar da escuridão quase completa que reinava sob o arvoredo, Ouna e sua companheira corriam com segurança e rapidez, que provavam o conhecimento daqueles sítios, e logo alcançaram a parte dos jardins reais, que mar-

ginavam o Nilo. Ali, num banco escondido pela folhagem espessa, estava sentado um homem envolto num manto escuro, agitado, impaciente, arrancando punhados de sarças. Súbito, uma sombra esbranquiçada surgiu na entrada do bosque e, murmurando em voz abafada — "Armais!" — atirou-se-lhe aos braços. Um momento conservaram-se silenciosamente abraçados, mas, de repente, ele afastou a moça, perguntou com voz entrecortada:

— É verdade o que me disseram no templo? És noiva do Adon? Que significa semelhante decisão?

— Significa que, por tal preço te garanti a vida e a segurança da fuga; mas tu, Armais, responde: como pudeste, amando-me, decidires-te a matar meu pai?

— Quis fazê-lo outrora, quando cheguei de Heliópolis, mas nunca depois que te amei — respondeu indignado. E contou então o que se tinha passado e que José tinha já utilizado os mesmos documentos para forçá-lo a casar-se com Serag.

— Agora os empregou para me destruir e te conquistar; mas, por esse preço, não quero a vida e antes de saber-

-te entregue ao monstro, matá-lo-ei ou morrerei — terminou fremente de raiva.

— Não tentes uma loucura que te perderia sem me salvar, mas se meu pedido, minha tranqüilidade têm algum valor a teus olhos, foge. Que meu sacrifício não se torne inútil.

Desculpando-te de uma intenção odiosa, livraste meu coração de um peso esmagador. E agora parte, vive para Potífera e para teu país; vinga-me e vinga o Egito do seu opressor, mas não esqueças nunca que Apopi foi meu pai.

— Viverei, pois, para a vingança e na esperança de arrancar-te ao miserável, que há de morrer nas minhas mãos. E, então, seremos felizes, porque nada pode separar nossos corações. Se antes te amei, agora te venero, adoro como à própria Isis.

— Adeus, Armais! Um pressentimento me diz que meus olhos nunca mais te verão, mas, no teu coração a pobre Hichelat viverá sempre. Adeus! Adeus! vai-te, os

instantes são preciosos.

Enlaçou-lhe o pescoço, beijou-o nos lábios, mas quando Armais quis ainda retê-la, escapou-se-lhe dos braços e desapareceu na sombra das árvores.

Hichelat tinha retomado, correndo, a direção do palácio, mas, depois de atravessar algumas alamedas, parou subitamente e, num louco acesso de desespero, atirou-se na relva úmida e ficou imóvel. Parecia-lhe que Armais levava consigo o seu coração, a sua vida, o seu futuro, e que ia rolar num abismo mais terrível que o Amenti.

Por que milagre do instinto Ouna a encontrou? Difícil dizê-lo. Mas, horrorizado, o anão verificou que a jovem senhora, transida de frio com aquela fina túnica de linho, perdera os sentidos. Espantado, suspendeu-lhe a cabeça, esfregando-lhe as mãos e acabou por fazê-la voltar a si.

Cabeça em fogo, membros pesados de chumbo, Hichelat arrastou-se até o quarto e deitou-se; mas, quando no dia seguinte as criadas aflitas por não serem chamadas, lá penetraram, encontraram-na estendida, em prostração completa, os olhos parados, banhada em suor gelado. Não

reconheceu ninguém e os médicos, chamados, declararam o seu estado dos mais perigosos. Horas depois das fanfarras anunciarem aos habitantes de Tanis os esponsais do Adon com a filha do Faraó, espalhou-se a notícia de que a jovem princesa, acometida de febre perniciosa, estava entre a vida e a morte.

VIII

RA MANIFESTA SUA VONTADE

A i m a g e m do deus é o verdadeiro mistério do santuário. Orações, sacrifícios, ritos misteriosos, obtêm da divindade descer do céu para animar e vivificar a e s t á t u a de pedra. Os padres da l g r e j a ainda e s t a v a m convencidos de que as e s t á t u a s p a g ã s se a n i m a v a m às v e z e s e exerciam no espectador u m a influência diabólica. — B r u g s c h — *Steininschrift und Bibelwort.*

O disco do Sol começava a subir acima da cadeia

Arábica; seus raios inundavam de ouro e rubis as águas do Nilo e, ao longe, os templos e obeliscos de Tebas.

Deslizando serena sobre as águas baixas do rio sagrado (apertado entre baixios ou entre as massas abruptas de lama escura, cozida e recozida pelo Sol), navegava uma barca muito simples, pintada de preto e provida de pequeno camarote. Seis remadores trabalhavam penosamente para fazer avançar a embarcação, ora servindo-se de compridas varas, ora dos remos, quando a profundidade o permitia.

Despertados sem dúvida pelos gritos do piloto, dois homens saíram do camarote e, encostando-se ao mastro, olharam o horizonte. Um, baixo e obeso, de aspecto jovial e evidentemente turbulento por natureza, pôs-se desde logo a conversar com os marinheiros, enquanto o companheiro, moço esbelto, de alto porte, permanecia calado,

fitando com olhar sombrio a paisagem desolada que se estendia pelas duas margens. Na verdade, o deserto pa-

recia invadir a terra de Kemi: por toda parte a areia cobria os campos e a vegetação mofina, de folhagem pulverulenta, mal se diferençava do lençol amarelado e polido que cintilava no meio dessa atmosfera abrasada.

— Olha, lá está Tebas e dentro de poucas horas (abençoados sejam os deuses!) lá estaremos — exclamou o homem baixo, cuja cabeça raspada denunciava um padre.

— Para quem viaja acabrunhado, a chegada não causa alegria — respondeu o mancebo suspirando.

Depois, designando a praia, acrescentou com amargura:

— E que coração não se espedaçaria com esse espetáculo desolador! Isto é o Egito; este deserto de pó, em uma época do ano em que as colheitas deveriam cobrir a terra! Este rio meio ressecado é o Nilo, cujas majestosas águas há mais de um mês deveriam trazer por toda parte a fecundidade e a vida! Oh! quando cansará a cólera dos deuses!...

O rosto do padre se tinha enfarruscado:

— Tens razão, Armais; desgraçados tempos, estes que atravessamos, e este ano tampouco se pode contar com uma colheita: como haveremos de nutrir os desgraçados por mais um ano?

Armais não respondeu e ambos voltaram ao camarote. Foi somente próximo de Tebas que o rapaz voltou a falar com o companheiro, escriba de um templo de Mênfis, que o acompanhara na fuga e a quem encarregava de escrever a seu pai e a Hichelat. Pouco depois atracavam e os remadores despejaram no cais algumas cestas trançadas contendo a pequena bagagem do viajante. O escriba chamou alguns carregadores e os dois companheiros se separaram: um dirigindo-se ao templo de Amon, outro em demanda à residência de Hor — o chefe dos archeiros reais.

A tristeza e a miséria que dizimavam o Egito pesavam também visivelmente sobre a antiga capital do Alto

Egito e não eram disfarçados, como em Tanis, pelo faus-

toso luxo da corte faraônica.

O antigo noivo de Asnath ocupava pequena mas confortável vivenda não longe do palácio de Taá. Acreditou-se mal-assombrado vendo chegar Armais; mas, com a franca cordialidade que o caracterizava, estreitou-o nos braços, instalou-o logo em quarto contíguo ao seu, e quando o recém-vindo se reconfortou com a merenda, conversaram de coração aberto.

As notícias trazidas por Armais sombrearam desde logo a fisionomia dos interlocutores e a comunicação do desaparecimento de Asnath mergulhou Hor em raivoso desespero.

— Outrora, acreditei num incidente infeliz, mas logo que José desmascarou seus planos em relação a Hichelat, não duvido mais que Asnath tenha morrido assassinada. Ela devia dar o lugar a uma esposa de raça realenga, que abre a José o caminho do trono — terminou Armais. — Oh! quando iremos, enfim, a Tanis, castigar esse cão imprudente e arrastar pelas ruas os seus membros sangrentos?

Hor levantou-se e passou a mão pelo rosto desfigu-

rado.

— Quem sabe essa hora estará mais próxima do que supomos? Vens admiravelmente a propósito: hoje mesmo há importante reunião em casa de Taá; os *haqs* de todas as províncias do Alto Egito vieram a Tebas deliberar se não seria possível tentar um levante geral, que pusesse fim à situação já intolerável. A miséria aqui é atroz; todos os príncipes se tornaram tributários, o povo está escravizado a Apopi; é à custa dos maiores sacrifícios que os templos e os grandes nutrem os soldados, a fim de conservar um exército de homens válidos, mas isto não pode durar muito tempo e o exército será dizimado, como o resto, pela fome. É, portanto, uma quase necessidade arriscar um golpe decisivo e tu vens muito a propósito para esclarecer os chefes, e ao rei, o estado dos espíritos, das forças dos Hyksos e dos seus meios de defesa. Vou entender-me de pronto com o rei e pedir autorização para levar-te esta noite ao conselho secreto. Descansa enquanto esperas, para teres o espírito lúcido; precisamos traba-

lhar para vingar, enfim, nossa felicidade tão miseravelmente destruída — terminou o chefe dos archeiros com um olhar de ódio feroz.

Na hora em que o calor asfixiante começava a declinar substituído por agradável frescura, Hor e Armais encaminharam-se a pé para o palácio de Taá III**.** Ambos mostravam-se circunspectos e, ocultando a mágoa pessoal, apenas conversavam sobre os negócios do Estado. Hor punha o jovem companheiro ao corrente da situação; fez-lhe uma pintura característica dos *haqs* reunidos e, afinal, anunciou-lhe que os preparativos de guerra acumulados durante anos, por Taá III**,** com uma energia extraordinária, estavam terminados, tanto quanto o permitiam as circunstâncias: a flotilha pronta, as armas e munições depositadas nos armazéns e o velho rei, valente e possuído de indomável decisão, esperava impaciente o momento de agir, realizar o sonho da sua vida, libertando o Egito do jugo dos opressores. Acrescentou que Taá tinha encontrado um auxiliar ativo em Ahmés,

rapaz dotado de prudência e energia invulgares na sua idade. Quanto a Kamés, o herdeiro da Coroa, seu estado enfermiço o afastou da administração e, segundo todas as previsões, sua vida não podia ir muito longe.

Depois de curta expectativa, os dois homens foram introduzidos na sala do Conselho, onde todos, com exceção de Taá III, já estavam reunidos. No fundo, sobre um estrado de dois degraus, estava a poltrona real, junto da qual um tamborete era destinado a Ahmés; aos dois lados do trono, cadeiras baixas para os nomarcas e alguns padres da classe mais alta; sobre esteiras, curvados, diversos escribas e, mais ao fundo, oficiais de altas patentes, os conselheiros militares do rei. Foi com eles que se misturaram Hor e Armais; mas o primeiro apenas teve tempo de trocar algumas palavras com os amigos, quando a entrada dos dois príncipes interrompeu as conversas.

Taá in pouco tinha mudado: a idade ainda não tinha podido curvar-lhe o corpo robusto; seu rosto bronzeado transpirava saúde e, sob as espessas sobrancelhas brancas, os olhos negros cintilavam com energia toda juvenil.

O pequeno Ahmés tinha-se tornado um belo rapaz, de ex-

terior elegante e esbelto, cuja precoce gravidade fazia-o parecer mais velho.

Depois de ter amistosamente saudado os nomarcas e o resto da assembléia, Taá III sentou-se e entrou logo no assunto. Explicou aos aliados o estado da questão; os preparativos feitos e por fazer, enfim a necessidade dè tentar um levante se não quisessem arriscar-se a ficar arruinados, a tal ponto dizimados pela fome, que qualquer tentativa de repelir o estrangeiro (o qual, como aranha venenosa, enleava pouco a pouco o seu território e os seus vassalos) se tornaria impossível. Por fim, pedia-lhes, antes de emitir opinião, que ouvissem um homem chegado naquele mesmo dia de Tanis e que lhes podia ministrar todos os informes desejáveis.

Quando Armais foi prostrar-se diante do trono, Taá lhe fez sinal que se levantasse e disse com benevolência:

— Soube por Hor o concurso de circunstâncias que

te determinaram a procurar refúgio em Tebas; sê bem-
-vindo, nobre filho do venerável Potífera, aqui acharás
amigos e eu, assim como os meus nobres aliados aqui pre-
sentes, esperamos sirvas à causa da libertação da terra
de Kemi, com tanta dedicação como teu ilustre pai.
Acabas de ouvir a importante questão que nos con-
grega; dize-nos tu, que vens de Tanis, o que sabes quanto
ao estado do país, a disposição dos espíritos, os meios de
defesa dos *ehasous* e as medidas que tomaram para o
caso de tomarmos a ofensiva.
Armais inclinou-se modestamente diante dos prínci-
pes e depois, em linguagem clara e imaginosa, expôs em
primeiro lugar o que concernia à questão militar, descre-
vendo a seguir a miséria e exasperação do povo, o ódio
feroz que o Adon inspirava a todas as classes populares,
que só esperavam um sinal de Tebas para levantar-se
como um só homem. Quando Armais mencionou o motim,
gritos de satisfação fizeram-se ouvir, mas a notícia dos
esponsais de José com a princesa Hichelat provocou ver-
dadeira tempestade. Todos compreenderam que o cruel

opressor do Egito preparava-se para apoderar-se audaciosamente da Coroa.

— Na opinião de meu pai e de todos os padres, não devemos dar tempo ao miserável de galgar o poder supremo; todos te chamam, divino filho de Ra, como a um libertador; à tua aproximação, milhares de aliados se juntarão aos teus soldados, porque, tanto nas cidades como nos campos, cada coração egípcio pulsa por ti. Os próprios deuses te são favoráveis, os astros te predizem a vitória e terríveis sinais provam que o *chasou* e seu indigno assecla cansaram, com suas iniquidades, a paciência dos imortais.

Assim concluiu Armais, inflamado.

Empenhou-se animada e ruidosa discussão, todos os príncipes nomarcas optavam pela guerra e desejavam-na quanto antes, ávidos por vingar suas perdas e repelir obrigações odiosas; mas alguns velhos, temendo os riscos de uma derrota, aconselhavam esperar ainda. As alusões

começavam a se envenenar, quando se levantou o velho sacerdote de Amon-Ra e reclamou um momento de silêncio.

— O que o olhar humano não pode sondar, é conhecido dos imortais; para eles o futuro não tem segredos e a palavra dos nossos adivinhos, assim como as notícias hoje recebidas dos veneráveis profetas de Mênfis, de Sais e Heliópolis, parecem provar que os deuses nos são favoráveis; mas, para que nenhuma dúvida possa ainda existir, vem, ó rei, consultar teu divino pai no seu santuário; agirás como ele te disser.

— Teu conselho é prudente, venerável padre, conformar-me-ei com ele; amanhã irei consultar meu pai em sua casa sagrada, e ele me responderá se a sua cólera contra o Egito está apaziguada; amanhã, à tarde, nos reuniremos novamente aqui e transmitirei a todos a palavra do grande deus — respondeu Taá, levantando-se e saudando a assembléia, que se dispersou tumultuosamente.

Na época que versamos, o templo do grande deus de Tebas estava ainda longe de ser o monumento colossal,

cujas ruínas confundem o forasteiro contemporâneo, tanto por suas dimensões como pela riqueza e originalidade da ornamentação. Amon-Ra não era ainda a primeira divindade do Egito; seu templo era um edifício muito sim-

pies, de alvas pedras calcárias, com portas de granito e pilastras de dezesseis faces, que lhe decoravam o interior. A miséria geral também reagia sobre o estado da casa do deus, regulado, como se sabe, pela Corte e, em vez de receber do povo inteiro dons e ofertas, era agora o deus que nutria os esfaimados com os magros rendimentos dos seus domínios.

No dia imediato, Taá dirigiu-se pela manhã ao templo e foi recebido à porta por dois padres, de pés nus e cabeça raspada, os quais, depois de se terem prostrado, o introduziram com a comitiva no pátio destinado aos sacrifícios. O rei que, desde a aurora, se tinha purificado por meio de um banho no Nilo, sacrificou dois touros brancos, leite, incenso e perfumes preciosos, depois do que o

sacerdote cingiu-o com faixas sagradas, aspergiu-o com água lustral e purificou-o uma última vez com o fumo do incenso. Depois conduziu-o até à entrada do santuário e retirou-se.

Grave, profundamente concentrado, o rei penetrou no Santo dos Santos: uma sala de pequenas dimensões, cujas paredes, à meia altura, eram revestidas de chapas de cobre. A luz vacilante de uma lâmpada iluminava fracamente o sólio sagrado, ricamente decorado, sobre o qual estava a barca de Amon-Ra, projetando-se nos dourados e incrustações do *naos* (1) meio coberto por comprida sanefa branca. Depois de prostrar-se e orar silenciosamente, Taá abriu as portas do *naos.* Mal se distinguindo na sombra que a envolvia, via-se a estátua do deus, cujos olhos de esmalte reluziam com um resplendor fosforescente: "Poderoso deus dispensador de vida e graça; tu que formaste com tuas mãos tudo o que existe; tu que não tens começo nem fim; tu de quem decorre toda seiva de vida e cujo sopro cria as almas, ouve minha oração — murmurou o rei, elevando as duas mãos: — venho implorar-te, a ti que és a força,

o número, a harmonia; que ouves a súplica dos surdos, cegos, fracos, estropiados; que criaste a quem não com-

(1) Camarote que existia na barca e servia de nicho à es tátua piotrchape.

preende tua sabedoria, ouve-me, Amon-Ra, meu pai celeste, e projeta um raio de luz no caminho tenebroso do destino do povo de Kemi. Devo tentar sacudir o jugo esmagador dos *chasous?* Combaterás a meu lado, enchendo de terror os inimigos e dando a teus filhos a vitória? Ser--me-á dado reunir o Alto e o Baixo Egito num império, a fim de que, das cataratas ao mar, todos os povos cantem a glória de Amon-Ra e adorem o seu poder?"

Nesse instante um raio dourado surgiu no fundo do *naos,* iluminando os membros dourados do deus, sua barba negra trançada e os olhos que fitavam Taá como se vivos fossem. Cheio de supersticioso temor, o rei viu a cabeça da estátua inclinar-se três vezes; depois, desprendeu-se uma voz harmoniosa, vibrante e metálica, mas como que

velada pela distância:

"Vai, meu filho — disse ela —, concedo-te quebrares o jugo do estrangeiro impuro, que infesta a terra de Kemi e ousa aquecer-se aos meus raios; por toda parte onde brandires tua acha-de-armas, a vitória te precederá e o sangue fumegante dos inimigos, subindo a mim, será um aroma agradável as minhas narinas.

"Minha cólera se apaziguará e as águas sagradas do Nilo, tanto tempo retidas, virão no tempo prescrito trazer-vos fecundidade e abundância. A glória e o triunfo iluminarão o declínio da tua vida e tua memória abençoada e venerada viverá eternamente como libertador do meu povo. Mas é na cabeça de Ahmés que porei a dupla coroa; abençoarei sua posteridade e dele nascerão os maiores Faraós que jamais reinaram sobre a terra do Nilo. Para que ninguém duvide do que acabo de dizer-te, que Ahmés deposite em meu santuário uma vara cortada da árvore sagrada e, por um sinal visível, provarei a graça de que vos quero saturar."

O raio extinguiu-se bruscamente; silêncio e escuridão

encheram de novo o santuário. Trêmulo de místico terror, Taá prostrou-se, adorou o deus benfazejo que acabava de o encher de nova esperança. Fechou as portas do *naos* e retirou-se.

Com o rosto incendido, comunicou ao sacerdote o que acabava de ouvir e ficou decidido que, depois de se ter

purificado com três dias de jejum e oração, o jovem príncipe traria ao templo um ramo da árvore sagrada de Pérsea (1), que ele próprio cortaria e depositaria por uma noite, no santuário.

O boato da resposta favorável ao rei, pelo próprio Amon-Ra e da promessa de um sinal visível da sua graça, espalhou-se rapidamente em Tebas e arredores, despertando em todas as classes alegria e ansiedade; a desgraça

feria tão duramente a cada qual, sofria-se de tão longo tempo, que todos os corações estavam desacostumados de esperar.

Assim que, na tarde do terceiro dia, enorme multidão se amontoou em todo o percurso, entre o palácio e o templo; logo apareceu, rodeada de condutores de tochas, a sede portátil na qual estava sentado Ahmés, levando na mão a varinha da árvore sagrada que acabava de cortar.

O belo e enérgico semblante do príncipe exprimia solene gravidade.

Diante do recinto do templo, as massas populares eram tão compactas que o cortejo passou com dificuldade; mas logo que apareceu a liteira, as maciças portas de bronze se abriram e o príncipe foi recebido por padres carregados de tochas, que o introduziram no primeiro pátio; depois dele, entraram todos os dignitários da comitiva e tanto povo quanto o templo podia conter, porque, desta vez, a cerimônia era pública e, diante de todos, iam suplicar ao deus cumprimento da promessa.

Do interior do templo partiu, então, uma procissão de padres conduzindo a barca de Amon-Ra, que foi colocada em sólio para isso preparado, e o sacerdote abriu as portas do *naos;* depois, apresentou-se ao príncipe uma caixinha aberta, na qual ele pôs o ramo de Pérsea; na tampa da

(1) Entre as diversas árvores que, nesta qualidade, gozavam de veneração especial, estava em primeiro lugar a espécie chamada pelos gregos Pérsea. Desde os mais remotos tempos os egípcios lhe votavam uma atenção especial. Mesmo os primeiros cristãos do Egito herdaram essa antiga crença e criaram uma graciosa legenda para metamorfosear sua santidade pagã em santidade cristã. — Brugsch — Ob. clt.

caixa o pontífice colocou sete velas de cera virgem e depositou-a na mesa diante do *naos* aberto. Elevando os braços, o sacerdote pronunciou uma invocação ao deus benfeitor, pedindo-lhe mostrasse, diante de todo o povo,

que autorizava o servo a depositar no santuário a vara da árvore sagrada e provasse, com um sinal visível, a glória e felicidade que reservava ao príncipe e à sua posteridade.

Toda a gente caiu de joelhos e fez-se grande silêncio: todos os olhos estavam pregados na barca sagrada e, ao cabo de um instante, viu-se uma centelha rutilar no fundo do *naos,* dilatar-se em chama que lucilou uma segunda vez sobre a cabeça da estátua e depois, crepitando, flutuou no ar e foi acender os sete círios na tampa da caixinha.

Um murmúrio de alegria, temperada de supersticioso temor, percorreu as fileiras da multidão e somente quando a barca, assim como a caixinha conduzida pelo sacerdote, desapareceram no interior do templo, o povo se dispersou, grave e recolhido, mas cheio de impaciência pelo dia seguinte.

Desde a aurora, massas ainda mais compactas que na véspera, invadiram todas as ruas. Ruidosas aclamações receberam a liteira real, na qual sentavam-se Taá III

e Ahmés, pálido de emoção; atrás deles seguiam todos os nomarcas e altos funcionários presentes em Tebas, entre os quais Hor e Armais.

No grande pátio, diante de uma estátua de Amon-Ra, os padres sacrificadores, armados de luzidios cutelos, postavam-se junto das vítimas enfeitadas de flores e fitas.

Depois que Taá, ajudado pelo príncipe, sacrificou um touro, os dois penetraram no templo e, enquanto no pátio o sangue fumegante das vítimas continuava a correr, alguns veneráveis padres conduziram os príncipes ao santuário, a cuja entrada pararam com Ahmés, enquanto Taá entrava no Santo dos Santos. Desta vez, uma luz suave e branca, semelhante a luar, iluminava a pequena sala. Provinha da chama acesa de sete trípodes colocadas em torno da barca de Amon-Ra, diante da qual o sacerdote estava ajoelhado. Braços erguidos, imóvel, era uma

expressão de fanático. Aroma sutil e penetrante saturava o ar, enquanto ao longe se ouvia deliciosa música; vozes

melodiosas casavam-se ao som das harpas, ora elevando-se em acordes majestosos, ora perdendo-se em harmonioso murmúrio.

Quando o rei prostrou-se, um silvo semelhante ao vento tempestuoso encheu subitamente o santuário; deslumbrante clarão jorrou do *naos* e, quando se extinguiu, só a lâmpada suspensa no teto iluminava o tabernáculo do deus. O sacerdote levantou-se e, tomando a caixinha aberta, apresentou-a ao rei: no fundo jazia o ramo de Pérsea marcado com o sinete de Ahmés, mas a vara seca havia-se coberto de folhas, de flores, e entre elas via-se um fruto maduro. Trêmulo de emoção, Taá, acompanhado pelo sacerdote, deixou o santuário e aproximou-se de Ahmés, que o esperava cheio de inquietação e impaciência, entregando-lhe o ramo florido.

— Toma, filho, este sinal visivel da graça do grande deus, da proteção que promete a ti e a tua raça. E agora, vai mostrar também a todo o povo esse penhor de uma divina promessa de alegria e de esperança.

Com a rapidez do raio, a notícia do milagre tinha-se

espalhado no exterior, despertando na multidão verdadeiro regozijo, que se transformou em tempestade de entusiasmo quando apareceu a liteira real, a mover-se lentamente, dando tempo a todos de contemplar a vara maravilhosa, cheia de viço e de flores, que Ahmés suspendia na mão, saudando o povo com gracioso sorriso. Extraordinária efervescência se apoderara das massas populares, ardentes como o sol de fogo que as banhava. A miséria, a ruína, a fome foram esquecidas. Podia-se ainda desesperar, temer pelo futuro, quando o próprio Ra prometera glória ao rei e ao seu herdeiro; e ao povo de Kemi todos os bens da terra? O Nilo transbordaria e suas águas fecundas trariam a cada qual o pão cotidiano, a abastança, o trabalho e, como remate de tudo, a expulsão do estrangeiro. Derramando lágrimas de felicidade, aqueles homens, cuja maior parte não possuía mais que o pedaço de pano grosseiro que lhes cingia os rins, atiraram-se aos braços uns dos outros, abraçando-se como irmãos, dando-se parabéns pela feli-

cidade que os aguardava. Depois, de milhares de peitos partiu o grito: "Viva Sekenen-Ra Taá, o rei abençoado pelo Céu! Viva Ahmés, a esperança do pais de Kemi!" Prostravam-se rendendo homenagem a esses dois homens como aos mais poderosos Faraós. O impulso geral tinha arrastado até os nomarcas, dos quais, mais de um, no fundo d alma, aspirava para si mesmo o supremo poder; e foi entre os estrondos dessa tempestade de entusiasmo que os dois príncipes voltaram ao palácio.

Desde esse dia, os últimos aprestos de guerra prosseguiram com ardor febril, cada qual trabalhava como para si mesmo e secretos correios levaram a todos os principais templos do reino de Apopi a noticia de que, dentro de dois meses, quando muito, Taá III deixaria Tebas com o seu exército, para sitiar Mênfis.

IX

QUEM SEMEIA VENTOS COLHE TEMPESTADES

José governava todo o E g i t o e não se vendia trigo aos povos senão

por ordem sua. — *Gênese,* **cap. XLII,**

v. 6.

Porque em todo o mundo faltava

pão e a fome afligia toda a terra,

m a s principalmente o E g i t o e o país

de Canaã. — *Gênese,* **cap. XLVII,**

v. 13.

Durante três semanas a vida da princesa Hichelat esteve por um fio. Todavia, a mocidade triunfou e lentamente se restabeleceu, mas, por ordem médica, instalou-se numa casa de campo perto de Tanis, a fim de isentar-se de todo ruído e agitação. O casamento foi adiado por dois ou três meses. No primeiro período de convalescença, José ia muitas vezes ver a noiva e, irritado com a fria indiferença que ela lhe dispensava, invariavelmente, censurou-a um dia por demonstrar tão ostensiva frieza ao seu futuro esposo.

— Creio que esqueceste que foi para resgatar a vida de um ser amado que te concedi a mão — respondeu, medindo-o desdenhosa e altivamente. — Portanto, além do

nosso acordo, nada existe de comum entre a filha do Faraó Apopi e o homem reles que ele tirou da lama para desgraça sua e do seu povo. Poupa-me, portanto, de censuras ridículas; se te vendi minha pessoa e direitos correspondentes, contenta-te com isso. O futuro dirá se a cólera

celeste não te há de impedir de aproveitá-lo e não te destruirá por mais mágico que sejas.

Furioso, José voltara-lhe as costas e, depois, apenas fazia à noiva visitas oficiais. Além disso, os negócios políticos absorviam-lhe todo o tempo e, com tenacidade e energia, preparava-se para transpor o derradeiro obstáculo que o separava da meta ambicionada. O tímido Faraó, completamente dominado pelo terrível favorito, cego pelo desejo de ver a filha dileta ocupar o trono, consentira que José fosse proclamado herdeiro da Coroa. Para esse importante ato político, o rei e o futuro genro decidiram fixar o dia do casamento, a celebrar-se com pompa única. O projeto não estava anunciado oficialmente, mas, como

era natural, entre os íntimos do rei, parentes e sumidades administrativas, sabiam que a proclamação do Adon estava sendo preparada. Compreende-se que a perspectiva de saudar como príncipe herdeiro o antigo escravo de Putifar despertasse sentimentos muito díspares.

Blindado no seu orgulho, mais que nunca impiedoso e cruel, José não prestava atenção à atmosfera pesada, asfixiante, ameaçadora, que pesava sobre Tanis qual nuvem de chumbo.

A miséria e a fome tinham provocado uma epidemia perniciosa, que dizimava o povo; os cadáveres negros e inchados dos infelizes jaziam nas ruas e nas estradas e nunca a atividade silenciosa dos templos tinha atingido tão vastas proporções. Carregados de provisões e remédios, os padres de grau inferior circulavam nos quarteirões pobres e nas aldeias, distribuindo cuidados e esmolas às crianças, às mulheres, aos velhos; mas os homens sãos e jovens desapareciam pouco a pouco dos campos, reunindo-se insensivelmente nos quarteirões miseráveis, ocupados pelos egípcios em Tanis.

Os jovens famintos e doentes achavam abrigo no recinto sagrado dos templos; nos subterrâneos, nos imensos celeiros vazios pululavam exércitos de homens exasperados, prontos para tudo; e por toda parte os caritativos benfeitores, tratando os doentes, distribuindo alimentação, insinuavam brandamente que os sofrimentos eram um castigo pela apatia do povo de Kemi, submisso ao es-

trangeiro impuro e que, quando se apresentasse o ensejo de sacudir o jugo vergonhoso, cada qual devia sacrificar a vida e tudo o que possuísse, a fim de readquirir a benevolência dos imortais.

Nas hospedarias improvisadas nos templos, os serviçais dos deuses falavam mais explicitamente à multidão esfarrapada que sustentavam. Consolando os moribundos e cuidando dos doentes, os veneráveis padres diziam francamente que era tempo de acabar com a intolerável situação; que os celeiros do Estado continham trigo bastante para nutrir todo o Kemi durante dois anos, e que bastaria

tomar o que pertencia ao Egito e aos seus filhos, em lugar de ver os impuros *chasous* nutrindo-se com ele gratuitamente; que esses pestíferos estrangeiros não pagavam, como os egípcios, com a sua liberdade e haveres a côdea de pão, pois o cão imundo, favorecido com o título de Adon, não deixava morrerem de fome os *chasous.* Mas os tempos se aproximavam, a hora da vingança estava iminente, os astros o prediziam, visões e profecias o anunciavam, sendo apenas necessário estar pronto para agir no momento decisivo. Depois de tão insidiosos discursos, as faces lívidas se coloriam de animação febril, um ardor fanático cintilava nos olhos e, cheios de ódio feroz, os homens procuravam brandir as armas, verificar se os músculos tinham readquirido vigor bastante para entesar um arco ou sufocar o *chasou* que lhe caísse nas mãos. E justamente na ocasião em que José considerava a desgraçada população por tal modo enfraquecida e desanimada que lhe seria impossível atentar contra o Governo, seus inimigos tinham preparado e aguçado, à sorrelfa, uma terrível arma de destruição, que só esperava o momento

de funcionar.

De resto, era contra o inimigo proveniente de outro lado, que o Adon tomava as medidas mais enérgicas, embora secretas. Um desses espiões, que ele distribuía por toda parte, trouxe-lhe de Tebas a notícia das manifestações celestes, que prometiam a expulsão dos *chasous* e o ressurgimento da abundância; dos preparativos de guerra de Taá III e do entusiasmo inaudito das populações do Alto Egito. Apesar do novo e terrível inimigo que

lhe criava a perspectiva de guerra indubitavelmente acompanhada de uma revolta de todos os vassalos egípcios de Apopi, a natureza de aço de José não esmoreceu e, com energia e presteza, tomou medidas defensivas. As guarnições de Tanis e Mênfis foram dobradas; todos os chefes de tropas e comandantes de cidades receberam instruções do seu próprio punho; transportou parte considerável dos seus tesouros para sua tribo, que recebeu ordem de estar pronta, a fim de, ao primeiro sinal, fugir para Avaris; mas

tudo isso se fez sem ruído, enquanto oficialmente se preparavam festas e regozijos para a data do casamento com Hichelat. Somente, irritado, ferventando raiva interior, mostrava-se cada vez mais impiedoso e o orgulho da suprema posição que ia ocupar, dentro de algumas semanas, fazia-o cada vez mais desprezar quaisquer conveniências.
Dois fatos então ocorridos em Tanis puseram em relevo a crueldade de José e sua brutal violência contra a casta sacerdotal; mas, também eles deveriam tê-lo prevenido de que a medida da paciência popular, muito violentamente revolvida, estava prestes a se esgotar.
Um desses fatos foi o processo dos conspiradores, companheiros de Armais, acusados de ter querido assassinar o rei. Eram todos moços, pertencentes às primeiras famílias egípcias. Dois tinham conseguido fugir, nove foram presos e violentamente submetidos à tortura, depois condenados à morte. O estupor e o desespero encheram todos os corações, sobretudo de um padre chamado Ameni, primeiro hierogramatista do templo de Isis, e no qual a sentença produziu efeito fulminante. Entre os condenados,

estava o seu filho único, rapaz de 23 anos, o último que a sorte lhe deixara e a quem adorava cegamente. Em vão o desgraçado pai tudo fez para salvá-lo. Suplicou a Apopi, prostrou-se lacrimoso aos pés do Adon; o rei ficou surdo e José insensível aos rogos e a dor do velho. O Adon declarou apenas que, por uma graça insigne, em atenção à idade e à sua dignidade sacerdotal, não o condenavam, também ele, como pai do regicida.

O jovem Amenhotep foi executado, mas, desde esse dia, o infeliz pai caiu em marasmo profundo, fugindo dos homens e parecendo sempre ruminar alguma coisa que

ele mesmo não se explicava. Todos pensaram que tinha perdido a razão.

Certa manhã em que José ia subir ã liteira, um homem surgiu da multidão, insinuou-se como enguia entre os soldados da escolta e, arrancando o cutelo da cintura, tentou ferir o Adon em pleno peito. Por mais inesperado o ataque, um dos oficiais Hyksos teve a presença de espí-

rito para fazer saltar com um golpe violento o braço do assassino; a arma desviou-.se e, em vez de atingir o coração, lavrou extenso corte no ombro e no braço do Adon, que tombou ensangüentado. O criminoso, imediatamente preso e amarrado, era o velho Ameni.

José foi sem demora conduzido para casa e o médico que tratou do ferimento declarou-o sem perigo. O cutelo não penetrara além das carnes; todavia, o Adon furioso ruminou como poderia vingar-se, da maneira mais refinada, a fim de conjurar para sempre a reprodução de tais atentados.

A notícia do evento tinha afligido muitos amigos do velho padre e alguns dignitários sacerdotais dirigiram-se logo ao palácio do Adon, no intuito de explicar que Ameni estava louco, mas não foram recebidos. José mandou dizer-lhes que voltassem no dia seguinte, visto sentir-se muito debilitado com a perda de sangue.

Saboreando, antecipadamente, a injúria sangüinária que ia infligir á casta sacerdotal, mandou chamar o chefe da polícia de Tanis, rude e cruel Hykso de nome Sabou,

que o povo cognominara de carrasco e ordenou-lhe que, ao cair da noite, levantasse a forca defronte do templo de Isis, e enforcasse Ameni revestido dos hábitos sacerdotais, postando ao redor do patíbulo um destacamento de soldados para evitar aproximação durante três dias. Decorrido esse tempo, o corpo devia ser transportado para fora da cidade e atirado em pasto aos corvos. Um letreiro, no peito do criminoso, devia mencionar-lhe o nome, a condição e a sentença aplicada ao delito.

Quando, aos primeiros raios do sol nascente, os serviçais do templo abriram as portas de bronze do recinto sagrado, ficaram estupefacados com a forca, da qual pendia

o venerável Ameni, envolto na indumentária sacerdotal. Acima da cabeça raspada já voejavam as aves carniceiras. Num abrir e fechar de olhos, todo o templo ficou em polvorosa, uns mudos de horror, outros como tomados de loucura, rolando nas pedras. Os padres reuniram-se à entrada: a injúria era tamanha que os orgulhosos servido-

res dos deuses se interrogavam se não significaria o fim do mundo e se os deuses tolerariam semelhante iniqüidade. Não tardou que enorme multidão enchesse a praça, diante das torres, mas, amedrontado e trêmulo, o povo não ousava aproximar-se do patíbulo guardado por soldados de aspecto feroz e arma em punho. Ninguém notou que, do recinto do templo, surgiam homens pálidos e descarnados, olhos cintilantes de ódio selvagem, os quais se infiltravam na multidão, praguejando, pregando a revolta e a vingança de tão ignominiosa afronta. "É nosso dever — diziam — libertar o corpo ultrajado do venerável Ameni; deixá-lo-emos pendido aqui como qualquer malfeitor, privado de sepultura, este amigo dos pobres, consolador dos doentes e dos fracos, cujo desespero o levou a vingar a morte horrível do filho único? Vergonha para nós, se covardes ficarmos espectadores inativos, quando o opressor que se farta com a nossa fortuna, que nos deixa morrer de fome, começa a enforcar nossos padres, nossos benfeitores que se arruínam para nos nutrir. Se o deixarmos, ele arrastará nossos deuses ao lixo."

Tais discursos caíam como semente fecunda em ter-
reno fértil; as massas mudas, petrificadas de espanto,
começaram a ondular qual mar de óleo, um surdo ruído
levantou-se. Quem deu o primeiro passo? Quem deu o sinal
de agir? Ninguém poderia dizê-lo, mas, súbito, de todos
os lados a multidão arrojou-se para a frente e, sob pres-
são irresistível os soldados da guarda foram derribados,
pisados antes mesmo de poderem utilizar as armas; num
abrir e fechar de olhos, o patíbulo foi abatido, e o corpo
de Ameni arrebatado. Levando o cadáver em troféu, a
multidão em bloco engolfou-se no templo, enquanto os
que não podiam penetrar saciavam a raiva, reduzindo a
migalhas os restos da forca e espedaçando os corpos dos
soldados Hyksos. Só uma carga de carros e cavaleiros pôde

dispersar os amotinados. Mais prudentes que na primeira
refrega, debandaram em todas as direções, abandonando
os membros sangrentos de suas vítimas, que preparavam
para atirar ao Nilo. As portas do templo imediatamente se

fecharam.

Esse acontecimento provocou severa sindicância. José, ardendo em fúria, mandou enforcar ou bastonar, sem misericórdia, quem quer que fosse suspeito de haver tomado parte no motim; mas não atacou novamente os padres, julgando que lhes tinha dado uma lição suficiente para o momento. Fingiu, pois, acreditar que Ameni fora assomado de loucura e reservou represálias ainda mais enérgicas para quando fosse Faraó. Além disso, o dia do casamento aproximava-se e não queria perturbar com execuções e possíveis reações populares a pompa real das núpcias.

Para essas, fazia imensos preparativos: os sacerdotes de todos os templos eram chamados a Tanis, fartas distribuições de trigo e roupas eram prometidas ao povo e, no palácio do Adon, deveriam regalar-se de vinho, cerveja e víveres, todos quantos lá se apresentassem.

Oito dias antes do evento, enquanto toda a cidade dormia, numerosa assembléia se reunia em uma das criptas do templo de ísis. Lá estavam os sacerdotes e os mais ve-

neráveis dignitários sacerdotais de Tanis, Mênfis, Sais, Bubastis, Heliópolis e outras cidades do Baixo Egito; alguns militares entre os quais Racapou e Putifar, e dois mensageiros de Taá III, chegados na véspera para anunciar que o rei e seu exército tinham deixado Tebas, marchando sobre Mênfis.

Discutia-se em voz baixa essa última notícia, quando Potífera entrou acompanhado de um homem alto, envolto num manto escuro; abaixo do capuz descido, longa barba branca cobria-lhe o peito.

— Meus amigos, trago-vos um aliado cujo poder e ciência nos auxiliarão no momento decisivo — disse o sacerdote cujo rosto austero refletia calma satisfação. — Todos vós sabeis que chegou o momento em que precisamos morrer ou vencer o miserável opressor que, com mão impu-

ra, quer apoderar-se da coroa e do cetro. O que ele nos reserva, quando dispuser do supremo poder, vimo-lo no assassinato de Ameni.

"Inimigo dos nossos deuses e do nosso povo, desejaria destruí-lo; mas, cansados dos crimes desse homem, os imortais nos enviam um auxiliar, o mestre que o dotou do saber que possui, e que vem destruir o que fez."

O desconhecido levantou o capuz e todos viram o rosto calmo e majestoso de Schebna. O sacerdote de Ptah em Mênfis e alguns padres de Tanis, que, evidentemente o conheciam, rodearam-no alegres, abraçando-o como a um irmão. Mas, vendo o espanto dos outros, Potífera voltou-se para eles:

— Em poucas palavras, amigos, vou explicar-vos a presença do venerável Schebna. Mais de uma vez, deveis lembrar-vos, nós nos temos interrogado por que acaso esse pastor nômade podia ter adquirido a ciência terrível de que dispõe, e até segredos de nós desconhecidos.

"Mas eu quis *saber,* porque ninguém, como eu, tem ferido o coração por esse cão nauseabundo, que destruiu meus filhos, fez branquear meus cabelos e enrugar-se-me o rosto por todos os ultrajes que me impôs. Quando, um dia, isolado no santuário, implorava a Amon-Ra conce-

desse, como única recompensa de meus longos serviços, lavar meu coração no sangue do opressor, o deus me inspirou uma idéia salutar; um emissário se estabeleceu junto da família do Adon e esse homem hábil e prudente soube logo, pelos selvagens e indiscretos pastores, que, no tempo em que José ainda vivia entre .eles, havia na tribo um velho sábio caldeu, que se interessava pelo rapaz e devia tê-lo instruído na ciência secreta.

"Foi um fio de luz, e, graças às relações entre todos os santuários, sem distinção de sangue, pude descobrir o nome e o retiro de Schebna; informei-o de nossa desgraça e apelei para o seu auxílio; ele veio a primeira vez e, tendo experimentado toda a ingratidão do miserável, que pretendeu prendê-lo, aqui esteve algum tempo oculto, depois em Mênfis, que deixou para retirar-se ao deserto. Agora, voltou por deliberação própria, a fim de nos oferecer o seu concurso."

— Sim, foi para isso que vim; desencadeei o mal e **é**

justo que o detenha — respondeu solenemente Schebna, quando todo o mundo o cercou para apertar-lhe a mão.

A discussão prosseguiu mais animada, ficando assentado que o dia das núpcias devia ser também o último do poderio do Adon; e que aproveitariam a perturbação da festa para desencadear a rebelião em diversos pontos, com a morte do Adon.

— Que seja minha essa tarefa: dou-vos minha palavra em como o meu aluno de outrora não verá levantar-se o sol do dia seguinte — observou Schebna.

— A ti, irmão, o direito de abater o monstro ao qual deste bico e garras, e não menos justo será que, no dia em que o audaz criminoso ornar a fronte com o *uraeus,* a áspide real o penetre com o seu dardo mortal — respondeu Potifera com um sorriso de satânica ironia.

*

Pálida, taciturna, silenciosa, Hichelat tinha voltado para Tanis, onde a esperava efêmera alegria. Por intermédio de um padre, recebera notícias de Armais, certificando-a de sua feliz chegada a lugar seguro (por cautela não

fala em Tebas) e reafirmando o seu amor em termos apaixonados, rogando-lhe não perdesse a coragem, visto como esperava firmemente que os deuses ainda lhes acordariam a felicidade.

Comprimiu nos lábios as linhas traçadas pela mão amada, enquanto lágrimas amargas inundavam-lhe as faces. Nada mais esperava: dentro de vinte e quatro horas não seria a mulher do maldito?

A idéia de que uma fatalidade cruel lhe conservara uma vida que só inspirava aborrecimento, quando a morte estivera tão próxima, proporcionava-lhe desesperada cólera.

Segundo um velho costume, as moças festejavam a véspera do casamento com uma reunião de suas companheiras: jogos, danças e permuta de presentes mais ou menos preciosos, conforme a classe e a fortuna da noiva.

Hichelat, porém, recusou terminantemente a tradição. Alegando sentir-se ainda fraca e fatigada da moléstia, prefe-

riu ficar só e passar em recolhimento e oração a derradeira noite de solteira. Apopi, inquieto com a palidez e morna apatia da filha, acedera ao seu desejo e, na véspera das núpcias, achamos Hichelat sozinha no quarto. Até a melhor amiga, Nephtys, filha do comandante de Tanis, se recolhera ao quarto contíguo, ao ver o abatimento e o mutismo da amiga. Fugiram as horas e a princesa não se moveu do terraço; deitada numa poltrona, olhar perdido no vácuo, refletia que essas horas tão fugazes eram as últimas da sua liberdade; que no dia seguinte pertenceria a José e, à idéia de ser sua mulher, de sofrer constantemente a sua presença, um suor glacial a inundava, invencível sentimento de horror e repulsa lhe esvurmava o coração.

O dia todo fora quentíssimo, o ar pesado, abrasado, asfixiante, dificultava a respiração. A tarde, nuvens negras invadiram o céu; um vento forte começou a soprar e alguns longínquos trovões anunciaram a aproximação da tormenta. Vendo que a amiga não prestava atenção a esses fenômenos inquietantes, Nephtys foi ter com ela

e convidou-a delicadamente a recolher-se. Hichelat levantou-se, sem objeção, e as duas subiram ao gabinete da princesa, que, com enorme pesar para Nephtys, postou-se não longe da janela e recaiu logo em seu cismar. Em compensação, a filha do comandante, que se tinha sentado perto dela num coxim, fitava ansiosamente o exterior. Por um claro entre as árvores do jardim, via-se o Nilo, cujas vagas eram fustigadas pelo vento, sacudindo como cascas de noz as embarcações que tentavam chegar à margem.

A noite caiu logo e verdadeira tempestade se desencadeou; relâmpagos fulgurantes zebravam o céu negro; o trovão rugia ininterrupto, fazendo tremer os alicerces do palácio; o vento sibilava, vergando e torcendo as palmeiras e grossos sicómoros, como gravetos; enfim, a chuva torrencial começou a cair estrepitosamente.

Muda de espanto, Nephtys escondera o rosto nas mãos, enquanto Hichelat permanecia indiferente e calma. Aquele

desencadear dos elementos aliviava-a, parecia-lhe que a sua tempestade íntima se descarregaria nessa tempestade exterior; que todo o seu desespero comprimido chorava, rugia, gritava no sibilar do vento e nos fragores do trovão. Com um longo suspiro apoiou a cabeça no encosto da cadeira e fechou os olhos.

Súbito, estranho rumor atingiu-lhe o ouvido e, transida de medo, viu as águas do Nilo transbordarem, crescerem quais montanhas, inundarem os jardins e rolarem as ondas espumarentas e tumultuosas pelo palácio; com vertiginosa rapidez as águas subiam, penetravam por todas as portas, alagando-lhe o quarto e ameaçando afogá-la. Nesse instante surgiu do férvido bulcão um homem de estatura gigantesca; barba alvacenta, cintilante como gotas de orvalho ao Sol, moldurava-lhe o rosto de beleza severa e, todavia, juvenil; uma coroa de lótus cingia-lhe a fronte e os grandes olhos de azul-ferrete refletiam a soberba calma das energias conscientes. Tomando-a nos vigorosos braços, apertou-a de encontro ao peito. Hichelat sentia o contacto do poderoso deus desconhecido, tinha

consciência de que as águas geladas submergiam-na, arrastavam-na; sentia-se morrer. Em vão tentou debater-se, desprender-se: o abismo a tragava e, com um grito surdo, levantou-se. Seu olhar agitado vagou pelos objetos conhecidos que a rodeavam e ali estavam fracamente iluminados pela lâmpada colocada no fundo do quarto, fixando-se depois em Nephtys, ajoelhada a seu lado e fitando-a ansiosamente.

— Sonho, ou visão? Em todo o caso, um anúncio de morte — murmurou estremecendo. — Vem, Nephtys, desçamos, quero deitar-me; e tu, vigia ao pé de mim até de manhã.

*

Apesar da satisfação inaudita, radicada no seu orgulho, em cingir o *uraeus,* que o esperava dentro de poucos dias, o Adon estava atormentado por vaga inquietação e só a vontade de ferro e orgulhosa confiança que lhe inspirava o seu poder conseguiam dominar os maus pressentimentos. Essa disposição de espírito provinha de duas

causas: a primeira era sua posição em face de Asnath, que o embaraçava cada vez mais. Havia semanas, não tinha visitado a esposa, cujo mudo desespero e visível enfraquecimento o irritavam; e o pensamento de que ela pudesse morrer antes de fazê-la reaparecer para vingar-se e degradar Hichelat, enchia-o de furor. A segunda causa, que ainda mais o preocupava, era uma série de maus presságios que se tinham sucedido nos últimos tempos. Assim que, os astros consultados deram resposta desfavorável, anunciando no seu caminho perigos desconhecidos; o sol-poente mostrara uma grandeza dupla da habitual e cercado de três círculos azulados, o que, segundo os adivinhos caldeus, predizia a destruição do rei.

José interpretou esse presságio pela morte de Apopi, que desapareceria para lhe ceder o trono, quando, na manhã da véspera do casamento, um fato ainda mais agourento veio alarmá-lo: um cão desconhecido insinuara-se no salão do palácio do Adon, emporcalhara o sofá; depois, vomitara nos degraus da escada e, para cúmulo da des-

graça, se tinha escapado sem que soubessem por onde e como. Era notório a toda a gente que um tal incidente significava a morte do dono da casa.

Uma nuvem sombria cobriu a fronte de José, e quando, à tarde, desencadeou-se a tempestade, a inquietação, a vaga agonia que o ensombrava empolgou-o novamente com redobrada violência. Cabisbaixo, galgou a escada da torre do observatório; queria enfrentar os relâmpagos e escutar o trovão — essa voz retumbante das forças planetárias.

Sombrio, de cenho carregado, encostou-se a uma colunata, fitando atentamente o céu e os ziguezagues do fogo, que, fendendo as nuvens negras, pareciam ferir a terra. O claror dos relâmpagos iluminava fantasticamente a silhueta do Adon vestido de branco, e seu rosto característico, sereno e intrépido no meio da tempestade que estrondeava em torno.

Súbito, uma girândola de fogo iluminou todo o horizonte e um raio pareceu ferir a torre, que vacilou em sua base. Assombrado, José fechou um momento os olhos,

mas, quando os abriu de novo, um grito de louco terror

morreu-lhe na garganta. Abaixada no parapeito do observatório, rodeada de larga auréola fosforescente, estava a sua esfinge protetora; mas o rosto, outrora tão calmo, era agora sombrio e ameaçador; seus olhos flamejavam e a estrela da testa, vermelha de sangue, despedia, crepitando, fagulhas luminosas.

— Ingrato, a quem nutri com a seiva do meu ser, a quem aqueci com o meu sopro e abriguei sob as asas — murmurou o misterioso ser —, que fizeste desta terra de Kemi, onde te fiz grande e poderoso? Tu a semeaste de ruínas e cadáveres; meu seio esgotou-se com a tua ardente avidez e as maldições que sobre ti pesam fizeram pender para o abismo a balança do teu destino. Não mais te protejo. Que a tua sorte se cumpra e as emanações do mal, acumuladas na tua passagem pela Terra, recaiam no teu coração como nuvem de chumbo que te há de esmagar.

Desdobrando as asas imensas, a esfinge elevou-se nos ares, enquanto José sentia uma como martelada na cabeça, baqueando desacordado.

Quando reabriu os olhos, era dia alto; estava estendido na cama e Pibisi, o fiel escravo, friccionava-lhe o rosto e as mãos com essências aromáticas.

— Louvados sejam os deuses, senhor, pois que despertas, finalmente! Eu te supus morto, quando, depois de muito procurar, te encontrei no observatório. Ia mandar chamar o médico quando te moveste. Abençoado seja Osíris!

José levantou-se com a cabeça pesada e murmurou:

— Sim, o raio devia ter caído no jardim; fiquei atordoado.

— No jardim, não, mas fez inauditos estragos — respondeu Pibisi —; uma das torres, na frente do palácio do Faraó, ficou partida de alto a baixo; depois, no templo de Soutech, quebrou a cabeça do deus e o altar. O povo está muito impressionado com tudo isso.

José levantou-se taciturno, coração opresso; os pre-

núncios de desgraça se acumulavam e isso justamente no dia em que festejava o seu triunfo supremo. Mas, o indo-

mito orgulho e presunção tenaz, próprios da raça semítica, conservaram-no de pé; com o ousado desembaraço que seus descendentes herdaram e lhes faz estender mão ávida, não somente para a riqueza de qualquer nação, como para os mais elevados cargos, o chanceler do rei Apopi acreditava-se já solidamente sentado no trono faraônico e em condições de tudo afrontar. Esquecia que a Fortuna é deusa caprichosa, que, muitas vezes, se diverte em esmagar sob suas rodas aqueles que mostram ter sido demasiadamente favorecidos.

Com a sua peculiar atividade, o Adon ocupou-se dos negócios mais urgentes e, depois, fez-se aprontar para a cerimônia nupcial.

Quando, no espelho de metal, examinou a sua figura imponente e ajustou o gorro em forma de capacete, ornado com o *uraeus,* com o qual devia formalizar-se no palá-

cio, um sorriso de orgulhosa satisfação frisou-lhe os lábios e, empertigando-se, murmurou: "Pobre e ínfimo, venci o destino; Faraó do Egito, afrontarei o destino."

X

A NOIVA DO NILO

No palacio real era tudo ruído, alegria, animação; por toda parte flutuavam galhardetes, enlaçavam-se grinaldas; extensas filas de carros e liteiras despejavam os dignitários e suas esposas carregadas de jóias. E apenas os estragos produzidos pelo furacão, a torre meio destruída, mastros arrancados, árvores desenraizadas, assim como os buracos cavados pelas torrentes pluviais, contrastavam desoladamente com os aprestos da festa. Todavia, o aguaceiro tinha trazido suas vantagens; a folhagem lavada pelas grossas águas da espessa camada de pó que a cobria, parecia animada de nova seiva, o ar tinha readquirido frescura. Também, apesar da desordem e da lama invulgar, as ruas regurgitavam de povo e centenas de embarcações embandeiradas sulcavam as águas avolumadas e ainda tumultuosas do Nilo.

No salão do trono apinhava-se a multidão brilhante dos cortesãos e dignitários, e, destacando-se nesse fundo policromo, ostentava-se, qual faixa branca, a fila dos padres que, impassíveis, graves, concentrados, formavam grupo à parte. À face deles, no fundo da sala, estavam colocadas no estrado uma mesa e uma poltrona, junto da qual postavam-se dois escribas reais, segurando um prato de ouro com um papiro enrolado. Logo surgiu Apopi, conduzindo pela mão a filha ricamente trajada e coberta de pedrarias de valor inestimável.

Aparentemente, a princesa mostrava-se calma e nunca, talvez, sua beleza altiva ostentou um brilho tão fulgente; apenas, estava tão branca como a túnica bordada de ouro

e pérolas que vestia, e os olhos ora cintilantes e ardentes, ora velados e quase mortos, traíam a agitação interior.

Mal o rei e ela tomaram lugar no estrado e os porta-leques e a comitiva se gruparam em redor deles, José entrou na sala. Dirigindo-se desembaraçadamente para o

trono, prostrou-se; mas Apopi levantou-o com bondade; depois, voltando-se para a assembléia, declarou em palavras breves, mas claras, que sua saúde vacilante forçava-o a pensar no momento em que Osíris o chamasse a si, e que considerava seu dever nomear, desde logo, um sucessor. Acreditava não poder escolher outro mais digno do que o homem que ia tornar-se seu genro, o sábio e prudente conselheiro que salvara o Egito da fome e a cujo governo toda a gente estava habituada; cuja bondade e energia eram a mais segura garantia da prosperidade do Estado. Era, portanto, vontade sua que, desde aquele dia, fosse ele considerado o herdeiro do trono, pelo que ia imediatamente assinar o decreto que dava força de lei a essa disposição.

Descendo do estrado, dirigiu-se para a mesa preparada, na qual os escribas se apressavam a desenrolar o papiro e assinou o importante documento, que definitivamente entregava o Egito ao seu cruel opressor. Depois de aplicado o selo real, assinaram a seu convite Potífera e alguns outros dignitários. Isso feito, dois camaristas apresentaram

numa bandeja o gorro de púrpura em forma de capacete, ornado com dois *uraeus* de ouro — distintivo dos príncipes reais —, com o qual José foi coberto. Então, Apopi tomou a mão da filha e colocou-a na do noivo. Leve palidez cobriu o belo rosto de José e um estremecimento nervoso percorreu-lhe o corpo: finalmente, galgava o fastígio do estranho e soberbo futuro que lhe havia predito Schebna. Olhos cintilantes, narinas frementes, ergueu-se em toda a sua altura e seus dedos apertaram como um tomilho a mão gelada da princesa, enquanto gritos e aclamações estrugiam na sala e a Corte desfilava diante deles para felicitá-los.

A cerimônia nupcial deveria, conforme o programa, celebrar-se no templo de Soutech, mas, em conseqüência da destruição da imagem do deus, pelo raio, Apopi deter-

minara que trouxessem ao palácio a estátua de Hator, e era diante dela que devia proceder-se ao ato religioso. Em sala contígua, tinha sido colocada em altar portátil a ima-

gem da deusa recoberta de flores; atrás dela, postaram-
-se em semicírculo todos os padres presentes e, enquanto
as cantoras do templo entoavam um hino sagrado, o sa-
cerdote uniu, acima da chama de uma trípode, as mãos
dos cônjuges.

Hichelat, pálida e muda qual estátua de cera, parecia
indiferente ao que se passava. Súbita escuridão invadiu a
sala e um raio, acompanhado de trovão, pareceu jorrar do
teto, apagando a chama da trípode. Hichelat deu um grito
e, caindo para trás, perdeu os sentidos. Lívido e respirando
dificilmente, José amparou a jovem esposa, enquanto um
murmúrio de espanto percorria as fileiras de espectadores;
mas já a claridade do dia tinha voltado e verificou-se,
com admiração, que as flores que ornavam a estátua de
Hator estavam murchas e que no altar jazia uma víbora
morta. Donde tinha vindo? Oculta nas grinaldas? Nin-
guém o sabia e os padres ficaram mudos e impassíveis.
Pouco a pouco e graças à pragmática, todos se tran-
qüilizaram e a festa continuou; apenas a noiva faltou ao
festim; tinham-na conduzido desacordada aos seus apo-

sentos e todo o mundo notou a palidez, a sombria preocupação de Apopi e as convulsões nervosas que, cada vez mais freqüentes, contraíam-lhe a face.

Somente quando chegou a hora de ir para o palácio do marido, Hichelat reapareceu e tomou lugar na cadeira portátil ornada de pedrarias; mas no momento em que José ia colocar-se junto dela, um oficial do seu séquito atravessou apressadamente a multidão dourada que rodeava a liteira e apresentou-lhe a mensagem que um correio, quase morto de fadiga, acabava de trazer, dizendo que se tratava de assunto importante.

José abriu a mensagem e, à medida que ia lendo, súbita palidez cobria-lhe o rosto: o chefe dos armazéns de trigo mais próximos de Tanis escrevia que, desde a véspera, uma turba sempre crescente tinha cercado os depósitos, tomara-os de assalto apesar da resistência desesperada

dos soldados, e estava pilhando o trigo. Pedia reforços, visto a massa dos amotinadores aumentar incessantemen-

te. Sem demora, o novo príncipe real traçou algumas linhas, ordenando que expedissem incontinenti ao teatro das perturbações um corpo de tropas considerável e punissem os rebeldes sem misericórdia. Tendo ordenado que remetessem imediatamente essa ordem ao comandante da guarnição de Tanis, tranqüilizou-se e tomou lugar junto da jovem esposa.

Fez-se longo silêncio. Involuntariamente, José se lembrara de Asnath, do dia em que, naquele mesmo palácio real a transportara à sua nova morada. Em turbilhão, repassaram-lhe na mente as peripécias da sua união, até a última entrevista no subterrâneo; e a lembrança do pequeno rosto pálido e emagrecido; do olhar atônito e desesperado da inocente prisioneira, encheu de súbito o seu coração de insuportável mal-estar. Passando a mão pelo rosto, procurou repelir aqueles pensamentos importunos e voltou-se para a nova esposa: a princesa não parecia mais desesperada e morna, como durante a cerimônia; seu olhar, calmo e altivo, parecia escrutar a multidão, que, formando alas, apertava-se dos dois lados da

rua; apenas um friso estranhamente duro e amargo se cristalizara na comissura dos lábios esmaecidos.

— Hichelat, não queres honrar-me com um raio de benevolência? — murmurou inclinando-se e tomando-lhe a mão, que prendeu na sua.

"Teu esposo, suponho, merece mais do que este glacial silêncio. A vontade do Faraó, teu pai, tornou-me teu igual e destruiu o derradeiro escrúpulo do teu orgulho; entre a filha do rei e o herdeiro do trono não existe mais o abismo."

O olhar da princesa caiu-lhe em cima com um tremendo desprezo:

— Não tenho mais pai, desde a hora nefasta em que, por cega fraqueza, escolheu para herdeiro o homem que o Egito abomina e, com sua própria mão, deu o golpe que fará desabar o trono. E se a presunção te cega, olha esta multidão silenciosa e lê nessas faces sinistras a alegria

que experimentam em ter-te por soberano. Nem uma voz

egípcia se fez ouvir para saudar tua elevação e o céu, cansado dos teus crimes, apagou a chama sagrada, acima da qual me ligavam contigo. Quanto a te tornares meu igual, nunca o serás, pois, entre a princesa Hichelat e o escravo de Putifar, em cujas costas dançou o bastão do capataz, cavar-se-á sempre um abismo.

Lívido, olhos injetados de sangue, José ficou um momento incapacitado de responder; apenas seus dedos se apertaram como tenazes no pulso da moça, vincando profundamente nas carnes o pesado bracelete que o cingia.

— Insensata, não esqueças que, de hoje em diante, tenho sobre ti os direitos de esposo e não me afrontes tão insolentemente — disse com voz rouca —; quanto a Putifar e Ranofrit, far-lhes-ei pagar na forca as calúnias que ousam propalar contra o herdeiro do trono.

Apesar da dor aguda que lhe moía o braço, Hichelat ficou impassível e, no tom baixo e velado em que se fazia essa conversa, respondeu com ironia cruel:

— Queres assassinar-me como a Asnath? Ou pensas que, matando os mais nobres filhos do Egito aumentarás

tua própria nobreza? Toma cuidado contigo e não esqueças que Ranofrit é a irmã de Potífera; que há limites à paciência popular e que bem poderias acabar massacrado por seus vassalos. Quanto a mim, declaro-te que, mesmo coroado, ficas sendo o cão imundo cuja origem abjeta nenhuma púrpura pode dissimular.

Com os lábios trêmulos de raiva, José preparava-se para responder, quando a liteira parou e o cerimonial da recepção interrompeu a conversa.

Nos pátios do palácio apinhava-se multidão enorme, devorando com olhos rapaces os presentes e vitualhas que lhes distribuía um exército de escravos, enquanto outros derramavam em copos, que incessantemente se esvaziavam, vinho, cerveja e leite. Debaixo das colunatas, intendentes davam, a quem se apresentasse, vestidos ou anéis de cobre, convidando os que se aproximavam a dar vivas em homenagem ao príncipe real. O povo, porém, ficava silencioso, como silencioso se mantivera no desfile do cor-

tejo nupcial; apenas as massas que chegavam eram tão compactas, uma tal multidão se apinhava qual viva muralha em torno do palácio, atravancando as ruas adjacentes, que os soldados do posto, assim como os intendentes, começaram a sentir receios. Mas, sem ordem superior ninguém ousava dispersar a populaça silenciosa e humilde, que não demonstrava nenhuma hostilidade. Súbito, como a um sinal, as massas populares se abalaram e, com ímpeto irresistível e gritos ferozes, arrojaram-se ao interior do palácio.

No salão o festival tocava ao termo. Tinha-se comido e bebido fartamente, como o provavam as faces incendidas dos convivas, mas os ***chasous,*** especialmente, porque os egípcios tinham dado exemplo de sobriedade.

No fundo da sala, sobre um estrado ao qual se subia por alguns degraus, estava posta uma mesa para duas pessoas e nela se sentavam em douradas cadeiras, o príncipe real e a esposa, dominando toda a assembléia e respondendo com benévolas saudações aos brindes e vivas dos convidados.

Hichelat não tocara em coisa alguma e José dissimulava, com esforço, a tempestade que lhe ia no íntimo, provocada pelas palavras insultuosas da princesa e pela acusação de assassinato que lhe lançara em rosto. Rancoroso, cogitava na maneira de castigá-la mais sensivelmente, quando gritos, clamores cada vez mais próximos, chamaram sua atenção. O barulho de uma luta, misturado aos gritos de *"Morra o Adon, morra o opressor!"* fizeram-se ouvir distintamente e todas as conversas pararam. Mas, antes dos convidados saírem do seu estupor, um troço de soldados ensangüentados, procurando em vão deter a onda de esfarrapados que os cercava de todos os lados, irrompeu na sala. Os convivas, espantados, saltaram das cadeiras, mas quase no mesmo instante alguns caíram debaixo de cutiladas. José, que se tinha levantado, viu com espanto todos os egípcios cobrirem a cabeça com os gorros vermelhos, que traziam escondidos debaixo das roupas e, compreendendo que estava em face de uma conspiração longamente preparada, pulou do estrado e, insinuando-se entre a multidão estupefata, saiu por uma

porta lateral; o tumulto era tal que ninguém notou o seu desaparecimento. No salão dava-se verdadeiro massacre; todos os que não traziam gorro vermelho eram massacrados sem misericórdia e, enquanto uma parte da multidão, sedenta de sangue, saciava-se nos Hyksos, outros saqueavam a mesa, disputando-se a comida e a baixela, esvaziando as ânforas e arrancando aos cadáveres, aos feridos, às mulheres, as jóias que traziam.

Hichelat também se tinha levantado e, agarrada convulsivamente ao encosto da cadeira, contemplava, lívida e muda, a cena horrível e hedionda que se desenrolava a seus pés. Inopinadamente, a atenção da turba convergiu para ela, cercaram o estrado e os olhares ferozes dessas fúrias cravaram-se avidamente na moça, que, imóvel em suas vestes bordadas a ouro, cintilante de jóias, parecia um ídolo suspenso num altar.

Durante alguns segundos o respeito inato, o hábito de se prostrar na poeira, diante dessa mulher em cuja

fronte se erguia o *uraeus,* pareceu deter os amotinados, mas súbito uma voz retumbante gritou: "Morra a mulher do traidor, do opressor." "Não! Ao Nilo a filha de Apopi; sacrifiquemos ao rio sagrado esta noiva real!" "Sim, talvez o deus se deixe comover por semelhante vítima; que ela pague pelos crimes do pai e do esposo!" — clamaram cem vozes discordantes. Vendo os homens esfarrapados atirarem-se violentamente para si, sentindo as mãos calosas segurá-la e suspendê-la qual troféu, acima de suas cabeças, Hichelat perdeu os sentidos. Potífera que, desde o começo do distúrbio, procurava, em vão, galgar o estrado, empalideceu; tinha jurado a Armais proteger e salvar a moça, cujo generoso sacrifício lhe salvara o filho; mas tudo se passara tão rapidamente que lhe fora impossível atingir Hichelat isolada e à vista de todos sobre o estrado, para salvaguardá-la com a sua presença e o respeito que inspiravam suas vestes brancas. Ouvindo os gritos da multidão, compreendeu que a infeliz estava perdida e que seria mais fácil arrancar uma presa da goela de um leão, do que subtrair ao povo supersticioso e feroz

a vítima que ele destinava ao rio sagrado. Os sacrifícios humanos eram coisa habitual e, desde que viera a fome,

inúmeras vitimas, donzelas principalmente, tinham achado a morte no rio, que esperavam abrandar com semelhantes oblatas, para obter que a inundação voltasse, enfim, a fecundar os campos.

A mole humana que conduzia Hichelat, rolava agora para o Nilo, aclamada com selvagens exclamações de alegria pela multidão que se afastava para lhe dar passagem. Receando ser ele próprio esmagado e compreendendo que na ocasião não tinha ascendente sobre o elemento terrível que ele e seus confrades tinham desencadeado, Potífera, sinceramente aflito com o golpe que feria o filho, retirou-se para uma alcova, aguardando os sucessos.

Chegados à margem do rio, os condutores da princesa apoderaram-se de uma barca embandeirada, que esperava os donos, remaram até o meio do Nilo e, com o grito de "Aceita esta noiva real, rio sagrado, e sê-nos propício"

lançaram Hichelat nas ondas. A frescura da água fê-la sair do seu desmaio; um momento flutuou, agitando fracamente os braços na superfície; os raios do sol-poente refletiam--se no ouro dos seus vestidos e rodeavam-na de uma auréola mágica. Depois, bruscamente, mergulhou, desapareceu. Gritos de alegria frenética acolheram a morte da inocente vítima e a multidão, tão satisfeita na sua vingança como nas suas supersticiosas esperanças, retomou, correndo, o caminho do palácio do Adon, para ter a sua parte na pilhagem.

Enquanto isso se passava, José tinha galgado sem obstáculo os aposentos particulares. No tumulto geral, ninguém lhe prestou atenção e ele respirou aliviado ao penetrar nos quartos onde reinavam o silêncio e a ordem habituais. Sem perder tempo, precipitou-se no corredor secreto que conduzia à prisão de Asnath; de lá poderia ganhar o Nilo e, favorecido pela noite, dirigir-se para Avaris, de onde voltaria com forças suficientes para castigar os rebeldes. "Esperai, miseráveis! Como vos farei pagar esta hora!" — rosnava fechando os punhos, quan-

do inesperado obstáculo veio transtornar-lhe os pensamentos; acabava de esbarrar numa porta fechada, cuja chave não tivera a lembrança de apanhar. Soltando uma blasfêmia, arrepiou caminho e, qual veado em apuros,

galgou de novo o quarto; tudo remexeu, não achou a chave que habitualmente trazia consigo; veio-lhe a idéia de que talvez, na véspera, a tivesse perdido quando desmaiara no observatório. De quatro em quatro, galgou a escada em espiral e pulou na pequena plataforma, mas, no mesmo instante, deu um grito abafado e, acometido de vertigem, recuou: encostado ao parapeito, no mesmo local em que na véspera tinha visto a esfinge, achava-se Schebna com o seu longo vestido branco. Sobre a pequena mesa, ao lado, via-se o copo no fundo do qual José tinha mandado encastoar o talismã; mas a pedra misteriosa tinha sido retirada e achava-se em pequena almofada feita com a pele manchada de uma serpente, enquanto o copo estava pela metade de um líquido cor de sangue.

A perspectiva desse homem, ao qual tinha demonstrado tão covarde ingratidão, sua presença naquela hora crítica fez José arrepiar-se. Por que motivo estaria ali? Que viria fazer? Perdê-lo ou salvá-lo?

— Schebna? — exclamou de súbito, angustiado. — Tu, o mago, terias vindo para te vingares?

Misterioso sorriso perpassou nos lábios do caldeu:

— Há muito que teria podido fazê-lo, se o quisesse, mas a vingança é o brinquedo fútil das almas cegas, subjugadas pela matéria, que duvidam da justiça e, no seu baixo e mesquinho rancor, previnem e desviam, apenas, o choque de retorno que, em lugar de ferir o culpado, as atinge a elas mesmas. Toda a vingança humana não é mais que um fogo de palha, comparada à justiça das esferas.

— Se desdenhas vingar-te, perdoa-me, Schebna, e salva-me em lembrança da afeição que me dedicavas outrora; tu o podes, eu o sei — exclamou, elevando para o sábio as mãos súplices.

— Ajudar-te como desejas, não posso; não depende

mais de mim deter a corrente do mal que acumulaste e vai recair sobre ti para esmagar-te. Teus momentos estão contados, porque não soubeste conservar o equilíbrio da caridade e do poder; o trono que elevaste sobre a ruína de milhares de homens desaba e deverás deixar o corpo

perecível para aprender, em futuras migrações, a subir, sem te embriagares com o poder; a equilibrares a grandeza com o amor, o poder com a justiça.

Esqueceste que as aflições enviadas pelos imortais para provar os povos, não devem ser empregadas como instrumento de ambição pessoal; esqueceste que és o mesmo verme do chão, igual a essa multidão que agora mesmo saqueia o teu palácio e que só tem necessidade de se reunir para abater-te e precipitar-te na lama de onde saíste. Contudo, eu vim para salvar-te, mas, libertando-te pela morte. Olha este copo: contém um veneno sutil que, em alguns instantes, te livrará desse corpo, do qual abusaste; mas apressa-te porque teus inimigos te procuram e dar-te-ão

morte mais dura.

Lívido, trêmulo, José recuou, fitando com olhos de espanto aquele líquido rubro, que era a morte. Um suor gelado o inundou; não queria morrer, tinha horror ao abismo desconhecido e, com todas as fibras do seu corpo robusto, com todas as aspirações da sua alma apaixonada, agarrava-se à vida, ao poder, à idéia da vingança.

— Não quero morrer — exclamou exasperado.

— Insensato, imaginas poder lutar contra a vontade dos imortais? — disse Schebna com indefinível sorriso, e designando a pedra misteriosa que, denegrida, fumegante, parecia rodeada de uma barreia escura, acrescentou:

— Olha o talismã que te auxiliou na vida: vai dissolver-se, da ampulheta da tua existência correm os últimos grãos. E agora, olha lá embaixo (designou o Nilo que, inundado de ouro e púrpura pelo sol-poente, via-se ao longe): o turbilhão humano que por lá se precipita, arrasta Hichelat, tua inocente vítima, para sacrificá-la ao rio sagrado, em expiação dos crimes de outrem. Mas o resto da multidão esquadrinha o teu palácio e vai encontrar

Asnath, tua legítima esposa, outra vítima inocente. É a ti que procuram; ouve esses clamores ferozes, os gritos de *"Morra o opressor!"* Tu deves morrer; apenas, podes ainda escolher o gênero de morte. Preferes ser precipitado do alto desta torre, ou espedaçado vivo e teus membros sangrentos arrastados pelas ruas? Não é melhor morrer livremente, realizando em ti mesmo o ato de condenação que,

sem hesitar, decretaste para tantos infelizes, sacrlficando-os à tua ambição ou à tua vingança? Morre, insensato! A vida tudo te deu: todas as honras, todas as satisfações do orgulho; teu último dia te fez príncipe, esposo de uma filha de rei, herdeiro do trono do Egito; cada momento que passa pode arrancar-te tudo isto para te entregar à vergonha e ao castigo.

"Prometo garantir teus despojos das injúrias populares, mas apressa-te, o ruído se aproxima e serei impotente se te acharem com vida."

O caldeu inclinara-se, estendendo-lhe o copo, e o seu

olhar ardente, fascinador, imperioso, dardejava em José qual chama, anquilosando-o no lugar que ocupava. Fremente, olhos esbugalhados, lívido qual máscara de cera, o chanceler de ferro do rei Apopi escutava as palavras do caldeu, a timbrarem-lhe no ouvido como a voz dos juízes do Amenti. Compreendia que Schebna tinha razão; os gritos, os clamores se aproximavam, parecia-lhe ouvir já os passos dos assassinos na escada da torre. Maquinalmente, com a mão gelada, tomou o copo, mas seus pensamentos borbulhavam, angústia sem-nome o agitava, o horror da morte fazia-o ainda hesitar, quando Schebna pôs-lhe a mão no ombro e disse em tom profundo e vibrante:

— O nascimento e a morte são os dois grandes mistérios que o homem sonda em cada encarnação com um novo espanto; porque, quando ele morre para a vida espiritual, é para tentar, cheio de impulso e de esperança, a prova que se impôs para progredir; depois, estremecendo, a alma volta ao invisível com a consciência dos atos bons ou maus que praticou; mas só o covarde recua diante do

inevitável.

Com um brusco movimento, José levou o copo aos lábios e esvaziou-o de um trago: no mesmo instante, sentiu uma como chama percorrer-lhe as veias, tudo rodopiava aos seus olhos e, atordoado, caiu no banco, junto da mesa. Schebna o amparou, observando sem comoção alguma as contrações convulsivas que agitavam o moribundo. Uma vez ainda, José reabriu os olhos, respirou dificilmente. De-

pois, a cabeça pendeu inerte e o corpo estirou-se, imobilizou-se. No mesmo instante, a pedra misteriosa estalou, crepitando, e dispersou-se em átomos.

Com calma e sem esforço aparente, o caldeu levantou o cadáver, carregou-o nos ombros e desceu a escada. Quem o visse naquele instante, ficaria certamente espantado da força hercúlea desse velho, que não vergava sob o enorme fardo.

Quando Schebna penetrou no quarto de dormir, ouviu atrás da porta o tumulto e o estrépito de uma luta; eram

os soldados Hyksos, da guarda do Adon, que, acreditando-o refugiado no quarto, defendiam-lhe a entrada com a tenacidade do desespero, enquanto a populaça enraivecida procurava forçar o último reduto do tirano.

"Cheguei a tempo" — murmurou Schebna, depositando cadáver no leito de prata maciça, rodeado de cortinas de tecido fenício, e cobriu-lhe os pés com uma pele de pantera. Essa cama, quase real, preparada para o herdeiro do trono do Egito, recebia apenas o seu cadáver. Inclinando-se, o caldeu contemplou o belo rosto imóvel, que tinha já tomado a estranha e misteriosa expressão dos que sondaram o mistério da morte. No seu rico vestuário, coberto de pedrarias, o *uraeus* na fronte, José estava soberbo ainda, e, ouvindo a porta fender-se com estrépito, Schebna levantou-se, suspirando, e, retirando debaixo das vestes uma estrela incrustada de pedrarias, presa a uma corrente de ouro, colocou-a no peito, postando-se à cabeceira do leito.

Em presença do majestoso velho vestido de branco, com um cintilante adorno no peito, os amotinados que

invadiam o quarto recuaram indecisos:

— Parai, egípcios; aquele a quem procurais já está condenado por si mesmo e seu espírito criminoso vai comparecer perante os temíveis juízes do Amenti. Olhai: eis o que resta do vosso opressor. Estais vingados, portanto retirai-vos sem nada tocar neste quarto, onde passou a morte, a fim de que não recaia sobre vós uma indelével mácula.

Mudos e atônitos, os amotinados contemplaram o corpo inerte do homem que os tinha feito tremer durante

tantos anos, e o velho desconhecido cujo olhar fulgurante os trespassava; depois, acometidos de súbito pânico, precipitaram-se fora do quarto, a fim de levar aos comparsas a sensacional noticia da morte do Adon.

Enquanto parte dos invasores investia os aposentos de José, outro grupo de assaltantes tinha penetrado no corredor secreto, que o Adon deixara aberto quando correu em busca da chave que lhe faltava. Persuadidos de que

tinham encontrado o caminho dos subterrâneos onde se ocultavam os tesouros, ficaram possessos de verdadeira cupidez. Ao esforço furioso dos braços e dos machados, logo cedeu a porta que tinha detido José, bem como outra segunda porta; e, de repente, o bando, ávido e feroz, penetrou no subterrâneo iluminado por duas lâmpadas. Mas, em lugar dos tesouros esperados, descobriram uma mulher vestida de branco, que, lívida de espanto, colava-se à parede.

— Quem és e que fazes aqui? Se és uma vítima do estrangeiro, dize-nos teu nome e te restituiremos à tua família — exclamou um dos chefes do grupo, suspendendo a tocha para melhor clarear o canto sombrio onde ela se tinha refugiado.

— Levai-me para fora desta prisão horrível e entregai-me a meu pai, Potífera, o sacerdote de Heliópolis — exclamou estendendo os braços —; sou Asnath, a infeliz esposa do Adon.

Os homens trocaram um olhar de espanto:

— Eis uma infâmia bem digna do ímpio — exclamou

com desprezo um alentado pescador —: escarnecer de pobres homens, mandando-lhes procurar um corpo que nunca esteve no Nilo e casar com outra mulher, enquanto a legítima apodrecia num subterrâneo! Mas chega, nobre mulher, nada receies; somos libertadores da pátria e estamos fazendo a esse cão imundo um festim de núpcias que lhe há de lembrar por toda a vida.

Vendo Asnath vacilar e fechar os olhos, o homem susteve-a, procurando com delicadeza dar-lhe coragem; depois, auxiliado por outro, levantou-a e, supondo que o subterrâneo não tinha outra saída, voltaram pelo mesmo

caminho. Quando desembocavam do corredor, esbarraram com a multidão superexcitada que voltava do quarto mortuário.

— Morreu! morreu! — gritaram alguns, agitando os braços e com olhos ferozes.

— Quem morreu? Fala, Tourn, e acalma-te — gritou um dos condutores de Asnath, procurando deter um ho-

mem gordo que corria esbaforido.

— Ele, o Adon; com estes olhos o vi estendido, morto no seu leito de ouro branco (os egípcios chamavam a prata ouro branco) e, à sua cabeceira, vela o deus da sua tribo; tem um sol no peito e uma barba que vai até ao chão — respondeu o homem, velho fabricante de sandálias, encostando-se na parede para tomar fôlego.

— Nós descobrimos a mulher do miserável, sua verdadeira mulher e levamo-la ao venerável Potífera — disseram os que tinham ido procurar os tesouros, continuando em seu caminho com Asnath, que, atordoada, esmagada, temia perder a razão.

Na sala contígua encontraram Potífera que, acompanhado de alguns padres, tinha deixado os aposentos de luxo, transformados em campo de batalha e, com os amigos, procurava alcançar os jardins.

— Pai! — gritou Asnath, estendendo-lhe os braços.

Sem notar a estupefação dos companheiros, o sacerdote precipitou-se para ela e, estreitando-a ao peito, exclamou:

— Estás viva, minha filha querida; a ciência sagrada não me enganou! — e cobriu-a de beijos.

Mas, muitas emoções sucessivas tinham abalado a moça já doente e enfraquecida, porque, subitamente, caiu desacordada nos braços do pai.

— É preciso deixar este lugar de desgraça; não se pode saber até aonde irá o furor do povo e os *chasous* também acabarão por intervir — observou um jovem sacerdote, aproximando-se com vivacidade e desdobrando o manto. — Permite-me, nobre Potífera, levar tua filha e guiar-te pelos jardins. No Nilo acharemos barca que nos conduza ao templo.

O conselho era prudente e foi logo aceito. O jovem padre conduziu Asnath, sempre desmaiada, e, quando chegaram ao templo, prestaram-lhe socorros, verificando quanto tinha definhado e envelhecido.

Fervendo de indignação, Potífera tencionava deixar Tanis e, mal branqueava a barra do horizonte, partiu

com a filha em direção a Mênfis, onde ficara sua mulher. Ali, junto de sua mãe, de Putifar e de Ranofrit, rodeada de todos os que amava, voltaria à vida. Depois veria Hor e, sob o quente eflúvio do seu amor, renasceria para a felicidade.

X I

O P O V O S U B L E V A D O P R E C I S A O D I A R A L G U É M

Terminado o festim de núpcias, Apopi, fatigado e doente, retirara-se para o dormitório e, intimando a comitiva a velar no quarto contíguo, estendeu-se no leito e, embalado ao som de uma harpa, adormeceu profundamente. Havia cerca de duas horas que assim repousava, quando o chefe dos guardas, lívido, agitado, precipitou-se no quarto real e, como Apopi, despertado pelo tinido das armas, se levantasse espantado, disse-lhe com voz entrecortada, enquanto dobrava os joelhos:

— Perdoa-me perturbar teu repouso, mas um terrível motim acaba de rebentar na cidade; o Amentl parece querer vomitar todos os seus demônios, Tanis está em ebulição

e o povo invadiu o palácio do príncipe real, onde está pi-
lhando e assassinando; já tomei todas as providências
para garantir o palácio e tua pessoa sagrada, mas, para
as outras providências, venho receber tuas ordens.
O rosto do rei cobriu-se de intenso livor, mas o perigo
que corriam a filha e o genro despertou-lhe momenta-
neamente energia e resolução: dominando as dores agudas
que começavam a causticá-lo, mandou isolar o palácio de
José por um cordão de soldados e expulsar o povo por todos
os meios. Cargas de carros e de cavaleiros deviam ao mes-
mo tempo varrer as ruas.
A execução desta ordem encontrou, todavia, dificulda-
des enormes: um corpo de tropas muito considerável tinha
já deixado Tanis, por ordem de José, a fim de garantir os

celeiros ameaçados; e grande parte dos chefes achava-se
no festim e ninguém lhes sabia a sorte. A iminência do
perigo estimulou o ardor dos Hyksos e os primeiros esfor-
ços da tropa convergiram para o palácio do Adon, com-

pletamente invadido pelo povo. Foi um verdadeiro cerco; os amotinados, ébrios de sangue e de vinho, batiam-se como loucos. Apoderaram-se das armas encontradas no corpo da guarda do palácio e das pilhadas aos soldados mortos, e só cediam pouco a pouco. Duas horas depois de encarniçado combate, as tropas regulares dominaram a turba revoltada e o palácio foi evacuado. Nas ruas escuras e lamacentas o tumulto extinguiu-se logo, o povo dispersou num abrir e fechar de olhos, e, quando a Lua surgiu, Tanis parecia ter readquirido a calma e a ordem habituais.

No palácio, desde que foi expulso o último rebelde, postaram-se soldados em todas as entradas; os mortos foram retirados, os feridos egípcios impiedosamente massacrados, os escravos, escribas e funcionários que povoavam a imensa morada começaram a surgir dos jardins, subterrâneos e adegas onde se tinham refugiado. Mudo estupor, porém, apoderou-se de todos, quando encontraram, estendido em luxuosa cama, o cadáver do Adon.

De muitos anos estavam habituados a ver o poder supremo concentrado naquela mão de ferro, agora inerte

e gelada: enquanto essa poderosa inteligência, essa vontade enérgica e sutil velara por eles, os Hyksos e os egípcios que haviam abandonado a causa nacional sentiam-se amparados. Aqueles homens lívidos e trêmulos que se amontoavam em torno do leito mortuário, parecia-lhes que o próprio eixo da máquina governamental acabava de quebrar-se; momentaneamente sentiram-se fracos, perdidos e resolveram prevenir o Faraó das desgraças sucedidas.

Lívido, olhos ardentes, Apopi caminhava no quarto de um lado para outro. Contrações nervosas o sacudiam, mas o excesso mesmo de exaltação parecia sobrepujar o mal periódico que o abatia e, sem pestanejar, ouvia os mensageiros que, de quarto em quarto de hora, lhe davam conta das peripécias e dos progressos das tropas que var-

riam o palácio do herdeiro. Quanto à morte de Hlchelat, ninguém ainda se tinha atrevido a anunciar-lha.

Ao entrar um oficial superior, cuja fácies de exaspe-

ração nada de bom pressagiava, o rei deteve-se e perguntou se, finalmente, o palácio estava expurgado.

— Sim, filho de Ra, os revoltosos foram expulsos e debandaram, mas o que tenho a comunicar-te é de tal modo horrível que minha língua se recusa, ó Faraó, a traduzir a desgraça — respondeu o oficial, prostrando-se.

Depois, por insistência do soberano, relatou titubeante o fim trágico da princesa, a morte misteriosa de José e o massacre dos numerosos dignitários, seus conselheiros e servidores mais fiéis e mais íntimos.

Apopi a princípio ficou aturdido; depois, acometido de louco desespero, rasgou as vestes, derramou torrentes de lágrimas e maldisse o povo e os deuses que lhe roubavam de um só golpe a filha bem-amada e o grande chanceler que, de tantos anos, lhe vinha garantindo tranqüilidade.

Profundo desmaio seguiu-se a essa violenta explosão.

*

O Sol levantou-se radiante, como sempre, e seus raios dourados inundaram as ruas silenciosas e desertas de Tanis, cuja população parecia desaparecida como por en-

canto. Todas as casas estavam fechadas, os recintos sagrados não se tinham aberto, as maciças construções dos templos erguiam-se como outras tantas fortalezas sombrias e ameaçadoras. Destacamentos militares estacionavam em todas as praças e cruzamentos, e só o passo cadenciado das patrulhas perturbava o silêncio geral.

Pelas dez horas da manhã, a liteira real, rodeada de numerosa escolta, saiu do palácio e dirigiu-se para a residência do Adon. Pálido, espectral, olhos fundos e faces encovadas, Apopi sentara-se no trono portátil. Somente pela madrugada despertara do longo desmaio e, logo que adquiriu algumas forças, mostrou desejo de ver o cadáver do favorito.

O palácio do Adon continuava rodeado de soldados, sentinelas vigilantes nas saídas e nos compartimentos sa-

queados, onde ninguém cogitara de restabelecer a ordem. Por toda parte, estavam evidentes sinais do terrível furacão da véspera: as salas e escadas coalhadas de cacos de

vasos e de armas; sangue a empastar as paredes e móveis, cortinas e reposteiros arrancados e amarrotados; tudo, enfim, demonstrava o furor da refrega.

Mudo, cenho carregado, o rei atravessou o ambiente desolador e só quando se viu no quarto onde José, revestido dos seus trajos de gala, jazia no leito, tal como o depusera Schebna, a dor do Apopi transbordou e lágrimas amargas inundaram-lhe o rosto. Demoradamente, fitou o rosto do fiel conselheiro, que já apresentava a cor esverdeada da decomposição. Tendo feito embalsamar o corpo, como o faziam às múmias reais, Apopi mandou buscar os dois filhos. Os pequenos tinham sido escondidos por seus pajens e só quando os desordeiros foram expulsos, retornaram aos seus aposentes. Mas as crianças tinham presenciado muita carnificina e não houve persuasão que pudesse acalmá-los.

Apopi abraçou os pobrezinhos, declarou perfilhá-los, transmitindo-lhes todos os direitos do pai e imediatamente os levou consigo para o palácio real. Ali, ordenou a alguns dignitários, reunidos à pressa, convocassem para

a tarde um conselho extraordinário, mandassem mensageiros aos templos intimar os padres a comparecerem, e, além disso, publicassem desde logo, ao som de trombetas, que Manasse, reconhecido como herdeiro da Coroa, nesse mesmo dia, percorreria a cidade em carruagem real, para que todos lhe rendessem homenagem.

Tudo se fez conforme a ordem do rei e Manasse, revestido das insígnias de príncipe real, foi com grande pompa levado pelas ruas. Multidão quase exclusivamente composta de Hyksos acompanhou o cortejo, mas essa multidão estava opressa; angústia e espanto pintavam-se em todos os rostos. Enquanto essa cerimônia, irrisória para o momento, se consumava nas ruas de Tanis, em frente ao palácio de José atroavam alaridos ferozes e clamores de desespero: é que lá se tinham reunido os seus irmãos com suas famílias e criados, pedindo em altos brados para penetrar na casa do ilustre parente:

— Deixai-nos ver nosso pai, nosso benfeitor — grita-

vam as mulheres com suas vozes agudas — desgraça! desgraça! extinguiu-se a luz dos nossos olhos, foi-se-nos o calor que nos vivificava.

Acabaram deixando-os entrar e eles, cheios de desespero, despediram-se do corpo um pouco antes de ser levado pelos embalsamadores.

Manasse acabava de voltar do seu torneio triunfal, quando um segundo cortejo penetrou na residência real; era uma padiola de ramos de palmeiras, conduzida por pescadores e, sobre essa alcatifa de folhas, coberta com grosseiro manto, repousava Hichelat, cujo corpo os pobres trabalhadores do Nilo tinham encontrado enganchado nos caniços. Levaram o cadáver da infeliz para os seus aposentos, depositaram-no e as servas, mudas, cheias de espanto e dor, puseram-se a enxugar-lhe o rosto, a limpá-lo das algas e escumas que lhe manchavam os membros e os vestidos. Mas este trabalho foi logo interrompido pela entrada do rei. Em face da filha deitada como se estivesse dormindo, com uma expressão de paz profunda estampada no rosto lívido, Apopi pareceu enlouquecer. Com torrentes

de lágrimas e gritos, rojou-se com as faces no chão, rasgando as vestes e maldizendo-se por ter imposto o casamento, tornando-se dessarte o causador do trágico desenlace.

Todavia, os acontecimentos não permitiram ao infeliz pai entregar-se inteiramente à sua dor, e a notícia de que o conselho extraordinário o esperava foi lembrar-lhe os deveres do rei.

Nervoso, desfigurado, dominando com esforço as dores internas que recomeçavam a torturá-lo, Apopi apareceu entre os conselheiros e a situação que se discutia não era de molde a acalmá-lo.

Além de José, tinham perecido os seus auxiliares mais ativos e hábeis; alguns chefes militares afamados e difíceis de substituir de pronto. Alguns celeiros tinham sido saqueados e destruídos e a população egípcia tinha tomado atitude tão hostil e ameaçadora, que era preciso contar com uma sublevação geral.

Apenas terminava o conselho, anunciaram que os padres convocados pediam licença para chegar à sua presença. Diante dos implacáveis adversários, daqueles que considerava causadores de todas as desgraças que o feriam, Apopi sentiu o sangue ferver-lhe e só o hábito de dissimular lhe deu ânimo de ouvir com aparente serenidade o discurso do sacerdote de Hator que, com palavras firmes e dignas, exprimia os protestos de fidelidade de sua casta à pessoa do Faraó e o seu pesar pelo assassinato de Hichelat. Acrescentou que só as exações do Adon tinham provocado o motim, e que todos deploravam que a confiança do rei tivesse sido captada por um indigno, que levara a ousadia ao ponto de encarcerar a mulher legítima, a fim de estender a mão impura para a filha do Faraó!

Ouvindo estas últimas palavras, um rubor violáceo inundou o rosto de Apopi:

— Provas! Tragam aqui Asnath! — gritou estentórico.

Quando o sacerdote respondeu que, infelizmente, a senhora tinha partido com o pai, mas, podiam apresentar-lhe os homens que a libertaram, Apopi deu uma gar-

galhada estridente:

— Mentira! torpe calúnia — exclamou. — Pensais que vos não conheço, homens vis e odientos que me enfeiticastes e empestastes com uma moléstia incurável? Homens que, sem tréguas, solapais o Trono e, agora, quereis desonrar-me a filha em seu túmulo? É obra de Potífera essa maquinação infernal; e se Asnath está viva, é que seu pai a escondeu para vingar-se do homem infeliz que ele perseguiu com o seu ódio, e para fazer dela uma arma contra ele e minha filha.

"Mas, esgotou-se-me a paciência; guardo ainda o cetro e resta-me energia bastante para vos destruir. Antes do amanhecer, mandarei decapitar-vos a todos e vossos corpos atirados aos corvos servirão de vítimas expiatórias à memória de Hichelat e de José. Eia! guardas, prendei-os!"

— uivou, saltando da cadeira, a espumar de raiva, com os olhos injetados de sangue.

Ao apelo do Faraó, soldados e oficiais invadiram a sala, esperando ordens, mas o excesso de raiva e exaltação

tinham subitamente tirado a palavra ao monarca. De punhos fechados, a boca aberta, o rosto congesto, era horrível e espantoso! Depois, abateu-se a fio comprido no soalho e rebolcou-se em tremendas convulsões. Todos se lhe acercaram e, aproveitando a desordem e confusão, os padres deixaram apressadamente o palácio.

A noite, enquanto o Faraó se debatia em terrível acesso do seu mal, um correio estafado e suarento trazia a notícia de que o exército de Taá III marchava sobre Mênfis.

XII

A AURORA DA XVIII DINASTIA

Entretanto se levantou no E g i t o

um novo rei, que não conhecia a

José. — *Êxodo,* cap. I, v. 8.

Sem dificuldade e fazendo toda a diligência possível, Potífera atingira Mênfis e não procuremos descrever a alegria de Maia e Ranofrit, tornando a rever aquela que, havia oito meses, choravam como morta. A debilidade extrema de Asnath atenuou essa alegria, inspirando a todos

os mais vivos receios pela sua vida e, durante alguns dias, Potífera deixou-se absorver inteiramente pelos cuidados à filha. Nada obstante, os deveres do cargo o chamavam a Heliópolis e dispunha-se a partir, confiando a Putifar o cuidado de lhe levar dentro de algumas semanas a mulher e Asnath, quando uma ordem inopinada do governador de Mênfis proibiu, a quem quer que fosse, deixar a cidade, cujas portas se fecharam, enquanto a guarnição se preparava ativamente para sustentar o cerco do exército de Taá, que vinha próximo. Potífera ficou a princípio muito inquieto com esse impedimento; depois, achou meio de expedir a Heliópolis um escrito, pelo qual investia nas funções do seu cargo o irmão mais moço, Ramerl, em cuja prudência e energia podia confiar. Tranqüilo por esse lado, entregou-se de todo a uma atividade misteriosa que absorvia todos os padres de grau superior.

Em vista do assédio iminente, o sacerdote de Ptah convidara Potífera e seus parentes a hospedarem-se no templo, atrás de cujo espesso recinto estariam abrigados, e cujos

subterrâneos secretos, preparados para tais circunstâncias, ofereciam retirada mais ou menos segura no caso dos Hyksos, exasperados por uma derrota, entregarem-se ao massacre dos habitantes da cidade.

Asnath com sua mãe e a tia instalaram-se, pois, em pequeno compartimento contíguo ao do sacerdote. A saúde da moça melhorava visivelmente, embora continuasse taciturna e apática. Ficava dias inteiros estendida no pequeno terraço e imersa em profundo cismar.

Nunca procurara informar-se dos pormenores da morte de José, nem da sorte dos filhos e somente à noite, na solidão, dava livre curso às lágrimas, angústias e saudades que lhe dilaceravam o coração. Era um estado dalma difícil de descrever. O ódio e a cólera que nutrira contra José, depois de encarcerada, desapareceram pouco a pouco. Não estava tudo acabado? Morto, aniquilado, fosse lá como fosse?

Não tornaria a ver aqueles olhos fascinantes, cujo brilho fazia arfar-lhe o peito; não ouviria mais aquela

voz, que, áspera e imperiosa para os outros, somente para ela achava inflexões tão carinhosas!

Sim, ele a tinha amado de todo o coração, o mesmo encarceramento que todos os parentes censuravam como crueldade e infâmia, era-lhe uma prova da paixão tenaz do Adon. Ter-lhe-ia sido tão fácil matá-la, se o intuito fosse apenas desembaraçar-se dela!

E, quem sabe? se a inexorável pressão da sua casta não tivesse cavado entre eles um abismo, nunca, talvez, a ambição teria a tal ponto invadido a alma de José, pois a felicidade doméstica tê-lo-ia abrandado.

Todos esses pensamentos se chocavam no espírito de Asnath, quando, muda e de olhos fechados, permanecia deitada em seu leito; todo o passado revivia nela, evocando mil incidentes alegres ou tristes da vida conjugal. Mas Asnath ocultava cuidadosamente aos seus o que lhe absorvia os pensamentos e tremia receando denunciar, com alguma lágrima furtiva, que sentia saudades. Via que nenhum parente suspeitava que o homem impuro, ao qual a sacrificaram por necessidade política, tivesse podido, com

a sua poderosa e sedutora personalidade, vencer o prejuízo de casta e fazer-se amar. Esse preconceito era tão forte, que o só pensamento de se ver adivinhada por Potífera, fazia-a corar e tremer, selando-lhe os lábios. Um sentimento cada vez mais imperioso levava-a a informar-se da sorte dos filhos e, na solidão da noite, arrancava-lhe lágrimas ardentes.

Além disso, acontecimentos da mais alta importância absorveram logo todos os espíritos e desviaram dela a atenção dos parentes: o exército de Taá III aproximou-se e os Hyksos se preparavam para uma defesa desesperada. O cerco seria longo e desastroso, era indubitável, porque Mênfis era uma praça forte de primeira ordem, dificilmente expugnável.

Os Hyksos compreendiam bem que, enquanto estivessem senhores do Médio Egito, sua causa não estaria perdida. Também haviam fortificado por todos os lados a antiga capital, cercando-a de uma muralha denteada, com 20

metros de espessura e precedida de profundo fosso, com 30 a 40 metros de largura, lajeado no fundo, e cujas escarpa e contra-escarpa eram cheias de pedras polidas, o que aumentava as dificuldades da escalada. Nos muros, principalmente do lado plano, os Hyksos tinham construído andaimes, de onde poderiam atirar sobre os sitiantes pedras, flechas e dardos. Mas, além desse reduto próprio de todas as cidades fortificadas da antigüidade, Mênfis possuía uma cidadela, uma segunda fortaleza que compreendia cerca de um terço da cidade, na sua zona mais importante. Ali estavam os principais templos, os palácios sacerdotais, as prisões, quartéis, armazéns de víveres e munições, assim como a residência do comandante. O muro que abrangia este coração da cidade, igualmente da espessura de 30 metros, era, além disso, guarnecido de pedra, rebocado de cal, que lhe tinha granjeado o título de muro branco.

Certa manhã, as sentinelas deram sinal da aproximação do inimigo e, na tarde do mesmo dia, um cerco impenetrável rodeava Mênfis. Tão longe quanto a vista podia

alcançar, levantavam-se as bagagens do acampamento egípcio, enquanto a flotilha de Taá coalhava o Nilo, de-

sembarcando incessantemente tropas, víveres e munições de guerra.

Um sítio em regra começou, mas como todos os que na guarnição eram egípcios simpatizavam com os sitiantes e batiam-se a contragosto, os soldados de Taá obtiveram algumas vantagens que encheram de raiva o comandante de Mênfis, velho Hykso enérgico e cruel. Impiedoso e severo, mandou punir as tropas egípcias, alguns oficiais foram rebaixados, outros enforcados, os soldados açoitados; depois do que, aparentemente, cada qual cumpriu com zelo o seu dever, ocultando no fundo dalma um patriotismo inoportuno.

Decorreram semanas aflitivas; os víveres começaram a rarear, os doentes e feridos aumentavam em proporção inquietadora, quando se espalhou a notícia de que um exército enviado por Apopi marchava em socorro de Mên-

fis. Os Hyksos readquiriram esperança e prepararam-se para uma surtida que sustentasse os esforços dos seus e ferisse de flanco as tropas de Taá.

Na noite anterior à batalha, que devia, por assim dizer, decidir da sorte do Egito, misteriosa atividade se desenvolveu nas criptas do templo de Ptah, preparado de longa data para esse fim. A mais vasta das salas subterrâneas tinha sido decorada como um templo; as paredes e colunas baixas, que sustentavam a abóbada, estavam cobertas de pinturas simbólicas, análogas à ciência hermética, ou representando cenas extraídas do livro dos mortos.

No centro foi cavada grande bacia, que canais subterrâneos, sabiamente dispostos, alimentavam com água do Nilo, e saía por outros canais, formando assim, no fundo da cripta, um como pequeno braço do rio sagrado. No meio da bacia, emergindo da água, elevava-se um pedaço triangular de basalto preto, e, nessa espécie de altar, um aerólito sagrado jazia no fundo de uma escudela de pedra, na qual ardiam, em óleo odorífero, ervas, grãos di-

versos e pedaços de resina. Um padre moço, completa-
mente nu, estava ajoelhado nos degraus, alimentando
cuidadosamente o fogo que se não devia apagar. De face

à pedra triangular, em nicho no muro e sobre um altar,
erguia-se a estátua do deus Ptah, ornamentada de flores
de lótus e ramos de palmeira; perante essa efígie do grande
deus protetor de Mênfis, dois padres sacrificavam e oravam
sem interrupção. Uma lâmpada de sete braços, presa por
uma corrente na abóbada, iluminava a estátua com uma
luz avermelhada.

Os sete sacerdotes dos principais templos de Mênfis,
de Heliópolis e de Sais, que por acaso ali estavam reuni-
dos, bem como os profetas e iniciados de grau superior,
repartiam-se em três grupos, que, por sua vez, celebravam
estranho ritual, ininterrupto dia e noite.

A começar pelos sacerdotes, três homens se postavam
entre o altar e a bacia e, com os braços erguidos, recitavam
em altas vozes orações e encantamentos, pedindo a bênção

e o socorro dos deuses para o exército de Taá, implorando e exigindo deles a derrota dos Hyksos e a tomada da cidade pelo legítimo soberano da terra de Kemi.

A tensão de sua vontade era tal, que as veias se esticavam como cordas e o suor corria-lhes em todo o corpo, abundante. Dois padres, de grau inferior, mantinham os braços suspensos e, somente quando desfaleciam completamente extenuados, eram levados à bacia, mergulhados nágua e, em seguida, davam-lhes como fortificante o vinho sagrado e o pão da comunhão, enquanto três outros sacerdotes, ou profetas, os sucediam. Quando todos os membros dos três grupos tinham passado por esse transe mortificante, que devia continuar até à rendição definitiva da cidade, eram os primeiros que recomeçavam. Todos jejuavam e descansavam apenas o estritamente indispensável.

A batalha que se travou no dia seguinte, sob as muralhas de Mênfis, foi sanguinolenta e encarniçada; mas, apesar da bravura desesperada dos Hyksos e da surtida da guarnição, estes foram completamente batidos e dispersos; uma grande parte, repelida para o rio pelos egípcios, afo-

gou-se no Nilo; o resto fugiu em desordem e até as tropas da guarnição, consideravelmente dizimadas, tiveram grande dificuldade em galgar de novo o abrigo atrás das trincheiras.

Sem lhes deixar tempo de voltar a si da impressão desta derrota, Taá III ordenou o assalto e, depois de dois dias de combate, apoderou-se do primeiro reduto.

Os Hyksos encerravam-se na cidadela, mas compreendiam que a situação era precária e que, realizando-se as melhores previsões, não podiam contar com auxílio de fora antes de algumas semanas e que, faltando já os víveres, ser-lhes-ia impossível sustentarem-se tão longo tempo. Portanto, a fome, quando não os soldados de Taá III, os expulsariam do último reduto.

Duas atrozes semanas se passaram: os pastores defendiam-se com o denodo do desespero, saciando seu ódio contra os habitantes, degolando todo egípcio que ousava sair à rua. A população aterrada confinava-se em casa e

todos os que tiveram possibilidade de fazê-lo, refugiaram-se nos templos. É sabido que um templo egípcio, com sua muralha denteada da largura de 10 metros, maciças portas de bronze, um exército de padres e criados no recinto, representava por si só uma pequena fortaleza. A massa dos refugiados reforçava os defensores dos santuários: também, por ordem dos padres, todos os homens válidos foram escolhidos e armados; as mulheres, as crianças e os velhos, assim como os tesouros do templo, foram escondidos nas criptas e cada qual preparou-se para vender caro a vida.

Uma tarde, o comandante de Mênfis recolheu-se mais sombrio e preocupado do que nunca; desde pela manhã estivera nas trincheiras e um furioso assalto dos egípcios fora repelido; mas o velho soldado tinha muita experiência para não compreender que o fim estava próximo; também julgou chegado o momento de executar as últimas ordens que lhe mandara José, e que prescreviam só entregar aos egípcios ruínas e cadáveres. O chanceler do rei Apopi estava morto, mas sua vontade parecia sempre viva

e suas ordens supremas iam ser executadas com a impiedosa crueldade que as havia inspirado.

Um conselho dos chefes Hyksos se reuniu à noite e, de manhã, apenas uma parte das tropas ocupou as trincheiras; o resto da soldadesca, dividida em bandos, percorreu a cidade, pondo tudo a fogo e sangue. Todo egípcio

que pilhavam, era impiedosamente degolado, sem distinção de idade ou de sexo; mas o furor maior foi dirigido contra os templos. Os mais importantes resistiam, e notadamente o de Ptah, vigorosamente defendido por seus padres, apesar dos golpes de aríete arremessados contra as portas. Em compensação, um pequeno santuário foi tomado, horrivelmente destroçado e os padres arrastados para a frente do templo de Ptah foram, uns decapitados e as cabeças atiradas para dentro do reduto sagrado; outros, estaqueados vivos e postados de maneira a formar lúgubre avenida fronteando a porta principal.

Esse medonho massacre durava dois dias, quando os

turbilhões de chama e fumo que se desprendiam do interior da cidadela, assim como a fraqueza da resistência, chamaram a atenção dos sitiantes.

Prevendo o que se passava, Taá ordenou o assalto geral: todos — chefes e soldados — compartiam as apreensões do seu rei. Num abrir e fechar de olhos, as escadas se levantaram e, afrontando as nuvens de flechas e dardos que choviam, os egípcios escalaram as muralhas.

Hor e Armais foram os primeiros a galgar, enquanto impetuoso ataque, dirigido pelo próprio rei, forçava uma das portas da cidadela. Em menos de uma hora os sitiantes estavam senhores da praça; mas à vista da cidade saqueada, do sangue que empapava as ruas e os edifícios, dos montões de cadáveres que juncavam o solo, uma raiva louca se apoderou dos egípcios. Arremessaram-se aos destroços dos Hyksos e travou-se o combate corpo a corpo.

Nesse cómenos, os gritos de guerra dos egípcios tinham chegado aos ouvidos dos defensores do templo de Ptah e um jovem padre subiu lesto à torre mais elevada por ver o que se passava; imediatamente, verificou que os sitiantes

tinham penetrado na fortaleza e se empenhava nas ruas um combate cujo resultado não era duvidoso. Louco de alegria, desceu como um relâmpago e entrou no pátio grande, gritando: "Gloriosos sejam os deuses: a cidade está tomada, Taá foi vencedor!"

Rapidamente todo o templo se animou: uns correram para as torres a certificarem-se da boa nova, outros atira-

ram-se para os subterrâneos. Era proibido penetrar na cripta misteriosa onde os sacerdotes e seus auxiliares continuavam a orar, mas, na sala contigua, havia suspenso um largo escudo de bronze, no qual um velho pastóforo bateu três pancadas retumbantes: era o sinal combinado, anunciando que o Céu tinha cedido às súplicas que lhe eram dirigidas, concedendo aos filhos de Kemi a vitória pedida.

Uma hora mais tarde, solene procissão percorria os pátios e avenidas, preparando-se para deixar o templo, desde que os sacerdotes dessem o sinal. Como por milagre,

tinham surgido das criptas a barca de Ptah, incrustada de ouro e de pedrarias e o boi Ápis ornamentado de fitas, rodeado dos seus padres vestidos de linho, enquanto as sacerdotisas e cantoras, empunhando harpas de ouro, preparavam-se para entoar o hino sagrado. Todas as fisionomias estavam lividas e, nas faces emagrecidas e fatigadas, viam-se os traços das privações, das angústias e desgraças sofridas; mas em todos os olhos cintilavam a esperança e a alegria do triunfo.

O combate com os restos debandados da guarnição tinha terminado rapidamente, e Taá que, coberto de sangue e pó, combatera como simples soldado, ordenou a um comandante que exterminasse, ou mandasse encarcerar o que restasse dos Hyksos. Depois, acompanhado dos seus oficiais, o grosso dos soldados dirigiu-se para o templo de Ptah. Em face dos cadáveres trespassados dos padres, a dor e a cólera sombrearam o másculo rosto do velho rei, mas não teve tempo de exprimir sua indignação porque, nesse instante, as vibrações harmoniosas e penetrantes de um hino sagrado encheram a atmosfera; as portas de

bronze do recinto se abriram e a procissão imponente e majestosa encaminhou-se ao seu encontro. A sua frente estavam Potífera e o sacerdote de Ptah, trazendo o pão e o vinho sagrados.

Profundamente comovido, Taá parou, quando, porém, os dois velhos pontífices prostraram-se diante dele, levantou-os rapidamente e abraçou-os como irmãos. Entusiasmo sem-nome apoderou-se de todos; os egípcios esqueceram os males sofridos, as ruínas e os cadáveres que em

torno deles constituíam quadro lúgubre, e de milhares de bocas elevou-se o grito: "Viva Sekenen-Ra Taá-Kene, o glorioso Faraó, o libertador da terra de Kemi!" No meio da alegria e das aclamações gerais, o rei incorporou-se à procissão e dirigiu-se para o santuário, onde sacrificou solenemente a Ptah, agradecendo-lhe com profunda emoção o haver cumprido a promessa feita tantos anos antes pela boca do velho profeta e tê-lo conduzido vitorioso a Mênfis, para sacrificar no seu altar.

Quando o Faraó deixou o templo, a fim de se recolher à residência do comandante e aí repousar um pouco, Hor e Armais puderam abrir uma passagem até Potífera que, muito feliz, abraçou os dois mancebos, levou-os ao pequeno aposento que ocupava no recinto sagrado e no qual acabavam de entrar as mulheres libertas da abafante estadia nos subterrâneos. A presença de Asnath causou aos dois oficiais verdadeira comoção, pois ignoravam ainda a sua milagrosa ressurreição e, a princípio, acreditaram ver um espectro.

Sabendo que a moça tinha sido encarcerada pelo Adon, Hor estremeceu de raiva; depois apertou-a apaixonadamente de encontro ao peito. Enfim, estava livre e, se ele sobrevivesse à guerra, nada o impediria de lhe fazer esquecer, à força de afeição, tudo o que ela sofrera. Silenciosa, Asnath descansou a cabeça no peito do antigo noivo. Debatia-se num caos de sentimentos tais, que a si mesma não se compreendia: Oh! quanto o seu sonho, na véspera dos esponsais com José, fora verdadeiro! Seu coração dilacerado e dividido não mais lhe pertencia e sem coração

deveria comparecer ao tribunal de Osíris.

A alegria que experimentaram Potífera e sua mulher, ao verem Armais vivo e coberto de glória, foi sombreada pelo desespero do rapaz ao conhecer o triste fim de Hichelat; mas consolaram-se, considerando que o excesso mesmo dessa dor o esgotaria e que o tempo, o grande terapeuta, faria esquecer a Armais a sua perda.

De resto, faltavam lazeres para cuidar de negócios particulares; a cidade, saqueada e abarrotada de cadáveres, exigia pronta reorganização e, além disso, Taá III só concedia ao exército três dias de repouso. Ele queria, a

marchas forçadas, dirigir-se para Tanis e, se possível, encurralar o inimigo secular no seu último reduto — Avaris. Putifar foi nomeado governador de Mênfis e Potífera preparou-se para voltar para Heliópolis, onde sua presença era imperiosamente necessária.

Na véspera da partida do sacerdote e do exército, Potífera, dinâmico e remoçado de vinte anos, trabalhava em seu

quarto, quando foi interrompido pela entrada de Asnath.

— Que queres, minha filha? — perguntou, fitando a moça que, pálida e indecisa, permanecia de pé à sua frente.

— Pai, venho pedir-te providências a fim de que meus filhos me sejam entregues. O pai está morto e eles abandonados, sem proteção, podem perecer no cerco de Tanis.

Potífera mediu-a com um olhar espantado e descontente: era a primeira vez que ela mostrava interesse pela sorte dos filhos.

— Não depende de mim aceder ao teu desejo — respondeu franzindo as sobrancelhas —; esqueceste que Apopi proclamou Manasse seu herdeiro? Não há de querer entregar os dois rapazes, que estão junto dele em palácio e, conforme o caso, os levará para Avaris. Além disso, confesso que estranho as tuas apreensões pelos descendentes do homem abjeto que foi carrasco do Egito.

"É uma vergonha para ti essa maternidade e podes tranqüilamente esquecê-los, agora que outro futuro se te oferece. Os deuses te concederão, sem dúvida, filhos em cujas veias correrá o sangue de um pai tão nobre como

tu mesma."

Súbito rubor inundou o rosto pálido de Asnath, que, levantando-se, disse vibrante:

— Não me envergonho dos filhos de José e não coro de lhes ser mãe. José está morto, odiado e destruído, mas isso não impede tenha sido e continue a ser, na memória dos povos, o maior homem do seu tempo: debaixo da sua mão de ferro, curvaram-se o Faraó, nossa casta poderosa e todo o povo; e se os filhos herdaram a energia e a sabedoria do pai, o Egito pode gloriar-se deles.

Diante dessas palavras inesperadas, Potífera levantou-se, empalidecendo; depois, segurando-lhe bruscamente o braço, murmurou com voz entrecortada:

— Infeliz! amaste-o, tu, a filha do sacerdote de Heliópolis; amaste um escravo liberto, um cão abjeto que te apanhou com mãos impuras para encarcerar-te como criminosa, logo que te tornaste um obstáculo à sua ambição . . .

Os olhos de Asnath flamejaram: tudo quanto de amargura e sofrimento se tinha acumulado em sua alma, por tantos anos, transbordou de repente:

— Pai, esqueces que foi por ordem tua e dos padres que desposei José. Nunca esqueci o que devia a ti e à nossa casta; desprezei o Adon perante a sociedade; a ele só demonstrei indiferença e desdém; nunca lhe disse que o amava; mas não se governa o coração. Esse homem que fez tanto mal a vós todos, cumulou-me de amor; foi sempre bom para mim. Muitas causas o impeliram a uma insaciável ambição; mas, apesar disso, não se pôde decidir a matar-me, o que lhe teria sido tão fácil, e ainda me prodigalizou mais amor na prisão que no palácio. Submeti-me às ordens cruéis da minha casta; não fui esposa, nem mãe como tem direito de o ser a mais pobre mulher do povo; mas, maldizer a memória de José, isso não posso.

Potífera escutara-a estupefato; só nesse momento acabava de compreender quanto fora cruel na sua cegueira; quanto sofrimento impusera à filha. Arrastado pelo fanatismo político e pelo orgulho de casta, o padre, nele, tinha

suplantado o pai.

Com brusco movimento, atraiu a moça em seus braços e beijou-a no rosto.

— Perdoa-me, filha querida, o ter sido tão cego, tão cruel contigo. Hoje mesmo escreverei para Tanis, ao sacerdote do templo de Hator e, se humanamente for possível, teus filhos ser-te-ão restituídos.

*

Em Tanis, o tempo superveniente havia sido bem duro: o acesso do seu mal, que tinha acometido Apopi no dia imediato à morte do Adon, durante a recepção dos padres, degenerara em perigosa enfermidade, que, durante semanas, fez-lhe periclitar a vida.

Foi o príncipe Namourod que, embora fraco e também enfermo, tomou as rédeas do governo, mas defrontou-se com percalços quase insuperáveis. A morte de José desmantelara toda a máquina governamental. O poder tinha sido abandonado, de longos anos, nas mãos do hábil chan-

celer, de sorte que, na sua falta, todos se sentiam como perdidos; era preciso, não somente restabelecer a ordem e a disciplina, mas preparar a defesa, esbarrando a cada passo com a surda hostilidade, a traição e a má-vontade da população egipcia.

Todavia, a iminência do perigo despertou toda a energia dos Hyksos e muito rapidamente eles se reuniram e puseram em campo o exército destinado à libertação de Mênfis.

Foi um golpe terrível quando souberam da derrota desse exército; todavia, Apopi, que tinha readquirido um pouco de forças, tomava medidas enérgicas para reunir novas tropas, quando um soldado, isento por acaso do massacre de Mênfis, trouxe a notícia da tomada da fortaleza e da aproximação de Taá III que, a marchas forçadas, avançava para Tanis.

Um conselho extraordinário reuniu-se na mesma noite e Apopi quis presidi-lo, apesar da sua extrema fraqueza. Movido por um derradeiro lampejo de orgulho e de energia, declarou querer defender Tanis a todo o transe; mas

todos os chefes presentes protestaram, declarando a cidade muito fraca para resistir com vantagem e exigiram categoricamente que a pessoa do rei fosse posta em segurança, atrás das inexpugnáveis fortificações de Avaris. Apopi teve que ceder. Tomada essa decisão, apressaram febrilmente a partida do Faraó; numerosos carros, burros e camelos foram carregados com os tesouros régios e encaminhados para Avaris.

Quarenta e oito horas depois, o *último rei pastor âo Egito,* pálido, desfigurado, recostado como um espectro descarnado nos coxins da sua liteira, deixava Tanis para não mais voltar. Em outra liteira acomodavam-se Manasse e Efraim, os irrisórios herdeiros do carcomido trono que o pai sonhara ocupar.

A partida do Faraó provocou verdadeiro pânico na cidade; tudo que era Hykso e teve a possibilidade de fazê-lo, pos-se em fuga para Avaris; mas todos sentiam que se iam de uma vez e saciavam, na medida do possível, sua

raiva desesperada; os dignitários punham fogo, com as próprias mãos, aos seus palácios; e as cenas de assassinato e carnificina, que tinham ensangüentado as ruas de Mênfis, renovaram-se em Tanis.

Dias depois desses sucessos, Taá III ocupou, sem o menor esforço, a capital do inimigo, sendo recebido com entusiasmo pela população egípcia e disfarçada raiva dos Hyksos restantes.

O velho rei resolveu demorar-se longamente em Tanis. A cidade estava meio destruída, uma administração regular tinha deixado de existir, era preciso restabelecer a ordem, apurar o saque e, finalmente, tomar medidas para encurralar os Hyksos no seu último reduto e impedi-los de retomar a ofensiva. Taá instalou-se no palácio de Apopi, e foi ao tratar de pôr um pouco de ordem na residência real, devastada e saqueada, que Armais fez uma descoberta que o perturbou, sem deixar de lhe causar triste alegria: em uma sala vazia, achou a múmia de Hichelat; os embalsamadores tinham-na entregado pouco antes da fuga de Apopi; os funerais ainda não tinham sido celebrados; de-

pois, na confusão da fuga, esqueceram o corpo. Quanto à múmia de José, fora levada pelos membros da sua tribo, os quais, na sua ingenuidade supersticiosa, imaginavam que os restos do poderoso protetor lhes serviriam de salvaguarda no futuro.

Armais derramou lágrimas sinceras pelo fim trágico da generosa moça que se tinha sacrificado para salvá-lo e jurou fidelidade eterna à sua memória. Pouco tempo depois, ele e Hor partiram para Heliópolis: Armais levava o corpo de Hichelat, que pretendia sepultar no túmulo da família; Hor fora nomeado, pelo Faraó, para elevado cargo na cidade do Sol, e tinha pressa de regular definitivamente as suas relações com Asnath, celebrando quanto antes o casamento.

Alguns dias depois de chegar a Heliópolis, vendo que Asnath evitava, evidentemente constrangida, uma expli-

cação definitiva e, pesaroso e melindrado, pediu a Maia que falasse à filha e indagasse, se possível, os motivos da

sua estranha atitude.

Surpresa e descontente, a mulher do sacerdote saiu logo à procura de Asnath e entabulou, sem preâmbulos, uma conversa sobre o casamento com Hor, seu único noivo legítimo, com quem só por excepcionais circunstâncias deixara de cumprir a palavra empenhada.

Um vivo rubor inundou bruscamente o pálido semblante da moça:

— Nunca pensei em romper o compromisso que me prende a Hor; apenas não sei como fazer e como ele receberá a notícia de que serei mãe de um terceiro filho d o . . . *outro* — disse confidencialmente.

— Ah! ainda nos faltava isso? Que desgraça! Que escândalo! — exclamou Maia enraivecida. — Agora compreendo tua tristeza, filha desgraçada...

E uma longa lista de títulos honoríficos e de invectivas foi bolsada à memória do Adon, o miserável que tinha procurado incomodar o mais possível todo o mundo, até depois da morte.

Asnath, calada, baixara a cabeça e escutava resigna-

damente, quando a entrada de Ranofrit interrompeu as exclamações da cunhada. Inteirada do que se passara, a mulher de Putifar disse, sorrindo:

— Deixa-te de gritos e apóstrofes, Maia; eis aí um fato de alta importância! Se Hor perdoa a Asnath dois filhos de José, não fará bulha inútil por causa de um terceiro; não será isto que impeça a união.

— Tens razão, na verdade: como não pensei nisso? Vou informar Hor da verdade — respondeu Maia subitamente tranqüilizada e, sem mesmo esperar o consentimento da filha, saiu precipitadamente.

E P Í L O G O

Dobaram anos. Sekenen-Ra Taá III — o Muito-Vitorioso — tinha entrado no seio de Osíris; Kamés, seu sucessor, seguira-o no túmulo após um reinado muito curto, mas a memória do glorioso rei que desfechara o golpe mortal no poder dos Hyksos, era sempre lembrada e venerada; seu modesto túmulo, na necrópole de Tebas, tornara-se alvo das peregrinações, de oferendas e numerosos sacrifícios.

Havia seis anos que Ahmés I ocupava o trono e acaba-
va de ilustrar o nome com a tomada de Avaris. Depois de
prolongado cerco, o inexpugnável reduto dos abominados
opressores tinha baqueado. Das embocaduras até às ca-
choeiras do Nilo, a terra sagrada de Kemi era livre.
Na cidade santa de Heliópolis preparava-se uma sole-
nidade imponente e grandiosa: o jovem rei ali tinha ido
para celebrar sua coroação, conforme o antigo uso, e, pela
primeira vez depois de quinhentos anos, um Faraó cingira
a coroa alvirrubra do Alto e Baixo Egito.
Desde a véspera, extraordinária animação invadira a
cidade; de todas as províncias, mesmo das mais distantes,
nomarcas, padres, dignitários tinham acorrido a Helióp o-
lis, a fim de assistir à grande solenidade nacional. Sem
dúvida, entre os *haqs,* não faltavam descontentes ocultos,
que se julgavam lesados na sua mesquinha ambição pes-
soal, com o advento de um único e poderoso soberano;
mas, sendo o momento impróprio para manifestar preten-
sões, não hesitavam em demonstrar que compartilhavam
do entusiasmo geral.

Desde a madrugada, multidão florida e álacre apinha-
va-se nas ruas embandeiradas; todas as casas ostentavam

guirlandas de flores e até a mais pobre cabana arvorava
um ramo verde. A multidão era compacta, sobretudo nas
imediações do palácio real e a alegria, a ingênua bondade
natural do povo egípcio, manifestou-se sob todas as for-
mas: discutiam a ornamentação da festa palaciana, con-
tavam-se à meia voz anedotas que denunciavam o caráter
do Faraó e dos seus principais conselheiros, trocavam epí-
tetos e pilhérias com os vizinhos, ao mesmo tempo que
comiam doces trazidos ou comprados aos mercadores am-
bulantes, porque, mesmo no tempo de Ahmés, já existiam
modestos representantes da especulação.

Todo mundo era feliz e alegre, sem restrições; a fome
e as desgraças passadas pareciam esquecidas, porque, des-
de anos, as inundações regulares do Nilo tinham restau-
rado a abundância e a riqueza. Também os padres mendi-
cantes, que circulavam entre as fileiras apertadas dos

espectadores, levando amarrados ao peito pequenos oratórios portáteis, faziam excelente negócio; cada qual exaltava o poder milagroso e a eficácia protetora do deus ou deusa cuja efígie expunha à veneração dos fiéis, que beijavam devotamente o pequeno oratório e depositavam numerosas dádivas na sacola de couro presa às costas do postulante.

As fanfarras retumbantes, que anunciavam o começo da cerimônia, interromperam as conversas, e todos os olhos fitaram avidamente o cortejo que acabava de desembocar dos pátios do palácio para alinhar-se na rua, precedido dos lacaios reais, que, munidos de varinhas douradas, afastavam a multidão, abrindo larga passagem à procissão.

Um estremecimento de orgulho e entusiasmo percorreu as massas, quando puderam contemplar o imponente desfile dos soldados, luzidamente armados, conduzindo ramos de flores dos nomarcas, dos príncipes aliados e dos dignitários. Quando, finalmente, apareceu o trono portátil, rodeado por uma floresta de leques e no qual sentavam-se Ahmés e sua esposa Nofritári, gritos de alegria e aclama-

ções frenéticas saudaram o jovem rei, que não era mais um estrangeiro, como Apopi e seus predecessores, mas um verdadeiro filho de Ra, a própria encarnação da vitória do Egito sobre o inimigo secular.

Durante esse tempo, uma segunda procissão deixava o santuário do templo do Sol e lentamente se dirigia, através dos imensos pátios e avenidas de esfinges, ao encontro do Faraó. Nela viam-se os cantores e cantoras do templo, de harpa ao ombro, precedidos pelo regente, que, com um rolo na mão, dirigia os cânticos sagrados; depois, extensa fila de padres, conduzindo as estátuas e os símbolos dos deuses; a barca de Ra ornamentada de flores e, sob um pálio, os profetas e iniciados; finalmente, Potífera, que oficiava revestido de todas as insígnias da primeira dignidade sacerdotal egípcia, na mão o cetro emblemático de suas altas funções.

Quando os dois cortejos se encontraram, o rei desceu do trono portátil e encaminhou-se para o sacerdote, que

o esperava debaixo da torre, antes da grande porta do recinto sagrado.

Depois de ter aspergido o soberano com água purificadora, Potífera o levou para o grande pátio do templo, ao centro do qual levantavam-se dois altares cobertos de insígnias sagradas; e aí, ao som dos hinos, entre nuvens de incenso, o Faraó sacrificou ao seu pai imortal. Depois, quando se realizaram as imponentes cerimônias da sagração, e quando o rei cortou com uma foice de ouro o feixe que lhe apresentavam, um padre, por ordem de Potífera, soltou quatro pássaros que voaram em todas as direções, ao mesmo tempo que o sacerdote exclamava retumbante:

— Voai para as quatro vidas, Amset, Sis, Soumants, Kebhsniv; ide para o Sul, Norte, Ocidente e Oriente; dizei aos deuses desses países que Horus, filho de Isis e de Osíris, cobriu-se com a coroa real, e que o Faraó Ahmés I igualmente cingiu o duplo diadema do Alto e Baixo Egito.

Na tarde desse grande dia, enquanto o Faraó, voltando ao palácio, descansava da longa e fatigante cerimônia e o povo em júbilo percorria todas as ruas de Heliópolis,

um pequeno grupo de parentes e amigos íntimos estava reunido em casa de Potífera.

Junto de ampla janela que dava para o jardim, sentava-se o velho pontífice, conversando com Putifar e Racapou.

A idade e os trabalhos tinham curvado a elevada estatura do sacerdote; rugas profundas sulcavam-lhe a larga fronte, mas as grossas sobrancelhas sombreavam olhos cintilantes, de uma energia e ardor inteiramente juvenis.

O velho comandante de Heliópolis tinha-se reformado e era Hor quem ocupava esse posto importante; Putifar continuava como comandante de Mênfis. Pouco afastado, um segundo grupo composto de Hor, Ranofrit, Armais e sua mãe; e, na extremidade da sala, dois belos rapazes, os filhos de Putifar, brincavam ruidosamente com uma encantadora menina de doze anos e um robusto rapaz de nove.

Só Asnath faltava a essa reunião familiar. É que fale-

cera, havia seis anos, minada por uma debilidade rebelde a todos os remédios. Como lâmpada a que falta óleo, extinguira-se sem sofrimento, depois de seis anos de casada com Hor, deixando ao esposo desesperado um filho e a filha póstuma de José, adotada e a quem ele amava com afeto verdadeiramente paternal.

Embora profundamente ferido com a perda da filha querida, Potífera tinha considerado essa morte uma libertação e a estranha moléstia como último efeito do sortilégio com que o Adon lhe havia empestado a alma, inspirando-lhe indigna paixão por ele. Aos olhos do sacerdote, Asnath era uma vítima da política e da maldade do Apopi; um amor da parte dela pelo homem impuro, ao qual a tinham sacrificado, era-lhe inadmissível e só podia provir de um feitiço. Por isso, celebrou junto do corpo ritos misteriosos de purificação e oficiou pessoalmente nos funerais.

Quando chegou à cerimônia da abertura dos olhos e dos ouvidos do duplo etéreo, Potífera levantou as duas mãos acima da múmia e, tendo por três vezes chamado: "Asnath!" — pronunciou com exaltação:

— Abro teus olhos à luz extraterrestre; abro teus ouvidos à voz dos deuses; e, usando do poder de que dispono como primeiro servidor do grande deus de Heliópolis, desprendo teu coração do sortilégio por meio do qual o hebreu te havia prendido; corto o laço da força impura e livro-te do homem nefasto que, vivo, encheu-te de pesar, e morto, aspirou tua vida, chamando-te a si. Vai, minha filha

querida, livre, reconfortada, perante o trono de Osíris e os quarenta e dois juízes do reino das sombras, e dize-lhes: "Sou a filha de Potífera, purificada de toda a influência mágica e inocente por minha vida; se manchei-me ao contacto de um impuro, foi para desviar da casa do deus e de seus servos a cólera do estrangeiro; sacrifiquei-me por minha casta e por meu povo, e suplico-te não aches meu coração muito pesado em tua balança e me admitas nos paramos da luz eterna."

Esta cena e este discurso tinham produzido em todos os assistentes profunda impressão; depois, o sacerdote

readquiriu calma, e mais — coisa estranha! —, parecia ter esquecido a origem da filha de Asnath e lhe dedicava grande afeição, apesar da semelhança frisante, da rapariga, com o Adon; tinha os mesmos cabelos negros e anelados, os grandes olhos verdes impenetráveis e profundos, o sorriso fascinador e o nariz ligeiramente aquilino do pai; mas Potífera não demonstrava dar por isso e enchia de carinhos a menina, que possuiu o nome genuinamente egípcio de Isis.

Ranofrit era ainda uma fresca e airosa matrona; Maia, porém, tinha envelhecido e emagrecido muito; silenciosamente recostada em sua cadeira, contemplava Armais com um misto de orgulho e pesar materno. Ele atingira toda a expansão da sua máscula beleza, e as ricas vestes, o soberbo colar que Ahmés lhe dera de manhã, mais lhe realçavam a formosa aparência. Altiva e severa frieza, porém, se desprendia de todo o seu ser, e sua indiferença pelas mulheres era notória.

Armais tinha cumprido a palavra e, apesar dos pedidos e persuasões dos parentes, permanecera celibatário. "E isso

por causa de uma estrangeira, uma filha dos *chasous,* era uma vergonha!" — não deixava de dizer Maia, na ausência de Armais, cada vez que ia por água abaixo um novo plano matrimonial.

Nesse momento, o jovem guerreiro conversava com Hor sobre um grande sacrifício fúnebre, que se propunha celebrar no dia seguinte, em memória de Hichelat, no seu túmulo de família. Seu cunhado, tendo pronunciado algu-

mas palavras de pesar, a propósito do trágico fim da princesa, Armais respondeu suspirando:

— Sim, foi morte horrível, confesso que não posso acreditar que uma inocente vida humana constitua grata oblação ao rio sagrado. O Faraó pensa do mesmo modo e disse-me, ultimamente, que se propunha promulgar uma lei que acabe com os sacrifícios humanos no Nilo.

— Contanto que semelhante decisão, por mais justa e humana que seja, não vá irritar o povo, que está habituado com essas oblatas ao r i o . . .

— Far-se-á a substituição por figuras de cera, o que, devemos esperar, contentará todo mundo; e minha pobre Hichelat terá sido uma das últimas e, certamente, a mais nobre vítima nesse hábito selvagem — disse Armais.

Mas foi impedido de continuar, porque Putifar gritava alegremente:

— Que estás cochichando aí em segredo? — venham aqui esvaziar um copo em homenagem ao glorioso Faraó, que os deuses conservem e cubram de glória!

Toda a gente se aproximou do grupo formado pelo sacerdote e seus amigos, ao pé do qual os escravos acabavam de colocar vinho, frutas e doces; até as crianças foram, e a pequena Isis, trazendo na mão um bolo dado por Hor, sentou-se num banquinho, aos pés de Potífera, para regalar-se.

A conversa tornou-se geral e alguns brindes entusiásticos tinham sido já erguidos, quando Racapou exclamou jovialmente:

— Ah! quanto agradeço aos deuses por me terem deixado viver até o dia de hoje, em que libamos em honra

do nosso rei legítimo e da libertação do Egito! Quem o teria pensado, naquele dia em que fomos obrigados a receber o Adon em Heliópolis, com honras régias!

"Lembras-te, Potífera, como o cão imundo se empavonava no festim, sentado entre nós dois, deixando-se tributar as honras e acolhendo gentilmente as homenagens? Maldito canalha!... (Racapou escarrou tão energicamente como o tinha feito outrora.) Até o excesso de favor que ele te prodigalizou, fez-te girar a cabeça e per-

deste os sentidos" — terminou rindo ruidosamente o antigo comandante de Heliópolis.

Ao ouvir essas palavras do velho amigo, a fisionomia de Potífera enfarruscou-se subitamente:

— Sim — disse descansando o copo, com um ar sombrio —, nunca esquecerei esse nefasto incidente, que foi a primeira causa da perda de Asnath. Se eu não tivesse caído doente, ele nunca teria visto minha filha e teriam sido evitadas incalculáveis desgraças. Oh! quanto o odeio

pelo inferno que me fez padecer — continuou batendo na mesa com o punho fechado... E se alguma vez revivermos em novos corpos, eu o reconhecerei debaixo do novo invólucro e far-lhe-ei pagar seus crimes e sortilégios; mas enquanto isso não vem, que ele seja maldito... maldito! que o seu espírito vague sem repouso entre os monstros do Amenti; e que todo o sangue e lágrimas que fez o Egito derramar, recaiam sobre ele e sua memória.

Todo o fel, todo o ódio que jazia nalma de Potífera acabava de transbordar inopinadamente, à lembrança evocada pelo velho Racapou; forte rubor inundava-lhe o rosto e os olhos despediam chamas devoradoras. Nesse instante, pequenina mão carinhosa lhe toca o braço e uma voz clara perguntou:

— Quem era esse mau homem de quem tanto maldizes, vovô? como se chamava ele?

O sacerdote estremeceu e seu olhar sombrio e vago mergulhou nos olhos verdes de Isis, que para ele se voltaram brejeiros e curiosos. Houve profundo silêncio, porque a ingênua pergunta, feita pela filha daquele a quem se

condenava tão impiedosamente, tinha despertado certo mal-estar em todos os presentes.

Potífera foi o primeiro que recobrou o desembaraço e, passando a mão pelos cabelos da mocinha, disse:

— Tu não conheceste esse homem, não te direi o seu nome, mas quando cresceres mais, saberás dele e de seus atos.

— Em todo caso, se isso depender de mim, nunca saberá quem foi seu pai — murmurou Hor.

— Como, então? Queres que ela ignore para sempre a verdade? E se, vendo toda a execração que se vota ao

nome de José, começasse a odiá-lo também, Isso seria horrível, porque, enfim, ele é sempre o seu pai — disse Maia muito baixinho.

E voltando-se para o genro:

— Pensas que ela o amaria sabendo que em suas veias corre o sangue impuro do opressor do seu povo? Não, não; se estiver em minhas forças, não saberá nunca que o Adon

foi seu pai; ela é e continua sendo minha filha.

Vendo a aflitiva impressão que continuava a pesar sobre os assistentes, Armais encheu os copos e, erguendo o seu, disse com calma e gravidade:

— Não evoquemos o passado, não revolvamos feridas que o glorioso presente nos deve ajudar a cicatrizar; sonhemos, antes, com o futuro que se desenrola radiante para nós e para a terra de Kemi, enfim liberta do jugo estrangeiro. Bebamos uma última vez, meu pai, e vós, meus amigos, pelo nosso Faraó Ahmés — vida, força, saúde! — de sua divina esposa, a rainha Nofritári, e de sua linhagem que, pressinto-o, dará ao Egito os mais gloriosos soberanos.

— Tens razão — disse Potífera levantando-se e empunhando a taça: — "Viva o Egito, sua grandeza e sua glória, até ao fim dos séculos; e desgraçado de todo estrangeiro que ousar, com pé impuro, pisar-lhe o sagrado solo!"